

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE MEDICINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE

Sandra Maciel de Carvalho

Inquérito Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira Adulta

Juiz de Fora

2023

Sandra Maciel de Carvalho

Inquérito Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira Adulta

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Saúde. Área de concentração: Saúde Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Alexander Moreira-Almeida

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carvalho, Sandra Maciel de Carvalho.

Inquérito nacional de casos sugestivos de reencarnação na população brasileira adulta / Sandra Maciel de Carvalho Carvalho. -- 2023.

226 f. : il.

Orientador: Alexander Moreira de Almeida Almeida

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Brasileira, 2023.

1. Reencarnação. 2. Memórias de vidas passadas. 3. Saúde mental. 4. Religiosidade/espiritualidade. 5. Felicidade. I. Almeida, Alexander Moreira de Almeida, orient. II. Título.

Sandra Maciel de Carvalho

Inquérito Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira Adulta

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Saúde. Área de concentração: Saúde Brasileira.

Aprovada em 30 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexander Moreira de Almeida - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Isabel Cristina Gonçalves Leite
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Marianna de Abreu Costa

Prof. Dr. Everton de Oliveira Maraldi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Bruno Paz Mosqueiro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juiz de Fora, 26/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por Everton de Oliveira Maraldi, Usuário Externo, em 30/10/2023, às 13:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Alexander Moreira de Almeida, Professor(a), em 30/10/2023, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Bruno Paz Mosqueiro, Usuário Externo, em 31/10/2023, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Marianna de Abreu Costa, Usuário Externo, em 01/11/2023, às 20:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Isabel Cristina Gonçalves Leite, Professor(a), em 07/11/2023, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uff (www2.uff.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1492643 e o código CRC 790349F6.

Dedico esta tese a todas as pessoas que me apoiaram nesta longa jornada, especialmente minha à minha família e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas a quem agradecer! Familiares, amigos, professores, colegas e, em especial, aos participantes da pesquisa que me permitiram escrever esta tese e me tornar uma doutora. É sempre muito importante lembrar que não há pesquisa sem voluntários, que compartilham suas vidas para o avanço da ciência. Muitas vezes, eles são esquecidos quando se chega ao resultado final... Agradeço, imensamente, a cada pessoa que se disponibilizou a participar do estudo, confiou em meu trabalho e apostou em um bom resultado. Sem elas, nada seria possível!

Agradecimentos especiais, também, ao Professor Fernando Colugnati, que me ensinou muito mais do que análise de dados! Ajudou-me em um dos momentos mais difíceis da vida – mesmo sem estar ciente disso – e me ensinou a ser uma professora melhor.

Aos colegas do Nupes, companheiros dessa jornada rumo ao infinito e além!

Agradeço à tia Vera, sempre disponível para me auxiliar! Aos que me abrigaram em suas casas em Juiz de Fora: Simone Ragone, Marcelo Maciel, Tayná Magalhães e Renata Costa.

Ao meu orientador, Professor Alexander Moreira-Almeida, exemplo de pesquisador incansável, com seu conhecimento e memória prodigiosos! Acolhedor e exigente, sempre disposto a nos lançar para o mundo, abrindo diversas portas, convidando-nos a ousar com responsabilidade.

À Fundação Bial (Portugal), por ter financiado esta pesquisa através do Grant nº89/18 e à FADEPE, em especial, Josiane Loures.

RESUMO

Crenças religiosas/espirituais são predominantes em muitas culturas e seus impactos na saúde têm sido foco de uma ampla gama de estudos. Crença em vida após a morte tem sido associada à menos sintomas psiquiátricos. Crença em reencarnação, compartilhada por milhões de pessoas ao redor do mundo, pode estar associada à estilo de vida mais saudável e menos sintomas psicológicos no luto. Nos anos 1960 iniciou-se a investigação científica de crianças que alegavam se lembrar de supostas vidas passadas, os denominados Casos Sugestivos de Reencarnação. Entretanto, ainda se sabe muito pouco sobre casos de adultos que alegam esse tipo de memórias e seu impacto na saúde. **Objetivos:** investigar o perfil de adultos que alegam memórias de vidas passadas na população brasileira, bem como as características, o conteúdo e impacto delas e suas associações com saúde mental, felicidade, religiosidade/espiritualidade - R/E. **Métodos:** recrutamento e pesquisa *on-line*. Participantes responderam a questionário com questões sociodemográficas, de características e descrição das memórias e instrumentos de R/E (BMMRS), de rastreio de sintomas de transtornos mentais comuns- TMC (SRQ-20) e de sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT (IES-R) e a Escala de Felicidade Subjetiva. Estatística descritiva e inferencial (teste t independente, Anova com análise de Bonferroni, regressão logística multivariada). Análise de conteúdo de Bardin das memórias e de sua influência na vida dos participantes/famílias. **Resultados:** A maioria da amostra (n=402) é do sexo feminino (79,1%), com ensino superior (68,1%), trabalhadora (50,5%), branca (75,4%), idade média (41,6±12,4), espírita (54,5%), com interesse/frequência em outra religião (55,5%) e se considera muito/moderadamente espiritualizada (91,3%). As alegadas memórias de vidas passadas iniciaram espontaneamente em 82,3% dos casos, em média aos 19,9 (±13,8) anos. Características comuns aos Casos Sugestivos de Reencarnação: marca de nascença/defeito congênito (54%), habilidade/talento não treinado (47,5%), manifestação das memórias em brincadeiras (27,9%), filia (30,3%) e fobia na infância (71,1%). A fobia persiste em 71% dos casos. Felicidade Subjetiva (4,75±1,15), associada à filia na infância OR0,33 (0,19-0,54). Sintomas sugestivos de TMC (46%), com associação com filia OR3,99 (2,34-6,99) e fobia na infância OR2,60 (1,51-4,57). Sintomas sugestivos de TEPT (38,8%) associados à fobia na infância OR1,79 (1,07-3,05). Diferentes dimensões de R/E associadas a níveis mais altos de felicidade e sintomas sugestivos de transtornos mentais. Análise de conteúdo sugere memórias de vidas comuns, a maioria marcada por intenso sofrimento. Maior ocorrência de categorias de influências negativas das memórias para o sujeito/família. **Conclusões:** Casos Sugestivos de Reencarnação na população brasileira

adulta reiteram características comuns dos casos de crianças, com exceção de prevalência do sexo feminino. Alto nível de escolaridade, brancas, ocupadas. Cristãs, com interesse em mais de uma religião, que se consideram mais espiritualizadas do que religiosas. Alta prevalência de sintomas de transtornos mentais pode representar um efeito deletério das alegadas memórias e R/E opera como fator protetor. O estudo destaca a importância da investigação de memórias de supostas vidas passadas em adultos, um problema de saúde mental negligenciado.

Palavras-chave: Reencarnação. Memórias de vidas passadas. Saúde mental. Religiosidade/espiritualidade. Felicidade.

ABSTRACT

Religious/spiritual beliefs are predominant in many cultures and a variety of studies focus on their impact. Belief in life after death is associated to less psychiatric symptoms. Belief in reincarnation, shared by millions around the world, may be associated to a healthier lifestyle e less psychiatric symptoms in bereavement. In the 1960's, the scientific investigation of children who claim past-life memories began – the so called Cases of the Reincarnation Type. However, we have only a few knowledgment about adults who claim those kind of memories and their impact on health. **Aims:** to investigate the profile of adults who claim past-life memories in Brazilian population, as well as its characteristics, content, impact and associations with mental health, happiness, religiosity/spirituality – R/S. **Methods:** online recruitment and research. Participants filled in a questionnarie with sociodemographics, questions about features of the alleged memories, and instruments of R/S (BMMRS), for the screening of common mental disorders (SRQ-20) and Post-Traumatic Stress Disorder (IES-R) symptoms. They also described their alleged memories freely. Descriptive and inferential statistics (independent T test, Anova with Bonferroni correction, multivariate logistic regression). Bardin's content analysis of the memories and of their impact on participants/family lives. **Results:** Most of the participants (n=402) are female (79.1%), white (75.4%), bachelor/undergraduate (68.1%), worker (50.5%), mean age (41.6±12.4), spiritist (54.5%), with interest/frequency in another religion (55.5%) and self-assessment as very/moderately spiritual (91.3%). Alleged past-life memories began spontaneously in 82.3% of the cases, mean age (19.9±13.8). Cases of the Reincarnation Type features: birthmark/defect (54%), skill/talent not learned (47.5%), memories manifested during play in childhood (27.9%), philia (30.3%) and phobia in childhood (71.1%). Persistent phobia in 71% of the cases. Subjective Happiness (4.75±1.15), associated to philia in childhood OR0.33 (0.19-0.54). Suggestive symptoms of common mental disorders (46%), associated to philia OR3.99 (2.34-6.99) and phobia in childhood OR2.60 (1.51-4.57). Suggestive symptoms of Post-Traumatic Stress Disorder (38.8%) associated to phobia in childhood OR1.79 (1.07-3.05). Different R/S dimmensions associated to higher levels of happiness and suggestive symptoms of mental disorders. Content analysis reveals memories of ordinary lives, most with intense suffering. Categories of negative influence of the memories in subject/family lives were more frequent. **Conclusions:** Cases of the Reincarnation Type in Brazilian adult population reiterate common features of cases of children, except female prevalence. They are well-educated, white, workers. They are Christians, interested in more than one religion, consider themselves more spiritual than

religious. High prevalence of mental disorders symptoms may represent a deleterious effect of the alleged memories and R/S operate as a protective factor. The study highlights the importance of the investigation of supposed past-lives in adults, a neglected mental health issue.

Keywords: Reincarnation. Past-life memories. Mental health. Religiosity/spirituality. Happiness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Purnima aos oito anos de idade com Haraldsson	23
Figura 2	– Marcas de nascença de Purnima	23
Figura 3	– Jinadasa Perera	23
Figura 4	– Necropsia do corpo de Jinadasa Perera, datada de 10.01.1985	24
Figura 5	– Fotos de marca/defeito congênita(o).....	27
Figura 6	– Foto de marca experimental	28
Figura 7	– Desenho de James Leininger aos três anos de idade	29
Figura 8	– Reena Kulshrestha aos 27 anos e a pesquisadora Antonia Mills	35
Figura 9	– Ashok aos cinco anos de idade com sua suposta família anterior	36
Figura 10	– Fotografia do jornal Los Angeles Times retratando acidente de automóvel relacionado à enchente de 1934	39
Figura 11	– Fluxograma de seleção dos casos	44
Figura 12	– Exemplo de processo de dicotomização das dimensões da BMMRS	48
Figura 13	– Modelo conceitual das regressões logísticas multivariadas	52
Figura 14	– Bandeiras das nações e da região da Grã-Bretanha, mencionados como contextos das alegadas memórias	56
Gráfico 1	– Ocorrências de categorias das alegadas memórias	58
Gráfico 2	– Ocorrências de categorias de como as memórias afetaram a vida do sujeito e/ou da família de maneira negativa	111
Gráfico 3	– Ocorrências de categorias de como as memórias afetaram a vida do sujeito e/ou da família de maneira positiva	119
Figura 15	– Mudanças de autodeclaração religiosa entre dados sociodemográficos e BMMRS.....	131
Figura 16	– Mudanças de autodeclaração dos participantes que se afirmaram sem religião, mas crentes, nos dados sociodemográficos e indicaram religião ou agnosticismo na BMMRS	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Características sociodemográficas dos participantes (n=402)	126
Tabela 2	– Características de religiosidade/espiritualidade dos participantes (n=402)	128
Tabela 3	– Resultados das dimensões da escala BMMRS (n=402)	130
Tabela 4	– Características de manifestação das alegadas memórias de vidas passadas (n=402)	133
Tabela 5	– Características de comportamento dos participantes em relação às alegadas memórias e publicidade dos casos (n=402)	134
Tabela 6	– Características comuns aos casos de memórias de alegadas vidas passadas (n=402).....	136
Tabela 7	– Características de Saúde e Felicidade dos Participantes (n=402)	139
Tabela 8	– Dimensões de R/E, felicidade, sintomas psiquiátricos em relação à fase da vida e tipo de manifestação das memórias (n=402)	140
Tabela 9	– Associações entre dimensões de R/E e felicidade e sintomas psiquiátricos (n=402)	141
Tabela 10	– Modelos de regressão logística ajustados para associação entre variáveis de memórias de vidas passadas e níveis mais altos de felicidade subjetiva e sintomas de transtornos mentais comuns e de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (n=402)	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BMMRS	<i>Brief Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality</i>
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CVV	Centro de Valorização da Vida
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DP	Desvio Padrão
ELSA	Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto
EUA	Estados Unidos da América
IC	Intervalo de Confiança
IES-R	<i>Impact of Events Scale Revised</i>
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
NUPES	Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
OR	<i>Odds Ratio</i>
R/E	Religiosidade/Espiritualidade
RVP	Relação com a Vida Passada
SRQ-20	<i>Self Reporting Questionnaire 20</i>
SVP	Supostas Vidas Passadas
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	A CRENÇA EM REENCARNAÇÃO	16
1.2	EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS E ESPIRITUAIS.....	20
1.3	INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE MEMÓRIAS DE SUPOSTAS VIDAS PASSADAS	21
1.3.1	Características comuns aos casos	25
1.3.2	Hipóteses	29
1.3.3	Críticas.....	30
1.3.4	Análises psicológicas dos sujeitos que alegam memórias de vidas passadas	33
1.3.5	Persistência das supostas memórias	34
1.3.6	Supostas memórias de adultos	36
1.4	LACUNAS	40
2	OBJETIVOS	41
2.1	OBJETIVO GERAL	41
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	42
3	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, MATERIAL E MÉTODOS	42
3.1	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	42
3.2	DESENHO DO ESTUDO	42
3.3	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	42
3.4	INSTRUMENTOS E AMOSTRA	43
3.4.1	Questionário de alegadas memórias de vidas passadas	45
3.4.2	Instrumentos	45
3.4.2.1	Escala de Felicidade Subjetiva	45
3.4.2.2	<i>Self-Report Psychiatric Screening Questionnaire</i> – SRQ20	46
3.4.2.3	Escala Impacto do Evento Revisada IES-R	46
3.4.2.4	Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade BMMRS	47
3.4.3	DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	48
3.4.4	DADOS DE RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE	49
3.4.5	DADOS DE SAÚDE	49
3.4.6	QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS	49
4	ANÁLISE DOS DADOS	50

5	ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ALEGADAS MEMÓRIAS E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DOS SUJEITOS E/OU SUAS FAMÍLIAS	55
5.1	CATEGORIAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS MEMÓRIAS	62
5.1.1	Morte/Intermissão	62
5.1.2	Cotidiano	72
5.1.3	Lutas Armadas/Guerras	80
5.1.4	Relações Abusivas/Abuso Sexual	86
5.1.5	Tragédia Familiar	88
5.1.6	Assassinato	92
5.1.7	Prisão/Cativeiro	94
5.1.8	Escravidão	95
5.1.9	Perversidade/Crimes	98
5.1.10	Feitiçaria/Curandeirismo/Misticismo	98
5.1.11	Deficiência Física/Transtorno/Sofrimento Mental Intenso	99
5.1.12	Prostituição	101
5.1.13	Convento/Mosteiro/Escola de Freiras	101
5.1.14	Acontecimentos/Personalidades Históricas	102
5.1.15	Grupos Étnicos	104
5.1.16	Traição/Roubo	105
5.1.17	Abandono/Expectativa de Regresso	106
5.1.18	Incêndio/Explosão	107
5.1.19	Acidente/Incapacitação	108
5.1.20	Situação de Rua	109
5.1.21	Desbravamento/Colonização	110
5.2	IMPACTOS DAS ALEGADAS MEMÓRIAS NA VIDA DO SUJEITO / FAMÍLIA	110
5.2.1	Impactos negativos	110
5.2.1.1	Estados Emocionais	112
5.2.1.2	Atitudes/Comportamentos	116
5.2.1.3	Relações Interpessoais	117
5.2.1.4	Pensamento	118
5.2.2	Impactos Positivos	118
5.2.2.1	Atitudes/Comportamentos	120
5.2.2.2	Compreensão/Conscientização	122

5.2.2.3	Relações Interpessoais	123
5.2.2.4	Estados Emocionais	123
5.2.2.5	Valores e Crenças	124
5.2.2.6	Benefícios em Geral	124
5.2.2.7	Aptidão	124
6	RESULTADOS QUANTITATIVOS	125
6.1	PERFIL DA AMOSTRA – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	125
6.2	DADOS DE R/E	128
6.3	CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS	132
6.4	CARACTERÍSTICAS DE SAÚDE E FELICIDADE DA AMOSTRA	139
6.5	CARACTERÍSTICAS DE R/E, SAÚDE E FELICIDADE DA AMOSTRA DE ACORDO COM A FASE DA VIDA EM QUE OCORREU A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DAS MEMÓRIAS E SEU TIPO	140
6.6	VARIÁVEIS DAS ALEGADAS MEMÓRIAS PREDITORAS DE FELICIDADE E SINTOMAS PSIQUIÁTRICOS	142
7	REAÇÃO DOS PARTICIPANTES À PESQUISA	144
8	DISCUSSÃO	145
8.1	PERFIL DA AMOSTRA	146
8.2	CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS	154
8.3	CARACTERÍSTICAS DE FELICIDADE E SAÚDE	157
9	CONCLUSÃO	163
	REFERÊNCIAS	16
	APÊNDICE A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	176
	APÊNDICE B – Divulgação/Recrutamento dos sujeitos	180
	APÊNDICE C – Formulário <i>on-line</i>	181
	APÊNDICE D – Comentários dos participantes ao longo do questionário ..	212

1 INTRODUÇÃO

A crença em algum tipo de sobrevivência após a morte está presente na maioria dos sistemas religiosos (MOREIRA-ALMEIDA et al., 2022) e é compartilhada por 54% da população mundial (GALLUP INTERNATIONAL, 2017). Amostra representativa da população brasileira afirma crer totalmente (60%), os que têm alguma dúvida somam 18% e, os demais 21% não acreditam (DATAFOLHA, 2007). Crença em reencarnação - que inclui a ideia de que homens são constituídos por corpos físicos e mentes e que, após a morte do corpo físico, a mente¹ poderia persistir e se associar a outro corpo físico - está presente em muitas culturas (STEVENSON, 1977). Na Europa Ocidental, em 20% da população, particularmente dentre aqueles que se autoclassificam como espiritualizados, mas não religiosos (PEW RESEARCH CENTER, 2018). Na América Latina, mais de 20% da população da maioria dos países acreditam em reencarnação, sendo o menor percentual o da República Dominicana (23%) e, o maior, do Panamá (51%) (PEW RESEARCH CENTER, 2014). Entre os norte-americanos, 33% acreditam (PEW RESEARCH CENTER, 2021). Na população brasileira, seriam mais de 50 milhões que, ao menos, cogitariam a possibilidade de já ter vivido anteriormente em outro corpo físico e terem retornado para uma nova vida: 29% segundo o PEW RESEARCH CENTER (2014), 55% segundo o DATAFOLHA (2007) e, destes, 37% acreditam totalmente nesta possibilidade.

O impacto das crenças religiosas/espirituais na saúde vem sendo demonstrado por um corpo robusto de pesquisas. Aproximadamente 80% dos estudos em religiosidade/espiritualidade (R/E) e saúde engloba a saúde mental, e níveis mais altos de R/E tendem a se associar com menores níveis de depressão, uso/abuso de substâncias, comportamento suicida e mortalidade em geral (KOENIG, 2012; BRAAM; KOENIG, 2019). Acreditar na continuidade da vida após a morte pode se associar a menores níveis de sintomas psiquiátricos, especialmente ansiedade, fobia e sintomas obsessivos-compulsivos. Uma vez que as experiências humanas são inseridas em um contexto mais amplo, problemas do dia a dia e até traumas podem ser encarados como temporários ou, mesmo, etéreos (FLANELLY et al., 2006). Esta crença pode se associar, também, a menores índices de suicídio (FEIGELMAN et al., 2014). Embora haja menos pesquisas acerca do impacto da crença em reencarnação, ela pode se associar à escolha de vida mais saudável, maior conhecimento sobre prevenção de doenças e até mesmo à participação em pesquisas médicas e genéticas (HUTCHINSON;

¹ O autor chama atenção para o fato de que “mente” pode ser substituída por “alma” ou “individualidade”.

SHARP, 2009). No processo de luto, parece estar associada a menos sintomas psicológicos (SOMMER et al., 2011).

Desta forma, o sistema de crenças de uma pessoa não deve ser ignorado por profissionais de saúde, especialmente a crença em reencarnação, que é compartilhada por um significativo número de pessoas (PERES, 2012) e “reflete suas concepções acerca da natureza humana e as referências cognitivas utilizadas para lidar com questões psicológicas” (p.174). No Brasil, onde mais de um terço da população compartilha da crença em reencarnação (DATAFOLHA, 2007), não há dados sobre sua distribuição e possíveis impactos na vida - que sejam de nosso conhecimento. Mais ainda, há poucas referências sobre alegadas memórias de vidas passadas em nosso país e as investigações até então realizadas são pouco conhecidas. Estamos diante de uma experiência humana que parece impactar a vida e a saúde dos experienciadores, mas sobre a qual se sabe muito pouco. Somadas à escassez de dados e à falta de treinamento, torna-se um desafio para profissionais de saúde mental a abordagem e manejo das crenças reencarnacionistas (GADIT, 2009).

1.1 A CRENÇA EM REENCARNAÇÃO

Diversas religiões incluem a reencarnação entre seus princípios. Dentre as orientais, algumas são hinduísmo, budismo e sikhismo. Para o hinduísmo, o eu vive vidas sucessivas. As almas individuais (*jivas*) vêm ao mundo através da força divina e perfazem seu caminho no universo até sua libertação através da iluminação. As *jivas* começam nas formas mais simples de vida e passam por uma sequência de vidas através de diferentes corpos, processo conhecido como transmigração da alma ou reencarnação. Habitar um corpo humano significa a aquisição da autoconsciência da alma e este estado implica responsabilidade, esforço e liberdade. O mecanismo que une todas estas novas aquisições é a lei do *karma*, a lei moral de causa e efeito. Assim, a condição individual é fruto do que foi desejado e realizado no passado, como o futuro é determinado pelos pensamentos e decisões do presente. Este processo vivido por *jiva* não é sempre linear e ascendente, mas de acordo com suas próprias necessidades. Porém, a tendência será ascendente, com uma progressiva libertação dos interesses próprios (SMITH, 1991).

O sikhismo, substantivo que representa a religião dos *sikhs* (discípulos) é entendido por parte dos hindus como membros de sua família extensa. Entretanto, essa ideia é rechaçada pelos *sikhs*, que afirmam o surgimento da sua religião em uma revelação divina feita ao Guru Nanak, nascido em 1469, na Índia. Depois de desaparecer misteriosamente por três dias durante um banho de rio, Nanak

afirmou ter sido levado ao tribunal divino. Lá, ele teria tomado um cálice de néctar que seria o cálice da adoração do nome de Deus, estando, dali em diante, abençoado e vocacionado a se regozijar em Seu nome e ensinar a outrem a fazê-lo também. Ele escolhe, assim, o caminho de Deus, ao invés do caminho do hinduísmo ou do islamismo, embora tenha nascido em uma casta sob dominação islâmica. Apesar de apontar um novo caminho, Guru Nanak mantém algumas crenças do hinduísmo, como a Verdade Eterna (*sanatana dharma*) e a doutrina da reencarnação (SMITH, 1991).

Para a compreensão da ideia de reencarnação no budismo, recorreremos à imagem utilizada por Buda: chamas que passam de uma vela à outra. A questão é que, como é difícil imaginar que a chama da última vela seja a original, pode haver uma conexão que seja causal entre elas, na qual houve uma transmissão de uma influência em cadeia, mas sem uma substância que perdurasse. Adicionando a ideia de *karma*, esse posicionamento pode ser sumarizado da seguinte forma: 1) há uma corrente de causalidades ligando a vida atual às passadas e futuras e a condição da vida presente é resultado da forma como as anteriores foram vividas; 2) nesta sequência causal, o desejo permanece livre e o estado atual é produto dos atos do passado. Desta forma, ele é influenciado, mas não controlado, sendo o homem livre para moldar seu destino; 3) os pontos anteriores afirmam uma conexão causal da vida, mas isso não implica a transmissão de algum tipo de substância. Tudo o que encontramos são ideias, impressões, sentimentos, fluxos de consciência e momentos presentes e não um substrato espiritual. O destino mais alto do espírito humano é o *nirvana* (literalmente extinção), como quando o fogo acaba por falta de combustível. Todavia, não significa que nada restará, o *nirvana* é o estado em que se acabam os desejos privados, assim como tudo aquilo que restringe uma vida sem limites. Ele seria a própria vida sem limites (SMITH, 1991).

No ocidente, a ideia do renascimento está associada, dentre outros, à Grécia Antiga, ao judaísmo e a muitos povos originários. São diferentes os termos utilizados para conceituar a transferência da alma de um corpo para outro: como os gregos *metempsychosis* e *metensomatosis* e os latinos *transmigrare* e *reincarnatio* (BURLEY, 2017). Na Grécia Antiga, o orfismo foi um movimento cujo sistema de crenças tinha a reencarnação como centralidade. A alma deveria se purificar, o que significava ficar desprovida da maldade e das imperfeições vivendo como um deus em meio a outros deuses. Para alcançar tal fim, seriam necessárias sucessivas encarnações. O orfismo teria influenciado, sob alguns aspectos, os filósofos gregos em geral. Empédocles e Pitágoras teriam afirmado memórias de vidas passadas e, para o último, todas as formas e todos os seres são produzidos pela grande alma, que se espalha na natureza e anima a substância. A evolução material e espiritual são paralelas e os seres conscientes aperfeiçoam-se através de inúmeras existências. Platão teria

aprendido com a escola de Pitágoras acerca da teoria das almas e da metempsicose e apresenta a teoria das emigrações das almas e da reencarnação em suas obras Fedon e no Banquete, bem como as relações entre vivos e mortos. Uma vez que há contínuos nascimentos, é necessário que as almas reencarnem, visto que elas seriam de um número finito. Assim, essa população composta por almas não aumentaria, uma vez que para tal, seria preciso uma criação *ex-nihilo*² ou entidades outras teriam que se transformar em almas. Da mesma forma, o número de almas não diminuiria. Assim, a reencarnação seria uma explicação para a perpetuação da vida humana (DENIS, 1987; MAJEED, 2013; DECOTELLI SILVA, 2014).

Em algumas sociedades tribais da África e da América do Norte, a ideia de reencarnação está vinculada ao grupo e não a um único indivíduo. Para os norte-americanos Yakutat Tlingit, uma pessoa próxima a morte vislumbra a perspectiva de uma nova encarnação e seus parentes trabalham no sentido de prepará-la. Desta forma, todos os recém-nascidos são membros da família reencarnados. Na África, a ideia de reencarnação implica no retorno da força vital de um indivíduo para sua descendência e, entre os Shona, semelhanças físicas ou de personalidade com o falecido justificam a ideia de seu renascimento. Um bebê que apresente alguma semelhança receberá o mesmo nome do antepassado (WALTER, 2001).

No Brasil, entre os Guarani, acredita-se que a reencarnação está restrita às crianças, que sempre retornarão à vida através da mesma mãe, mesmo sem relações sexuais (Guarani-Ñandeva) e sua reencarnação depende de uma mudança de comportamento por parte dos pais, que podem solicitar a volta do espírito da criança falecida (Guarani-Mbyá) (WALTER, 2001; LÓPEZ, 2000).

No judaísmo, embora não seja um componente central, a doutrina da reencarnação está relacionada aos rabinos clássicos e medievais que postularam ciclos reencarnatórios antes de se atingir o reino espiritual. Esses ciclos teriam dois propósitos: exercer punições que não poderiam ser realizadas no purgatório e oferecer oportunidades de crescimento espiritual que não seria possível em uma única existência (GOLDSCHMIDT; SEGAL, 2017).

Dentre as religiões de destaque no Brasil, que mantêm a crença em reencarnação, algumas são o espiritismo, a umbanda e o candomblé. Para o espiritismo, os espíritos são criados simples e ignorantes com destino à perfeição relativa. Neste processo, passam por diferentes estágios e retomam à vida carnal várias vezes, com a finalidade de realizar novas proações e evoluir. No período entre as reencarnações, o espírito permanece na erraticidade (mundo dos Espíritos), conservando sua

² Do nada.

individualidade. Há tantas encarnações quanto se necessita para chegar ao estado último evolutivo - espírito puro - quando é absolutamente superior aos demais em intelectualidade e moral. Nesta categoria, não sofre mais a influência da matéria, o que lhe garante uma felicidade inalterável trabalhando como mensageiro e ministro de Deus, executando suas ordens para a conservação da harmonia universal (KARDEC, 2013a).

O candomblé, religião originada das tradições dos povos iorubás, explica a reencarnação através do tempo. *Aiê* - o tempo presente - é o nosso mundo; a morada dos deuses orixás e dos antepassados é *Orum* - o outro mundo - o mundo mítico do passado remoto; e o terceiro mundo - o intermediário - é onde estão os que aguardam para renascer. Este mundo está perto de *Aiê* e representa o futuro imediato ligado ao presente, uma vez que o que vai renascer continua vivo na memória de seus descendentes. Até o dia em que renascer como novo membro de sua família, continua participando de sua vida e sendo alimentado por ela. Assim, é preciso que o morto não tenha sido esquecido por seus familiares, pois seu lugar é sempre na sua família. Para se continuar vivo na memória, ou seja, no presente, há duas condições: 1) ter tido muitos filhos, caso contrário, não há quem cultive sua memória e, para uma grande prole, é necessário ter muitas mulheres e poder sustentá-las; 2) deve ter vivido muito, de modo que seus atos memoráveis tenham sido testemunhados por gerações de sua prole. Uma pessoa não necessitará mais reencarnar quando sua memória extrapolar sua família e for incorporada pela memória coletiva, unindo muitas famílias. Assim, ele pode retornar para *Orum* e interferir diretamente em *Aiê*, seja ajudando, seja punindo os humanos. No Brasil, a ideia de reencarnação do candomblé recebeu influência do espiritismo, bem como as concepções de morte do catolicismo, uma das facetas do sincretismo religioso (PRANDI, 2001).

A umbanda é uma religião sincrética que tem, em suas bases, diferentes influências dos indígenas nativos brasileiros, dos africanos trazidos durante o período de escravização e de diversas religiões, especialmente do catolicismo e do espiritismo. Os umbandistas geralmente creem em um único Deus, em Jesus Cristo, nas divindades Orixás, nas manifestações dos espíritos, em um universo divino e outro espiritual. Para esta religião, a reencarnação está ligada à ideia de evolução e, aqueles que se iniciam em um ritual de umbanda podem encontrar seu dom, que é sua ligação com um tipo de trabalho realizado por seu ancestral Orixá. A cada nova reencarnação, na busca de seu dom, é possível a absorção de partes de outros dons que lhe vão sendo integradas. Suas novas faculdades vão ficando visíveis neste processo e suas dores e alegrias estão ligadas à aproximação ou afastamento de seu dom ancestral. O espírito não precisará mais reencarnar quando tiver conseguido integrar totalmente seu dom e seu Orixá, quando fará parte das grandes correntes espirituais do astral.

Entretanto, ele pode voltar ao mundo material a fim de auxiliar na sua evolução sendo, agora, o próprio dom (SARACENI, 2017).

1.2 EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS E ESPIRITUAIS

O termo anômalo deriva de *anomalos*, palavra grega antônima de *homalos* (o mesmo ou comum). Anômalo pode ser entendido como desigual, diferente, irregular, o que não tem, necessariamente, a ver com anormal. Uma experiência anômala difere das comuns, não sendo como as experiências ordinárias e pode ser definida como:

uma experiência incomum (ex.: sinestesia) ou que, embora seja vivenciada por quantidade considerável da população (ex.: experiências interpretadas como telepáticas), acredita-se que se desvie da experiência comum ou das explicações da realidade que são comumente aceitas [...] [que pode ocorrer] durante estados alterados de consciência [ou] pode ser parte do estado de consciência ordinário do indivíduo (Cardeña et al., 2013, p.1-2).

Há diferentes tipos de experiências anômalas descritos na literatura: alucinatórias, sinestesia, sonhar lúcido, experiências fora do corpo, experiências telepáticas, experiências de quase morte, de curas anômalas, mística e de vidas passadas. Algumas dessas experiências são descritas pelos experienciadores como de grande impacto em suas vidas – como, por exemplo, uma mudança de valores depois de uma experiência quase morte ou uma cura anômala - mesmo quando únicas e transitórias (CARDEÑA et al., 2013).

As experiências espirituais seriam experiências anômalas com conteúdo espiritual/transcendente e, a fim de tentar distingui-las dos transtornos mentais, estabeleceram-se critérios que, somados, indicam menor probabilidade de patologia. Estes critérios são: A) ausência de sofrimento psicológico, B) ausência de impedimentos sociais ou ocupacionais, C) experiência de curta duração e ocasional, D) discernimento acerca da peculiaridade da situação pelo experienciador, E) compatibilidade entre a experiência e alguma tradição religiosa, F) ausência de comorbidades psiquiátricas, G) controle da experiência pelo indivíduo e H) crescimento pessoal com o passar do tempo (MOREIRA-ALMEIDA; CARDEÑA, 2011). Estudo do perfil de 115 pessoas com experiências anômalas que buscavam ajuda em centros espíritas, apontou que 65,2% delas começaram majoritariamente na infância e, na adolescência, 23,5%. Em ordem de frequência, os participantes relataram: vidência de espíritos; audição de espíritos ou ruídos não produzidos

materialmente; percepção intuitiva do tipo de natureza boa ou má de pessoas, ambientes e espíritos; sonhos anômalos de premonições, saídas do corpo, encontros com espíritos e recordações de vidas passadas; experiências de se perceber fora do corpo; pressentimentos que se configuravam como premonições em vigília sobre o futuro; perda inexplicável de energia sem explicação orgânica; sentir um espírito controlando o próprio corpo; conhecimento súbito não proveniente da razão ou observação; percepção de cheiros não produzidos fisicamente no ambiente; manifestações físicas sem causa mecânica no derredor; escrita inspirada por espíritos; percepção de pensamentos de terceiros e curas com recursos espirituais. Aplicados critérios para experiências espirituais não patológicas, os autores encontraram: A) para 59,1% as experiências não eram agradáveis; B) havia ausência de prejuízos nos relacionamentos em 55,7% dos casos; C) a experiência durava minutos para 49,6%; D) 84,3% afirmavam ter a certeza de que as experiências não eram fruto da imaginação; E) os centros espíritas consideraram as experiências compatíveis com a tradição cultural e 78,1% dos sujeitos afirmaram ter se beneficiado com esclarecimentos e orientações recebidas; F) 78,3% revelaram perturbações emocionais não diretamente relacionadas às experiências; G) 54,8% não tinham controle sobre elas; H) a maioria (66,1%) relatou crescimento pessoal e 62,6% que as experiências haviam trazido benefícios para outrem (MENEZES JR. et al, 2012).

Investigando a prevalência de experiências espirituais e religiosas no Brasil, pesquisadores reuniram-nas em quatro grandes grupos: as místicas (transcendentais), as mediúnicas (comunicações com espíritos), as psi-relacionadas (paranormais) e de quase morte e alegadas memórias de vidas passadas. Em uma amostra nacional de 1053 brasileiros, 92% indicaram a presença de pelo menos uma experiência espiritual ao longo da vida, sendo que 47,5% indicaram pelo menos uma experiência de modo frequente. Respeitados os grupos, experiências místicas foram indicadas por 84,2%; as psi-relacionadas por 83,1%; as mediúnicas por 58,3% e as de quase morte/vidas passadas por 33,1%. Os autores concluíram que as taxas brasileiras são extremamente altas e que seus dados sugeriam que as experiências religiosas e espirituais são um fenômeno comum que perpassa todos os estratos sociais, mais frequentemente relatadas por mulheres, com maior ocorrência na meia-idade, mas, de modo geral, sem relação com outras características sociodemográficas como educação, etnia e renda (MONTEIRO DE BARROS et al., 2022).

1.3 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE MEMÓRIAS DE SUPOSTAS VIDAS PASSADAS

Embora desde os anos 1890 tenha havido publicações esporádicas sobre pessoas que alegam possuir memórias de vidas passadas, foi na década de 1960 que se iniciou a investigação

científica sistemática do tema. O psiquiatra canadense, Ian Pretyman Stevenson, professor de psiquiatria da Universidade da Virgínia, dos Estados Unidos da América (EUA), foi o criador e principal pesquisador do campo. Depois de entrar em contato com relatos de pessoas que afirmavam se lembrar de vidas passadas em livros, jornais e revistas para o público geral, ele catalogou os casos e analisou características em comum. Após publicar um primeiro ensaio em 1960, com observações e interpretações, sua principal conclusão foi a de que, se mais casos desse tipo pudessem ser investigados cuidadosamente, talvez fosse possível obter evidências da sobrevivência após a morte. Esse ensaio foi premiado e ele recebeu um convite para uma viagem à Índia a fim de investigar novos relatos, tendo ido, também, ao antigo Ceilão. Ele retorna com 25 casos, surpreendido pela riqueza de detalhes que as crianças descreviam sobre suas supostas vidas passadas, o forte componente emocional com que elas se expressavam e com o fato de que algumas se comportavam como se ainda estivessem vivendo na alegada vida anterior.

Depois desta primeira viagem, Stevenson se dedica à novas publicações e pesquisas de campo e, durante meio século, investigou mais de 2000 casos denominados *Cases of Reincarnation Type* - Casos do Tipo Reencarnação - nos quais “o sujeito alega já ter vivido antes e justifica sua alegação narrando memórias desta vida anterior” (STEVENSON, 1970, p.2). Seus casos eram oriundos principalmente da Ásia, mas ele reuniu, também, casos da América, Europa e África (TUCKER, 2008). As investigações se deram, especialmente, em casos de crianças que começaram a referir de forma espontânea memórias de supostas vidas passadas (SVP) entre dois e quatro anos de idade (STEVENSON, 1977; PASRICHA et al., 2005; TUCKER, 2007, 2008).

Como método de investigação, além das informações das próprias crianças, os pesquisadores entrevistam os pais e outras testemunhas de primeira mão (relacionadas às crianças bem como à suposta personalidade anterior), bem como realizam pesquisa de campo em lugares mencionados nas alegadas memórias e análise documental (STEVENSON, 1980, 2001a; TUCKER, 2008). Ao final da pesquisa, os casos são considerados resolvidos quando é possível encontrar evidências concretas de uma pessoa falecida cuja história corresponde às alegadas memórias da criança (COOK et al., 1983a), como o caso descrito a seguir, publicado por Haraldsson (2000a).

Purnima Ekanayake, uma menina do Sri Lanka que nasceu com marcas hipopigmentadas do lado esquerdo do tronco alegava ter morrido em um acidente de trânsito com “*um carro grande*” e que “*um monte de ferro estava no meu corpo*” na ocasião (HARALDSSON, 2000a, p.18) (FIGURAS 1 e 2).

Figura 1 – Purnima aos oito anos de idade com Haraldsson



Figura 2 - Marcas de nascença de Purnima



Fonte: HARALDSSON (2007).

A menina alegava, também, que sua família anterior era fabricante de incensos da marca Ambiga e Geta Pichcha, que havia sido um homem e que se casou com a própria cunhada, de nome Kusumi. Após a família iniciar a investigação do caso a partir de vinte diferentes informações trazidas por Purnima, ela foi levada até a cidade da suposta família anterior e foi capaz de apontar as pessoas com as quais teria se relacionado indicando seus nomes e tipo de relação. Para o suposto ex-cunhado, ela lembrou-lhe de ter cuidado de seu joelho após um acidente. Purnima também explicou formas de se fabricar os incensos e questionou o fato de as embalagens terem sido mudadas. Ambas as famílias se convenceram de que se tratava da reencarnação de Jinadasa Perera (FIGURA 3), morto por um ônibus quando andava de bicicleta para ir vender incenso.

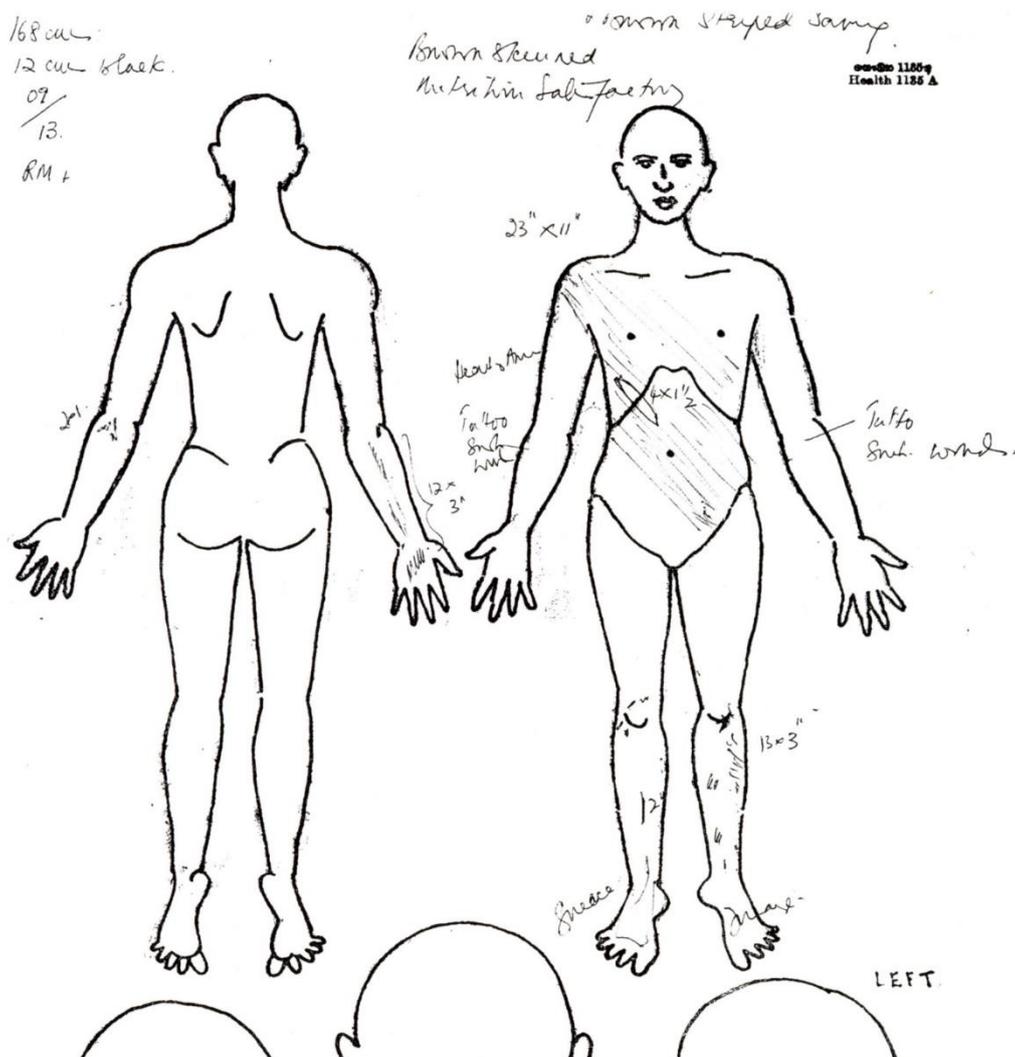
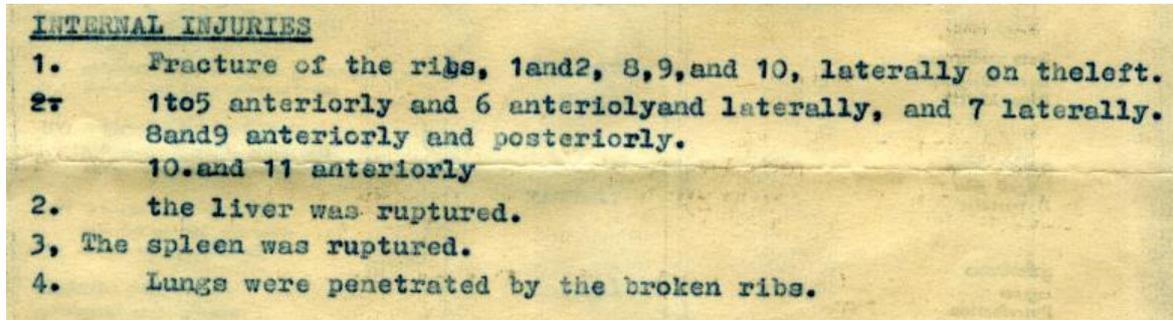
Figura 3 – Jinadasa Perera



Fonte: HARALDSSON (2007).

Em pesquisa documental, o psicólogo teve acesso ao exame de necropsia do corpo de Jinadasa, que descreve fraturas das costelas, ruptura do fígado e do baço e perfurações por costelas quebradas (FIGURA 4):

Figura 4 - Necropsia do corpo de Jinadasa Perera, datada de 10.04.1985



Fonte: HARALDSSON (2007).

O artigo com o caso de Purnima é um dos 78 publicados acerca de alegadas memórias de vidas passadas entre as décadas de 1950-2010, segundo *scoping review* em bases de dados científicas. A maior parte deles versa sobre crianças (84%) de países asiáticos (74%), sendo os principais investigadores: Stevenson (EUA), Haraldsson (Islândia), Keil (Tasmânia), Pasricha (Índia), Tucker (EUA) e Mills (Canadá) (MORAES et al., 2022).

1.3.1 CARACTERÍSTICAS COMUNS AOS CASOS

Com grande frequência, essas crianças narram mortes violentas, seja por acidente - como descrito acima - suicídio ou homicídio, chegando a mais de 78% no Líbano e na Síria (STEVENSON, 1977). Há casos de crianças que mencionam, além do suposto modo de morte, o fato de terem acompanhado o que teria sido seu próprio velório ou funeral (TUCKER, 2007, 2008). Algumas trazem relatos sobre o chamado período de intermissão, aquele compreendido entre a alegada vida anterior e atual (SHARMA; TUCKER, 2004). Estas tendem a mencionar o modo de morte, mais nomes relacionados à SVP e mais declarações verificadas como corretas (SHARMA; TUCKER, 2004, p.116). O pai de uma menina brasileira, que entre dois e três anos alegava se lembrar de detalhes da vida passada e de seu assassinato na França durante a segunda guerra mundial, descreve o que teria ouvido da filha na ocasião:

[...] que fizera uma viagem, transportada juntamente com outras pessoas em um carro branco. Passaram sobre o mar. Alguns dos que com ela vieram desceram em outros locais. Não me recordo onde. Quanto à Patrícia [filha] esta desceu frente à nossa casa. Disse ela que, ao avistar a cortina da janela, falou: 'Eu paro aqui; é este o lugar onde devo ficar.' [...] também descreveu minuciosamente como se encontravam os objetos que compunham o interior de nossa casa quando, segundo ela, aqui chegou. Descreveu como eram os móveis, as cortinas, os quartos, enfim tudo. O extraordinário dessa ocorrência reside no fato de ter sido, o arranjo da casa, quase todo modificado antes da Patrícia ter nascido. Portanto, ela não poderia ter visto como era o interior da casa naquela ocasião, pois ainda não havia sido dada à luz. [...] Ela se referiu até ao 'pegnoir' da sua atual mãe, descrevendo-o corretamente (ANDRADE, 2016, p.275).

Podem haver também comportamentos atípicos para a infância ou para a cultura em que a criança está inserida tais como: agir qual adulto, apresentar fobias e filias (STEVENSON, 1977; TUCKER, 2008). Algumas crianças pedem para serem levadas de volta para família ou lugar onde teriam morado e pode haver rejeição aos pais atuais (STEVENSON, 1977).

As fobias, quando presentes, podem anteceder a expressão das memórias e estar associadas, especialmente, às causas e circunstâncias da morte na alegada vida passada (STEVENSON, 1977). São propensas a ocorrer mais em casos de mortes violentas (Estados Unidos 48%, Índia 39%) do que em mortes naturais (Estados Unidos 11%, Índia 3%) (STEVENSON, 1990, 1983) e tendem a desaparecer quando a criança não mais se expressa sobre sua alegada vida passada, entretanto, há casos em que persistem. Uma criança indiana demonstrava fobia por, supostamente, ter reconhecido seu assassino na mesma aldeia em que morava. Mais tarde, aos 11 anos, embora a fobia persistisse, ela não conseguia explicar por que e, aos 13, não mais apresentava o mesmo comportamento, mas se lembrava de ter tido medo do homem em questão (STEVENSON, 1990, 2011).

Filias foram descritas como interesses especiais por religião, máquinas/equipamentos, apetites muito divergentes do contexto familiar, mas que seriam compatíveis com a alegada personalidade anterior (STEVENSON, 1977). Podem se manifestar, também, como “um desejo, algumas vezes, semelhante à fissura por intoxicantes que eram de uso da personalidade anterior” (STEVENSON, 2000b, p.654) como álcool e tabaco (STEVENSON, 1977). Uma criança indiana que demonstrava grande interesse por animais desde muito pequena, especialmente, por camelos, usualmente pedia ao pai que lhe comprasse um. Quando vendedores de camelo passavam por sua cidade, ela costumava pegar a corda do animal alegando que era seu. Aos dois anos afirmou que seu *lalu* (palavra utilizada para filho ou sobrinho) “estava passando por este caminho”. Em outra ocasião, disse ao pai: “Meu irmão caiu de um camelo”, ao que o pai descobriu que um vendedor de camelos chamado Pathi Ram havia caído do animal. Pathi tinha um filho chamado Radi, que era a pessoa a quem o menino chamava *lalu* ao vê-lo passar. O menino afirmava ser natural de Baura Gaon e ter morrido no Ganges. Posteriormente, descobriu-se que o irmão de Pathi Ram, nascido em Baura Gaon, havia sido morto perto do Ganges, em uma cidade onde havia ido vender camelos. As famílias concluíram, baseadas nestas e em outras postulações, que o menino teria sido o vendedor de camelos em outra vida (MILLS et al., 1994).

Marcas de nascença e/ou defeitos físicos supostamente relacionados a eventos ocorridos em vidas anteriores também foram investigados. Apresentaram-se casos de crianças com marcas de nascença não vinculadas a fatores genéticos (STEVENSON, 1989), marcas supostamente relacionadas a feridas e/ou deformidades de vidas anteriores (STEVENSON, 1977, 1993; HARALDSSON, 2000a, 2000b; TUCKER, 2008) e casos atípicos de marcas de nascença (KEIL; TUCKER, 2000). Em sua maioria, elas são descritas como depressões ou elevações na pele, algumas

hipopigmentadas (como as de Purnima). “Quando planos e hiperpigmentados, são maiores do que as comuns e, frequentemente, em lugares onde raramente costumam ocorrer como cabeça, pernas e pés” (STEVENSON, 2000b, p.656). Existem casos de marcas/defeitos congênitos compatíveis com tipos de ferimentos ocorridos com a alegada personalidade anterior, incluindo aqueles causados pelo tipo de morte (TUCKER, 2007). Marcas experimentais são aquelas em que o corpo da personalidade anterior foi marcado com a finalidade de reconhecer o sujeito em uma nova vida, comportamento descrito em culturas asiáticas (TUCKER; KEIL, 2013). Algumas crianças apresentam “malformações em membros ou ausência completa de dedos/mãos; outras, doenças que correspondem a enfermidades que as personalidades anteriores tiveram...” (STEVENSON, 1977, p.319). (FIGURAS 5 e 6)

Figura 5 – Fotos de marca/defeito congênita(o)



À esquerda, uma garota da antiga Birmânia que alegava ter morrido em acidente de trem, quando teve a perna amputada. À direita, o menino HW que alegava memórias de ter sido assassinado e ter seu corpo amarrado com cordas para caber em um saco de juta.

Fonte: STEVENSON 1993, 2001b.

Figura 6 – Foto de marca experimental



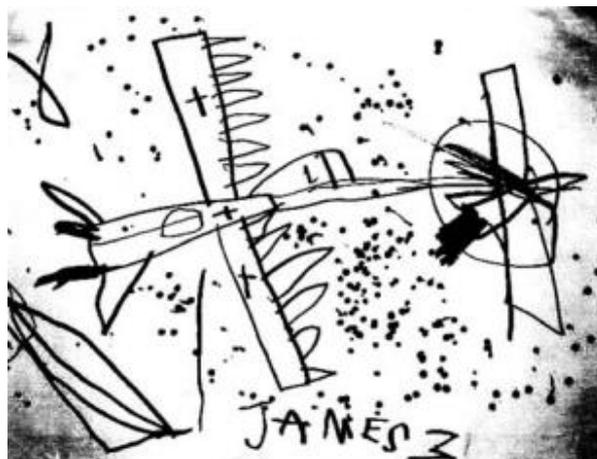
Garota tailandesa cujo corpo do avô havia sido marcado com fuligem acima do tornozelo direito duas horas depois da morte.
Fonte: TUCKER (2013).

Há registros de crianças com habilidades/talentos para os quais não foram treinadas e que não poderiam se justificar por imitação, como andar de bicicleta, esqui, tocar instrumentos musicais, falar língua estrangeira, dançar, costurar (STEVENSON, 1977).

Nos casos em que as crianças alegam ter sido do sexo oposto na vida passada, não é incomum a descrição da persistência de comportamentos e interesses mais frequentemente associados àquele sexo, seja através dos trajes e/ou atividades (SEVENSON, 1977; TUCKER, 2008). Estudo de caso-controle da Universidade da Virgínia com n=469 provenientes de 23 diferentes países incluiu 107 (22,8%) de alegadas memórias de sexo oposto e 362 (77,2%) de memórias de mesmo sexo. No primeiro grupo, 80% apresentavam não-conformidade de gênero, cujas características estão descritas acima. No segundo grupo, encontrou-se 5,8%. Em análise multivariada dos preditores de não-conformidade de gênero, apenas a variável memórias de sexo oposto manteve-se significativa após o controle (PEHLIVANOVA et al., 2018).

Outra característica dos casos do tipo reencarnação está presente em brincadeiras especialmente ligadas a profissões ou eventos traumáticos da vida da alegada personalidade anterior (STEVENSON, 2000a, 2000b; STEVENSON; KEIL, 2005; TUCKER, 2008). James Leininger representava sua última suposta batalha na segunda guerra mundial através de brincadeiras com aviões que batia insistentemente na mesa de jantar e em desenhos como o abaixo (FIGURA 7):

Figura 7 - Desenho de James Leininger aos três anos de idade



Fonte: TUCKER (2016).

As alegações das crianças sobre uma SVP tendem a diminuir a partir dos cinco anos (STEVENSON, 1977) e a não mais serem expressas por volta dos seis a oito anos (STEVENSON, 1977; PASRICHA et al., 2005; TUCKER, 2007, 2008). Comportamentos atípicos, quando presentes, também tendem a se extinguir após a interrupção das memórias e as crianças se desenvolvem dentro da normalidade. Em alguns casos, a influência das memórias pode se estender até a vida adulta (STEVENSON, 1977). Entretanto, há uma escassez de estudos longitudinais.

1.3.2 HIPÓTESES

As hipóteses de Stevenson para os casos de alegadas memórias de vidas passadas incluem a possibilidade de fraude; erros de memória (especialmente paramnésia e criptomnésia³); percepção extrassensorial⁴ por parte da criança, somada à construção de uma personalidade prévia imaginária

³ Paramnésia foi o conceito criado por Theodor Flournoy para explicar supostas informações mediúnicas como resultado de lembranças esquecidas no subconsciente, que retornariam em estado de transe envoltas por fantasias e elaborações imaginárias, como expressões da própria personalidade e do funcionamento subconsciente do sujeito (Maraldi et al., 2016). Criptomnésia é um fenômeno de memória no qual acredita-se, erroneamente, que um pensamento atual ou ideia é produto de sua própria criação mas, na verdade, o sujeito obteve conhecimento anterior sobre ele e, posteriormente, esqueceu-se desse fato (American Psychological Association, s.d.).

⁴ Aquisição de uma informação ou resposta a um evento externo, um objeto ou uma influência física ou mental que pode estar relacionada ao passado, presente ou futuro por meios outros que não os canais sensoriais conhecidos. Geralmente se refere à telepatia, clarividência e precognição (Parapsychological Association, 2015).

cuja vida ela alega se lembrar; “memória herdada⁵”; “possessão⁶” da criança por uma personalidade desencarnada ou reencarnação⁷ (STEVENSON, 1977, p.310). Uma década depois, o autor menciona a hipótese sociopsicológica: em uma cultura reencarnacionista, a criança seria encorajada a falar cada vez mais sobre suas alegadas memórias de modo que seus pais pudessem encontrar a família da personalidade anterior. Feito o contato, trocadas informações sobre o caso, as famílias creditariam à criança muito mais conhecimento sobre a personalidade prévia do que ela realmente teria (SCHOUTEN; STEVENSON, 1998).

1.3.3 CRÍTICAS

Os estudos de Stevenson receberam críticas concernentes ao seu método e amostra, dentre elas: 1) a utilização de intérpretes, uma vez que ele não falava os idiomas da maioria dos locais onde realizava os estudos; 2) a escolha por notas escritas ao invés de gravação das entrevistas; 3) a incorporação das interpretações dos adultos acerca dos relatos das crianças ao invés de entrevistas com as próprias crianças; 4) casos intrafamiliares ou de proximidade entre a suposta família anterior e a atual, que propiciariam à criança tomar conhecimento da vida da alegada personalidade anterior por meios convencionais; 5) entrevistas de curta duração com os envolvidos, o que poderia sugerir seu objetivo de apenas confirmar ideais preconcebidas; 6) a possibilidade do encontro entre as duas famílias no intervalo de tempo entre a marcação das entrevistas e a chegada do pesquisador, uma vez que muitos casos se deram em pequenas comunidades; 7) a publicidade que as mortes violentas tendem a ter, o que também aumentaria a chance de a criança obter informações por meios convencionais; 8) a correlação entre crenças culturais e o modo como os casos se desenvolviam; 9) o fato de suas hipóteses não serem falseáveis e a falta de experimentos controlados; 10) amostra predominantemente asiática, onde a reencarnação é uma crença religiosa dominante (ANDRADE, 2017). Outras críticas referem-se: 1) à falta de detalhes sobre o contexto e o destinatário das alegações

⁵ Esta memória seria herdada geneticamente e o sujeito se “lembraria” do que aconteceu com seus antepassados. Esta hipótese justificaria casos onde o novo corpo se origina linearmente do corpo da personalidade anterior (p.e. avô e neto) (STEVENSON, 2011).

⁶ Seria a possibilidade da personalidade prévia tomar posse do corpo da pessoa que reporta a experiência temporariamente, como em experiências mediúnicas. Em algumas dessas, o corpo do médium é totalmente controlado por outra personalidade, de modo que observadores acreditam que ele está ocupado por uma personalidade falecida, cujas características eles conseguem identificar (STEVENSON, 1960).

⁷ Importa ressaltar que nosso estudo realiza uma investigação fenomenológica do tema e não discutirá a realidade factual ou ontológica da reencarnação.

da criança ou testemunhas; 2) a apresentação das alegações como fatos e não como testemunhos; 3) apresentação de conclusões feitas pelas testemunhas ao invés dos dados específicos que teriam levado à tais conclusões; 4) ao fato de que, algumas vezes, aquele que ouviu as alegações da criança ser o mesmo que as checa; 5) ao pequeno número de casos que discutem a habilidade da criança para contar histórias ou necessidade de chamar atenção; 6) à não investigação dos “companheiros de jogo” da criança e seu conhecimento sobre os eventos em questão; 7) à apresentação do material de forma que ele pareça mais significativo do que os dados apresentam; 8) perguntas que sugestionariam as respostas das testemunhas; 9) ao uso do “argumento do silêncio” ou a não-oposição ao que está sendo dito pelas testemunhas, o que não necessariamente, significaria anuência; 10) ao argumento da falta da motivação das famílias para criarem uma história de renascimento para ajudar a impulsionar a hipótese paranormal; 11) à pouca ou nenhuma discussão sobre os desdobramentos e efeitos da presença de um pesquisador estrangeiro no campo; 12) à possibilidade do pesquisador oferecer pistas e formular perguntas que guiem as testemunhas na tentativa de reunir evidências, o que faria os casos parecerem mais sólidos do que realmente são e 13) à distorções de memórias, tentativas de preencher lacunas, falta de parcimônia das testemunhas ao fazerem seus relatos e outros vieses não discutidos nos estudos de casos (RANSOM, 2015).

Ressaltamos que essas críticas foram realizadas após a morte de Stevenson, ocorrida em 2007. Entretanto, em 1960, ele publicou um ensaio acerca da evidência da sobrevivência, a partir das memórias de encarnações. Na segunda parte, ele discute tópicos que antecedem respostas a algumas das críticas acima mencionadas. Discutindo a possibilidade de fraude devido à crença em reencarnação presente na Índia e na antiga Birmânia - de onde haviam se originado grande parte dos casos estudados até então – o autor esclarece que muitos hindus e budistas consideram um infortúnio lembrar-se de SVP, pois o sujeito tenderia a morrer ainda jovem. Além disto, ele afirma desconhecer recompensas financeiras para as famílias e a publicidade dos casos parece ter desagradado fortemente algumas crianças. Sobre a possibilidade de aquisição das informações das alegadas memórias por meios convencionais, ele não a desconsidera, entretanto, chama atenção para o fato de as crianças serem muito pequenas e ainda não saberem ler quando iniciam a falar sobre elas. Na possibilidade de terem tido conhecimento através da narrativa de outras pessoas, Stevenson julga que os pais se lembrariam de visitantes que poderiam ter fornecido as informações aos pequenos – nos casos extrafamiliares. No tocante à percepção extrassensorial – cuja possibilidade ele não descarta – a questão seria indagar por que essa capacidade se limitaria às alegadas memórias, não se manifestando em outras ocasiões (STEVENSON, 1960). Mais tarde, em 1974, ele publicou um livro em que discute

seus métodos e afirma ter tentado seguir aqueles tradicionais dos advogados, historiadores e da pesquisa psíquica. Além de comparar os relatos de várias testemunhas, reentrevistava muitas delas com intervalos de tempo que chegavam a anos. Em alguns casos, comparava suas entrevistas com as de outros pesquisadores. Observava o comportamento das crianças, dos que a rodeavam e comparava como da personalidade anterior, narrado por testemunhas. O comportamento emocional das crianças de identificação com a suposta personalidade prévia era um fator importante para tornar um caso mais forte. Acerca do uso de intérpretes, apesar de afirmar saber bem francês e alemão e um pouco de espanhol e português, e de algumas testemunhas falarem inglês, era comum o uso de dois ou três profissionais. Alguns chegavam a trabalhar juntos: um traduzindo enquanto ele anotava as respostas em inglês, e o segundo conferindo sua tradução e fazendo anotações em sua língua para serem comparadas ao final. Sobre a possibilidade de erros de registro de anotações, Stevenson afirma preferir o método escrito ao das entrevistas gravadas para evitar inibição nos entrevistados e pelo fato de um certo número de pessoas se reunir ao mesmo tempo para falar sobre o caso, especialmente em países orientais, onde a privacidade era difícil. Assim sendo, as gravações poderiam ficar confusas. Com relação às testemunhas, ele admite que algumas delas podem se influenciar mutuamente, entretanto, muitas têm opiniões diferentes sobre um tópico. Outras trazem relatos com algumas discordâncias, o que afastaria a existência de mentiras. Sobre a apresentação dos casos nos relatórios, ele apresenta quadros demonstrando quem são os informantes de cada item, a verificação dos dados e comentários. Nos casos apresentados neste livro, ele afirma que as anotações originais seriam disponibilizadas para comparação com o material impresso, caso algum pesquisador desejasse (STEVENSON, 2011). O autor também estimulava outros pesquisadores a investigarem novamente os casos por ele estudados, de forma que se verificassem possíveis contradições nos relatos das crianças e das testemunhas e/ou falhas de procedimentos na tentativa de aprimorar seu método.

Importa ressaltar, também, as hipóteses apresentadas no item 1.3.2, utilizadas por Stevenson ao investigar os casos sugestivos de reencarnação e que foram desconsideradas pelos críticos, permitindo-nos indagar se conheciam suficientemente o trabalho do pesquisador.

Em 2010, Jürgen Keil e Jim Tucker (atual líder das pesquisas sobre alegadas memórias de vidas passadas da Universidade da Virginia) publicaram uma Carta ao Editor que responde, parcialmente, a algumas das críticas acima citadas. Escrevendo especificamente sobre o caso do menino Kemal Atasoy, os autores rebatem a ideia de que a presença de um intérprete poderia ter sido prejudicial, uma vez que ele não teria informações prévias sobre a história alegada pela criança. Acerca da falta de gravações em áudio/vídeo das entrevistas, os autores lembram que já utilizaram

esse método anteriormente, mas concordam com o psicólogo e pesquisador Erlendur Haraldsson de que isso pode impactar a qualidade do trabalho (KEIL; TUCKER, 2010). Gravações em áudio dificultariam a fala livre e espontânea e um equipamento de vídeo geraria muita curiosidade, perguntas e relutância, como o temor de o vídeo ser utilizado para outros fins, como em programas de televisão, por exemplo (HARALDSSON apud VISONI, 2009). Sobre o questionamento da presença da mãe da criança durante as entrevistas, os pesquisadores lembram a dificuldade que seria uma criança de seis anos de idade compartilhar informações com estranhos sem a presença de alguém que lhe seja próximo. Acerca do número de entrevistas, os autores lembram que elas são múltiplas mas, a mais importante é a realizada antes de se tentar verificar as alegações da criança. Em relação à crítica sobre as transcrições não literais de seu conteúdo, argumentam que todas as alegações da criança são disponibilizadas no artigo (KEIL; TUCKER, 2010), prática usual neste tipo de publicação.

1.3.4 ANÁLISES PSICOLÓGICAS DOS SUJEITOS QUE ALEGAM MEMÓRIAS DE VIDAS PASSADAS

Na Universidade da Islândia, Erlendur Haraldsson investigou alegadas memórias de vidas passadas e realizou testes psicológicos com as crianças. Além de fobias, algumas apresentaram sintomas compatíveis com Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT⁸), mesmo sem terem relatos de eventos traumáticos como violência, abuso ou negligência. Os sintomas de medo, ansiedade e agressividade pareciam relacionados às alegadas memórias (HARALDSSON, 2003).

Em estudos que as comparou com grupo controle, as crianças que alegavam memórias demonstraram nível cognitivo mais alto; tinham melhor desempenho escolar, com um vasto vocabulário e melhor compreensão da linguagem; obtiveram notas mais altas em teste de inteligência; apresentaram melhor memória e não eram tão sugestionáveis como seus pares. Na personalidade e comportamento, demonstravam mais maturidade; estavam presentes traços de oposição bem como características obsessivas e perfeccionistas; tendências dissociativas; mudanças rápidas na

⁸ O Transtorno de Estresse Pós-Traumático é caracterizado, essencialmente, pelo desenvolvimento de sintomas após a exposição a um ou mais eventos traumáticos. Sua apresentação clínica pode variar de sintomas de revivência do medo, sintomas emocionais e comportamentais a humor anedônico ou disfórico e cognições negativas. Há casos em que predominam os sintomas dissociativos e, em outros, a excitação e sintomas reativos externalizantes. Algumas pessoas apresentam uma combinação destes sintomas (Associação Americana de Psiquiatria, 2015).

personalidade; intensas explosões de raiva; frequentes devaneios e, usualmente, elas referiam a si próprias na terceira pessoa. A estrutura do ambiente familiar não diferiu significativamente do grupo controle (HARALDSSON, 1995, 1997; HARALDSSON; FOWLER; PERYANNANPILLAI, 2000). Na avaliação dos pais, elas eram muito questionadoras; preferiam ficar a sós; eram mais nervosas e teimosas que as demais; mais perfeccionistas e mais preocupadas com limpeza. Para os professores, elas eram excelentes alunas (HARALDSSON, 1997).

1.3.5 PERSISTÊNCIA DAS SUPOSTAS MEMÓRIAS

A persistência das memórias e seu efeito a longo prazo foram igualmente estudados por Haraldsson. Vinte e oito libaneses cujos casos haviam sido investigados na infância foram reentrevistados, em média, 34 anos depois e 24 ainda relatavam algumas memórias (21 afirmavam ter certeza de que ainda tinham memórias claras e os outros três acreditavam que ainda tinham algumas de suas memórias). Para 50%, as memórias haviam trazido dificuldades extras, sendo as mais comuns sentir falta da família anterior e viver duas vidas. Dois terços preferiam a vida atual, 21% afirmaram preferir a vida anterior e os demais não expressaram preferência (HARALDSSON; ABU-IZEDDIN, 2012). No Sri Lanka, de 42 adultos que haviam relatados supostas memórias de vidas passadas para Stevenson e Haraldsson entre as décadas de 1960-1990, 16 afirmaram que ainda retinham, ao menos, partes das memórias da infância. Destas, cinco revelaram que suas memórias mais claras eram sobre pessoas que haviam conhecido, quatro sobre circunstâncias que levaram à morte ou como haviam morrido e três sobre o que costumavam fazer. Para 51%, as memórias haviam sido úteis e tiveram impacto positivo na vida atual. Para 64% de seus parentes, as memórias beneficiaram os sujeitos. Para 20% as memórias trouxeram dificuldades, que iam desde uma atenção excessiva recebida até perguntas que lhes eram feitas e não se sentiam capazes de responder. A maioria (55%) preferia a vida atual e estava feliz acerca de como ela havia se desenvolvido (HARALDSSON, 2008).

Estudo longitudinal com 31 pessoas que haviam sido entrevistadas na Índia durante a infância, reportou dez delas com memórias vívidas e seis, com memórias desvanecidas. Em relação ao impacto das memórias, um dos sujeitos revelou para a pesquisadora - no dia de seu casamento - que não gostaria de fazê-lo, pois ainda estava apaixonado pela suposta esposa anterior, uma mulher de 70 anos de idade, a quem visitava com frequência. A menina Reena Kulshrestha se declarava casada e com filhos, a quem buscava durante a infância. Ela teria reconhecido seu suposto ex-marido

na vida atual e se recusou a um casamento, aos 23 anos, em função disto (MILLS, 2006). (FIGURA 8).

Figura 8 – Reena Kulshrestha aos 27 anos e a pesquisadora Antonia Mills



Fonte: MILLS (2006).

Em outro caso, o jovem Ashok Kumar Shakya, de 21 anos, recordava que, ainda muito pequeno, pedia insistentemente para ser levado até sua suposta ex-esposa e filhos e, apesar das tentativas dos pais de suprimirem suas memórias, aos quatro anos ele indicou o caminho e seus irmãos o levaram. Ainda na infância, ele impediu o casamento de seu suposto filho da vida passada por não aprovar a noiva. Acerca do impacto das memórias, ele afirmou à pesquisadora que não eram significativos e que preferia sua vida atual (MILLS, 2006) (FIGURA 9).

Figura 9 – Ashok aos cinco anos de idade com sua suposta família anterior



Ashok à direita, a suposta ex-esposa ao centro e o suposto filho em primeiro plano. Fonte: MILLS (2006)

David Llewelyn foi uma criança inglesa que nunca alegou, expressamente, memórias de vida passadas. No entanto, na primeira infância, acordava à noite com muito medo, tremendo. Gostava de dormir em quartos grandes, com a porta aberta, a janela cerrada com um baú em frente. Aos seis anos resistiu a ir a um acampamento alegando *“Não. Não há felicidade lá. As pessoas ficam aprisionadas, com frio, com fome, apavoradas. Elas jamais sairão de lá”* (STEVENSON, 2010, p.111). Posteriormente, começou a apresentar o costume incomum de ler e escrever da direita para esquerda, o que perdurou até os 11 anos e demonstrava conhecimento sobre a cultura judaica. O garoto descrevia lugares e eventos que remetiam a campos de concentração e, aos 28 anos, revelou para Stevenson que os temas de seus pesadelos giravam em torno de buracos fundos, escuros, com cadáveres, cujo odor ele conseguia sentir. Havia, também, pessoas armadas. Quando teve contato com o cheiro de gás de cozinha, afirmou que era parecido com o que sentia em seu quarto à noite e que iria asfíxiá-lo (em sua casa não se utilizava gás). Essas cenas e as emoções delas decorrentes persistiram até a idade adulta (STEVENSON, 2010).

1.3.6 SUPOSTAS MEMÓRIAS DE ADULTOS

Casos de pessoas que manifestam as memórias na fase adulta são pouco descritos na literatura científica e parece haver um pensamento predominante entre os pesquisadores de que seriam menos relevantes do que os de crianças, embora haja uma carência de pesquisas. Esta visão está

presente em um livro que revisa pesquisas sobre alegadas memórias de vidas passadas, de James Matlock. Nele, o autor afirma que os casos dessas memórias em adultos seriam “mais fracos do que os das crianças na variedade de sinais que incluem, na intensidade que as memórias penetram na consciência e em seu valor probatório geral” (MATLOCK, 2019, p.201). Não teriam, também, a mesma elaboração apresentada pelos casos infantis e, uma vez que adultos já teriam sido expostos a uma grande variedade de informações, suas memórias poderiam ser influenciadas por elas. Adultos dificilmente alegariam memórias que não foram estimuladas e, quando espontâneas, surgiriam através de sonhos ou outras situações em que há alteração da consciência (MATLOCK, 2019). Em oposição aos casos de crianças que são, em sua maioria, espontâneos (TUCKER, 2007), as memórias de adultos tenderiam a ser manifestadas como “*flashes* ou visões, usualmente durante o sono ou meditação” (MATLOCK, 1989, p.304). Alguns casos não passariam de uma forte emoção ao se identificarem com uma pessoa ou local específico. Outros incluiriam uma forte sensação de *deja vu*, nos quais a visita a certos lugares despertaria as memórias que acabam por se revelar verdadeiras, por exemplo, quando os sujeitos são capazes de guiar outrem por caminhos ou são capazes de prever o que será encontrado à frente. As memórias imagéticas podem se manifestar em diferentes estados de consciência, como na vigília, em transe, meditação, crise psicótica, em sonhos que tendem a ser recorrentes e com qualidade de imagem excepcional, com maior nitidez e melhor foco. Uma imagem inicial poderia levar a outras, porém, com ocorrência menos prolongada do que o período em que as crianças tendem a falar sobre suas memórias. Adultos também tenderiam a descrevê-las de uma certa distância, como se em uma tela em movimento. Haveria escassez de memórias verbais em comparação com os casos infantis (MATLOCK, 2013).

Contudo, o próprio Matlock relata o caso de Scott Perry, com quem teve contato quando já contava 40 anos de idade e cujas memórias sobre uma suposta vida passada parecem contradizer muitos pontos de sua teoria. Nascido nos Estados Unidos em 1970, Scott descreve que, aos três anos de idade começou com sonhos recorrentes de estar sendo acordado por sua mãe alertando-o de que precisavam sair imediatamente. Ainda não totalmente desperto, ele entra no carro onde já estão duas outras crianças e o pai, no assento do motorista. Ele se lembra da roupa que estão usando, do Sedan estilo 1950, do medo da menina que está no banco traseiro, do pânico da mãe ao ouvir do pai que o carro não conseguia se mover mais rapidamente, de serem atingidos por uma enchente que entra pelas janelas e o lança para fora do automóvel. Lembra-se vagamente do grito de sua mãe e de seu braço tentando alcançá-lo. A água o puxa para baixo e ele não consegue mais respirar. Neste ponto do sonho ele acorda ofegante e suando frio. Este sonho ocorre várias vezes ao mês, até a idade de 20 anos e ele

afirma se lembrar da água entrando em seus pulmões, mas de estar em paz, sem pânico, quase calmo. Ele deixa seu corpo e pode ver uma bola de luz puxando-o para fora da água. Há uma memória que ele classifica como “mais nebulosa” e que não ocorre com a mesma frequência: “*Enquanto a luz me leva para cima, eu vejo casas com água turva até o telhado e árvores com água até em cima e é como se estivesse passando por elas muito rápido e acelerando, como se estivesse adiantando um filme...*” (PERRY apud MATLOCK, 2022, p.395). Pesquisando sobre enchentes em seu país, o nome da cidade californiana Montrose lhe causa estranhas sensações que ele não consegue explicar. Ele descobre que cinco pessoas morreram em uma enchente na noite de *Reveillon* de 1934 (36 anos antes de seu nascimento) e consegue identificar seus nomes, idades, profissão e que havia um sexto passageiro no carro que havia sobrevivido: Earl Denniston. São as informações dadas por Earl aos repórteres da época que ajudam Perry na checagem de suas supostas memórias. Earl falece em 1972, mas através de vários contatos com descendentes dos envolvidos no acidente, ele recebe uma fotografia de sua suposta falecida irmã, cujos olhos assustados ele não havia esquecido. Perry se convence de ter sido June Moore, falecido aos sete anos de idade e, em entrevista com Matlock, ele afirma que os *flashes* de sua suposta morte surgiam em sua consciência por volta de 20 a 30 vezes ao dia. Perry relata, também, outros sonhos com a mesma SVP de conteúdos cotidianos como ir às compras com a mãe (MATLOCK, 2022). O caso de Perry, definitivamente, não parece mais fraco do que muitos dos pesquisados acerca de crianças, com memórias imagéticas nítidas e persistentes por mais de uma década, memórias auditivas claras e podendo ser considerado resolvido. Na figura 10 fotografia do suposto carro da família de June Moore.

Figura 10 - Fotografia do jornal Los Angeles Times retratando acidente de automóvel relacionado à enchente de 1934.



Nota: Texto do jornal Los Angeles Times: Jan. 1, 1934. Cinco pessoas morreram afogadas quando este carro e a ponte da Rush Avenue foram arrastados para o Alhambra Wash, perto da atual Área de Recreação Whittier Narrows (MATLOCK, 2022, p.396).
Fonte: MATLOCK (2022).

Outro caso que se contrapõe às postulações de Matlock foi apresentado por Lucchetti et al. (2013), que descrevem a história de um homem de 38 anos de idade, sem fatores de risco cardiovascular identificáveis, mas com raras condições médicas que estariam supostamente associadas a uma vida passada. Este homem procurou o pronto-atendimento com dor precordial e, embora não houvesse alterações no eletrocardiograma, exame de tomografia demonstrou calcificação e lesões na artéria coronariana direita. Após a colocação de “*stents*” com alta hospitalar, o paciente foi acompanhado por clínico geral e iniciou psicoterapia devido a estresse. Em sessão de “regressão a vidas passadas” através de hipnose, este homem se viu como um padre que cometia suicídio, introduzindo um crucifixo no peito. Três meses depois, devido à dor abdominal intensa e aumento da temperatura corporal, ele foi submetido a tomografia computadorizada abdominal. A imagem sugeria gordura mesentérica compatível com pequeno infarto omental, em local próximo ao de um dos pontos do crucifixo supostamente introduzido em vida anterior. Posteriormente, em outra sessão psicoterápica, ele se viu em uma batalha durante a qual uma arma medieval dilacerava seu pescoço e o lado esquerdo das costas. Em consulta ao clínico geral, devido a uma diferença de pressão arterial entre os membros superiores, angiotomografia computadorizada foi realizada e mostrou atresia subclávia com o arco aórtico direito no mesmo local indicado pelo paciente. Não havia marcas

visíveis na pele e o local era o mesmo anteriormente indicado pelo paciente como o da suposta lesão em batalha. Posteriormente, ele relata para o terapeuta que espíritos estariam tentando perturbá-lo (muitos relacionados à SVP), e que teriam sido aconselhados por ele a seguirem seu caminho. Após este fato, os eventos médicos não foram mais observados (LUCHETTI et al., 2013). Aqui, alegadas memórias manifestadas já na idade adulta, com defeitos congênitos e condições médicas raras consoantes ao que teria sido a causa da suposta morte.

Casos de xenoglossia (que seria a suposta capacidade de falar, espontaneamente, uma língua não aprendida) foram descritos por Stevenson. Uttara Hudar, indiana, aos 32 anos começou a apresentar o que seria outra personalidade, sendo, aparentemente, incapaz de se expressar em seu próprio idioma, enquanto apresentava fluência em bengalês. Referia se chamar Sharada e, embora solteira, vestia-se e se comportava como uma mulher casada bengalesa. Não reconhecia seus parentes e amigos, demonstrava não estar familiarizada com objetos e facilidades desenvolvidas após a Revolução Industrial como fogão a gás, eletricidade, dentre outros. Informou nomes e sobrenomes de supostos familiares anteriores, afirmou ter sido casada e sofrido abortos. Contava ter sido picada por uma cobra aos 22 anos enquanto colhia flores e dava outros detalhes de uma suposta vida anterior compatível com a de uma mulher que teria vivido nos anos 1810, 1830 (STEVENSON; PASRICHA, 1980). Dolores Jay era uma mulher que, hipnotizada a fim de tratar uma dor nas costas, começou a se expressar em alemão. Hipnotizada novamente, uma personalidade chamada Gretchen se manifestou e, nesta e em outras ocasiões, forneceu informações sobre uma SVP, com nomes de pessoas e localidades. Afirmava ter sido filha do prefeito de uma cidade alemã. Por ser órfã de mãe, foi criada por uma empregada, cujos filhos eram seus companheiros de brincadeiras. Não teria frequentado escola e parecia muito preocupada com conflitos religiosos, com a possibilidade de estar sendo ouvida e, fazia alusões à prisão, dando a impressão de já ter sido presa (STEVENSON, 1976).

Sobre estes dois casos, Stevenson afirma não poder decidir firmemente entre serem casos do tipo reencarnação ou possessão (STEVENSON, 1974a, 1976).

1.4 LACUNAS

Atualmente, o panorama das pesquisas sobre pessoas que alegam possuir memórias de vidas passadas ainda apresenta significativas limitações. A *scoping review* anteriormente citada acerca de artigos publicados sobre casos sugestivos de reencarnação indica que a manifestação das memórias na adolescência ou idade adulta não receberam a mesma atenção daquelas manifestadas na

infância. Apenas 12 estudos foram encontrados sobre o impacto das memórias em sujeitos adultos que tinham sido pesquisados na infância, nenhum investigava memórias surgidas depois desta fase da vida. Além disso, estudo de caso foi o principal desenho (60%) e, entrevistas, o principal método (73%) (MORAES et al., 2022). Métodos estatísticos inferenciais foram pouco utilizados, em detrimento de estatística descritiva. As possíveis associações das alegadas memórias com variáveis de saúde, felicidade e R/E não são conhecidas, bem como uma análise de conteúdo das memórias e do seu impacto na vida dos sujeitos e/ou de suas famílias não foi realizada até então, que seja de nosso conhecimento. O que pode ser encontrado nas publicações é uma simples narrativa das memórias, sem a produção de dados qualitativos que permitam inferências sobre o tema. São desconhecidos, até o momento, os impactos das memórias no cotidiano dos experienciadores, em sua saúde mental e bem-estar.

Por fim, até onde conhecemos, nenhum país realizou um inquérito nacional que permitisse conhecer o perfil de seus cidadãos que alegam memórias de vidas passadas, bem como as possíveis características específicas de memórias desta população. Quase nada se sabe sobre memórias de adultos, a não ser a persistência delas a partir de alguns poucos casos publicados. Não sabemos se eles se assemelham àqueles das crianças ou se guardam características muito próprias, bem como não sabemos quem são os adultos que alegam memórias de vidas passadas.

O estudo como o que realizamos nesta tese pode, assim, contribuir para avançar na discussão sobre o tema alegadas memórias de vidas passadas, especialmente ao trazer informações específicas de memórias de adultos e suas possíveis implicações para a saúde mental.

2 OBJETIVOS

Os objetivos desta tese são descritos a seguir.

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar as características de indivíduos adultos que alegam memórias de vidas passadas, bem como as características destas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Investigar:

- níveis de felicidade, saúde e R/E entre pessoas que alegam memórias de vidas passadas;
- possíveis associações entre as características das alegadas memórias e saúde mental, felicidade e R/E;
- conteúdos das alegadas memórias e de sua influência na vida dos participantes/famílias.

3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, MATERIAL E MÉTODOS

Apresentamos, abaixo, as considerações éticas, materiais e métodos da pesquisa.

3.1 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A utilização destes dados está de acordo com as normas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos e recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UFJF sob o CAAE nº. 96370618.3.0000.5147, Parecer 3.233.448 (APÊNDICE A).

Esta pesquisa tem o apoio financeiro da Fundação Bial, de Portugal, através do *Grant* nº89/18.

3.2 DESENHO DO ESTUDO

O delineamento do estudo é transversal, exploratório, de abordagem quanti-qualitativa. Trata-se de um inquérito em território nacional com adultos que alegam memórias de vidas passadas.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Definiram-se como critérios de inclusão indivíduos maiores de 18 anos, moradores do Brasil que alegassem memórias de vidas passadas estando estas, atualmente, ativas ou não.

Inicialmente, o único critério de exclusão era o de participantes que afirmassem não serem fluentes na língua portuguesa. Entretanto, por um fator externo, um segundo critério precisou ser

adotado: alguns formulários foram duplicados no envio, com registro automático de horário com diferença de poucos segundos. O terceiro critério de exclusão que precisou ser adotado foi o de perfis suspeitos de serem fraudulentos por utilização de nomes de personalidades históricas como identificação própria e dos pais, endereço físico que não correspondia a uma residência, vinculação religiosa que não correspondia a uma religião propriamente dita e relato jocoso de suposta memória.

3.4 INSTRUMENTOS E AMOSTRA

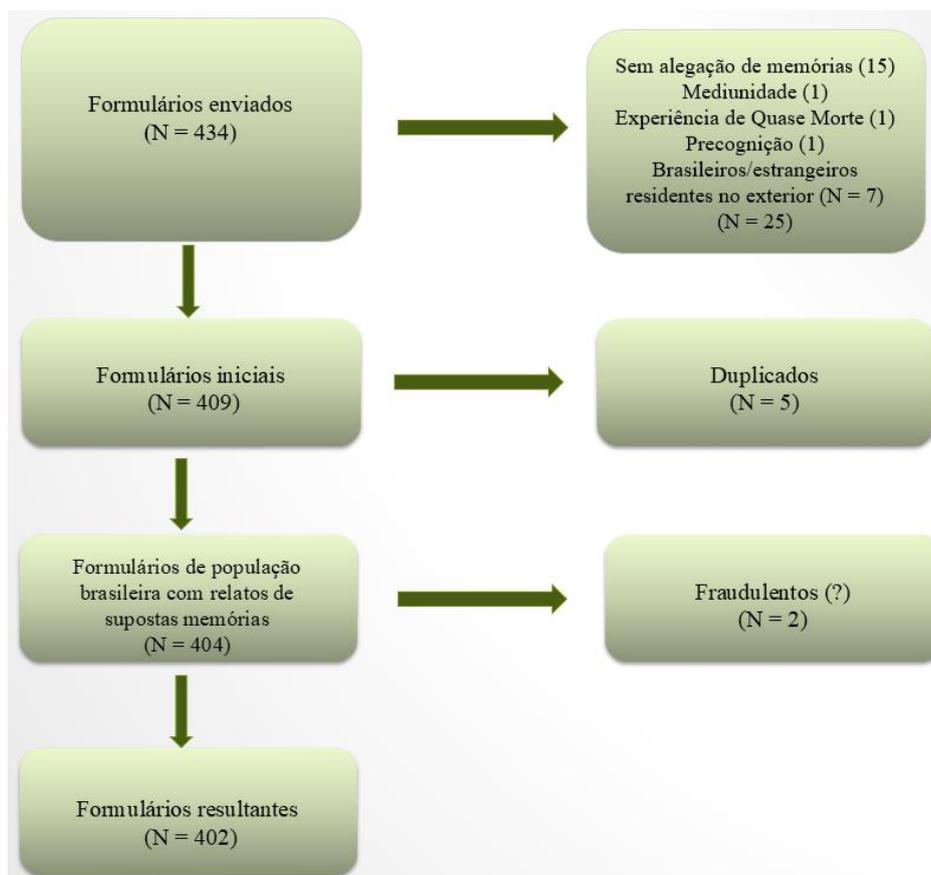
Para o recrutamento dos sujeitos, realizado entre março de 2019 e 2021, foi feita ampla divulgação na mídia, através de entrevistas e matérias em muitos dos principais meios de comunicação do Brasil. Por exemplo, no programa Encontro com Fátima Bernardes da TV Globo, artigos na Folha de São Paulo (o mais lido da seção Educação no dia 1º de junho de 2019), O Globo, O Tempo e o Rio Times. Muitos outros *site* replicaram o material publicado por esses canais de comunicação. A Federação Espírita Brasileira noticiou, bem como outras organizações religiosas. Foram utilizadas, também, as redes sociais, as redes de contato profissionais dos pesquisadores, palestras para a comunidade e apresentações em eventos científicos (APÊNDICE B).

Amostra por conveniência, sendo dispensado o cálculo de tamanho. Por se tratar do primeiro levantamento nacional acerca do tema, fez-se uma estimativa de participantes, baseada no banco de dados da Universidade da Virgínia (EUA). Em seis décadas, aquela universidade reuniu 2.500 casos de pessoas que alegam/alegaram memórias de vidas passadas na infância (TUCKER, 2007), uma média de 41,66 casos/ano. Em artigo sobre crianças do Sri Lanka, os autores mencionam terem encontrado, em uma população de 18 milhões de pessoas, cinco casos/ano (HARALDSSON et al., 2000).

Assim, em uma projeção otimista considerando a ampla divulgação realizada, esperava-se um número máximo de 150 participações, mas atenderam ao nosso chamado 429 pessoas. Não preencheram os critérios de inclusão 15 formulários de pessoas que não alegavam memórias de vidas passadas, um com relato de mediunidade, um de experiência de quase-morte, um de precognição, sete de brasileiros e estrangeiros residentes no exterior (Reino Unido, Irlanda do Norte, Argentina, Portugal e França).

Foram excluídos cinco formulários duplicados e dois suspeitos de serem fraudulentos, como explicado anteriormente. A amostra final da pesquisa é de 402 participantes (FIGURA 11).

Figura 11 – Fluxograma de seleção dos casos



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A pesquisa foi realizada *on-line*, hospedada no *site* do Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (NUPES) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), através de um Formulário *Google*[®], disponibilizado gratuitamente pela plataforma. O formulário permite a customização de perguntas, havendo diferentes possibilidades de respostas fechadas e abertas (APÊNDICE C).

Antes de preencher o formulário, os sujeitos concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, havendo a possibilidade de *download* do documento. Por se tratar de formulário tipo *Google*[®], não foi possível conhecer taxas de recusa.

O formulário inclui um questionário sobre alegadas memórias de vidas passadas e instrumentos para se conhecer os níveis de felicidade, R/E, para rastreamento de sintomas de estresse pós-traumático e de sintomas de transtornos mentais comuns, respectivamente: Escala de Felicidade Subjetiva, Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade BMMRS, Escala de Impacto do Evento Revisada IES-R e *Self-Report Psychiatric Screening Questionnaire -SRQ 20*.

3.4.1 QUESTIONÁRIO DE ALEGADAS MEMÓRIAS DE VIDAS PASSADAS

O questionário subdivide-se em: descrição livre das alegadas memórias, questões sociodemográficas e questões específicas sobre as memórias e espaço para comentários. As questões sobre as memórias foram baseadas no método de investigação de Stevenson (s.d.), nas características comuns aos casos sugestivos de reencarnação presentes na literatura, bem como em documentos da Divisão de Estudos Perceptuais, da Universidade da Virginia (EUA) (2000, 2003) compartilhados por seu diretor, o psiquiatra e pesquisador Jim Tucker. Como o principal investigador na atualidade de casos de crianças que alegam memórias de vidas passadas, o professor Tucker colaborou conosco, também, revisando o questionário. Realizaram-se, posteriormente, revisões de vocabulário e de estilo, de forma a facilitar sua compreensão por pessoas com escolaridade básica. A versão final é resultante de testes-piloto com colegas de pós-graduação e familiares da pesquisadora.

3.4.2 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram escolhidos por serem adaptados para população brasileira, além de amplamente utilizados em pesquisas que envolvem R/E e saúde. Importante ressaltar que a utilização das escalas de saúde mental (SRQ-20 e IES-R) não tem finalidade diagnóstica, mas sim de rastreio de sintomas.

3.4.2.1 ESCALA DE FELICIDADE SUBJETIVA

Desenvolvida por Lyubomirsky e Lepper (1999) e definida como uma avaliação subjetiva e global sobre se uma pessoa é feliz ou infeliz, a escala foi validada no Brasil por Damásio et al (2014) e possui quatro itens com o objetivo de conhecer o nível de felicidade subjetiva global do sujeito. Constituída de uma escala *likert* de 1 a 7, o resultado final é a soma de todos os itens dividido por 4, sendo que a última pergunta deve ser computada de modo reverso: “Algumas pessoas, de maneira geral, não são muito felizes. Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser. Em que medida essa caracterização descreve você? 1: Nem um pouco. 7: Muito”.

Para esta escala a autora não propõe um ponto de corte. Entretanto, para as regressões logísticas, foi realizada dicotomização com base na média da amostra (4,75) da seguinte forma: 0 =

$\leq 4,75$ e $1 \Rightarrow 4,75$. Assim, os participantes que estão no grupo 1 são aqueles com níveis mais altos de felicidade em nossa amostra.

3.4.2.2 *SELF-REPORT PSYCHIATRIC SCREENING QUESTIONNAIRE* – SRQ20

Escala desenvolvida com 24 itens para rastreamento de sintomas de transtornos mentais em pacientes da atenção primária de países em desenvolvimento, sendo os 20 primeiros para transtornos não-psicóticos e os últimos quatro para transtornos psicóticos (HARDING et al., 1980). No Brasil, a escala foi validada por Mari & Williams (1986), apenas com os 20 itens referentes aos transtornos não-psicóticos ou transtornos mentais comuns⁹, com ponto de corte para homens, 5/6 e mulheres, 7/8. O sujeito deve responder baseando-se nos últimos 30 dias e o resultado é a soma das respostas positivas, por exemplo: “Você tem dores de cabeça frequentes? Sim (1) e Não (0)”.

Por uma questão ética, incluímos a seguinte observação ao final do instrumento, referente à pergunta 17 “Tem tido ideia de acabar com a vida?”: “Se você marcou ‘Sim’ na pergunta 17 acima, sugerimos que procure ajuda de um profissional de sua confiança. Na rede pública: na Estratégia Saúde da Família (posto de saúde), no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), em ambulatórios de psicologia e/ou psiquiatria. No CVV (Centro de Valorização da Vida): telefone 188 ou acessando <https://www.cvv.org.br/chat/>”.

A dicotomização do resultado da escala foi: 0 = abaixo do ponto de corte; 1 = acima do ponto de corte. Aqueles participantes que pontuaram acima do ponto de corte apresentam maior probabilidade de sintomas de transtornos mentais comuns.

3.4.2.3 ESCALA IMPACTO DO EVENTO REVISADA IES-R

A escala foi desenvolvida com 15 itens, por Horowitz et al. (1979) com o objetivo de avaliar estresse subjetivo atual¹⁰ relacionado a qualquer evento da vida. Traduzida para o português

⁹ Transtornos mentais comuns são um grupo de estados de angústia manifestados com ansiedade, depressão, sintomas somáticos inexplicáveis, tipicamente encontrados na comunidade e no âmbito da atenção primária (GOLDBERG; HUXLEY, 1992)

¹⁰ Apesar de ter sido desenvolvida antes da introdução do diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático pela Associação Americana de Psiquiatria, a escala foi rapidamente adotada por pesquisadores da área e, nos anos seguintes, se tornou um dos instrumentos do tipo auto relato mais utilizados para avaliar reações de estresse pós-traumático (JOSEPH, 2000, p.101).

e adaptada, inicialmente, por Oliveira e Silva et al. (2010) e, posteriormente, por Caiuby et al. (2012). A escala revisada inclui mais sete itens referentes à hiperestimulação. O sujeito deve responder às questões baseando-se nos últimos sete dias anteriores à aplicação, indicando qual o evento estressante vivido: “Qualquer lembrança trazia de volta os sentimentos sobre a situação. Nem um pouco (0), Um pouco (1), Moderadamente (2), Muito (3) e Extremamente (4)”. Com 3 subescalas (evitação, intrusão e hiperestimulação), o escore total é a soma das médias de cada subescala, com ponto de corte 5,6.

O cabeçalho original do instrumento é: “Listamos abaixo as dificuldades que as pessoas algumas vezes apresentam, após passar por eventos estressantes. Com relação às memórias do evento estressor _____, por favor, leia cada item abaixo e depois marque com um X a coluna que melhor corresponde a seu nível de estresse, nos últimos 7 dias”. Para este estudo, incluiu-se a seguinte observação no cabeçalho: “Nesta questão considere também, como evento estressante, as memórias de situações ocorridas durante a suposta vida passada relatada por você, tais como acidentes, doenças, situações de violência, morte, etc. ATENÇÃO: o estresse, aqui, se refere a situações traumáticas e não ao estresse do dia a dia. Se você viveu algum evento estressante, pode escolher qualquer resposta, mas, se não houve evento estressante, marque ‘Nem um pouco’ em todas as questões.” Para melhor identificar o que o sujeito considerou ao responder o instrumento, a pergunta que seguia era: “Para responder esse instrumento, você levou em conta as memórias de situações que aconteceram em sua suposta vida passada como sendo eventos traumáticos/estressantes? 1) Sim e levei em conta apenas as memórias. 2) Sim, levei em conta as memórias e, também, situações da vida atual. 3) Não, levei em conta apenas situações da vida atual. 4) Na verdade, não teve evento estressante, por isso marquei ‘Nem um pouco’ em todas as respostas.”

A dicotomização do resultado da escala para a regressão logística foi: 0 = abaixo do ponto de corte; 1 = acima do ponto de corte. A média acima do ponto de corte indica probabilidade maior de sintomas de estresse subjetivo relacionado a características particulares de eventos da vida.

3.4.2.4 MEDIDA MULTIDIMENSIONAL BREVE DE RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE BMMRS

Fruto de uma iniciativa do Instituto Fetzer (1999), a escala possui 11 dimensões que visam a conhecer os níveis de R/E dos respondentes: experiências espirituais diárias, valores/crenças, perdão, práticas religiosas particulares, superação religiosa e espiritual, suporte religioso, história religiosa/espiritual, comprometimento, religiosidade organizacional, preferência religiosa e

autoavaliação global. Traduzida para o português e adaptada para o Brasil por Miarelli (2011) e validada por Curcio (2015).

Quanto menor a pontuação em uma dimensão, mais alto é o nível de R/E. As dimensões devem ser analisadas em separado, o que torna possível utilizar apenas as de interesse do pesquisador.

Para esta escala não há ponto de corte e, a fim de realizar as regressões logísticas, criou-se uma dicotomização das dimensões da escala com o seguinte processo:

1) as respostas foram divididas em dois grupos, o primeiro composto pelas alternativas de respostas que indicam níveis mais altos de R/E e, o segundo, composto pelas alternativas que indicam níveis medianos ou baixos;

2) somaram-se os maiores valores possíveis das respostas referentes a cada grupo;

3) estes dois valores foram as referências para dicotomização, como um ponto de corte.

Abaixo, quadro ilustrativo do processo referente às duas primeiras dimensões da escala: experiências espirituais diárias e valores/crenças (FIGURA 12):

Figura 12 – Exemplo de processo de dicotomização das dimensões da BMMRS

Dimensão Experiências Espirituais Diárias						
1. Sinto a presença de Deus	2. Encontro força e conforto na minha religião.	3. Sinto profunda paz interior ou harmonia.	4. Desejo estar próximo ou em união com Deus.	5. Sinto o amor de Deus por mim, diretamente ou por meio dos outros.	6. Sou espiritualmente tocado pela beleza da criação.	Valor máximo possível e (dicotomização para regressão)
1. Muitas vezes ao dia. 2. Todos os dias.						12 ≤ 12 (1)
3. A maior parte dos dias. 4. Alguns dias. 5. De vez em quando 6. Nunca ou quase nunca.						36 > 12 (0)
Dimensão Valores/Crenças						
7. Creio em um Deus que cuida de mim.				8. Sinto uma grande responsabilidade em reduzir a dor e o sofrimento do mundo.		Valor máximo possível e (dicotomização para regressão)
1. Concordo totalmente. 2. Concordo.						4 ≤ 4 (1)
3. Discordo. 4. Discordo totalmente.						8 > 4 (0)

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

3.4.3 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Os dados sociodemográficos coletados foram nome, sexo, identidade de gênero, raça/etnia, data de nascimento, se gêmeo, naturalidade e nacionalidade (se estrangeiro, fluência na língua portuguesa), nome dos pais, escolaridade, profissão, ocupação, renda, composição familiar, endereço, telefone, número *Whatsapp*, *e-mail*, *Facebook*, melhor maneira de ser contatado.

As perguntas acerca de identidade de gênero e gemelaridade se deveram a estas serem características estudadas em crianças que alegam memórias de vidas passadas.

Foram solicitados números de documentos de modo opcional, na tentativa de desestimular perfis fraudulentos.

3.4.4 DADOS DE RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE

Perguntou-se sobre qual a R/E dos participantes; interesse/frequência em outro tipo de religião e qual.

Acerca das crenças: 1) na existência de algo para além da matéria e o que seria, 2) na permanência de algo após a morte do corpo físico e o que permaneceria, 3) em reencarnação.

3.4.5 DADOS DE SAÚDE

Solicitou-se autoavaliação do estado geral atual de saúde como “Muito bom”, “Bom”, “Regular”, “Ruim” e “Muito Ruim”.

3.4.6 QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS

Acerca das alegadas memórias, além do livre relato, havia questões específicas que incluíram idade e modo da primeira manifestação das memórias e se:

- o sujeito lembrava de ter falado sobre as memórias na infância ou se foi informado desse fato por alguma testemunha;
- houve pesquisa acerca das suas memórias, como foi realizada e os achados;
- houve contato com a suposta família anterior e se o contato se mantém (se sim, com quem e como é a relação atualmente, se não, por qual motivo);
- houve divulgação do caso pela mídia, quando e por qual meio de comunicação, a existência e propriedade atual de cópia deste material.

Questionou-se a presença de:

- marcas/defeitos congênitos;
- habilidade/talento não aprendido;
- habilidade/talento aprendido.

Manifestação de:

- fobia/medo inexplicável na infância, tipo e persistência;
- filia (desejo incomum) na infância;
- das memórias durante brincadeiras na infância.

Para as variáveis relacionadas à “presença” e/ou “manifestação”, pediu-se uma descrição, perguntou-se sobre a crença na relação dessas com a SVP e o motivo. Questionou-se, também, se as memórias influenciaram a vida do sujeito/família e, se positivo, de que maneira. Ao final, perguntou-se se o sujeito gostaria de acrescentar algum comentário/informação.

Com relação à idade da manifestação das alegadas memórias, em função de alguns sujeitos não conseguirem indicá-la, criou-se uma nova variável: “fase da vida”. Assim, respostas como “*Quando criança*”, “*Desde o nascimento*”, “*Desde que me entendo por gente, sempre tive essas lembranças*”, foram categorizadas como “infância”, além da idade de 0-11 anos. As demais categorias foram “adolescência” (12-18 anos) e “adulta” (18 anos ou mais).

Todo o questionário está no APÊNDICE C.

4 ANÁLISE DOS DADOS

As respostas dos formulários válidos foram exportadas através de uma planilha Excel, onde foram realizadas as categorizações pela pesquisadora e por um bolsista de iniciação científica. Os resultados foram comparados, inicialmente, pelo percentual de frequência das variáveis categóricas e pela soma das variáveis numéricas resultantes das somas das respostas dos instrumentos. As divergências encontradas nos resultados das frequências e dos somatórios foram verificadas por cada um em separado, corrigidas e os resultados comparados novamente.

Para as variáveis descritas em frequências absolutas utilizaram-se medidas de variabilidade (desvio padrão e intervalo de confiança) e, para as contínuas, a média. A aderência à normalidade da distribuição dos dados foi avaliada pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov* com o objetivo de determinar qual tipo de estatística deveria ser usada: paramétrica ou não paramétrica.

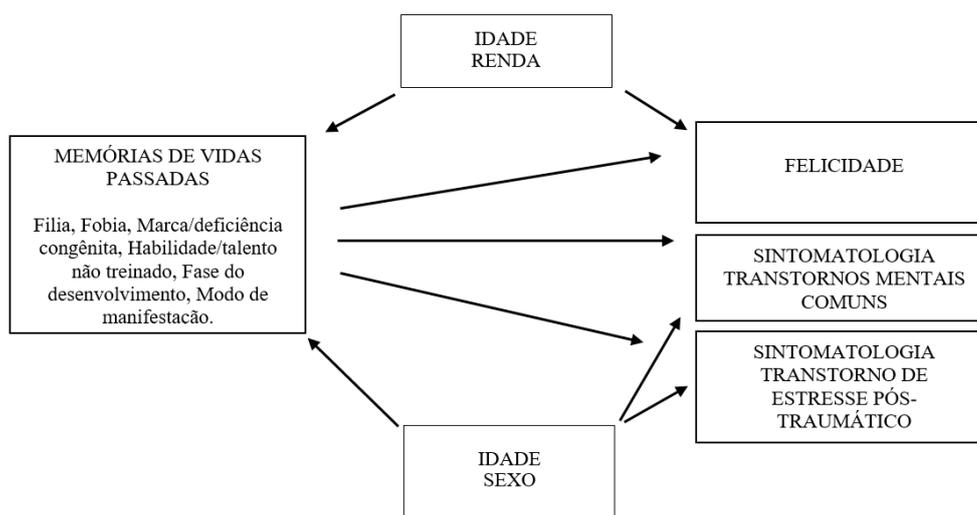
Para comparar as diferenças entre as proporções para os desfechos estudados em amostras independentes foi realizado o teste de Qui Quadrado de Pearson (sem correção) ou teste exato de Fisher (quando apropriado).

Em relação às médias, quando utilizados os valores contínuos das escalas, realizou-se um teste t independente para comparação dos dois grupos de modo de manifestação das memórias (espontâneo e não-espontâneo). Para comparações entre os três grupos de fase da vida da manifestação das memórias (infância, adolescência e adulta) foi utilizada análise de variância de um fator (*One-way* Anova). Para comparações múltiplas dos resultados das escalas entre os diferentes grupos foi utilizado o procedimento *post hoc* de Bonferroni.

Foi escolhido o modelo de regressão logística para dados univariados e multivariados. Este modelo nos possibilitou estimar os efeitos de associação entre as variáveis preditoras (características típicas de alegadas memórias de vidas passadas) e desfechos (níveis de R/E, felicidade e sintomas psiquiátricos) para os Casos Sugestivos de Reencarnação na população brasileira através da estimação da razão de chances (*Odds Ratio - OR*).

As regressões multivariadas foram realizadas a partir do modelo conceitual abaixo (FIGURA 13). As variáveis preditoras foram as características típicas dos Casos Sugestivos de Reencarnação descritas na literatura (filia e fobia na infância, marca/defeito congênito, habilidade/talento não treinado), assim como outras duas variáveis de interesse nos casos de adultos (modo e fase do desenvolvimento da manifestação das memórias). Os desfechos foram as variáveis de R/E (dimensões da escala BMMRS), felicidade e saúde mental (sintomas de transtornos mentais comuns e de Transtorno de Estresse Pós-Traumático). Idade, sexo e renda foram controlados como possíveis variáveis de confusão.

Figura 13 – Modelo Conceitual das Regressões Logísticas Multivariadas



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O nível de significância para todas as análises foi de alfa $\leq 0,05$ ou IC de 95%.

As análises foram realizadas no STATA 15 (*Data Analysis and Statistical Software College Station, Texas, EUA*) e no software *The R Project for Statistical Computing* versão 4.2.0.

Para a análise dos dados qualitativos, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin, definida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos, e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p.31).

Este conjunto de técnicas é utilizado pelo analista que, à semelhança do arqueólogo, trabalha com “vestígios” (BARDIN, 1979, p. 32) que são os documentos que se quer analisar. Documentos podem ser naturais (que se produzem espontaneamente como a comunicação) e os que surgem a partir de necessidades de estudos (como o questionário utilizado em nossa pesquisa). O trabalho do analista é manipular as mensagens para inferir sobre o emissor ou o meio utilizado, por exemplo, e dois tipos de problemas podem ser respondidos: 1) sobre as causas ou antecedentes da mensagem; 2) sobre os possíveis efeitos da mensagem. Consequentemente, pode-se inferir a partir do emissor ou do receptor. O que o analista procura estabelecer “é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo:

condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados” (BARDIN, 1979, p.41). Em nossa pesquisa, interessam-nos o emissor e o estabelecimento da correspondência entre as estruturas semânticas e psicológicas.

Em relação ao método, a análise de conteúdo prevê três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Durante a pré-análise, o objetivo é a organização do material, realizando uma leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação de hipóteses (quando aplicável), de objetivos e elaboração de indicadores. Na exploração, deve-se codificar, ou seja, “transformar os dados brutos em unidades que permitam uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo” (BARDIN, p.103-104).

A codificação implica em recortar e enumerar, escolhendo as unidades de registro e as regras de contagem. Uma unidade de registro é entendida como aquela que será codificada e que corresponde ao segmento de conteúdo que deve ser considerado como basal para a futura categorização e contagem frequencial. Escolhemos o tema como unidade de registro, pois que “é geralmente utilizado [...] para estudar motivações de opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências” (BARDIN, 1979, p.106). A unidade de registro torna-se mais compreensível quando se explicita a unidade de contexto. Em nossa pesquisa, consideramos o contexto como o tempo e/ou local geográfico apontado pelos participantes ao narrarem suas alegadas memórias. A regra de enumeração utilizada foi a frequência por ocorrência.

A partir dos resultados das duas primeiras etapas realizam-se o tratamento, inferência e interpretação dos dados. O tratamento consiste na categorização do material, que pressupõe a classificação dos elementos do conjunto por diferenciação e, posteriormente, o reagrupamento segundo o gênero. As categorias são rubricas ou classes que agrupam as unidades de registro de acordo com as qualidades em comum sob um título genérico. Existem características que nos permitem reconhecer um bom conjunto de categorias. Elas pressupõem a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e a fidelidade, a produtividade. Assim, espera-se que: 1) um elemento não possa ser classificado em mais de uma categoria; 2) um único princípio de classificação governe a organização de uma categoria; 3) o sistema de categorias reflita as intenções da pesquisa; 4) a escolha e definição das categorias devem ser bem estabelecidas visando a eliminar distorções da subjetividade dos codificadores e variação dos juízos; 5) os resultados produzidos devem ser férteis em inferências, hipóteses novas e dados exatos (BARDIN, 1979). Nossa categorização foi semântica, o que nos permitiu conhecer os núcleos centrais comuns às alegadas memórias da população brasileira. Ainda na terceira etapa da análise de conteúdo, a inferência é

considerada uma “interpretação controlada” a partir de seus “pólos de atracção” (BARDIN, 1979, p.133): o emissor, o receptor e a mensagem. Um indivíduo ou um grupo podem ser considerados o emissor que, hipoteticamente, é representado por sua mensagem. O receptor pode ser um indivíduo ou grupo, mas também, uma massa de indivíduos a quem a mensagem é dirigida e sobre a qual ela age ou se adapta. A mensagem, obviamente, sempre será objeto da análise de conteúdo a partir de diferentes planos: o código, a significação ou o médium. O primeiro é considerado um indicador de realidades subjacentes como, por exemplo, as palavras escolhidas, o comprimento das frases, as figuras de retórica. A significação da mensagem pode ser conhecida através dos temas, assuntos, conteúdo de um discurso. O médium é considerado o canal, o instrumento, o suporte material do código, como a televisão ou uma pessoa que discursa, por exemplo. Nosso polo de atracção foi o emissor, aquele que descreveu suas alegadas memórias.

A autora trabalhou em conjunto com alunas de Iniciação Científica por ela treinadas para o método de análise de conteúdo de Bardin: uma auxiliando com as narrativas das memórias propriamente ditas e, outra, na influência que as memórias tiveram nas vidas dos participantes e suas famílias. Na pré-análise, considerou-se o material já organizado, uma vez que ele é disponibilizado em planilha de Excel pelo Formulário Google[®], conforme explicado anteriormente. A leitura flutuante a fim de se constituir o *corpus*¹¹ de análise foi realizada individualmente pela autora e por uma aluna de IC, no caso das memórias. Foram seguidas as regras indicadas por Bardin (1979): exaustividade, completada pela não-seletividade; representatividade, homogeneidade e pertinência. Assim, todos os relatos foram lidos, todos foram inicialmente considerados como representativos (sem amostragem), todos eram homogêneos por se referirem a memórias e por terem sido obtidos pela mesma técnica e eram adequados ao objetivo da análise. Após a primeira leitura, os relatos receberam as designações “SIM”, “NÃO”, “DÚVIDA”; referindo-se à sua continuidade ou não no *corpus* a ser analisado. Posteriormente, foram realizadas reuniões para se conhecer os trabalhos individuais e, finalmente, a pesquisadora reviu o material diversas vezes e decidiu, sozinha, pela constituição final do *corpus*. Um critério importante nesta fase do trabalho foi a separação entre a descrição do fenômeno e sentimentos/sensações e/ou a interpretação trazida pelo sujeito. Não foram formuladas hipóteses durante a pré-análise por se tratar de um estudo exploratório. No caso das influências das memórias, todas as narrativas constituíram o *corpus*.

¹¹ *Corpus* é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos (Bardin, 1979, p.97).

Na fase da exploração das memórias, continuou-se com o mesmo método de trabalho individual e reuniões para a discussão dos resultados. O recorte do material se deu, inicialmente, destacando-se as diferentes unidades de registro e de contexto que um mesmo relato poderia trazer, indicando-os entre parêntesis logo após os destaques. Após as reuniões de discussão, a pesquisadora reviu todos os documentos e realizou, sozinha, os recortes e codificação finais. Na exploração das influências das memórias, a pesquisadora iniciou o processo fazendo a codificação inicial como “POSITIVA”, “NEGATIVA”, “SEM ADJETIVAÇÃO”. Criaram-se três diferentes documentos já com os recortes para que a bolsista trabalhasse as unidades de registro iniciais. A pesquisadora trabalhou, sozinha, as unidades de registro e de contexto finais.

Na terceira fase, a pesquisadora trabalhou sozinha na categorização das memórias, contagem de frequência, inferência e interpretação dos resultados. Nas influências das memórias, a bolsista trabalhou a categorização inicial e a pesquisadora, a categorização final, frequência, inferência e interpretação dos resultados. Após a apresentação de cada excerto, apresenta-se o sexo (M masculino, F feminino) e idade de cada participante entre parêntesis.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ALEGADAS MEMÓRIAS E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DOS SUJEITOS E/OU SUAS FAMÍLIAS

Dos 402 formulários enviados são apresentados 279 excertos de relatos. Há participantes que não localizam suas memórias em um tempo e/ou espaço geográfico específicos; há os que cogitam e há os que afirmam categoricamente datas e locais. Na figura 14 estão representadas as nações e a região da Grã-Bretanha, mencionados pelos participantes como contextos de suas alegadas memórias:

Figura 14 – Bandeiras das nações e da região da Grã-Bretanha, mencionados como contextos das alegadas memórias



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

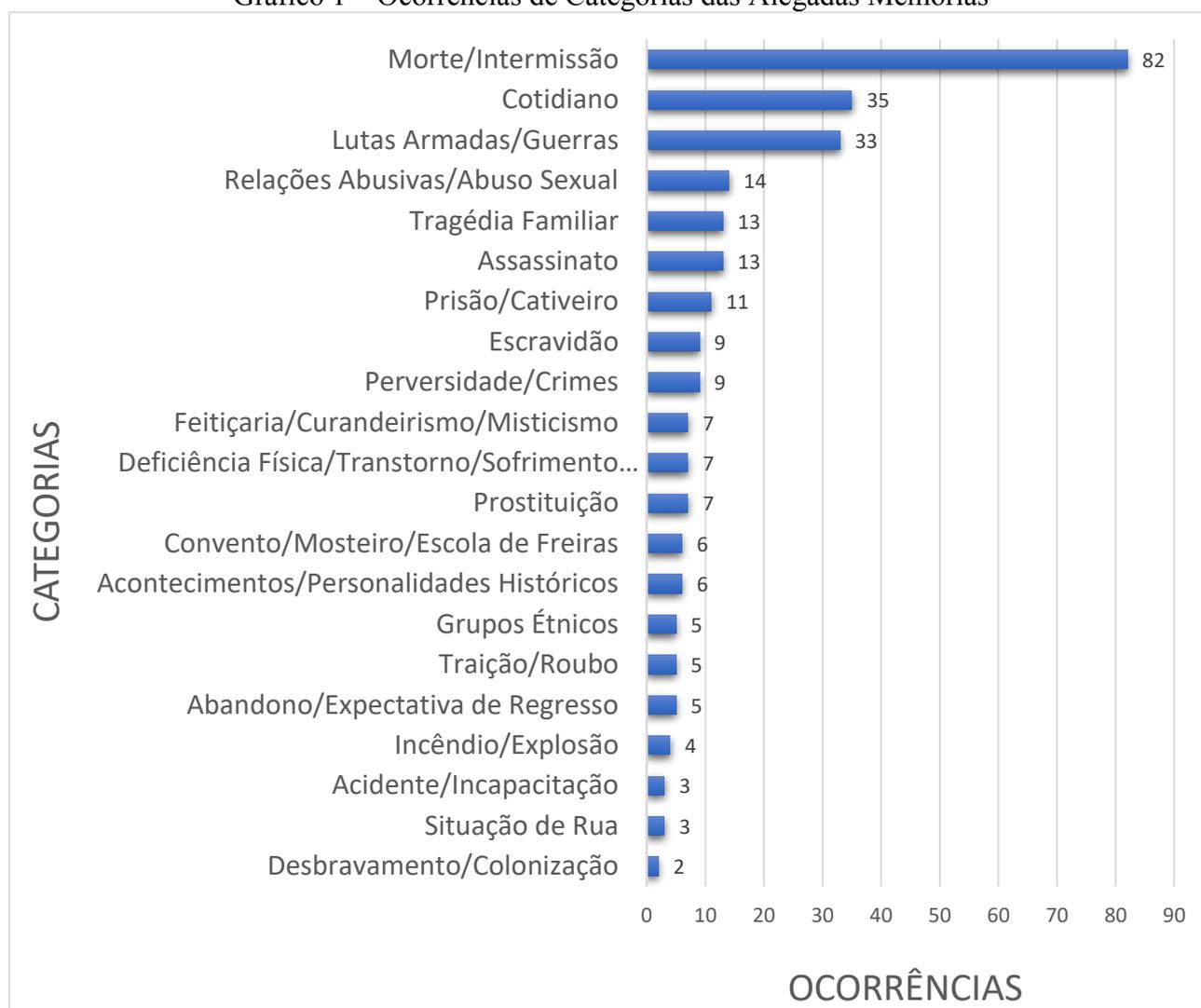
Em relação aos contextos históricos, chamam a atenção aqueles que remetem à Pré-História, a períodos antes de Cristo como a Grécia Antiga, aos tempos de Cristo, à Idade Média, aos séculos XVI a XX. Não é de nosso conhecimento relatos referentes a tempos tão antigos¹², o que poderia indicar períodos de intermissão extremamente longos, contrastando demasiadamente com o período médio de 16 meses encontrado no caso de crianças (TUCKER, 2008). Aventamos a hipótese de que os casos provenientes de hipnose ou terapias de regressão poderiam, de alguma forma, estimular as supostas memórias mais antigas em contraposição com os casos espontâneos de crianças. Todavia, somados nossos casos não-espontâneos com aqueles em que os participantes não se lembram de como se deu a primeira manifestação das alegadas memórias, temos apenas 17,7% da amostra. Essa característica de longos períodos de intermissão faz com que nossos dados se

¹² Referimo-nos a publicações acadêmicas.

aproximem das afirmativas de Matlock (2020) acerca de 17 casos brasileiros de crianças estudados por Stevenson e Andrade. Ele encontrou período médio de intermissão de cinco anos em casos com alguma conexão entre as famílias, de seis anos em 11 casos considerados resolvidos e de 25 anos entre os casos não-resolvidos. Neste mesmo inventário, o autor menciona a alta percentagem de casos internacionais, com cinco dos seis não-resolvidos sendo de memórias da Europa, o que classifica como a “mais incomum característica dos casos brasileiros” (MATLOCK, 2020, p.2). Nossa amostra cita diferentes países e regiões, com a Europa e o Brasil como os contextos mais indicados.

As alegadas memórias foram agrupadas em 21 categorias. A de maior frequência é “Morte/Intermissão”, em seguida, temos “Cotidiano”, “Lutas Armadas/Guerras”, “Relações Abusivas/Abuso Sexual”, “Tragédia Familiar”, “Assassinato”, “Prisão/Cativeiro”, “Escravidão”, “Perversidade/Crimes”, “Feitiçaria/Curandeirismo/Misticismo”, “Deficiência Física/Transtorno/Sufrimento Mental Intenso”, “Prostituição”, “Convento/Mosteiro/Escola de Freiras”, “Acontecimentos/Personalidades Históricas”, “Grupos Étnicos”, “Traição/Roubo”, “Abandono/Expectativa de Regresso”, “Incêndio/Explosão”, “Acidente/Incapacitação”, “Situação de Rua” e “Desbravamento/Colonização” (GRÁFICO 1).

Gráfico 1 – Ocorrências de Categorias das Alegadas Memórias



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quase a totalidade das categorias inclui situações ou estados de grande sofrimento. Supostas vidas que, muito provavelmente, não seriam escolhidas para serem lembradas caso houvesse essa alternativa e que diferem muito das ideias difundidas no senso comum de que pessoas que alegam se lembrar de vidas passadas teriam sido reis, rainhas, princesas... As narrativas vão de encontro, também, à hipótese de Matlock (2019) de que adultos estariam mais propensos a alegarem vidas de personalidades famosas. Na categoria “Acontecimentos/Personalidades Históricas” (com apenas seis ocorrências), embora dois participantes atribuam a si uma personalidade intimamente ligada a alguém

com algum tipo de fama (o pai de Ermance Dufaux¹³ e a companheira de Camille Flammarion¹⁴) e uma terceira se coloque como testemunha de fato relativo à Jesus Cristo, eles não se descrevem como figuras importantes para desfechos bem-sucedidos, por exemplo. A última sequer menciona uma identidade específica. O que a maior parte de nossos dados corrobora são os achados das pesquisas da Universidade da Virginia com crianças que, usualmente, se recordam de vidas comuns (TUCKER, 2008).

Quando os participantes afirmam ter ocupado posições ativas em suas memórias, elas são de suicidas, homicidas, prostitutas, criminosos, perversos... Aqueles que descrevem situações em que ocuparam posições passivas referem deficiências, abusos físicos e psicológicos, abandonos, maus-tratos, traição e assassinato. Os que se colocam como testemunhas narram diversas formas de morte, perdas e os horrores das guerras. Uma minoria traz relatos de paz, felicidade, triunfo ou qualquer tipo de sucesso. São bruxas/feiticeiras, militares/guerrilheiros, civis em lutas armadas, camponeses, ciganos, professores, médicos, enfermeiras, sacerdotes, freiras, prostitutas, pessoas escravizadas, em situação de rua, vendedora, bailarina, navegador, empregados domésticos, fazendeiros... Personagens - em grande parte - com relações conturbadas, nas quais sua ação ou de outrem leva a desfechos negativos, alguns catastróficos.

Nas relações familiares, revelam-se filhos e companheiros desconsiderados, traídos, abandonados. Pais intransigentes ordenando a morte de suas filhas, filhos maltratando/assassinando pais, mães que morrem de desgosto, crianças mortas ou órfãs em consequência de escolhas maternas. Nas relações interpessoais, o sobrepujamento de interesses que leva à escravização, tortura, roubos, violação. Nas relações amorosas, abusos psicológicos e sexuais, aprisionamento, abandono. Contextos sociais que envolvem violência e situações de penúria, com relatos da 2ª Guerra Mundial, que reiteram o que foi descrito por Matlock ao apresentar casos de crianças brasileiras entre os anos 1920 ao começo do século XXI (2020): “Este é outro caso dos vários brasileiros que sugerem morte na Europa durante a 1ª ou 2ª Guerra Mundial” (p.7). Vivências em instituições religiosas que, em sua maioria, foram utilizadas ou experimentadas como punição.

¹³ Pai de Ermance De La Jonchere Dufaux, nascida em 1841, na França, uma das principais médiuns a trabalhar com Allan Kardec (<https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Ermance-Dufaux.pdf>).

¹⁴ O francês Nicolas Camille Flammarion nasceu na França, em 26 de fevereiro de 1842. Foi pesquisador da área psíquica e espírita, astrônomo e divulgador científico. (<https://www.febnet.org.br/portal/2020/06/03/fatos-e-personalidades-95-anos-de-desencarnacao-de-camille-flammarion/>)

Na saúde, estados de fragilidade e incapacitação. Memórias de mortes que revelam, majoritariamente, intenso sofrimento em decorrência de terem sido assassinados ou de terem tentando encontrar algum alívio através do suicídio – em vão – já que a experiência imediata pós-suicídio é de revivescimento ininterrupto do ato e estados correlatos à aprisionamento. Andrade (2016) descreve memórias de uma criança que, aos três ou quatro anos, chorava muito ao mencionar o suicídio em suposta vida anterior:

Sabe do que eu estou me lembrando? Por quê eu fui fazer o que fiz? Eu contei à Juraci e disse que se ela falasse eu ficaria de mal com ela. Se eu tivesse conversado com o pai, não teria feito o que fiz! [...] Eu bebi daquela água vermelha. [...] O que eu mais me arrependo é de não ter contado para a senhora o que eu ia fazer; o que eu ia beber. Eu contei para a Juraci, mas para a senhora eu não tive coragem de contar que eu ia me suicidar (ANDRADE, 2016, p.124-125).

Relatos de mortes violentas foram mencionadas por crianças em quase todas as culturas pesquisadas (STEVENSON, 1977). Em artigo de revisão, Tucker (2008) aponta 70% de relatos de mortes de modo não natural, usualmente recentes, o que pode estar associado tanto com a transferência das memórias de vidas passadas para a atual, por meio de mecanismos ainda não conhecidos, quanto com um processo pelo qual a criança desenvolve a ilusão de ter tido uma vida passada. Na hipótese de as memórias serem genuínas, os casos sugeririam que as mortes não naturais aumentariam as chances de retorno rápido com memórias ainda intactas. A categoria “Morte/Intermissão” é a primeira em frequência em nossa amostra e difere de estudo com adultos libaneses no qual a forma de morte foi a segunda memória mais persistente desde a infância (HARALDSSON; ABU-IZEDDIN, 2012). O período de intermissão corresponde a 14,7% dos relatos, sendo que, usualmente, o número desses relatos é pequeno, com exceção dos casos da Birmânia (atual Myanmar) e Tailândia (STEVENSON, 1974b). Sharma & Tucker (2004) identificaram 276 relatos de intermissão em 1.200 casos (23%) provenientes do Canadá, Estados Unidos, Índia, Líbano, Sri Lanka e Turquia, “codificados em quatro categorias que incluem o funeral, memórias de outros eventos terrestres, da existência em alguma outra região/esfera, e as memórias da concepção ou do renascimento” (p.102). Analisando 35 casos de Myanmar, os autores apontam alguns temas recorrentes, eventos e cronologias que permitiram a proposta de caracterização do período de intermissão em três estágios: 1) transicional, 2) estável e 3) retorno, embora salientem que, não necessariamente, um mesmo relato inclui todos eles (SHARMA; TUCKER, 2004). Nossa amostra traz relatos que correspondem às características de cada um dos três estágios e outros

distintos, que podem se dever à tradição cultural ou religiosa da atual personalidade, conforme encontrou Stevenson (1974b).

No primeiro estágio proposto por Sharma & Tucker (2004) - o transicional - o sujeito pode relatar ter visto a preparação do corpo ou o funeral: “[...] *era como um fantasma, pairando sobre a sala da fazenda. Eu estava morta e provavelmente sendo velada em alguma sala anexa.* ” (M54); “[...] *me vi vestida de branco em um caixão pequeno*” (M54). Ao final deste estágio, o sujeito pode relatar ter sido dirigido por um ancião para um local onde ele passa a maior parte da experiência: “[...] *meu avô dessa vida atual [...] me ajudar a voltar para o plano espiritual.* ” (M21). Conforme mencionado, há relatos que trazem presenças diversas: “[...] *vieram uma equipe e levaram para o plano astral...*” (H45); “[...] *um menino, aparentando uns cinco anos, veio me buscar.* ” (H48).

No estágio da estabilidade, o sujeito alega ter permanecido em um local em particular ou ter tido um cronograma ou tarefas que precisava cumprir: “[...] *me vi como se fosse em uma nuvem com várias pessoas de branco, falando sobre voltarmos para a Terra para continuar algum projeto*” (M21). Em nossa amostra há referências, também, a tratamentos: “[...] *Depois somos tratados no mundo espiritual.* ” (M37).

No último estágio - o retorno - na qual descrever-se-ia a escolha dos futuros pais ou a concepção, alguns participantes de nossa amostra relatam descrições sobre o suposto período intrauterino: “[...] *sentia que estava dentro da barriga de minha mãe.* ” (M33). Outros relatam o que seria o período imediatamente anterior a uma suposta volta à vida: “[...] *antecede meu nascimento. Lembro-me que alguém conversava comigo, e me dizia tudo o que iria acontecer comigo, como qual seria minha missão*” (M41).

Desta forma, nossa amostra reitera a característica conhecida na literatura de relatos de mortes violentas mas, com frequência superior quando comparada com memórias persistentes em adultos. Reitera, também, as características típicas de períodos de intermissão. Entretanto, não condiz com a hipótese de que as memórias de mortes não naturais estariam associadas a curtos intervalos entre as duas vidas, visto os contextos e períodos históricos trazidos por nossos participantes. Talvez, a segunda hipótese de Tucker (2008) de serem fantasias desenvolvidas pelas crianças pudesse ser aplicada aos casos de adultos. E, mais, é preciso lembrar que há um percentual de participantes (9,5%) que afirma ter se utilizado das chamadas terapias de vidas passadas, hipnose de regressão ou foram estimulados por perguntas; o que pode ter contribuído para a manifestação de supostas memórias traumáticas.

Por fim, a categoria “Cotidiano” é a que traz algumas narrativas em que se pode entrever

momentos de paz e felicidade. Em estudos com adultos cujas memórias infantis persistiram, as lembranças do que costumavam fazer e dos lugares onde teriam vivido foram a terceira e quarta mais frequentes (HARALDSSON, 2008; HARALDSSON; ABU-IZEDDIN, 2012).

5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS MEMÓRIAS

Na sequência, as 21 categorias com os contextos indicados ou cogitados pelos participantes e seus excertos de relatos.

5.1.1 Morte/Intermissão

Foram 82 ocorrências da categoria “Morte/Intermissão”, que inclui relatos nos quais o sujeito afirma se lembrar de sua suposta morte e/ou do que aconteceu após e/ou do suposto período antes do seu nascimento e relatos que seriam sobre a vida intrauterina. Dessas 82 ocorrências, 69 se referem à morte, sendo 36 por homicídio, 15 por suicídio, 11 de causas naturais, cinco por acidente e duas cujas causas não foram relatadas. Há 41 relatos que envolvem o período de intermissão, sendo 13 exclusivamente sobre ele. As unidades de contexto citadas nas narrativas foram o período antes de Cristo, a Idade Média e, especificamente, os séculos XVIII, XIX e XX. São citados a Alemanha, Andaluzia, Brasil, Espanha, França, Índia, Itália, Luxemburgo, Portugal e União Soviética. Alguns participantes suspeitam terem vivido na Idade Média, nos séculos XVIII, XX, no Brasil, Grã-Bretanha e Inglaterra. Note-se que alguns sujeitos se referem ao seu suposto eu anterior em terceira pessoa, o que não encontramos em outros estudos. Isto pode se dever a alegadas memórias manifestadas em sessões das denominadas terapias de regressão, hipnose ou nos casos de sonhos:

“Em total desespero, caminhei pelo litoral, subi um morro e, do alto de um penhasco, me joguei no mar...” (M55)

“Morri por conta de um tiro na cabeça...” (H40)

“[...]fui assassinado num período de desagregação social. [...] um bárbaro me matou. loiro com a barba comprida e trançada com tiras de couro. ele cravou uma lança na minha barriga.” (H48)

“Logo após ele me levava para o lado de fora, próximo a janela e me fuzilava...” (H36)

“[...] e fui queimada em uma fogueira.” (M55)

“[...]mas a sensação de abandono pelos familiares e amores fez com que o mesmo se atirasse da ponte do Rio Sena, nas proximidades da Catedral de Notre Dame.” (H37)

“[...] caminhando até a beira do cais e me lançava ao mar. Era noite. [...] Eu havia me suicidado.” (M37)

“[...]um jovem de 20 anos (soldado francês) ser morto por um russo com uma baioneta...” (M54)

“[...]ele me 'acusava' de traição ...algo assim. Até que suas duas mãos apertaram meu pescoço ...e foram apertando ...apertando [...] me asfixiando. Até eu não ter mais ar. Morri...” (M42)

“[...] fui sacrificado em uma atividade incomum, amarrado em um cavalo...” (H48)

“Sei que morri sozinha e demorei dias até me encontrarem, já em decomposição, e enterrarem na mesma propriedade.” (M37)

“[...]o homem que estava nos seguindo saiu do beco com uma cara sóbria de satisfação, e meu deu um facada no peito, mas mesmo com ele próximo a mim eu não consegui ver o rosto dele, só me lembro da satisfação dele, e o choque que eu senti ao receber a facada.” (M18)

“...me assassinou para tomar meu lugar na hierarquia e posses da família.” (M44)

“Me abordou e novamente o desprezei, disse que estava grávida e pedi que me deixasse em paz. Ele tirou um facão do casaco que usava, e me acertou na barriga. Desencarnei ali, com medo e sozinha” (M53)

“Eu era um homem, magro e de estatura média, jovem, por volta dos 20 anos de idade, aparentemente homossexual, estava numa passeata e em seguida, num beco, fui espancado por dois policiais fardados com cacetes pretos. Morri ali mesmo.” (M39)

“Devo ter morrido nos idos de 1944, era militar de alta patente e fui obrigado, pois era homem, a ingerir ácido como queima de arquivo.” (M38)

“Só lembro-me de ver chamas, cheiro de fumaça, calor... Fogo, muito fogo por todos os lados... Não pensei em tirar as crianças, nem em sair de lá. Em pânico, me debrucei sobre o teclado, porque só amava a música... (M55)

“Sou presa, julgada na rua, essa rua é como se fosse uma praça onde estão todos os aldeões participando. Falo a todos que sempre os ajudei curando seus males e agora me julgam e condenam a morrer na fogueira. Amaldiçoo a vila inteira. Sou condenada e morro queimada.” (M56)

“[...]uma fuga na qual todos fomos mortos, mas não me recordo a motivação da perseguição, nessa data fui queimada.” (M38)

“[...]me achava e me fuzilava.” (H36)

“[...]tive minha morte ao ganhar uma estocada de baioneta no lado esquerdo na altura das costelas, e morri na rua.” (H60)

“[...]morri na minha casa, na minha cama...” (H48)

“[...]eu morri com a queda de uma bomba nesse hospital...” (H44)

“Em uma manhã busquei um pedaço de cordas e me enforquei na árvore próxima a casa.” (M51)

“[...] falou para me matar. O capanga me metralhou e eu senti aquelas balas gigantes entrando no meu peito e o sangue saindo pela minha boca e eu sentindo dor e o gosto do sangue na boca e caí no chão.” (M40)

“Abortei e depois fiquei muito doente, por muito tempo na cama. A doença piorou, e [...] depois de um tempo morri, na cama, muito fraca.” (M44)

“[...]e acabo morto em combate.” (H54)

“[...]morri dentro de uma carruagem com ela e os filhos do meu lado.” (H40)

“[...]eu era jovem nazista morri com 13 anos numa bateria ante aerea, passaram primeiro 2 aviões por cima, nao acertei nenhum, no terceiro soltou uma bomba e me matou.” (H41)

“[...]num dia eu caminhando entre as árvores na beira do arroio meu irmão me matou pelas costas acertando meu coração em 1920. Então acabei na vida passada morrendo com uns vinte e poucos anos de vida.” (M23)

“O policial nos pega frente a um muro baixo, no quintal de outra casa. Ele pede para viramos. Ele dá um tiro em minha cabeça primeiro e na sequencia em meu esposo...” (M38)

“Morri de tristeza e inveja, feitiço e quebranto, na linguagem local. Me lembro da hora de minha morte, eu deitada no feno, muita febre, nova e magra, deixando para trás a dor de mais uma traição.” (M38)

“[...]morri junto com várias outras pessoas dentro de uma sala [...] estava apenas tentando me esconder.” (M35)

“Me levou o veneno de rato com o qual eu me suicidei.” (M60)

“[...]vivia com uma família rica em Portugal, estávamos em um navio, era uma criança encantadora, mas alguém me jogou da embarcação e eu morri afogada.” (M31)

“[...]eu subia numa torre bem alta, nesse mesmo lugar, e me jogava lá de cima, num precipício. Sempre, sempre...” (M46)

“Morri de doença e me vi vestida de branco em um caixão pequeno. Tinha entre 7 e 9 anos.” (M54)

“[...]eu era um índio e estava guerreando num campo aberto quando fui atingido por uma lança no peito. Cai no chão e subi rápido.” (H58)

“[...]eu velho, na minha casa, deitado, morrendo sem ar. Acho que foi uma parada respiratória. A luz veio de cima de mim e fui.” (M39)

“[...]eu suicidando em um hotel. Fiquei presa no cemitério, e eu o via quase todos os dias ele no meu tumulo, e logo ele também comete o suicídio. Depois somos tratados no mundo espiritual.” (M37)

“Meu desespero após o desencarne era relativo à preocupação com o bebê deixado no telhado.” (M38)

“[...]vi o momento do meu desencarne, depois me vi no plano espiritual recebendo tratamento.” (M40)

“[...]começava comigo morto. Ao chegar ao céu, alguém me mostrava como funcionava as reencarnações. [...] me era mostrado que após morrer, sempre que eu via que minha mãe tinha reencarnado, eu me fazia reencarnar para estar próximo a ela...” (H36)

“[...]só lembro do caixão, não queria deixar aquela existência, roupa de veludo vermelha, fiquei muitos anos em espírito abraçado com o corpo em putrefação, por não querer deixar aquela vida, tb lembro até hoje o cheiro ruim do corpo...” (H41)

“[...]me acertou uma flecha, me arrastei para o andar de baixo, onde esse dirigente, meu irmão, tb havia sido golpeado, morremos e saímos pela porta da frente em espírito, numa luz branca.” (M41)

“vi meu espírito logo após a morte. um menino, aparentando uns cinco anos, veio me buscar. me vi saindo da casa com o menino, mas parece que não prossegui, porque olhei para trás com apego a casa.” (H48)

“[...]de uma sensação que tive, sentia que estava dentro da barriga de minha mãe e levava um susto muito grande. Minha mãe comentou que foi um acidente de carro quando ela estava grávida de mim.” (M33)

“Me lembro de um lugar que era lindo, e perguntei para minha mãe quando fomos e onde era esse local, e ela me disse que eu não poderia me lembrar desse lugar, porque ela foi até esse lugar quando estava grávida de mim.” (M43)

“[...] uma sala com muitos livros [...] que era um lugar que gostava de ir, como um refúgio. Dessa vez os livros estavam sobre o chão. [...] senti um impulso, como se estivesse saltando. Uma agonia muito forte. Um aperto no pescoço. Foi ficando escuro. E eu pude afirmar que eu me

matei enforcada.” (M33)

“[...] eu era uma nobre que estava fugindo por dentro do castelo prestes a ser invadido pela população furiosa [...] A ideia era que nos matássemos antes de sermos pegos pela população. Cada um de nós pegou um punhal sendo que o dele tinha a ponta curva e o cabo cravejado de pedras preciosas. Juntos enterramos os punhais nas costas um do outro e morremos um sobre o outro.” (M50)

“[...] eu era um homem, era uma espécie de fiscal do governo, estava viajando de trem pelo interior de SP em busca de provas contra um homem [...] que havia enriquecido de maneira ilícita. [...] Cheguei nessa cidade de trem, peguei os documentos que queria e já ia partir quando uma amiga da minha família na época [...] me encontrou e insistiu muito para que eu fosse até a fazenda dela, insistiu demais, eu não queria, mas acabei indo em consideração à família dela. Chegando lá era uma cilada, o homem que eu estava investigando e reunindo provas estava lá me esperando. Ele e a esposa e a dona da Fazenda [...] Fui torturado, morto e esquartejado por eles” (M31)

“Fui condenada. Então, fui levada para uma sala de paredes muito sujas, tiraram minhas vestes, fiquei só de camisola branca, cortaram meus cabelos e me levaram numa carroça com grades de madeira. Enquanto a carroça passava pelas ruas, as pessoas gritavam chingamentos pra mim e me atiravam coisas. Quando eu cheguei no destino havia pessoas a minha espera. Subi numa plataforma como um zumbi, tudo tinha acabado, cortaram a minha cabeça.” (M33)

“[...] com certa idade andando por uma estradinha de chão acompanhado de dois capangas (sinto algo de estranho, mas minha extrema confiança me impede de qualquer atitude), um dos homens ficou para trás, eu para olho para trás recebo uma única facada na barriga; caio no chão e vejo me casa em chamas e grito: Manoel, seu desgraçado!” (H31)

“A inquisição chegou e eu foi, com uma mesma corda, amarrada nas mãos e pés até uma pedra grande e pesada. Não sei se era um lago ou um rio de água parada, só sei que estava muito gelada, meu peito doía e eu estava mas triste e com raiva do que em pânico. Me lembro de olhar pra cima pouco antes de morrer e ver o contorno redondo de uma luz mas minha visão estava tão embaçada que não sei se era o sol ou a lua.” (M23)

“Noite de chuva fria e intensa [...] Era casada e tínhamos dois filhos entre 10 (a menina) e 4 anos (o menino). Estávamos, eu e meu esposo, numa esquina com vista para a ponte embaixo de um poste de luz nos despedindo pois estava deixando-o. Ele, com olhar triste e eu chorando. As crianças com olhar assustado junto dele. Sabia que não deveria ir mas parecia que algo me chamava,

sentia-me seduzida. Não queria deixá-lo muito menos nossos filhos. Havia um peso. Passei a mão no rosto dele e olhei para as crianças enquanto chegava um carro preto. Entrei nele e lá estava um antigo namorado meu dirigindo e minha mãe sentada no banco de trás. Ela soltava gargalhadas e ele ria muito de satisfação. Eu somente olhava para trás tentando avistar quem deixei. Quando estávamos atravessando a ponte, em mais uma gargalhada deles, novamente olhei para trás, o motorista olhou para mim e atravessou a pista enquanto vinha outro carro na direção oposta. Ele tentou desviar mas caímos no rio. Tentei ajudar minha mãe, lembro que fiquei presa e olhava para a luz da superfície enquanto o carro afundava. Morri afogada.” (M45)

“[...] a experiência de estar sendo cremada em uma pira de madeira. Comecei sentindo calor e pontos espetando em meu corpo. Aos poucos, percebi que estava deitada - me pareceu que eu era um homem- sobre um cobertor que estava sobre uma pilha de madeira já acesa para queimar. Mulheres vestidas de branco vinham depositar flores aos meus pés. A cremação era perto da margem de um rio de cor água marinha leitosa, onde um grupo de homens executavam algum ritual. Lembro-me dos olhos grandes e castanhos de uma mulher que olhava com carinho meu rosto e não soube qual a sua relação comigo, se eu era seu filho, marido ou pai, mas foi possível sentir o amor que sentia pelo falecido. A margem do rio era de pedras muito branca, haviam árvores de jasmim manga, e pelos tecidos envoltos nas pessoas, era possível notar que era um lugar muito frio.” (M50)

“[...] homem cavaleiro cavalgando numa floresta escura cai numa armadilha onde cortam-lhe a cabeça e o enterram. [...] seu desespero enterrado, vendo sua cabeça, sentindo falta de ar, raiva, medo e não compreendendo que já estava morto, tentando sair daquela situação. Ele era na verdade eu...” (M57)

‘Lembro quando caí, e a sensação das facadas na região do abdôme. E lembro depois também, do que aconteceu, que foi toda minha vida passando na minha frente, e eu tinha uma "consciência de espectador", muito mais avançada que minha consciência enquanto "vivo". A DOR de ter vivido uma vida sem ser feliz, sem ter vivido "por mim", sem ter tido prazer foi superior a qualquer outra dor física ou emocional em vida. Me sentia "rasgado por dentro", a alma num pranto, num lamento muito profundo. Algo como: "o que você fez com sua vida?". Eu já sabia que estava morto, e a sensação do ponto final na última página do livro, onde nada mais podia ser alterado nem feito, e ter sido infeliz, acabou dando parte do meu "tom" nesta vida.’ (H42)

“[...] numa ponte, mãos sobre o gradil, de ferro, todo trabalhado, muito bonito. Estou com um vestido de saia bem rodada, botinhas com um pequeno salto, puxo levemente a saia levantando um pouco, e subo na grade e me joga no rio. [...] me vejo emergindo da água subindo

acima da superfície pairando um pouco nessa posição, não estou molhada, estou em forma fluidica. É noite, olho para a margem, está vazia, é crepúsculo, ao longe vejo as luzes da cidade e penso: Que bom que tenho uma casa, vou voltar para lá. No mesmo instante uma tristeza enorme me toma e digo: Não posso! Não tenho direito! Abaixo a cabeça e parto.” (M63)

‘[...] me matou com um tiro no peito, um tiro de uma "arma de bolso", um pequeno revólver que ele portava no bolso da casaca dele. [...] Só me lembro que era uma arma pequena. Eu vi ele tirando ela do bolso e atirando em mim. Eu morri ali, caída no chão. Eu tinha então 17 anos de idade. [...] E eu me lembro do que houve entre Montmartre e São Paulo. Não me lembro da espiritualidade, mas sim do tempo longo em que vaguei desencarnada e perdida em Montmartre e no Pigalle. E essas lembranças são horríveis e ainda me assustam.’ (M49)

“[...] estar correndo pela rua à noite, era uma rua de pedra e ela estava molhada por causa de uma chuva que estava tendo. Por causa das pedras molhadas escorreguei e cai no chão, senti uma batida forte na cabeça. Vi que aquela rapaz que gostava de mim, foi o responsável por isso. Eu fugia dele e ele com as duas mãos ergueu um enorme pedra solta no chão e me acertou. Não senti dor, me vi deitado em uma enorme sala, feito uma hospital, tudo era branco, as pessoas pareciam que tinha uma luz que brilhavam ao redor dela” (H32)

‘[...] optei por desertar da vida, tomando o cuidado de ocultar o suicídio, a fim de não arruinar a memória de minha família, algo que era muito valorizado àquele tempo, com o um ato de covardia. [...] atravessei o meu abdômen com uma espada curta, para em seguida lançar-me ao mar, jogando-me do alto de um monte, em direção às pedras que as ondas do mar chicoteavam. Senti o choque das pedras contra o meu corpo, senti os ossos se partirem, rasgando-me internamente. Arrependi-me e quis gritar, mas era tarde. Em poucos segundos as ondas tragaram-me para o fundo do oceano, e eu sentia o horror da agonia, indefinidamente, embora soubesse que já estava morto. Sentia-me cair do penhasco repetidamente, e afogava-me repetidamente, sem jamais realmente “morrer”.’ (M37)

“Eu era uma mulher que morreu jovem, me suicidei. [...] Eu era como um fantasma, pairando sobre a sala da fazenda. Eu estava morta e provavelmente sendo velada em alguma sala anexa. Nessa sala estavam apenas homens [...] Esses homens estavam muito tensos e nervosos, discutiam em voz baixa alguma coisa muito grave relacionada à minha morte. As cadeiras da sala, algumas com mais de um assento, eram de palhinha...” (M54)

“[...] Em uma noite, um dos seguranças ou aliado do governo o mata asfíxiado. Ele agoniza, mas logo após sua morte há um sentimento de que vai se fazer ouvido de alguma forma.

Não tem raiva de quem o matou, mas compreende que o governo tinha o seu lado de achar que estava correto. E ele também.” (M43)

“[...] Da minha virilha, lado direito escorria um filete de sangue quente e ardido. Fiquei um tempo colocando a mão em cima para ver se estancava. Em seguida comecei a ficar com frio e gelar os ossos. O soldados subiram nos cavalos e eu comecei a sair do corpo, vendo o de cima cada vez menor até surgir a terra.” (H58)

“[...] lembro que fizeram algo em minha cabeça , e me vi o alto , em um outro momento enquanto ela dizia meu amor me ajude , mas eu não conseguia mais ir até ela [...] eu já não estava mais presente sei que tinha morrido , pois eu a via de uns 4 metros de altura mais ou menos ela com as mãos para o alto me pedindo ajuda ,e não sei porque mas ela olhava em minha direção.” (H44)

“[...] eu me vi pairando acima de uma estrada de terra, à beira de um barranco, com uma carroça que havia se envolvido em um acidente. Eu lamentava para mim mesma ter morrido tão jovem e sentia pena. Ouvi mentalmente uma voz que me dizia que já era para eu estar acostumada com aquilo, pois eu já havia passado pelo processo de morrer muitas vezes. Voltei-me para olhar para meu interlocutor e vi várias pessoas amigas me esperando e fui com elas.” (M42)

“[...] sei que morri sozinha na floresta, e vi meu avô dessa vida atual [...] me ajudar a voltar para o plano espiritual. Quando morri, me vi como se fosse em uma nuvem com várias pessoas de branco, falando sobre voltarmos para a Terra para continuar algum projeto. Eu concordava, mas me sentia um pouco cética sobre o propósito daquilo tudo, porque no fundo não me sentia feliz e sentia falta do meu filho [...] Eu sentia que não havia demonstrado amor o suficiente para minha família, e isso me gerava muita culpa.” (M21)

“[...] em uma vala com muitos cadáveres, fiquei por baixo deles, eu estava viva, ferida, mas me fingi de morta para que não me vissem, foi então que fui jogada nessa vala, a lembrança de olhar nos olhos dos cadáveres parados e sem brilho, até que jogaram terra e fecharam. Acredito que morri ali, mas fiquei com os cadáveres frios e mal cheirosos por vários dias.” (M53)

“Eu estava dentro de um ônibus, minha filha estava junto ela era pequena naquela época, ela estava sentada na poltrona da janela. Na rua o lugar era parecido com minha cidade natal, X, tinha um mercado público é do outro lado tinha o mar. [...] O ônibus deu marcha ré e caiu no mar é foi afundando, a claridade foi diminuindo é eu olhei para minha filha é ela estava estática e eu falei: Vamos morrer...peguei a mão dela é fiz um movimento de subir é subimos em direção ao teto do Ônibus é vi uma luz muito forte.” (M60)

“Do teto do porão, em espirito, observo o corpo franzino naquela cama fétida. Não sinto

raiva, sinto-me triste mas em paz. No momento da morte, assumo o compromisso de ajudar esse homem quando me for permitido.” (M53)

“Morri sem sofrimento logo após saírem. Vi uma luz como se fosse um túnel. Lá, estava aquele jovem que morreu assassinado. Ele me aguardava e ficamos andando num local que parecia que tudo era uma neblina branca. Conversávamos. Tínhamos planos para a próxima vida, de ficarmos juntos. Não era mais triste lá. De repente, veio um ser muito alto e com muita luz, eu nem consegui ver o rosto dele, se é que tinha, e em pensamento veio a mensagem que eu tinha que me preparar para reencarnar. Conclusão que tive antes de reencarnar novamente: odeio o meu pai.” (M39)

“Eu entrei no mais profundo desespero e achei que ele mataria nossa filha. Então eu me suicidei, não sei como, pois eu tenho a memória após o desencarne, não do momento. Minha alma continuava presa no cativeito e eu gritava: não adiantou nada!! Eu continuo presa! Chorava pela minha bebezinha!!” (M31)

“[...] eu estava em um vale escuro çresas com cordas e era ele que me prendia. Acho que era o vale dos suicidas. Não sei que lugar era aquele, era horroroso e cheio de sofrimento. Quando as imagens vem a tona eu entro em desespero muito grande como se estivesse revivendo tudo novamente.” (M31)

“[...] O tempo passa e eu me vejo doente, numa cama. Não consigo mais levantar pra cuidar das rosas. Eu morri e e acordei do outro lado, onde outras freiras me ajudaram, me levaram para conhecer o lugar e me explicaram que eu tinha que estudar. Me vejo numa sala de aula, usando roupas brancas. Eu gosto de estudar. Eu continuo cuidando das rosas brancas e estudo botânica.” (M57)

“[...] adolescente. Seguia por esta estrada e ela fazia a volta em um morro. Quanto mais subia, mais íngreme ficava e em um certo momento descí da bicicleta e a carreguei em mãos. Chegando ao cume do morro, muito estreito, me desequilibrei e caí de lá. Minha morte foi muito clara e dolorosa, meu corpo debatia nas pedras ao cair da montanha até que eu, destroçada, cheguei morta à sua base. [...] meses se passavam sem ninguém me encontrar, sem que descobrissem onde eu estava, e meu espírito ficou vigiando o corpo por muito muito tempo.” (M18)

“[...] subindo, estava bem acima da cidade incendiada numa invasão bárbara, e senti que nada daquilo importava mais. depois [...] num jardim lindo, onde até as folhas brilhavam. havia pessoas ao redor, mas distingui somente vultos. o mais curioso é que um cachorro preto foi me receber...” (H48)

“Um dia, dormi um sono tão tranquilo que nunca tinha acontecido isso. Morri ali na praça e vieram uma equipe e levaram para o plano astral, lá eu dormi durante algum tempo para recompor meu cérebro, ele tava muito danificado. Depois que acordei, depois de longos tratamentos, melhorei e os Mentores começaram a me mostrar a última vida. Foi aí que vi o que tinha acontecido. Aquele homem que sempre ia cuidar de mim, que eu sentia uma paz muito grande na sua presença era meu filho mais velho naquela existência. Os outros três filhos foram adotados por viajantes que passaram lá naquela cidadezinha do interior para vender coisas e cada um deles, levaram um filho. O único que permaneceu ali, foi o filho mais velho, ninguém quis ele por ser grandinho. Mas era um amor tão grande que ele sentia pela mãe, cuidava com tanto zelo e dedicação. O pai dele, já em outra cidade, quando soube que a mulher tinha ficado louca, ele voltou com a mulher para ir cuidar dos filhos. No entanto, quando chegaram na cidadezinha não encontrou todos os filhos. Não sabiam para onde tinham ido, ficando apenas com o filho mais velho, só que o filho tinha grande revolta com o pai, pois o culpava por a mãe ter ficado daquela forma. O relacionamento dos três ficaram complicados. O casal, sentiam-se culpados quando via o filho na praça cuidando da mãe. Os Mentores orientaram que não necessitava eu ter ficado louca se tivesse cuidado dos filhos, focado em outras coisas. Os filhos ficaram necessitados do meu cuidado. Deixei de fazer o que realmente eu necessitava fazer. Eles explicaram que não era amor que eu sentia e sim obsessão. É necessário eu desenvolver mais o amor próprio e o amor pelo outro.” (M45)

“entrevida, eu estava no plano espiritual, perturbado, as negatividades de meus crimes passados passavam como se orbitando pelo meu ser, com gritos e imagens, tudo muito perturbador, então entrei num lugar abobadado, com uma piscina com névoa branca e líquido branco, quando entrei na piscina, tudo começou a ficar anestesiado, calmo, em paz, com uma sensação de reinício, de busca de uma nova oportunidade, para deixar aquela existência tensa e reiniciar algo novo melhor, com luz, com amor, ai reencarnei em alguma das vidas, n lembro qual...” (M41)

“Minha primeira lembrança, a mais primitiva de todas, não é comum. Lembro perfeitamente de ter meu corpo suspenso, como se eu estivesse sendo arrastada pelos pés e braços. Contudo, meu rosto ia virado para o chão. Não havia dor ou qualquer outro sentimento além de paz ou torpor. Lembro do chão repleto de folhas secas em diferentes tons: laranja, marrom, amareladas, em tons distintos de verde. Entre as folhas, eu podia ver a terra úmida e a luz do sol que se estendia picotada, pelo solo, vazando por entre os galhos das árvores. Essa memória me acompanha desde que nasci. Sei que estive naquele lugar, mas não sei se foi meu momento pré-desencarne.” (M29)

“[...] a minha primeira lembrança de vida. Deste mundo e de consciência é de um belo

mosteiro. Simples mas ainda belo. [...] Havia várias crianças dividindo um pequeno espaço comigo. [...] Eram muitas crianças, com roupas surradas. [...] Em frente à nós, um padre e um bispo (?) estavam discursando algo que provavelmente não posso me lembrar. Entrava um pouco de luz pela pequena janelinha perto da mesa onde aqueles adultos falavam coisas importantes para nós. Mas ainda era um lugar escuro e pequeno para tanta gente. Lembro-me de então passar pela pequena porta ao lado e então eu estava aqui, na vida dos meus pais. Sendo [nome]. Vivendo normalmente. Não sei o que aconteceu depois de passar por aquela porta.” (M21)

“[...] antecede meu nascimento. Lembro-me que alguém conversava comigo, e me dizia tudo o que iria acontecer comigo, como qual seria minha missão. Nós estávamos em um lugar alto, como se fosse a noite e enquanto essa pessoa falava comigo, nós olhávamos para a minha vida. Quando ela falava “pode ir”, era como se eu fosse lançada ao ar...” (M41)

5.1.2 Cotidiano

A categoria “Cotidiano” inclui 35 excertos que trazem, em sua maioria, descrições de lugares, eventos, objetos. Há narrativas que hoje não podem ser consideradas cotidianas, como as de violência, mas que eram comuns às épocas em que os sujeitos contextualizam suas alegadas memórias. Há contextos que os sujeitos afirmam ser Brasil, Portugal, Alemanha, Egito, África (Burundi) e Rússia. Alguns participantes suspeitam de terem vivido na França, Inglaterra, Rio de Janeiro, União Soviética, na Escócia ou Irlanda. As alegadas memórias seriam da Idade Média, séculos XV ou XVI, XVIII e XIX e uma pessoa cogita a Índia ocupada pelos ingleses o século XVII. Outras narrativas não trazem datas.

“Egito. Estou conversando com o faraó. [...] eu estou entrando no rio Nilo acompanhada de um ajudante, estou levando um feto e deposito nas águas. [...] Tenho uma visão das pirâmides, aquelas três, que forma um “M””. (M63)

“[...]eu era camponesa e vivia no meio de um campo muito bonito, parecia as florestas da Europa com muitas coníferas. Sentia muita paz neste período, usava vestidos simples e sem ornamentação.” (M35)

“[...]estar em uma cidade indigena onde plantávamos maconha e erva mate, e fazíamos uma especie de Haxixe com o auxílio de um Padre Jesuíta que não era católico porém era cristão.” (H28)

“Eu entrava numa casa de madeira escura, que eu encontrei no meio do mato, muito limpa, linda, eu olhava toda a casa [...] um menino magro c uma roupa como uma fralda grande...”
(M54)

“[...] um homem muito forte e alto. Eu era mediana. [...] como que na entrada de uma caverna, era uma entrada grande mas não tão gigante, e ficava em um lugar muito alto de onde podíamos ver uma grande vastidão. [...] um lugar bem árido, com algumas árvores e vegetações mas muita terra em um tom dourado escuro. [...] apreciando um final de tarde realmente lindo e tínhamos uma visão magnífica de onde estávamos. Podíamos ver aquela imensidão, aquela vastidão e a sensação era de estarmos sozinhos ali, pelo menos naquele momento. Usávamos peles bem quentes, um tipo de 'bota' ou algo parecido nos pés. Lembro de ter a sensação de ter ficado um longo tempo sozinha e finalmente ele retornou. Eu tinha um cabelo muito comprido e escuro, e mais para o liso. Ele tinha cabelos um pouco médio e barba.”
(M51)

“[...] uma época que a minha casa era feita toda de pedra, com fogo a lenha para cozinhar, vida bem simples no meio da mata. Eu era mais baixa, cheinha, uns 68 anos, cabelos brancos, vestido pouco gasto pelo uso, feliz com a vida que levava. Morava sozinha, vivia principalmente da troca de plantas medicinais e alimentos. Me vejo nitidamente levando um maço de uma espécie de lavanda de flores roxas azuladas, e trocando por cenouras com uma moça. Sinto que era muito querida por esta moça e por todo povo do lugarejo. Nosso encontro foi em uma estrada de chão como se fosse no meio do caminho entre a minha casa e um pequeno povoado. Tive uma vida não solitária, mas vivi alegremente na solitude, amando estar só, plena e feliz. Não tinha filhos nem marido, e conhecia as ervas medicinais. Na minha cabana de pedra, teto baixo também de pedra, pequena, com cozinha e quarto, o fogo sempre estava aceso, fazendo caldos e sopas. Lá fora era escuro devido à mata fechada, pinheiros e árvores altas que não deixavam o sol entrar com facilidade. Minha casa era bem velhinha, feita a muito tempo, mas muito bem estruturada e conservada. Tinha paredes um pouco escuras devido a fuligem do fogo, o que dava um calor a mais naquele lar tão sagrado.” (M53)

“[...] morava num casarão antigo com um casal e cuidava de 5 crianças, nesse casarão moravam duas famílias, sendo uma onde eu morava com esse casal e a outra morava os pais da moça, com a irmã dela e seu esposo. [...] adorava dançar, e estava saindo para dançar quando fui surpreendida pelo esposo da irmã da moça, que tentou me beijar, neste momento seu sogro apareceu e ele me escondeu, num lugar que parecia um depósito, depois disso me vi num quarto em uma cama

cheia de crianças, eram cinco meninas. [...] parecia ser em outro país [...] eu era magra, e andava com roupas velhas, mas parecia que [...] estava lutando para sair da pobreza, e tinha espírito de perseverança de ter uma vida melhor...” (M48)

“[...] uma falésia, muito alta, verde e tranquila, com a vista para um lindo oceano. [...] longos e antigos vestidos e estávamos com cestas colhendo flores de caule fino e comprido, de cor mais ou menos dourada, talvez algumas mais roxinhas, eram flores altas. O tempo estava tão lindo, tranquilo. [...] éramos irmãs. Estávamos felizes. Os vestidos eram [...] um pouco escuros, com uma espécie de avental. Tínhamos cabelos compridos e escuros, meio encaracolados.” (M51)

“[...] eu era uma negra, usava um lenço colorido amarrado no cabelo, saia colorida, havia umas 3 crianças por perto, uma casa bastante humilde feita de barro, e do lado de fora muito verde e sol lindo brilhando no céu.” (M53)

“[...] eu tinha talvez o mesmo filho, e cuidava dele sozinha. Morava num vilarejo e trabalhava de doméstica, era um lugar bem tranquilo. Levava ele de bicicleta para passear, ir ao mercadinho local que tinha ali perto conversar com as pessoas, também brincava com ele na lama, tinha uma vida um pouco mais feliz. [...] era um lugar um pouco mais isolado, as pessoas mesmo religiosas viviam com uma liberdade maior. Em um dia, um guarda de um lugar tentou me estuprar numa igreja, ele segurou minha perna, eu chutei ele e acabei me machucando...” (M21)

“[...] Lembro de estar sendo levada a um quarto em cuja cama está deitada uma mulher de cabelos longos, ondulados que veste uma camisola longa, branca, com mangas longas, seu corpo praticamente todo coberto pela camisola. Fui levada a esse quarto para me despedir desta mulher. Quem me leva é um rapaz que veste calças com pernas um pouco abaixo dos joelhos, meias longas brancas, sapatos pretos, camisa branca de mangas longas dobradas um pouco abaixo dos cotovelos. Usa também suspensórios finos. Cabelos um tanto longos. Tem um olhar carinhoso tanto para mim quanto para essa mulher que está na cama. Ela, por sinal, bastante jovem também. Nós três somos jovens. Ele me diz que me trouxe aquele quarto para me despedir. Lembro que tenho um terço nas mãos e uso luvas. Choro muito e digo a essa mulher que não quero ir, nem que ela morra. Ela me consola dizendo que ele, referindo-se ao rapaz, vai cuidar bem de mim. Que não preciso me preocupar nem chorar mais. Ela usa um crucifixo grande pendurado no pescoço.” (M56)

“Homem adulto, porte físico médio, vivi na união soviética, tenho lembranças de viver na Sibéria e também de viver ou passar épocas em embarcações marítimas fazendo registros das estrelas do céu em um caderno, vendo o mar e as estrelas durante a noite, sempre fazendo registros, tenho pouca ou quase nenhuma lembrança de pessoas do meu círculo pessoal, pelo que percebo,

viajava muito (possivelmente em serviço militar) e não conseguia criar vínculos. A lembrança de fazer anotações sobre o posicionamento das estrelas é bem forte. Gostava de registrar o que via viajando, não gostava da idéia de ficar em algum lugar por muito tempo.” (H28)

“[...] Eu me chamava Aisha Etzelova, mas me chamavam carinhosamente “Aishka”. Minha mãe se chamava Lavinia e meu pai era um médico de nome Etzel Karl Marishnikov. [...] Minha irmã, que foi adotada pelo meu pai antes do seu casamento com minha mãe chamava-se Sasha. [...] Vivíamos em uma casa aristocrática, de 2 pisos. [...] Meu pai tinha uma carruagem que era puxada por 4 cavalos negros. [...] Ele nunca se recusava a atender a quem quer que fosse, rico ou pobre. Minha mãe também o criticava por atender aos pobres sem cobrar. Dizia que sua caridade nos levaria à falência. Ele sorria, sempre muito paciente e complacente para com ela...” (M37)

“[...] eu vivia na Rússia e estava noiva, preparando meu enxoval de casamento, que tive a impressão de estar vindo de Paris. Eu pertencia à aristocracia russa. Usava vestidos longos, como os dos séculos XVIII e XIX e me vi passeando na "varanda" de uma ampla construção. [...] entrando em uma grande catedral ortodoxa, com cúpula dourada, com uma vestido de noiva prateado e não branco. [...] eu passeava em um trenó, deslizando pela neve...” (M42)

“[...] era homem e jovem [...] Fazíamos parte de uma pequena orquestra de câmara. [...] uma espécie de festa, de pessoas ricas, o lugar era bem grande, escuro, com vários castiçais e muitas velas. Várias pessoas, homens, mulheres, bebidas, etc... [...] era músico profissional e aquela era meu ganha pão. Usava roupas escuras, talvez pretas e mangas longas e brancas, com uma espécie de 'babado' saindo dos punhos.” (M51)

“[...] estava em um porto na cidade de Lisboa, próximo ao Mosteiro dos Jerônimos...uma noite fria, as pessoas corriam de lá para cá...o Vapor ia saindo, eu consegui entrar pois na confusão perdi muito tempo para chegar ao porto e ao navio...subi pela rampa de acesso ao navio, correndo, mas antes observei a data (apenas o ano) que mostrava apenas três números 176... [...] Embarquei rapidamente, corri pelo convés do navio [...] cheguei aos meus aposentos e o Vapor saiu... [...] durante a viagem, por inúmeras vezes fui até o convés a noite, via o luar e sentia meu coração mais calmo por estar indo para o Brasil...” (M28)

“[...] eu era uma menina de menos de 9 anos, na primeira década do século XX. Essa mulher era minha mãe e morávamos no bairro de Campos Elíseos, em São Paulo. A casa tinha só um andar e a entrada era por uma bela varanda lateral, com coluna de ferro trabalhada e teto de vidro. [...] Eu era uma criança de cabelos castanho claros [...] Lembro de brincadeiras infantis, como um balanço que havia no quintal da minha casa, brincadeiras na rua com outras crianças

(roda, pular corda, amarelinha) e um aro que eu empurrava [...] Sempre passeava pela atual Praça da República para ver o lago com patos, com uma babá. Eu era de classe média alta e filha única, muito mimada pela minha mãe, tocava piano. Me lembro dela tocando “O Cisne”, do Carnaval dos Animais, e “Gimnopedias” de Satie. Eu me interessava muito pelo instrumento. Minha mãe às vezes saía com meu pai à noite, para ir ao teatro. Ela escolhia na minha frente as joias que iria usar e eu ficava fascinada por elas. Ela tinha joias art nouveau...” (M54)

“[...] Primeira bailarina do balé [...] Tinha cabelos loiros, relativamente grande, liso e em maior parte esticado, olhos escuros, bem magra e branca. Tinha dinheiro mas não sei se poderia me considerar uma pessoa rica. Lembro-me de morar numa casa de uns dois andares, em um lugar alto. Da varanda do segundo andar dava pra ver a cidade em baixo mas longe [...] um lugar com muita floresta, talvez algumas montanhas. No fundo da casa havia um jardim: Me lembro de ter bancos e tipo um corredor de arbustos com flores rosas meio/e brancas [...] Eu tocava piano, violino [...] mas tocava tudo mal/meia boca por que desdenhava/não dava valor. Ainda me lembro de uma pequena parte de uma música no piano que eu tocava mas não consigo reproduzir. Experimentei de tudo (bebida, drogas, sexo), vivia em festas. Gostava muito de um rapaz que era artista mas nunca me casaria com ele pois era pobre e sem classe alta. Porém, amava mesmo um homem que nunca poderia casa, já que ele era noivo ou prometido de outra mulher do país dele...” (M23)

“[...] estávamos sentadas em cadeiras de balanço voltada para o mar, em uma casa do século 19, com aqueles vestidos de mangas longas, bastante renda, saias e mais saias sobrepostas e ela estava me ensinando a bordar em um bandô ...este bordado serviria mais tarde para colocar em toalhas de banho...a minha fisionomia na época [...] era de mais ou menos 16 anos e ela mais velha, loira, cabelo cacheados, uma gargantilha de veludo com um camafeu... [...] um salão de festas lotados de pessoas, muito bem vestidas em traje de gala...eu [...] sentada em uma penteadeira, me preparando para o baile, a minha amiga [...] me dizia: Estás linda minha filha...vamos que o baile apenas espera por ti, para que possa apresentá-la aos amigos que ainda não te conhecem...eu me levantei, arrumei o vestido, da cor champagne, uma gargantilha brilhosa [...] ela me deu as mãos e nos dirigimos ao salão... fomos anunciadas as portas se abriram, e todos pararam de dançar as quadrilhas ... me lembro de ter me sentido muito observada ...cruzamos o salão...” (M28)

“[...] numa cidade portuária, numa casa bem próxima do porto, sempre me vejo descendo uma escada que está posicionada da porta de entrada da casa, e fora um jardim sem muros ou cercas. [...] tenho cerca de 13 anos, lembro-me do mar, de praias nessa cidade. Tinha cabelos escuros, pele clara, e falava inglês, era filha única.” (M43)

“[...] lembro algumas pessoas que conviveram comigo, dos salões de chá, dos pianos, das modas... dos parques... [...] recorro perfeitamente o suave cheiro da lavanda... lembro-me da minha condição física, parecida com a que tenho hoje, porém mais robusta e de ser uma mulher altamente ativa no ajuda ao próximo. Lembro-me de auxiliar um médico... De auxiliar doentes, Lembro-me de fazer “Sangria” em alguns pacientes terminais...” (M48)

“[...] Era uma casa de cômodo amplo, decorado com móveis rústicos [...] minhas roupas [...] calça comprida, sapato de couro, uma camisa de mangas compridas com um colete [...] estava mais alto e não era mais um adolescente, já era um homem na casa dos 30 anos. [...] escutei passos que vinham de longe, mas estavam se aproximando. Eram passos femininos que assim que pude perceber a presença, vi que ela estava vestindo um daqueles vestidos volumosos, com muitos detalhes, em tons mais discretos, mas muito bonito. [...] era a minha esposa.” (H41)

“[...] adentrava a um local com vasto gramado, a minha frente 7 (sete) lápides quase rentes ao chão, a mais próxima tinha gravado o nome “Robert Blake”, a segunda uns signos (4) que pareciam alusivos a nome asiático, que me desencorajou a seguir vendo os nomes das outras lápides e me veio a idéia de olhar para trás, foi quando notei uma bela estátua branca do que seria uma santa...” (H58)

“[...] casa onde a entrada para uma grande sala se dava por uma escada na latera da casa, [...] coisas que me pertenceu como um piano que tinha uma Torre Eiffel estampada, meus objetos de costura e bordado, um dedal de ouro, via as grandes janelas abertas e a cortina balançada pelo vento. [...] me via passeando pelo que descobri depois ser a praia de Botafogo, usava vestido longo [...] O quintal era bem arborizado, e tinha um grande portão por onde via uma espécie de carruagem passar. Sempre me via jovem nesta casa, no máximo 18 anos. [...] Percebo que é uma família abastada...” (M47)

“[...] ser jovem, tipo uns 18 anos e a cidade era um vilarejo. Nas proximidades vivia um jovem viúvo com uns 7 ou 8 filhos cujo um havia morrido afogado em um riacho de sua propriedade. O menino tinha cerca de 9 anos e era surdo. A comunidade acreditava que o pai tinha afogado o menino por não gostar dele e começaram a persegui lo caso saísse de sua prpriedade. Eu, era completamente apaixonada por esse homem e fugiu de casa para ficar com ele e é claro minha família me deserdou. Lembro que a noite o homem agora meu marido ficava de vigília no mato junto com os filhos homens mais velhos com medo de um ataque. Os mais velhos tinham a minha idade. Na casa eu e as meninas usávamos camisolas brancas bem soltas e fazíamos tranças umas nos cabelos das outras. Cuidávamos dos pequenos. A luz de velas e fogão a lenha. [...] Certa vez fugi para ver minha

amiga e meu marido me perseguiu e me levou de volta pra casa. Foi estranho porque fiquei com medo dele mas gostei.” (M42)

“[...] uma cidade em uma época mais antiga. [...] Eu, tenho uma estatura de uns 1,60m. Porte magro, pele clara e pálida, cabelos pretos e longos) [...] sempre em uma rua bem movimentada por perdestes e algumas charretes nas ruas. As pessoas são muito elegantes. Homens com trajes sociais, vestindo ternos, cartolas, alguns usando bengalas e fumando tipo um charuto e a maioria com bigodes. As mulheres, também, todas usavam vestidos longos, chapéus, cabelos arrumados... Na cidade, nesta rua, tem algumas cafeterias e casas da chás. Eu, sou de origem humilde [...] com um vestido num tom de cinza, já envelhecido, cabelo semi preso. Tenho um aspecto de judiada, vida difícil. Carrego comigo uma espécie de cesto com frutas, sou tipo uma vendedora ambulante. [...] parei em frente a uma loja de vestidos e chapéus sob medida. Então, comecei me sentir desconfortável com a situação e que ir embora desta rua. [...] Me dirigi a minha casa. Era no final de uma rua, perto de um rio. Uma casa feita de pedras. As ruas também eram assim. Quando entrei na casa, tinha pessoas vivendo ali e crianças correndo pela casa, umas três crianças. A casa era escura, fria e úmida. Percebi que aquela era minha família. As crianças eram irmãos. A entrada da casa era uma cozinha, mas só tinha uns armários de madeira, uma mesa de madeira com uns bancos. Larguei o cesto na mesa e me direcionei perto do que parecia um fogão, mas também era de pedra e ali fiz um fogo para aquecer a casa e ter uma luminosidade, pois na casa, não havia energia elétrica. Havia um homem, muito bem vestido e muito elegante fora da casa, com quem me encontrei de forma rápida, ele me ajudava com algum dinheiro e livros para eu aprender a ler. Esse homem dizia que tudo estava se resolvendo e logo estaríamos juntos. A mulher, minha mãe, era uma senhora que cobrava muito trabalho de mim [...] pois eles eram idosos e os outros crianças. [...] Depois, [...] uma casa luxuosa, estava muito bonita e elegante, em um nível social bem melhor, casada com este mesmo homem que descrevi. Eu não era bem aceita pela sociedade devido minhas origens humilde, e aproveitava a influência e dinheiro deste homem, para ensinar crianças e empregados a ler e escrever...” (M37)

“[...] morar em um vilarejo de casas de pedra, uma longe da outra. Rodeado de uma pastagem verde com alguns morros de pedra e tb uma pequena criação de carneiros e cabras. Me vejo com vestido e avental cinza escuro ou marrom quase preto lidando na ordenha e tb em outros afazeres, sei que tenho filhos que estão perto da casa. Escuto o relinchar de um cavalo e vejo um homem que eu sei é mau de cavanhaque e roupas nobres. [...] ele me persegue enquanto eu corro e recolho as crianças ponho as para dentro e ele tenta de odas as formas derrubar a porta.” (M51)

“Visto uma espécie de camisolão até um pouco abaixo da canela. Parece que estou calçado com sandália de tiras de couro. Parece que estou na época dos apóstolos. Estou em uma espécie de morada de paredes de barro claro. Estou em pé. À minha frente vejo uma mulher sentada, com cabelos ondulados até a cintura, e também vestida com uma roupa que parece um camisolão claro. Ela me sorri feliz. Ela está grávida e eu estou muito feliz também, sou o pai da criança.”
(M55)

“[...] conversava com um jovem [...] em um jardim amplo, grama verde, cadeiras. já casada [...] vestida de preto, de vários babados rendados, lenço de mão com mesma característica. Estava no mesmo jardim, olhava para algo, estava abatida, com dores emocionais, desgastada de tanto chorar e sofrer...” (M49)

“[...] eu vivia na França e fui visitar uma prima que morava em um chalé no meio de um campo que parecia ser de trigo. Nessa época eu devia ter entre 15 e 17 anos. [...] Eu era bonita e muito voluntariosa, meu objetivo era conquistar o marido de minha prima sem me preocupar com qualquer consequência. Ela não sabia de nada e me levou até a cidade para comprarmos sapatos novos. A loja tinha um vidro bem grande na parede e os pares de sapatos eram únicos e pareciam ter sido feitos à mão de veludo escuro e os modelos eram tipo Luís XV. Não havia embalagens e os sapatos ficavam em nichos de uma estante de madeira que revestia quase toda a loja por dentro. Era um lugar relativamente escuro por causa disso. Não havia muitos tamanhos do mesmo modelo e teríamos que ter a sorte do sapato escolhido caber no nosso pé, caso contrário teríamos que escolher outro par.” (M50)

“[...] e me vi com um outro homem em uma sala. [...] estávamos conversando e fumando um charuto em uma espécie de escritório, um tanto escuro, no qual havia uma escrivaninha e então precisei assinar um documento. [...] o meu braço, era enrugado com de um senhor, a pele era branca, mas um pouco bronzeada pelo sol ou escurecida pela idade [...] e tinha muitos pelos. E me vi assinando meu nome “Bristol”.’ (M41)

“[...] eu numa sala de cirurgia, tendo um filho, e duas pessoas me olhando pela vidraça, sendo que uma delas parecia ser o pai da criança [...] a outra pessoa que também era do sexo masculino, eles estava chorando muito, e eu sorria para eles tentando dizer que estava tudo bem, de repente fui sentindo uma falta de ar, e fui adormecendo lentamente como se estivesse dormindo.”
(M48)

“Lembro de uma noite chuvosa, onde eu estava num carro antigo, atrás, deitadinha e um casal, conversando feliz, no banco da frente, enquanto o homem dirigia. Eles estavam em paz e

felizes, e eu também. Aí entramos nesta casa, e a mulher me pegou no colo rindo e dizendo que eu estava dormindo.” (M44)

“[...] morava em um casebre bem pobre em uma periferia de uma capital, [...] lá eu era uma adolescente com duas irmãs, sendo que eramos filhas de um traficante, que era morto e eu como era a mais velha após a morte eu assumir minhas irmãs. [...] após a morte de meu pai tentando arrumar um jeito de ganhar dinheiro para sustentar minhas irmãs [...] vendendo numa loja de usados sapatos e bolsas velhas.” (M48)

“A cena que me recordo eu era um menino de mais ou menos uns dez anos. Estava correndo entre barracas de feirantes. O local era alguma parte da Índia. Não sei precisar que cidade eu estava. Havia uma outra criança um pouco menor correndo comigo. Nós estávamos rindo felizes. Eu podia sentir o cheiro de todos aqueles temperos indianos ar. Tinha muita gente no local, muitas barracas. Eu era ágil e sabia me movimentar rapidamente no meio daquela confusão. Mas, em dado momento vejo uma mulher que é minha mãe com a menina que corria comigo morta nos braços. Parece que enquanto a criança corria comigo algo caiu sobre ela e a matou. A mulher me acusa de ter causado aquilo e a sensação é muito ruim.” (M55)

5.1.3 Lutas Armadas/Guerras

A categoria denominada “Lutas Armadas/Guerras” reúne 33 excertos de alegadas memórias e inclui relatos do exército romano, da Grécia Antiga, da invasão da Rússia pelo exército de Napoleão, da 1ª e 2ª guerras mundiais (Escócia, Alemanha, França), da Revolução Francesa, de guerrilha na América do Sul, de países nórdicos na Idade Média e do Japão dos samurais. Um participante associa sua alegada memória com área rural dos Estados Unidos da década de 30.

“[...]eu era um homem moreno com barba preta, usava aquelas roupas de couro com saia e sandálias tipo gladiador e lutava com outro homem na ponta de um precipício, era muito alto o lugar...” (M35)

“[...]eu fui um soldado que desencarnei na guerra na alemanha, desde criança lembrava de musicas em alemão, como era a farda que usava...” (H40)

“[...]fui cavaleiro templário, participei de varias guerras...” (H41)

“Estava sentado numa pedra embaixo de uma árvore olhando um desfiladeiro. A minha frente 04 soldados romanos aguardando o eu desfecho. Do meu lado um cavalo branco. Eu apresentava uniforme de centurião romano...” (H58)

“[...]minha vida era de preparo para as batalhas, me lembro do treinamento duro, de subir e descer montanhas carregando cordas (do tipo das de marinheiro, muito grossas) amarradas com pedras às pontas, das corridas a cavalo e dos treinos a espada, mas eram espadas muito pesadas...” (M38)

“[...]era um homem, líder e um povoado, época antiga, tinha uma filha doente e foi à guerra, quando voltou, ela tinha morrido e ele ficou muito triste...” (M55)

“Estava indo para uma guerra e antes de me vestir com a armadura, ajoelhei diante do altar dos meus ancestrais para orar. Recitei um lema que envolvia "Honra e coragem"” (M42)

“[...]sou um jovem francês, apaixonado por uma mulher jovem, casada, na época da Revolução Francesa. Desisto desse relacionamento para ir à capital, participar da Revolução...” (H54)

“[...]estava na primeira guerra mundial, morava na Alemanha e era um garotinho de uns 11 anos...” (M35)

“[...]fui enfermeira na Alemanha na segunda guerra mundial...” (M44)

“[...]encarnacao na escocia, em 1917, durante a primeira guerra mundial ja com avioes rudimentares. Eu era um homem, jovem, em uma fazenda e com roupas sujas de terra e úmidas. Senti o cheiro do local, o medo da guerra e o som dos avioes passando baixo. ” (M34)

“[...]via corpos espalhados pelas ruas e eu tentava passar sem me contaminar com o sangue de vítimas atingidas. [...] fui combatente de primeira e segunda guerras mundiais...” (M38)

“[...]fui trabalhar como enfermeira num hospital de campanha durante uma guerra. O barulho ensurdecador dos aviões e bombas caindo...” (H44)

“[...]uma cena da guerra em uma região gelada da Rússia [...] Os detalhes das roupas e das armas eram muito nítidos. Eu tive a certeza de que o jovem era eu. ” (M54)

“[...]como numa espécie de comissio, multidões de pessoas, era um dia claro e [...] Hitler falando para esta multidão. Eu estava lá...” (M55)

“[...] fazia parte de algum movimento "revolucionário", montava a cavalo (branco), percebia que isso chocava as pessoas, fazia parte das decisões com outros homens militares fardados, com armas, outros com uma espécie de bandeira, outros pertencentes a cavalaria. Todos

nós, em uma cidadela de chão batido, perto de uma casa com pé direito alto. [...] uma mulher engajada em uma causa...” (M49)

“[...] uma luta como uma cruzada, onde haviam cavalos, espadas e flechas.... [...] homem jovem lutador e um grande amigo ao meu lado lutando na mesma batalha [...] o momento pelo qual foi atingido. [...] Tento salvá-lo, arrastando-o para colocar em um cavalo, mas as dores que ele sente e a sua fraqueza não me permitem ir muito além das forças que tenho. Ele pede para que eu me vá e me salve. Diz que não tenho a necessidade de ficar ao seu lado.... Reluto, mas vejo que é ficar ao seu lado ou morrer nas mãos dos inimigos.... Vou embora olhando para o amigo e sofro por não conseguir ajudá-lo como gostaria. Dentro de mim fica a dúvida: e se fosse o contrário: iria embora ou ficaria? Isto fica comigo até a minha velhice. Continuo nas batalhas por muito tempo, vários outros companheiros se foram, mas não marcaram tanto quanto aquele. Não morro muito velho, idade suficiente para os padrões desta época, com certo amargor de não ajudar a salvar a vida de um grande amigo.” (M43)

“[...] eu estava no que parecia um acampamento militar, eu conversava com soldados, de repente, apareceu um homem. Ao vê-lo, fiquei agitado por dentro, meio incomodado. [...] nós éramos muito amigos e também comandávamos aquele exército, mas eu discordava dele quanto a matar [...] estava num local que parecia ser aquela área intramuros de um castelo, eu lutava contra um inimigo, mas eu estava desarmado e ele com uma espada, próximo estava aquele amigo, lutando contra seu inimigo também, ambos armados com espadas... [...] Como eu estava desarmado, desviava das tentativas de golpes do inimigo, mas num momento em eu eu estava num degrau, mais do do que ele, eu tentei dar uma voadora nele (pular e dar um chute nele) nesse momento [...] eu vi que eu seria morto, o inimigo iria me enfiar a espada...mas [...] aquele amigo chegou e matou o que lutava comigo, me salvou...” (H36)

“[...] eu ia até janela e via uma multidão de pessoas, homens e mulheres, vestidos com roupas antigas, porém muito simples, algumas pobres e outras não, carregando tochas e instrumentos nas mãos e gritando muito, e essas pessoas queriam invadir onde eu estava e queriam me machucar. [...] estava sentada de frente a uma penteadeira, e eu tinha um pequeno corte no meu dedo indicador direito, [...] estou muito sensível, chorosa, e com uma sensação ruim no peito, e eu olho para trás, e [...] converso com esse homem como se ele fosse um 'anjo da guarda', e eu conto para ele os meus medos, medo de ser uma figura injustiçada, medo de machucarem meus filhos, e outras várias coisas, e ele responde "vai acontecer apenas o que tiver que acontecer, sua única função é deixar a revolução acontecer" [...] estou em outro lugar absolutamente sozinha, escrevendo

uma carta e chorando compulsivamente, minhas mãos estão sujas de suor, de lágrimas, de sujeira, porque eu sentei no chão chorando algumas vezes e depois me levantei.” (M33)

“[...] antes do ápice da Revolução Francesa em que, na lutas de rua [...] Minha namorada à época estava grávida e assistiu esse momento. Morava nos arredores de Paris, era músico e morava só num chalé. Tinha dois irmãos: um homem que era mais velho e que era vendedor de remédios itinerante pelo interior do país; e tinha uma irmã mais nova.” (H60)

“[...] um professor, Moreno, na faixa dos 40 anos, [...] dava aula para crianças, entre seis a oito anos de idade, parecia. [...] Em um dia que não havia aula, eu teria levado algumas crianças para uma recreação [...] De repente, aparecia uma viatura do exército [...] De repente começou um tiroteio. De longe, vinha um grupo de uns seis soldados, eles tinham características de asiáticos. Num momento entre um tiro e outro eu consegui levar as crianças para uma sala, que parecia um porão, ficava em nível abaixo do solo. Lá eu escondia as crianças no armário, de baixo da cama, onde podia. Havia um galão grande onde eu tentava entrar pra me esconder, mas como não deu, fiquei em pé mesmo, desisti de me esconder. De repente, da janelinha que havia, os soldados asiáticos me acharam. Daí eu já estava do lado de fora, na vizinhança, com os soldados juntando crianças em uma casa. [...] Os soldados mandavam as crianças se juntar todas num quarto, onde havia uma cama, o quarto tinha uma janela também. De repente o líder deles falou: vamos fazer uma brincadeira agora, preciso de alguém pra ser minha mulherzinha...temendo que ele fizesse algo ruim com as crianças, eu acabei me oferecendo. Ai ele falava: vem, então você vai ser minha mulherzinha, me dá sua mão aqui. Eu esticava a mão, ele cortou meu dedo anelar fora com algo que parecia aquele aparelho para cortar charutos...” (H36)

“[...] liderava batalhas, em campo era devastador, mortes, vilas devastadas, fogo e destruição. Lutava em terra e a cavalo com espada pesada, as vezes com uma lança...” (M49)

“[...] eu fazia parte de um grupo separatista. Via um combate entre os soldados separatistas e os do governo. No início os separatista venceram, mas chegaram outros soldados que logo venceram os separatistas. Eu após levar um tiro, me fingia de morto pra sobreviver. Vi os soldados do governo atirando em civis...” (H36)

“[...] Eu era diplomática na resolução de problemas e estava conversando com o líder [...] e falando para ele que tínhamos que conversar mais para atingir o objetivo. [...] eu conversava com o grupo armado e fazia parte dele e fazia a ponte com o governo ou outros grupos. Estávamos no meio de uma floresta, num acampamento e com muitos homens armados com metralhadoras. O capanga do líder [...] andava atrás dele com uma metralhadora...” (M40)

“[...] trabalhando como enfermeira em uma guerra, muitos feridos, muito frio, cheiro forte de sangue e carne, então como forma de me anestésiar e aquecer saía para fora da tenda verde para fumar na companhia de uma amiga. [...] a visão das macas dos feridos eu vestida de branco, porém bastante suja de sangue e fumando fora no frio...” (M53)

“[...] estou sob tendas improvisadas. Muitas pessoas feridas e doentes. Freiras auxiliando como enfermeiras. E um cenário de destruição e escombros em volta. Me parece uma guerra. [...] feridos, mortos e de mães chorando com crianças nos braços. Muitos mortos eram deficientes que foram esquartejados.” (M23)

“[...] fui um médico, não consigo precisar se de origem suíça ou alemã, de nome Hans Fritz, participei da Segunda Guerra Mundial, não consigo precisar se servindo a Cruz Vermelha, minha primeira impressão, ou um dos dois lados que compuseram a referida guerra. Em uma determinada batalha, que não sei precisar qual, sofri um grave ferimento no joelho direito...” (H40)

“[...] morava em uma região rural da Alemanha, vivia na harmonia e humildade na nossa fazenda amava aquele lugar. Queria seguir a tradição do meu pai na plantação. Chegou um carro na porta de nossa casa e minha mãe começa a chorar, fui recrutado para lutar pela Alemanha já no início da guerra, sei que não queria fazer mal a ninguém fui obrigado. Escuto canções alemãs da época e uma única vez já gravo e canto sempre que caminho. Enfrentei um grande frio pois no inverno me recordo, de muitos tempos de dor. Ao final da minha vida o pouco que me lembro é nos escombros de uma velha Berlim, destruída chorando com saudade de minha casa...” (H36)

“Perdido pilotando um avião biplano de cor amarela [...] a muitos metros de altitude, ao pôr do sol. Ao escurecer à noite me deparei que estava perdido, pois não conseguia achar a pista de pouso. Senti como se estivesse desgarrado de meu grupo, também de aviadores. Visualizei o avião perfeitamente como um SPAD XVIII, que foi utilizado nos campos da França em 1918, [...] biplano, de cor amarela. Lembro-me dos detalhes de suas rodas e a hélice marrom de madeira.” (H50)

“Eu estava andando numa cidade que não conheço, um entardecer quente. Andei bastante e quando cheguei perto do centro da cidade vi uma nuvem de fumaça ao longe [...] Da direção da nuvem vinha um pequeno avião cinza voando razoavelmente baixo e lançava à minha direita, num prédio de uns 4 ou 5 andares, uma bomba. Eu e outras pessoas nos lançávamos ao chão para nos proteger...” (H47)

“[...] era uma mulher e estava junto com meu marido escondida em um sótão, com meu bebê. Um guarda/policial entra na casa e percebe nossa presença no sótão, pq o bebê chora e deixa escapar um som, mesmo com minha tentativa de abafá-lo. Eu e meu esposo fugimos pelo telhado,

deixando o bebê de colo deitado no telhado! [...]Me recordo tb de ataques aéreos. Aviões pequenos sobrevoando a cidade soltando bombas. Uma das vezes estava andando na rua e o ataque começou. O barulho era ensurdecedor e fiquei desorientada, não sabendo onde esconder, se corria, se me abaixava. Me encostei em um muro de tijolinhos e fiquei a gritar. Não me machuquei, apesar do susto. O lugar era frio, tempo normalmente nublado, as roupas eram mais sóbrias. Usava saia de cor escura cobrindo os joelhos, camisa de tecido branco, sapato de pequeno salto grosso preto. Era mulher branca, estatura mediana e cabelos escuros...” (M38)

“[...] um garotinho lindo, com cabelos castanhos claros, vestido com camisa, bermuda social, suspensórios, sapatos engraxados e um chapeuzinho na cabeça. Estava de mãos dadas com uma mulher loira, de aparência jovem, que usava um vestido azul céu e me dava a impressão de ser minha mãe. Meu nome era Wolfgang e eu andava por um cruzamento de ruas em formato de X. [...] rapaz, com roupas alinhadas, e estava em meio a uma reunião de jovens, em um pátio grande e aberto. Era noite e eu estava ansioso, observando uma figura feminina, como se estivesse esperando que ela me notasse, que me lançasse ao menos um olhar. [...] totalmente fardado com o uniforme da SA, uma “versão” anterior da SS nazista. Eu estava carregando uma bolsa nas costas e, aparentemente, me despedindo de alguém...” (M29)

“Eu estava em uma casa, [...] a sala, que era abafada, com pouca luz solar, móveis velhos, os vidros das janelas sujos e opacos. Estava com outras pessoas [...] inclusive crianças e alguns idosos de ambos os sexos. Um dos idosos falava, era como se fosse um estudo ou um plano sendo traçado. De repente, um dos homens presentes manda todo mundo se abaixar e parar de falar. Lembro de ouvir barulhos de homens armados do lado de fora, como se estivessem cercando a casa. Foram minutos de silêncio angustiante. Até que o idoso que falava e o homem que mandou a gente se abaixar saíram, se entregaram. Foram mais minutos de silêncio até que eu e outras 3 mulheres resolvemos sair também, como se nada estivesse acontecendo. Saímos cantarolando. Duas eram novas como eu, outra parecia ser mais velha e ter algum tipo de deficiência no caminhar. Do lado de fora, eu vi os oficiais armados, usando uniforme preto [...] na hora em que a gente saiu, teve um tumulto, eles começaram a falar coisas que eu não entendia e separaram a gente. [...] Um oficial me levou para outro lugar [...] ele falava coisas que eu não entendia [...] Parecia que ele passava algumas ordens pra mim [...] Me deu o que parecia ser um garfo rudimentar, só com os dois “dentes” externos, de uma cor meio cinza [...] Ai ele teve de me repassar pra outro oficial. Eu lembro desse outro entrando na sala, ele era mais baixo que os outros, usava um tipo de chapéu, entrou com as mãos juntas na altura da lombar, andando calmamente. Ele era um demônio cínico. Fingiu ser meu

amigo, perguntando coisa besta, trivial, até que me levou pra um lugar cheio de formigas. Eram muitas formigas e elas começaram a subir em mim. [...] E elas subiram ainda mais e começaram a me morder no pescoço, colo, braços, partes íntimas. E eu fiquei desesperada tentando tirar as formigas de mim, batendo nelas com as mãos, e gritando, e ele ria, ria muito, como se gostasse daquilo. Até que uma hora ele jogou em mim o que eu acho que era um veneno de formiga, ou um ácido, eu lembro do gosto amargo na boca, porque até no meu rosto aquilo bateu. E as formigas caíram. Ai eu saí correndo pra um banheiro que não tinha porta, só o portal. Era um banheiro simples, de azulejo branco, também abafado e úmido, pouca iluminação, tinha uma privada no canto, uma pia suja com um espelho pequeno em cima e um chuveiro sem boxer, era só um negócio no chão pra água não escorrer e uma cortina aberta, eu entrei correndo e abri o chuveiro, ainda usando roupa (era um tipo de camisola, não sei, ou um vestido até um pouco abaixo do joelho, com uns babados na gola e na ponta das mangas). Minha pele tinha ficado toda vermelha. [...] Ai apareceu um oficial na "porta", que me viu e logo saiu. Depois de um tempinho, aquele demônio aparece com uma calma assustadora, ele era muito cínico, fingido, falando coisas sem importância. Ai eu disse "você poderia ter me matado, e se não o fez foi porque tem algum interesse, mas eu não vou dar as informações que você quer". [...] eu disse isso com muito nojo e raiva e ele começou a discutir comigo e eu com ele. Foi a única hora que ele perdeu aquela calma, porque ele gritou. Mas eu enfrentei ele. Depois, eu já estava ao ar livre, num lugar que era muito grande, de solo seco e com pedras pequenas, era muito grande mesmo. Não dava pra ver o fim. Mas tinha uma casa pequena perto e uma única árvore. [...] eu sabia que ali algumas pessoas tinham um trabalho pesado, mas o meu não era assim. Eu até tinha alguma liberdade. [...] Ai eu dei um jeito de encontrar, perto da árvore, o homem que tava no estudo que falei no começo, e perguntei se ele tinha notícias do idoso e ele disse que achava que tinham matado ele. Eu fiquei com lágrimas nos olhos." (M25)

5.1.4 Relações Abusivas/Abuso Sexual

Nesta categoria estão incluídas alegadas memórias de relacionamentos abusivos nos quais os sujeitos foram vítimas, bem como relatos de abuso sexual sofrido. Em um relato, o sujeito é o opressor. São 14 excertos que mencionam o Brasil e a França. Alguns participantes associam os cenários à Idade Média, ao século XIX e um cogita ser o fim do século XVIII ou início do XIX. Muitos não mencionam o contexto.

“[...]eu era uma menina, criança, com um cabelo ruivo. Estava brincando na floresta sozinha, perto de um lago, quando um homem grande me estuprou e depois enforcou...” (M24)

“[...] ter sido abusada e ter morrido vítima deste quando eu era ainda criança. ” (M40)

“[...]obsessão sexual e afetiva constante [...] onde me meio de sujeira ele sempre me subjugava sexualmente e eu era sua subordinada...” (M40)

“[...]eu me casei com alguém bem rico (onde minha escolha foi baseada somente nisso mesmo). Dei-me mal pois, ele bebia e ficava agressivo, me batia, estuprava...” (M23)

“[...]morávamos em casa em volta do largo do Machado, ele me batia muito, eu dona de casa e mãe de muitos filhos dele. ” (M40)

“[...]homens abusavam de mim e me atirava algumas moedas. havia um soldado que gostava de mim.” (H48)

“[...]ele me usara com escrava sexual, como uma concubina; ele tinha o consentimento da esposa [...] essa, por sua vez, se regozizava com meu sofrimento e se sentia aliviada por ter um corpo para suportar as atrocidades que aquele homem era capaz de fazer. ” (M41)

“UMA MENINA E DEPOIS UMA JOVEM ADULTA, SOFRE POR SER MOLESTADA POR SEU PAI (PAI QUE TINHA QUASE QUE UMA OBSESSÃO POR ELA), MAS AO MESMO TEMPO ERA MUITO AMADA. ” (M60)

“[...] num lugar muito frio, numa época que se parece com a Idade Média. Eu preciso carregar água, levar lenha pra dentro da casa, cuidar dos animais; tenho que fazer uma coisa de cada vez. Tem um homem bravo e eu tenho medo dele. Eu levo a água pra dentro da casa. Minha mãe está doente e eu tenho que fazer tudo. Eu não gosto daquele homem. Ele me obriga a fazer as coisas que era pra ele fazer, mas eu não tenho escolha, eu tenho que fazer senão eu apanho. A minha mãe morre e eu fiquei sozinha. Eu fujo daquele lugar. Eu sei que ele vai me procurar, mas eu fujo...” (M57)

“[...] Era prometida para esse homem árabe muito rico e politicamente poderoso na região que morava. [...] fui obrigada a casar com ele e tivemos um filho. Eu não tinha voz, não podia ter opinião e vivia presa e cercada de gente vigiando. Quando eu estava na casa, a porta era acorrentada e com muitos cadeados. Quando eu estava na tenda sempre tinha muitos servos e guardas por todos os lados. Tinha que ser submissa. Ele me maltratava, falava palavras de baixo calão e me queria disponível a hora que quisesse...” (M40)

“[...] aconteceu uma tragédia comigo. Eu fui vítima de uma agressão brutal e um estupro no centro de Paris, quando eu tinha 15 anos de idade. Devido ao stress pós-traumático e ao fato de

que eu estava sendo acometida por uma forte depressão pós parto, duas coisas que sequer tinham diagnóstico naquela época, eu estava em situação psicológica complicada e então, assustada, achando que a minha família estava me culpando pelo que ocorrera comigo, eu fugi do hospital onde eu estava internada. Porque eu estava muito muito machucada, com duas costelas quebradas devido a um chute, uma luxação no punho esquerdo, mordidas, agressão sexual...” (M49)

“Era o dono da fazenda, o senhor local. [...] eu, do alto de minha empáfia e certeza de poder, humilhava e escorraçava uma moça loira – ela usava um vestido escuro, longo, sobre uma blusa branca e tinha uma espécie de touca na cabeça. À volta, assistindo à cena, toda a população da fazenda, escravos e serviçais [...] eu não havia gostado de alguma atitude que ela teve e tinha resolvido repreendê-la e castigá-la, humilhando-a na frente de todos. Não pratiquei castigo físico, mas o abuso moral foi de uma crueldade extrema.” (H64)

“[...] não queria me casar com aquele homem que segurava minha mão, queria evitar a todo o custo [...] Após o casamento ele me puxava pela rua e 3 homens olharam para mim. Ele dizia: Ninguém cobiça o que é meu! E me trancou em casa [...] eu chorando encolhida [...] Ele disse que mataria quem olhasse para mim e eu entrei em desespero. [...] pois eu era só dele. E então ele me espancava e eu fiquei deformada de tanta pancada. [...] filhos não queria, pois eu tinha que ser apenas dele. Mas eu engravidei [...] ele pegou nossa filha e levou...” (M31)

“[...] Meu pai descobriu aquele "romance" e me proibiu de vê-lo novamente. Resolvi fugir de casa. Minha mãe soube e me desaconselhou. [...] Peguei algumas poucas mudas de roupas e [...] fugi. O rapaz estava à minha espera, a pé [...] meu pai descobriu e mandou dois capangas atirarem. Eles atiraram muito (arma de fogo mesmo), nem sei como não me atingiu, mas atingiu o rapaz, que morreu ali mesmo, sofrendo com os ferimentos e eu abraçada com ele, chorando e gritando "eu odeio o meu pai!" repetidas vezes. Eu só dizia isso. [...] eu sendo arrastada pelo meu pai para dentro de casa. [...] um senhor mais velho, cuja profissão parecia ser médico, visitava a minha casa e eu tentava me manter distante. Ele agradava o meu pai e parecia ter bens. [...] casada com esse senhor. [...] Tive 3 filhos, sendo duas meninas e um menino caçula. [...] os meus pais [...] Desde que casei, nunca mais falei com os dois...” (M39)

5.1.5 Tragédia Familiar

A categoria “Tragédia Familiar” inclui excertos de 13 relatos de dramas familiares. Alguns resultaram em catástrofes e incluem relatos que contemplam outras categorias como morte e

guerras e que poderiam ter sido nelas incluídas, mas que se optou por não recortar da narrativa por serem fundamentais para se alcançar a dimensão da tragédia. Os contextos envolvem a Noruega, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Egito, França, os Estados Unidos. São citados os séculos XV, XVII, XVIII, XIX e XX. Uma participante cogita ter vivido na Europa durante a Idade Média.

“[...]estive como jurista. Morri velho e me sentindo culpado por ter deixado minha esposa morrer com os revolucionários. ” (H48)

“[...] meu pai me vendeu para um sacerdote do templo de Osiris no Egito antigo. Eu tinha uns 16 anos e o homem tinha mais de 50 [...] Minha família era pobre e o sacerdote me comprou para me iniciar nos rituais que ele fazia, mas no fundo me queria como mulher dele. Eu gostava de um rapaz de mais ou menos 18 anos e ele pretendia fugir comigo, mesmo sabendo que isso poderia arruinar minha família...” (M50)

“[...] Um certo dia, quando o traído passou, as mulheres que estavam nas hortas riram baixinho dele [...] ele se zangou e foi até mim perguntar do que riam. [...] Ele me pegou e me estrangulou e disse que me mataria se não falasse. [...] contei. [...] os pegou no flagra. Eu fui atrás e me escondi para ver o que iria ocorrer. Houve luta entre ele e o outro homem e ele o matou (ele era enorme e forte). O matou com o mesmo objeto que matava os animais na caça. Entrou na casa e pegou um bebê (não andava ainda) e o levou embora [...] A mulher (mãe) que estava dentro da casa com o bebê, saiu correndo da casa atrás do homem e se ajoelhou e chorou muito. Ela sabia o que ia ocorrer com o bebê, então chorou demais. Eu não sei o que ocorreu, se ele matou o bebê ou se levou para onde. Só sei que essa mãe ficou sem o bebê e eu tive um grande sentimento de culpa [...] A partir de então, esse bebê não mais apareceu e passei o resto daquela vida me sentindo ainda mais inútil.” (M39)

“[...] eu era um criador de cavalos em Oklahoma, nos EUA, em meados do século XIX (por volta de 1850). Tinha uma condição financeira boa, esposa e filhos. [...] conheço uma moça pobre [...] A moça engravidada, e eu resolvo colocá-la em uma casa de minha propriedade, afastada do vilarejo, que era usada raramente, como depósito de materiais. [...] Quando ele tem por volta de 3 anos [o filho] eu o tiro de junto da mãe e o levo para morar em minha fazenda (mas não na casa principal, fica junto aos empregados) [...] até que minha esposa engravidada mais uma vez. Acabo decidindo que não deveria continuar encontrando a "outra" [...] Ela não aceita bem essa decisão, entrando em quadro depressivo, parando de se alimentar, e morre em pouco tempo, deixando-me profundamente triste. Poucos meses depois, minha esposa dá à luz meu último filho, mas também

morre no parto, e eu me desespero ainda mais. Algum tempo depois uma tribo de índios agressivos invade minha propriedade, acabando por me matar, matar meu filho (Miguel) e a moça que cuidava dele.” (H41)

“[...] Ele entrou e começou uma discussão. Eu estava mexendo na lareira com o atiçador, de costas para ele, que veio andando em minha direção, sem que eu visse. Quando me virei, repentinamente, erguendo o atiçador, este em cheio acertou seu olho esquerdo, perfurando-o! Sai para tentar buscar ajuda [...] uma vizinha trouxesse uma curandeira, mas não um médico. [...] em questão de dias, ele estava com febre muito alta e faleceu. Não podendo permanecer em Cambridge com as crianças, os colegas dele e vizinhos ajudaram a arrumar nossas coisas em baús e providenciaram nosso transporte até a cidade de onde partiria o navio para retornarmos à Noruega. Eu estava em estado de choque, me sentindo completamente sem chão, culpada, em choque, não conseguia agir, nem mesmo cuidar das crianças. No navio, lembro de ter um ataque de fúria, localizei um baú com pertences do falecido. Joguei no mar livros, inúmeros papéis, num ato insano de revolta. Desci do navio sozinha em Bergen, o primeiro porto da Noruega - ainda não era onde eu deveria desembarcar com as crianças...” (M55)

“[...] era uma mulher de vida fácil. [...] Me colocou em uma casa longe da casa dele pois era casado. Ia me ver as vezes, mas era ambiciosa queria mais, engravidei dele e me vi espionando a casa onde ele morava. Achava que por direito a casa e o papel de esposa deveria ser meu. Pedi para um rapaz na vila entregar a esposa dele um sapatinho de bebê em bilhete. [...] Depois vi o homem vindo na minha direção bravo e dizendo que me conformasse, pois tinha um nome a zelar. A criança cresceu mais ou menos 10 anos. Me apaixonei com o rapaz da vila o mesmo que tinha me ajudado e tive um caso com ele. Um dia o homem nós pegou no flagra e puchou uma adaga mas o menino se jogou na frente para me proteger e morreu...” (M44)

“[...] Quando nosso filho tinha de 4 para 5 anos, não estava bem, e no início a mãe com seus conhecimentos de ervas, cuidava dele de forma diligente, mas ele foi piorando e vi que era necessário mais do que aquilo e me prontifiquei a ir na cidade próxima, buscar um médico [...] Ela se recusou, dizendo que vinha ajudando a todos a se curar, e que o filho ela também iria dar conta, que iria curar. Insisti muito, mas com a piora dele, arriei um cavalo e fui à cidade em busca de um médico para vê-lo, e depois de horas de ida e volta, quando chegamos, o nosso Júnior, tinha acabado de falecer. Foi um caos, tristeza geral e fiquei desesperado com a situação. Passados alguns dias, tivemos uma forte discussão e a partir daí, não nos falamos mais. Toda aquela alegria e felicidade foi embora junto com nosso filho, eu não a perdoava pela teimosia e ela se sentindo muito mal com

toda aquela situação. Nosso relacionamento acabou, e a partir de então, nos toleramos até o dia de nossa morte. A vida perdeu o encanto... (H60)

“[...] Ele estava de castigo embaixo da mesa, e qdo olhei pela janela, ele estava pendurado na corda que puxava agua do poço, que estava podre... Sai com muita raiva [...]comecei a dar tapas nele e naquela confusão ele se solta da corda e cai dentro do poço. Era muito escuro e fundo, e estava cheio de água. Fiquei desesperada com aquilo e sai gritando, correndo pedindo ajuda, tudo em vão, morava totalmente isolada, somente a noite meu suposto esposa chegou em casa, roupas sujas, cansado e um cesto com algumas verduras dentro... me viu paralisada, chorando, desesperada, contei ocorrido e ele tentou em vão buscar o menino vivo. Entrei em uma profunda tristeza e depressão, e com o passar dos dias, "via" o menino me acusando em todos os cantos... era horrível e assustador...” (M51)

“[...] Desde muito cedo era completamente apaixonada pelo meu tio, irmão mais novo da mãe... [...] Nessas viagens, meu tio descobriu meu envolvimento com o cigano e, como ele também reprimia uma paixão por mim, acabou se envolvendo também. [...] uma gravidez que nenhum dos dois quis assumir. [...] Fui levada a uma curandeira que me deu chás esquisitos e me cutucou com galhos de uma planta. Lembro de ter muita, muita dor, a pior de todas as cólicas, com uma hemorragia terrível. E, quase morrendo de tanto sangue perdido, meio desfalecida e ardendo em febre, fui levada para casa. Quando minha mãe descobriu que se trava de um aborto, ficou extremamente decepcionada. Nunca mais eu soube do cigano ou do meu tio. Não sei de fugiram sou se minha mãe os expulsou de lá. O desgosto de minha mãe foi tanto que, à medida que eu me recuperava, ela adoecia... Por vergonha ou falta de interesse, eu não sei, não recebeu mais ninguém em casa, não houve mais festas, reuniões, nada... Até que ela veio a falecer...” (M55)

“[...] era uma camponesa pobre, filha de mãe solteira. [...] Morávamos em uma choupana de madeira bem rústica [...] Eu me chamava Lianne Deprevois e minha mãe se chamava Madeleine Deprevois. Minha mãe provavelmente sofria de algum transtorno mental (hoje avalio que talvez fosse um transtorno afetivo bipolar). Muitas vezes tratava-me com extrema ternura, ao passo em que tinha acessos de raiva e descontrole, caindo depois em profunda tristeza. Certa vez, deixou-me sozinha na banheira, quando eu contava um pouco mais de 2 anos. A água esfriou e comecei a chorar. Era um dia muito frio e nevava lá fora. Ela saiu de casa e me esqueceu ali. Fiquei na água durante mais de uma hora, com apenas o fogo próximo aceso na lareira, até que ela retornou. Quando me viu, desesperou-se, pois eu já apresentava sinais do que chamaríamos hoje de hipotermia. Desde aquele dia, minha saúde nunca mais foi a mesma. Minha mãe trabalhava

exaustivamente, e quase sempre me deixava aos cuidados de uma vizinha, que era muito sua amiga. Minha mãe não tinha nenhum familiar que a auxiliasse, e essa vizinha tornou-se lhe como uma mãe, posto que minha mãe era muito jovem àquela época. [...] A tristeza que minha mãe sentia foi se acentuando, e um dia, quando eu contava 8 ou 10 anos mais ou menos, entrei em casa e encontrei-a morta, vendo apenas os seus pés no chão, atrás da tina de madeira [...] Corri em sua direção e gritei por socorro. [...] Ela havia ingerido veneno, e estava deitada sobre a poça de sangue que saía de sua boca. Por tratar-se de um suicídio, ela não pôde ser enterrada no cemitério. [...] seu corpo foi lançado ao mar do alto da colina. Fiquei aos cuidados da vizinha amiga, que me acolhera em sua casa. Era tão pobre quanto nós éramos, mas tinha um grande coração. Nunca superei a morte trágica de minha mãe, a quem eu amava com profundo devotamento. Morri poucos anos depois ainda muito jovem. (M37)

“[...] filha ilegítima de uma jovem aristocrata que engravidou antes do casamento. O caso foi abafado e quando eu nasci, fui dada para a adoção – um casal de amigos distante da minha família, bem conhecidos do meu avô [...] Disseram à minha mãe que eu estava morta, e o seu castigo foi o internamento em um convento, para nunca mais sair dali. Fui criada por este casal, que me deu o nome de Carmen. Não me recordo mais do sobrenome. Eles não tiveram outros filhos. Quando eu era criança, mais ou menos 9 ou 10 anos, meus pais morreram em um acidente de carruagem na estrada, durante uma viagem. Eu fiquei à cargo de um tutor...” (M37)

“[...] meu marido era um homem muito bruto [...] era militar e trabalhava com Hitler, ele era muito ruim para mim, branco dos olhos claros, as crianças também tinham puxado para ele. [...] e lá encontrei um soldado que era abaixo dele [...] me apaixonei, só que meu marido descobriu, então ele o matou meu amante. Eu com muita raiva dele, matei os nossos filhos e depois me matei.” (M47)

“[...] eu acabei namorando com este empregado e ficávamos as escondidas até que acabei ficando grávida deste homem e ninguém da minha família sabia por que meu pai machistas estava arranjando um casamento pra mim com um homem branco de classe média alta [...] Quando eu estava com uns 4 meses e alguns dias de gravidez meu pai descobriu e queria saber quem é o pai de meu filho pq ele ia matar este homem [...] como eu não abortava este bebe e nem contei quem era o pai deste bebe, meu pai mandou meu irmão me matar...” (M23)

5.1.6 Assassinato

Aqui estão incluídas as alegadas memórias nas quais, em sua maioria, o sujeito foi o

agente ativo de um assassinato. Há outras em que sua ação contribuiu para tal fato ou ele foi testemunha das mortes, relatos que diferem da categoria “Morte/Intermissão”, na qual estão descritas alegadas memórias de serem vítimas. São 13 relatos que incluem a Grécia Antiga, a Idade Média, Brasil colonial, a Espanha e a Revolução Francesa. Um sujeito cogita ter vivido no México.

“[...]me recordo com profundo pesar que assassinei minha mãe com uma lança em seu coração, tomando assim a cidade.” (M38)

“Vi minha mãe na época assassinando um funcionário do castelo com bombom de licor de cereja envenenado [...]do meu irmão desta encarnação sendo guilhotinado ...” (M35)

“Um dia eu explodi comecei a quebrar as coisas na casinha que morávamos, acabou que a matei.” (H32)

“[...]vi ele acabar de ser morto por um farsante que vivia conosco, fiquei em choque e mandei prende-lo e executa-lo na hora.” (H23)

“[...]eu matando Tobias, depois de muito torturá-lo...” (M48)

“São lembranças sobre assassinatos , onde eu vi covas coletivas , com corpos de pessoas assassinadas por mim , onde eu ia até lá , para pedir perdão as mães.” (M40)

“Na fuga o "Tiro" filho legítimo de Mariá também foi pego e torturado até a morte.’ (M38)

“Eles estavam cada vez mais próximos, mostravam armas parecidas com espingardas e nos gritavam ofensas. [...] Ouvi disparos e os corpos dos 2 homens que estavam dos meus lados caíram sobre minhas costas. Sentia dificuldade para respirar, muita... Ouvi outros disparos...” (M53)

“[...]que minha irmã empurrava essa mulher do alto de um penhasco e tinha minha mãe ao lado apoiando.” (M55)

“Aí fui passear na floresta pra perder minha irmã. Quando consegui, corri voltar para a casa, era noite de festejos e estávamos arrumando a casa com toalhas de renda feitas a mão, com muitas frutas e assados (parecia pernil), quando bateram a porta dando a notícia da morte da minha irmã. Voltei assustada de me sentir assassina dela.” (M37)

“[...] A gente passou por um carro preto e encontramos meu pai, minha mãe e a namorada dele. Nisso meu pai pergunta se tem alguém no carro preto que parece suspeito. Eu dei uma olhada no carro e nisso me puxaram pra um lugar, que parecia um banheiro, pequeno, no meio desse lugar deserto. O cara que estava no carro, pardo, alto aponta uma arma pra gente e nisso eu

abaixo e ele fica seguindo meus movimentos com a arma. Nisso dele ficar seguindo meu movimento e carrega a arma eu pego a arma da mão dele e mato ele.” (M19)

“[...] domingo de Páscoa de 1477, quando atacamos os cristãos dentro da sua igreja, numa cidade da Espanha. Eu me lembro de empunhar uma espada árabe, eu me lembro de golpear homens e mulheres dentro da igreja [...] Lembro-me de desmembrar com pesados golpes as pessoas que estavam lá dentro e, em determinado momento, me virar e encontrar meu irmão gêmeo como se estivesse possuído pela carnificina, seu rosto manchado com sangue, mãos, barba e os olhos em fogo. Eu me lembro que naquela hora, olhei para minhas mãos e pés e também me vi assim. Não matamos a todos, mas fizemos prisioneiros aqueles que não morreram.” (M45)

“padre da inquisição, na europa, não sei o lugar, eu tinha relações amorosas com uma bruxa, que morava numa floresta, fazia poções e remédios, que ao final foi perseguida pela inquisição, levada à fogueira e eu me omiti, deixei queimarem ela, por medo de morrer junto, lembro até o cheiro de queimado do corpo, dos gritos, do meu medo, da omissão...” (M45)

5.1.7 Prisão/Cativeiro

Aqui estão 11 excertos de relatos de vivências em prisões ou cativeiros. Os sujeitos associam os cenários/personagens com andinos ou mexicanos, a Idade Média, prédio do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, Inglaterra do início do século XX.

“Ele me trancou no cativeiro para que eu não fosse vista por ninguém [...] tive minha bebê no cativeiro sozinha...” (M31)

“[...]preso pela guarda local, sendo colocado em um lugar de muros altos e frios, onde a fuga é praticamente impossível.” (M43)

“Um cheio de agora escorrendo pelas pedras, uma sensação de algo úmido. Estava em local escuro e não conseguia ver nada, apenas sentir. [...] aquele local que eu estava era uma prisão, esperando minha sentença.” (H32)

“[...]eu tenho uns 10 anos e vivo num lugar escuro, horrível, presa dentro de um veículo, com outras pessoas, e um homem mau dirigindo, dizendo que não sairíamos nunca mais de lá.” (M44)

“[...]Foi levado para o calabouço onde sofreu e morreu e eu fui levada num dos comodos mais altos do castelo e lá abandonada...” (M60)

“[...]parecia uma prisão [...] um local mal iluminado onde havia um portão de ferro então uma escada não muito longa, então o que pareciam salas. Havia muitos gemidos e gritos...” (M35)

“Em algum momento eu fui levada presa por alguns homens. Fiquei num lugar sombrio...” (M33)

“Lá uma pedra enorme foi colocada fechando a caverna e fiquei presa lá até o desencarne. Era absolutamente escuro e o barulho dos morcegos me assustava bastante. Desencarnei de cócoras. Quem me acompanhou até a caverna foi uma senhora, que tinha algum parentesco comigo. Não fiquei assustada, nem tentei fugir em ir direção ao sacrifício (apenas sozinha na caverna). Era tradição.” (M38)

“Um dia, apareceu um homem que me tirou de lá e me levou para a casa dele, porém a vida ficou pior do que estava, pois esse homem me mantinha em cárcere privado. Tivemos 2 filhos, que também sofriam todos os tipos de maus tratos. [...] trancada em uma masmorra, com as paredes de pedra, era um lugar muito frio, úmido e escuro...” (M40)

“[...] ‘presa’ ou sendo deixada em um cômodo escuro, sem conseguir sair. [...] alguém, que não consigo saber quem, me trancando num cômodo (na maioria das vezes parece um porão, nunca estive em um, mas parece ser) e entre eu acordando já trancada, ou deitada e algo se fechando na minha direção, como um um teto desabando, não sei ao certo ...’ (M33)

“Sou filha de um homem abastado, vivo em uma linda fazenda. Tenho em torno de 17 anos. Meu pai é um apostador inveterado. Deve muito dinheiro a um homem de rico porém de má índole . Esse homem me sequestra em troca da dívida do meu pai. Sou trancada em um porão, muito frio e úmido. Meu pai não consegue quitar a ‘dívida e fico neste local por muito tempo. Sinto muito medo do homem, de estar sozinha e odeio ficar trancada nesse local pequeno. Adoeço devido ao ambiente frio e úmido. Enquanto a doença esgota minha vitalidade, rezo muito, e penso no homem que me sequestrou. Tenho pena dele. Acredito que precisa de ajuda, e que de alguma forma um dia poderei ajuda-lo a ser uma pessoa melhor. Acredito que a vida com acaba com a morte...” (M53)

5.1.8 Escravidão

São nove excertos que remetem à alegadas memórias de pessoas escravizadas ou que tiveram alguma relação com o Império Romano, Brasil do século XVII, XVIII, XIX, nos estados de São Paulo, Bahia, Minas Gerais. São mencionadas as regiões Nordeste e Sul.

“[...]que era uma escrava cozinheira no Nordeste do Brasil. Fui também um escravo educado por uma senhora da fazenda e eu era muito inteligente, porém sofri muito nessa vida.”
(M40)

“Enviado de algum local de Portugal por minha família [...] Em solo brasileiro fiquei encarregado de ensinar o catolicismo para os escravos (era muita raiva por esse novo país não cometi boas atitudes)...” (H31)

“[...]escrava, bastarda, sem pais, criada por uma negra que "adotava" a todos os bastardos e sem pais, de nome Mariá. Era de propriedade de uma irmã muito rica, que me desconsiderava a origem consanguínea...” (M38)

“Os escravos tinham que matar bebês defeituosos. A escrava que era minha mãe me escondeu e levou para uma fazenda vizinha onde sabia que seria mais fácil cuidarem de mim sem serem pegos. E assim foi feito...” (M55)

“[...]eu era escravo durante os últimos anos do império romano.” (H48)

“Eu era uma negra que nasceu na África e foi trazida para Salvador. [...] Eu trabalhava na casa de uma família abastada, na cidade alta, e descia uma ladeira íngreme e barrenta com trouxa de roupas brancas para lavar em um chafariz que tinha ao lado de uma igreja na cidade baixa. Eu me vestia [...] com saia comprida e blusa branca larga, com ombros de fora e turbante. [...] Eu descia essa ladeira e, no caminho, ia interagindo com outros escravos, entre gracejos e risadas. Os rapazes mexiam comigo e me chamavam pelo meu nome africano : N’Bdora; eu tinha um nome brasileiro também, mas não me lembro. Eu cantava, dançava e era muito alegre, além de ter uma certa liberdade sexual. Eu era mucama de confiança/ babá da minha sinhazinha, mais jovem uns 10 anos...” (M54)

“[...] me lembro de estar preso a correntes e ter passado muito frio em volta do Mercado Central que permanece até hoje, porém reformado. [...] tenho a nitida imagem do local em sua fundação, sendo um pequeno local, onde eram comercializados escravos negros e indígenas. [...] Lembro de estar chegando neste local, onde fazia muito frio, havia uma grande praça ao lado deste mercado de negros, onde ficavam amarrados os escravos e eu estava com eles, era um negro ou índio ou a miscigenação dos dois. [...] Lembro de estar com os pés no barro molhado e tudo ser muito frio. Tenho a nitida lembrança dos portões que ficavam aos cantos do lugar [...] Não havia cidade em volta somente duas casas em volta daquela grande praça central ao lado do mercado. Onde por alguma razão fui sequestrado até lá por homens que carregavam cruzeiros portugueses, onde as pessoas foram todas assistir a minha chegada junto com outras pessoas e nos analisavam e falavam uma

lingua que não era o português e acredito ser algum dialeto indígena. [...] passei muito frio no local e tenho a nítida lembrança de ser arrastado de um local escuro onde eu dormia, acredito ser um porão ou senzala, e levado até o centro desta praça que dessa vez estava com o chão seco e lembro do céu nublado, onde um homem a cavalo me arrastou na areia amarrado por correntes e grilhões. Fui amarrado a um pau que ficava neste centro da praça...” (H28)

“Eu era um plantador de arroz, próximo à casa de escravos chamada Itaguá, na cidade, que é onde chegavam escravos para serem vendidos e distribuídos para funções. [...] era branco também nessa ocasião (não era um trabalhador escravo). [...] Quando tinha oportunidade ajudava um grupo clandestino que auxiliava escravos a fugirem. Com o tempo isso foi causando cada vez mais ódio nos donos de escravos, e eu lembro exatamente da cena final, correndo mata adentro, fugindo de dois homens caçadores de escravos que haviam sido mandado me matar...” (H42)

“Era filha de uma escravizada (que faleceu logo após o parto) e o feitor da fazenda. [...] Com a morte precoce de minha mãe fui criada por uma senhora a quem eu considerava como avó, chamada Francisca. Vivia na senzala, mas tinha alguns benefícios por ser filha de um branco. Tenho uma lembrança muito nítida do local, sobretudo da infância...” (M32)

5.1.9 Perversidade/Crimes

São nove excertos de alegadas memórias nas quais os sujeitos cometeram crimes ou se descrevem como perversos. São citados a Alemanha (segunda Guerra Mundial), a Escandinávia e Minas Gerais. Um sujeito cogita Roma Antiga ou Grécia, outro, algum lugar de mata no Brasil entre fins do século XVI e início do século XVIII.

“[...]gênero masculino, loiro, médico com tendência a psicopatia no século XVII na Escandinávia.” (M44)

“[...]foi meu irmão ou parente e eu o roubei, deixando sem nada, não só ele, fiz isso com varias pessoas.” (M40)

“[...]andar a cavalo , numa época onde não existiam carros . Também com uma vida criminosa. (Efetuando roubos).” (M40)

“E trabalhava numa colônia com crianças. ajudava a matá-las e enterra-las nas valas. Quando não eu mesma matava por irritação.” (M44)

“[...]meu pai no qual brigava muito com ele, batia nele. Não deixava ele entrar em casa.

Minha mãe vivia oprimida chorava muito, tinha uma espécie de temor a mim. E o meu parceiro nessas atrocidade era o meu hoje filho...” (M46)

“[...]fui capanga numa fazenda no brasil, perseguindo negros escravos, [...] eu maltratava os negros, castigava...” (M41)

“[...] era uma mulher muito perversa que possuía uma fazenda e muitos escravos. Sei que era aqui mesmo em Minas [...] já me vi arrancando orelhas e línguas de alguns escravos desta fazenda, dando ordens para que um capataz açoitasse outros escravos e já me vi com um coração humano sangrando na mão. E estas partes que eu mesma arrancava ou mandava arrancar, comia com batata. Uma mulher extremamente preconceituosa com o que ela chamava de "os pretos", solitária e sozinha.” (M37)

“[...] homem branco com aparência na casa dos 30 anos, em local com construções de pedra, corredores subterrâneos... [...] Participava junto com um grupo de homens de abusos / torturas sexuais a escravos. Já tinha remorso naquela época mas medo de desertar ou não concordar/criticar e ser morto. E assim permaneci nas atrocidades.” (M38)

‘Eu era um homem, por volta de uns 30 e muitos ou 40 anos, fisicamente muito feio, sem cabelos com dentes podres. Usava uma batina, um hábito religioso, puído e imundo. [...] na mata, acompanhado de um rapaz jovem, que também usava um hábito roto e que sentia muito medo de mim, da minha autoridade e que, mesmo sentindo forte objeção me obedecia. [...] passa uma índia bem jovem, adolescente. Eu agarro a garota que está assustadíssima e tremendo de medo e dou uma ordem ao rapaz [...] “Segura a bugra” [...] Eu era mau, ruim, desrespeitoso com tudo e todos, orgulhoso do meu “poder” mesquinho.’ (H64)

5.1.10 Feitiçaria/Curandeirismo/Misticismo

Categoria que inclui sete excertos. Os contextos envolvem a Europa (em uma delas, sujeito menciona a Grécia) e a Idade Média.

“[...]eu era uma espécie de sacerdote ou feiticeiro, com conhecimentos sobre as energias que influenciam as pessoas, tendo abusado desses conhecimentos para obter benefícios pessoais (como sexo e riquezas). ” (H54)

“[...]fui uma anciã sabia, que vivia em floresta, mexia em ervas, vivia sozinha...em algum momento, me vi cercada de várias pessoas, como se fosse um monastério...” (M55)

“[...]me vi amarrada a um tronco, eu era uma mulher de cabelos pretos e com roupas rasgadas e muitas pessoas ao redor gritando morra sua bruxa e várias outras coisas. ” (M51)

“Eu morava numa tenda um pouco grande numa praia e me vi segurando uma bola de cristal numa mesa cheia de cartas. Havia uma mulher loira que pintava [...] e eu era amiga dela, tirava cartas, conversava. ” (M21)

“[...] era como se fosse uma curandeira ou me considerava uma bruxa que vivia na floresta, numa casa isolada. Eu tinha vários livros, plantas e objetos como pedras e xícaras, e também tinha um filho loiro. Me interessava muito por ciência e queria fazer viagens, mas me sentia um pouco presa naquele lugar. ” (M21)

“[...] floresta com árvores bastante altas. Há uma clareira e lá estou com outras mulheres entoando uma espécie de cânticos em um círculo. Estamos nos escondendo, sei que não queremos fazer mal, mas as pessoas daquela vila não nos aceitam nem nos entendem. Vestimos roupas longas, mas não são armadas, são vestidos simples e estamos descalças. Aparecem alguns homens que querem nos prender é nos chamam de bruxas...” (M56)

“[...] quando eu era bruxa. Recordo-me de usar uma capa com capuz vermelha que ganhei de um nobre como pagamento por um serviço. Morava numa casa de um andar, aparentemente de madeira, perto de uma cidade pequena ou vila. Era arrogante e achava que estava segura e protegida por causa da magia e não segui os conselhos que me foram dados de sair/me esconder. [...] Eu tinha cabelos negros, lisos e encaracolados, era branca, magra...” (M23)

5.1.11 Deficiência Física/Transtorno/Sofrimento Mental Intenso

Nesta categoria foram incluídos sete excertos de relatos nos quais os sujeitos acreditam terem tido algum tipo de deficiência física ou transtorno/sofrimento mental intenso. Os contextos envolvem a Idade Média, Brasil no século XVII e a França. Um sujeito menciona a Bahia e outro, acredita ter vivido o Rio de Janeiro do início do século XIX.

“Desisti da vida e morri definhando em depressão...” (M44)

“[...]eu era uma jovem adolescente que andava descalça com cabelos soltos e malcuidados, com um vestidinho muito simples. Eu parecia ter algum problema mental e estava apaixonada por um frei franciscano que morava nesta igreja...” (M45)

“Era infeliz, acredito que tinha depressão. O marido era bom para mim, mas eu era do

tipo de sofrer excessivamente. Não fui boa mãe, só pensava em como eu sofriria...” (M39)

“[...] eu estava muito perturbada. Lembro de ficar horas e horas deitada, olhando a copa das árvores, sentir o cheiro de mato, da terra. Sentir insetos andando e pousando sobre mim. A boca secava. Sentia fome e sede. Não conseguia me mover. Não compreendia quem eram as pessoas que ali estavam, porque vinham, iam embora, me alimentavam, carregavam pra outro lugar... [...], até meu desencarne, por volta dos 8 ou 9 anos de idade.” (M55)

“[...] eu estava em uma cama e havia umas 5 pessoas a minha volta. Eu estava muito doente e gritava como um homem (eu estava em estado de possessão espiritual). Era outra vida e ele estava desencarnado e eu encarnada. Tinha me casado e constituído uma família, mas quando minha bebê nasceu tudo piorou! E eu não pude cuidar dela. Fiquei doente e com possessão. Havia médico, padre e familiares e nninguém conseguia fazer algo que melhorasse meu estado...” (M31)

“[...] situação de sofrimento psíquico [...] trabalhava nas terras da senhora citada. Tivemos envolvimento emocional e físico e a senhora era casada com o dono das terras, pessoa inescrupulosa, autoritária e violenta. [...] Desencarnei com uma fragilidade psíquica muito grande, e praticamente morri de saudade, me embrenhando nos matos e provavelmente enlouqueci, pq a senhora fugira, pois engravidara e não queria sofrer nas mãos do aristocrata.” (H48)

“Fiquei muito triste. Fiquei depressiva. Não tinha mais vontade de fazer nada. Deixei de cuidar dos meus filhos, tinha quatro, parece que eram duas meninas e dois meninos. Depois [...] na praça, toda suja, jogada, não tinha juízo, nem sabia o que tava acontecendo. Fiquei louca. Tinha uma pessoa que sempre cuidava de mim, chegava um garoto que me dava comida, me banhava, trocava as minhas roupas, só que na mesma hora eu rasgava. Dormia ali mesmo, no chão da praça. Eu me sentia bem quando essa pessoa chegava, mas não o reconhecia. [...]e me vi velhinha, um homem sempre cuidava de mim, ia lá me dar comida...” (M50)

5.1.12 Prostituição

Sete relatos que incluem prostituição envolvem a Idade Média, o século XIX e a antiga Iugoslávia e França.

“[...]uma taberna com muitos homens usava um vestido vermelho da época medieval, era uma mulher de vida fácil...” (M44)

“Éramos franceses. Meu nome era Desirée [...] o dele Rôger... ele me seduziu e colocou

para trabalhar como dançarina de cancan e prostituta em cabaré ... e me explorava como cafetão ...assim como à outras pessoas que lá se prostituíam...” (M57)

“Estava num porto, eu era uma meretriz a época e sentia muita tristeza...” (M37)

“[...]veio uma mulher me oferecer ajuda, disse que poderia me abrigar, mas em troca, eu teria que trabalhar, então, aceitei, mas não sabia que ali era uma casa de prostituição [...] Fiquei ali por um tempo, mas eu detestava estar ali, fazendo o que eu me sentia obrigada a fazer...” (M40)

“[...]uma boa senhora que, no entanto, era dona de uma Maison fechada e exclusiva. [...]eu acabei por decidir trabalhar como uma das meninas da Maison. Em pouco tempo eu me tornei conhecida do Pigalle...” (M49)

“Estou em uma espécie de varanda de um quarto de bordel na Yugoslávia. Parece que estamos em meados de 1800 [...]Veio se despedir...” (M55)

“Eu estava em um bordel, os homens me olhavam. Entretanto, por ser (acredito) nova naquela casa, eu era meio que protegida por uma mulher (vamos dizer que a cafetina da casa, aquela que mandava em todas). Realmente não me lembro de ter feito práticas sexuais com algum homem, mas eu sabia que entre eles tinha um que ficava mais no meu pé. Esse homem tinha um relacionamento com a mulher que me protegia e gerenciava a casa. Ela sabia disso, mas mesmo assim me protegia...” (H32)

5.1.13 Convento/Mosteiro/Escola de Freiras

Categoria que inclui seis excertos de relatos de instituições religiosas cujos contextos envolvem o Brasil, a Espanha e Portugal. O contexto da Idade Média também é citado.

“[...]adulta, vestia hábito de freira [...] e morava numa espécie de castelo de pedra [...] onde estudava e lia muito em uma língua que me era estranha. ” (M46)

“Foi decidido que eu seguiria para um convento católico [...] Fui para o convento resignada. [...] Conforme eu crescia, as pessoas foram notando que eu me parecia, de forma assustadora, com uma de nossas professoras no convento. Uma jovem de 25 anos. Os rumores começaram e minha vida no internato tornou-se um inferno. [...]E eu era a sua filha. [...] Então eu pedi à minha mãe biológica que se ela quisesse fazer algo por mim, que me ajudasse a fugir dali. O convento era uma prisão, e éramos todas muito bem vigiadas, até que um dia, quando o portão se abriu para a passagem de uma carruagem de entrega para o convento, minha mãe deteve as

correntes que faziam girar o mecanismo e eu fugi. Eu tinha mais ou menos 15 anos quando consegui escapar.” (M37)

“Recordo-me do dia em que fui deixada no convento. Um pavor tomou conta de mim, e eu tremia tanto na enxerga à que me recolhera, que o barulho ecoava pelo salão. Era um salão de pedra enorme, dedicado a crianças órfãs, com 2 fileiras de camas pobres, metricamente alinhadas. Eu não dormi na primeira noite, chorando copiosamente. Quando todos dormiam, e a madrugada ia alta, vi alguém adentrar-se no salão, segurando uma vela. [...] disse-me que não chorasse, que ela era minha tia, irmã de meu pai, e que tomaria conta de mim. -Disse-me que ninguém poderia saber do nosso parentesco; este seria nosso segredo. [...] -Eu cresci no convento, sob a discreta proteção de minha tia, que com o tempo tornou-se abadessa. Eu terminei optando pela vida religiosa, por gostar muito de estudar e por estar com ela. Depois de sua morte, eu tornei-me abadessa no mesmo convento, onde terminei os meus dias...” (M37)

‘ [...] era uma roupa de freira, aquelas escuras. Eu estava muito satisfeita e ansiosa pelo início do ano letivo. Saí da sala e caminhei por um corredor externo e iam passando pessoas e eu as cumprimentava, algumas nos abraçávamos... Abri uma porta no final do corredor e saí, quando fechei estava escrito "Educandário Nossa Senhora da Piedade"’ (M60)

“Tem uma mulher bonita me olhando, que me estende a mão e me tira dali, troca as minhas roupas. Sinto cheiro de comida, faz tempo que eu não como. Tem mais pessoas e eu não sinto mais medo. Ela me leva pra conhecer o lugar, que é bonito, com uma plantação de rosas brancas. Ela me ensina a colher as rosas. Eu enfeito uma igreja, uso roupa de freira, ajudo naquele lugar. Eu limpo, lavo as roupas, gosto daquela vida. Gosto de cuidar do jardim, das rosas brancas, sinto o perfume delas...” (M57)

“Ao ficar moça, minha ama foi enviada para o convento e eu fui junto, para cuidar dela no convento. Me tornei pessoa triste, não pude mais falar em africano (creio que era idioma banto), tive que me vestir com roupas escuras, quentes e apertadas e “esquecer” minha religião de origem, assistir missa e seguir os ritos católicos. Não pude mais ter contato com os meus amigos negros e nem namorar. Me tornei uma pessoa extremamente triste e sofrida. Detestava o convento e a madre superiora, as freiras brancas me tratavam mal, só minha sinhazinha me protegia, mas eu era propriedade do convento.”(M54)

5.1.14 Acontecimentos/Personalidades Históricas

Seis relatos dizem respeito a acontecimentos e/ou personalidades históricos. A maioria remete a fatos religiosos, como a fuga dos judeus do Egito, a morte de Jesus, o possível circo romano e o início do Espiritismo, no século XIX, na França. Um relato está contextualizado na União Soviética.

“Tenho uma visão de Stálin me dando uns doces, eu criança, espécie de bala branca, redonda, muito saborosa, sem estar embrulhada, parece que ele me coloca sentada sobre uma das suas pernas sorridente, gentil.” (M63)

“[...]o cemitério Père Lachaise [...] eu vejo um túmulo, escrito Gilbert Dufaux¹⁵, tendo a certeza de que esse era o meu nome na época e que o túmulo se encontra lá. ” (M54)

“[...] eu andava, era um caminho antigo, como a passagem da bíblia que diz das pessoas que ficaram no deserto por 40 anos procurando a terra prometida. Essas pessoas andavam numa multidão e eu me lembro que eu recordava de estar naquela multidão passando fome, frio e calor e reclamava muito, eu não gostava do que sentia, que era angústia e muita raiva, mas sabia que tinha que ficar ali, porque não tinha como voltar para trás, eu tinha apenas seis anos de idade quando me recordava disso. As pessoas gritavam "pegam maná que está caindo do céu" e eu não queria pegar porque eu queria morrer, porque eu não aguentava mais andar naquela multidão e andava muito.” (M47)

“[...] andando por um corredor com mais duas mulheres que eram minhas amigas, atrás de nós um guarda segurava uma tocha acesa. Descemos uma escadinha de 5 degraus, fizemos pequena curva e nos deparamos com o corpo de Jesus colocado em um espaço tipo retangular cravado numa pedra (tudo lá era pedra), seu corpo estava coberto com um pano branco (só aparecia os pés), havia uma espécie de fresta entre duas pedras que clareava o corpo de Jesus recusei a olhar para aquela cena, e dizia não, não quero ver Jesus morto, não quero) uma forte dor tomou conta da minha alma (dor esta nunca sentido) nem mesmo quando perdi meus pais (era uma dor intensa, completamente diferente) E quando dizia que não queria ver Jesus assim morto minha amiga do lado esquerdo tocou em meu ombro dizendo não, não ele não esta morto.” (M53)

“A época é o início da era cristã, entre século I e século III em algum lugar dentro dos domínios do império romano [...] os “bastidores”, o porão, o calabouço [...] de um circo, uma arena, [...] Eu era um homem nos seus 20 e tantos anos, presumo – embora parecesse mais velho -, muito

¹⁵ Pai de Ermance De La Jonchere Dufaux, nascida em 1841, na França, uma das principais médiuns a trabalhar com Allan Kardec (<https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Ermance-Dufaux.pdf>)

magro, com barba e cabelos escuro, longos, imundos e desgrenhados. Vestia uma espécie de túnica, também muito suja, de tecido grosseiro. Eu era o responsável por limpar a arena após o “espetáculo”. Recolhia, corpos, pedaços de corpos, vísceras e dejetos em geral de pessoas e animais que haviam sido destroçados.” (H64)

“[...] me vi com vestimentas antigas e de coque, o senhor presente estendia a mim uma xícara de chá, a mesa era redonda, uma bandeja sustentava a delicada porcelana enfeitada de dourado [...] Ah, meu doce Camille Flammarion¹⁶, meu mestre, meu amigo e companheiro, estávamos ali conversando em minha sala predileta. Afaguei seu rosto e senti sua barba branca e macia entre meus dedos...” (M57)

5.1.15 Grupos Étnicos

Categoria que inclui cinco excertos de relatos de grupos étnicos ciganos. Os contextos citados são a Espanha, Itália, Minas Gerais (século XIX).

“[...]eu era uma cigana, era um grupo grande, a cena que me lembro, estávamos embaixo de uma árvore muito grande, estávamos acampado, tinha uma fogueira, estava acontecendo uma festa e eu dançava. ” (M35)

“[...]eu era uma cigana, já mais velha, que como que "adotava" (protegia e aconselhava) uma moça rica que havia fugido de casa para juntar-se ao nosso grupo. ” (H54)

‘[...]eu era de uma tribo cigana "Tribo do fogo", andaluz, e tinha local de destaque devido à minha capacidade de cura, de lida com chás e encantos [...] alguns membros desse povo: Barô e Sanches, ao vê-los me recordo em detalhes das noites em volta das fogueiras...’ (M38)

“[...] eu era cigana e ele sacerdote, em Roma, que ao me ver pelas ruas se interessa sexualmente por mim; minha tribo se instala próximo aos muros de Roma, ele tenta expulsar essa religião pagã de perto de Roma e, não conseguindo, autoriza minha prisão e incendeia toda a caravana de ciganos... [...] após extermínio da tribo de ciganos sou levada para um lugarejo próximo à Roma, onde segregadas e escondida me torno, involuntariamente, mulher desse sacerdote [...] com ele tenho [...] filho [...] eu criei até os 11 anos, qdo ele foi levado para internato para se tornar tbem

¹⁶ O francês Nicolas Camille Flammarion nasceu na França, em 26 de fevereiro de 1842. Foi pesquisador da área psíquica e espírita, astrônomo e divulgador científico. (<https://www.febnet.org.br/portal/2020/06/03/fatos-e-personalidades-95-anos-de-desencarnacao-de-camille-flammarion/>)

sacerdote, só o revejo após muitos anos já adulto, numa única visita que faz... [...] sei que não gostava do sacerdote que me sequestrou e transformou em amante, sem família e até modo de ser tive de mudar, perdi a alegria...” (M57)

“[...] Eu era bem jovem, tipo uns 19 anos. Era de altura mediana, pele morena clara, cabelos castanhos médios abaixo dos ombros e levemente ondulados, com uma franja dividida no meio. Era magra e estava vestida como uma cigana camponesa: saia um palmo e meio abaixo do joelho com babado na barra e elástico na cintura, de fundo claro e com estampas pequenas; a blusa era clara, tipo branca, uma tomara que caia nos ombros, e eu andava ou descalça, ou com sandália aberta e baixa...” (M53)

5.1.16 Traição/Roubo

A categoria traição/roubo inclui cinco relatos no Brasil (Minas colonial), Itália (Roma) e Espanha (séculos XIII e XV).

“[...]morava em castelo também e era rica. Era casada [...] Meu marido era muito ambicioso e eu o ajudei a se tornar mais ambicioso pelos bens materiais. Tiramos até os bens materiais da minha cunhada nesta encarnação...” (M35)

“Eu me vi numa domus romana. Dezenas de pessoas, mulheres, velhos e crianças estavam sentados no chão do que supostamente era minha casa. Lembro que pedi para um escravo meu chamado Matheus fazer alguma coisa com urgência, pois uma sensação de arrependimento tardio se apossava de mim. Matheus me disse que não havia mais nada o que fazer. De repente, uma cavalaria de soldados romanos entra pelos portões que Matheus já não podia mais fechar e, sem nenhuma piedade, matam a espadadas todas as pessoas que ali estavam. Era um massacre de cristãos! [...] eu havia atraído aquela gente pobre para minha residência como uma promessa de recompensa para César, o qual havia colocado os cristãos como inimigos de Roma. [...] Eu não esperava tanto banho de sangue e nem mesmo sentir tanto remorso no coração.” (M38)

“[...] ruas de terra, muito mato, roupas simples. [...] um menino claro que gosta de enganar e fazer pequenas trapaças para se dar bem e levar vantagem sobre os irmãos e amigos. [...] Quero mais e vou fazer de tudo para no futuro me sobressair e deixá-los para trás.... [...] sou moço tenho boa influencia nas amizades, chego e circulo nas altas rodas da sociedade local sem dificuldade. Posso subir ainda mais e ter mais destaque. Basta tirar da minha frente quem é um

empecilho. [...] eliminá-las é uma prova mais segura que nunca aparecerá o que fiz. Tenho a ajuda de um alquimista e um 'executor' alguém que mata caso o alquimista falhe. Não tenho dó nem piedade do que faço. Me sinto bem e feliz por tirar entraves de meu caminho. Não sei quantas pessoas 'desapareceram' com esta conduta, mas não foram poucas. [...] Não ligo para o sofrimento dos familiares dos mortos e até vou consolá-los, rindo muito por dentro. A 'sujeira' que faço não aparece e ninguém nunca vai ter provas contra mim. Não há como me culpar de nada. [...] O tempo avança.... meu corpo já não tem o mesmo vigor físico, mas evito o Maximo que saibam.... não quero que me eliminem, assim como fiz com outros. Este dilema passa a atormentar e me deixar raivoso com tudo e com todos.... Preciso tomar cuidado com os que me cercam, para que não me matem.... Se eu fiz com outros, porque não fariam comigo? Sinto dores de cabeças, sensações de estrangulamento, vou me tornando um velho pior.... parecem que todos aqueles que eliminei estão voltando....para me cobrar a vida e a esperança que tinham.... Ainda assim, não me arrependo do que fiz. Consegui o que quis.” (M43)

“[...] pois havia entregue à coroa informações que levaram a condessa (minha irmã) e o padre do local, que era seu amigo e confidente, à morte em uma emboscada. Eles foram pegos por estarem desviando ouro e pedras preciosas por rotas de mulas que eram desconhecidas. Isso foi numa noite de muita chuva, vi o ataque os tiros. A condessa foi alvejada pelas costas e caiu em um riacho e o padre recebeu um tiro no coração. Os negros me amaldiçoaram, pois eram muito queridos e protegidos pela condessa...” (M38)

“[...] não gostei do que ela disse. Ela disse que eu não soube valorizar o amor, por isso não teria mais amor na vida, nem filhos e disse que eu tinha matado duas pessoas [...] -Fiquei com muito ódio dela. Lembro direitinho que minha vontade foi de acabar com ela... Um ódio que hoje eu não sou capaz de sentir [...]. Eu quis me vingar, convidei as duas crianças, filhas dela pra estudar música e também seduzi o companheiro dela, para depois convencê-lo a se livrar dela (matá-la) pra ficar comigo. O bando foi embora, fiquei com o homem e as crianças na casa...” (M55)

5.1.17 Abandono/Expectativa de Regresso

Nesta categoria estão incluídos cinco excertos de personagens femininas que descrevem terem sido abandonadas e/ou estarem aguardando o regresso de uma pessoa amada que não aconteceu. Uma delas descreve-se vestida como árabe, outras mencionam a França, a União Soviética, a Espanha (Málaga em 1834), a Alemanha (por volta de 1880). Um sujeito cogita ter vivido no Reino Unido

(Cornualha).

“[...]sozinha em minha tenda, morri de doença pulmonar, após ter sido abandonada por um grande amor, morri de tristeza, apesar de ter sido deixada com um punhal ao lado para caso quisesse me matar, ele foi embora depois de se despedir...” (M33)

“[...] mulher com roupas Árabe [...] Eu estava na beira do mar, o vento batia no rosto e eu estava ali esperando ele voltar ele era um mercador. Eu estava muito triste porque ele saiu em viagem e nunca mais voltou e eu passava os dias indo no mesmo lugar esperando ele [...] voltar e assim morri de tristeza...a mesma sensação pelo corpo inteiro...” (M60)

“Era dona de casa e meu marido um soldado que estava em uma guerra. [...] muito triste [...] esperando ele voltar durante muito tempo. [...] Tinha uma vida pacata de dona de casa dependente, inclusive emocionalmente, do marido e muito triste com sua ausência. Eu realmente sabia que ele não estava morto e ficava olhando pra janela esperançosa que ele chegasse a qualquer momento. Quando um dia tive um pressentimento eu senti um golpe muito forte e naquele momento eu sabia que meu esposo tinha partido e chorei amargamente...” (M33)

“[...] estava, de repente, próxima a uma parede de pedras, que vinha até a altura da minha cintura. [...] Eu podia sentir o toque da parede de pedras que eu segurava em minhas mãos, e um vento forte, cheiro de mar, e podia ouvir ondas fortes batendo em alguma construção rochosa ali perto. O tempo estava nublado, e eu sentia o vento balançando meus cabelos, que pareciam compridos. Um sentimento muito perturbador me envolveu, e uma sensação de espera dolorida me assolou. Eu sabia que estava esperando alguém que não voltaria. [...] A sensação de espera, dor e solidão...” (M27)

“[...] me vejo num quarto, possivelmente de uma pensão, é noite, estou esperando alguém, é um encontro, saio, desço uma escada de poucos degraus e ando por uns metros, meio quarteirão, chego à esquina, há uma pequena praça. Ali se aproxima um homem, está com uma mala, conversamos e ele vai-se embora. Está me abandonando...” (M63)

5.1.18 Incêndio/Explosão

Quatro relatos dizem respeito à incêndios ou explosão na Inglaterra e Bahia.

“[...]do incêndio nesta mesma casa, morremos todos queimados e asfixiados uma irmã minha tem uma viga caída na cabeça e eu a vejo morrer. ” (M51)

“Comecei a sentir raiva, entrei na biblioteca e com uma vela que iluminava o local coloquei fogo nos livros” (M45)

“Nesse mesmo instante alguma explosão acontecia no céu não muito próximo a eles. Mas dava para perceber que eles olhavam apavorados para a explosão e corriam. Este cenário acontecia em uma praia, que aparentemente só havia os três lá. ” (M57)

“[...] era um rapazinho adolescente de mais ou menos 15 anos que vivia em um pequeno vilarejo na Inglaterra. Minha família tinha o pai a mãe e mais dois irmãos menores, uma menina e um menino. Meu pai era ferreiro e minha mãe cuidava da casa. Eu fazia pequenos serviços em troca de moedas que ajudassem no sustento da família. [...] Uma noite, quando eu voltava para casa vi a vila sendo atacada por homens a cavalo com tochas. As casas tinham o teto de palha e me escondi no mato próximo visto que sozinho não poderia salvar ninguém. Foi aterrador ver tudo pegando fogo, saber que minha família tinha sido dizimada sem poder fazer nada.” (M50)

5.1.19 Acidente/Incapacitação

Categoria que inclui três excertos de relatos que envolvem acidente ou algum tipo de incapacitação em Portugal e na França (1900).

“Estava no chão com a perna direita dobrada para fora, os ossos quebrados, em virtude de uma queda sofrida de uma grande altura. O peito começou a arder como estivesse tendo uma distensão no coração. [...] dor que rasgava o peito. Ato contínuo, o corpo foi ficando pequeno e gelado até eu acordar num corredor de hospital com a cor verde nas paredes, com arcos nas portas, corredor bem largo e iluminado. Estava numa maca com algumas pessoas correndo comigo. Entrei numa sala, tipo bloco cirúrgico. uma pessoa se aproximou e colocou uma máscara em mim. Todas elas estavam de verde e eram brancas a cor da pele. Fui adormecendo.” (H58)

“[...] eu estava caminhando em uma rua com casarões antigos, eu [...] alta e magra, [...] estava conversando com umas pessoas que eu dizia ser minha irmã e dois sobrinhos. Falávamos o português de Portugal e na lembrança eu estava em Lisboa. Eu estava indo pra aula de dança quando sofri uma forte queda e me machuquei gravemente, não pude mais dançar.” (M40)

“[...] eu havia bebido, e em uma festa ele me viu dançando com um outro moço, e então ele saiu da festa bravo. Então fui para casa esperar por ele, estava chovendo muito forte. Logo ele aparece com algumas pessoas que o carregava na maca. Ele havia se acidentado com a carroça, e então ele fica paralisado. A mãe dele que morava junto, me odiava, e ele me perdoou disse que isso

tinha que acontecer, e tal...” (M37)

5.1.20 Situação de Rua

Três são as narrativas de supostas vivências de situação de rua. Um sujeito cita Paris (século XIX).

“Depois, vivi cerca de 2 meses na rua...” (M49)

“[...]onde éramos mendigos e pedintes de rua, [...] era pedinte atrás de comida e dinheiro...” (M40)

“[...] morava em lugares abandonados, puxava uma carroça tinha uns 6filhos, todos catando lixo e famintos na rua. Lembro muitas vezes com roupas rasgadas e semi nua, dentes estragados, cabelos infestados de piolho. Vivia do lixo eu e meus filhos. Certo momento catando um lixeiro, acharam uma lata de doce de goibada, todos felizes iríamos fazer uma refeição, quando abriu era graxa...” (M46)

5.1.21 Desbravamento/Colonização

Dois excertos são de relatos de sujeitos que acreditam terem participado de movimentos de desbravamento e/ou colonização na América e no sul do Brasil.

“[...]eu era um inglês que estava entre os pioneiros que foram para a América, casado tendo uma relação extra-conjugal [...] uma outra mulher do mesmo grupo de pioneiros...” (H54)

“[...] a navegação de encoto que ia de Sul a norte, tendo passado pela borda do Fim do Mundo na antiga Patagônia, até o atual rio La Plata que era chamada de borda do Come Carne até a entrada da Boca do Diabo atual canal da Barra de Rio Grande, a abertura das antigas trilhas dos índios Charrua e dos Índios Carijós, e sempre muito frio, mortes, canibalismo, sofrimento e maconha.” (H28)

O que se depreende das alegadas memórias de nossa amostra, independente do contexto histórico/geográfico ou social, da idade, ocupação, sexo, são vidas com muitos eventos adversos nos quais a crueldade parece imperar. Entretanto, como veremos a seguir, menos da metade da amostra -

191 pessoas (47,5%) - afirmou a influência das memórias em suas vidas e/ou de suas famílias, à despeito de parecerem tão significativas para quem as lê.

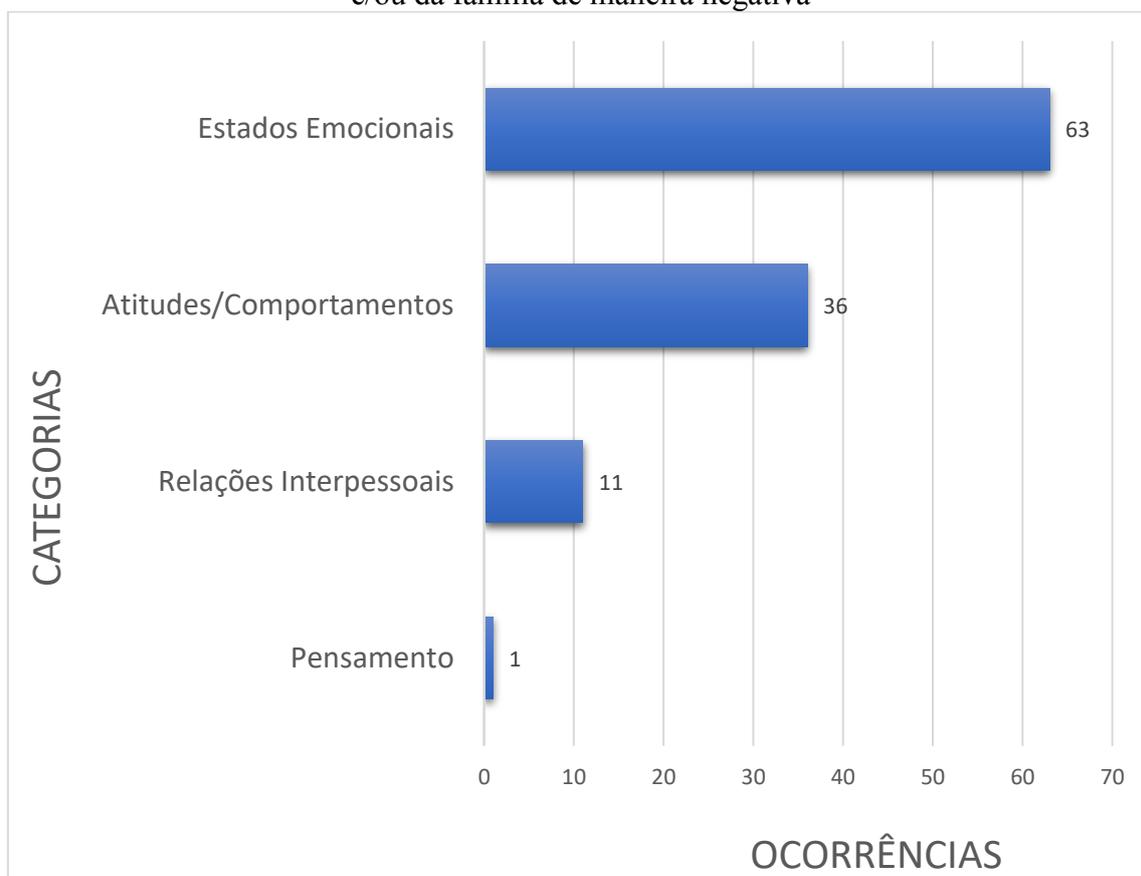
5.2 IMPACTOS DAS ALEGADAS MEMÓRIAS NA VIDA DO SUJEITO/FAMÍLIA

Dentre os 191 participantes, 84 (44%) indicaram influência negativa de suas alegadas memórias nas suas vidas e/ou de suas famílias; 71 (37,2%) indicaram influência positiva; dois participantes (1%) apontaram maneiras positivas e negativas simultaneamente e 34 (17,8%) responderam de forma que não foi possível realizar a codificação como positiva ou negativa, sendo que destes, algumas respostas não permitiram qualquer inferência: *“talvez não exatamente ter afetado, mas influencia”*, *“relações de causa e efeito”* e *“decisiva”*.

5.2.1 Impactos negativos

No gráfico 2 estão representadas o número de ocorrências das categorias de influências negativas das memórias na vida sujeito e/ou de sua família. As categorias com maior frequência são, em ordem decrescente: “Estados Emocionais”, “Atitudes/Comportamentos”, “Relações Interpessoais” e “Pensamento”.

Gráfico 2 – Ocorrências de categorias de como as memórias afetaram a vida do sujeito e/ou da família de maneira negativa



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Em relação às formas negativas de influência das memórias, há predominância de dois eixos nos relatos dos participantes, que podem ser lidos abaixo: 1) os aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais por eles referidos e 2) a percepção daqueles que os rodeiam sobre sua experiência. Infâncias e adolescências descritas como conturbadas e medo, fobias, depressão, angústia são sensações e sentimentos compartilhados pelos participantes que parecem dificultar ou mesmo impedir ações ordinárias do cotidiano. Esses relatos deixam entrever uma conexão com as memórias que parece análoga ao que foi observado em estudo de Mills (2006) com adultos que manifestaram memórias na infância. Ao se utilizar a *Tellegen Absorption Scale*, que acessa o grau da habilidade que o indivíduo possui de se tornar profundamente absorto em uma experiência ou em algo, os sujeitos que alegavam memórias pontuaram mais do que os controles, o que indicaria sua capacidade aumentada de imersão na identidade da vida passada. Um deles, apesar de afirmar que as memórias

não tinham grande impacto em sua vida, reduziu suas visitas à suposta família anterior dizendo *“Quando eu vou lá, eu me torno Kishen Behari Jatev”* (MILLS, 2006, p.143).

Os relacionamentos interpessoais, especialmente os familiares, são retratados como muito prejudicados. A tendência de patologização da experiência por parte dos familiares demonstra-se presente, possivelmente, pela peculiaridade da situação. Como consequência, o silêncio. Crianças decidiram se calar após perceberem que seu entorno era, de alguma forma, hostil às suas experiências de caráter anômalo. Esta atitude defensiva, talvez, esteja na gênese das sensações e sentimentos negativos descritos pelos participantes. Damiano et al. (2021) escrevendo sobre experiências do tipo psicóticas e mediunidade ressaltam a importância de fatores socioculturais influenciando seus desfechos. A presença de um ambiente de apoio e de uma estrutura cognitiva que dêem sentido à experiência (como a espiritualidade) são preditores importantes para uma integração saudável. A seguir, os excertos de relatos dos impactos negativos segundo as categorias:

5.2.1.1 Estados Emocionais

A categoria que mais apresentou ocorrências de maneiras negativas de influência das memórias na vida do sujeito e/ou de sua família foi a de estados emocionais (63).

As unidades de contexto são variadas, sendo as mais presentes as relações familiares e a saúde. Surgem, também, o contexto profissional, o da infância, do trânsito, da alegada vida passada e da atual, da Segunda Guerra Mundial, dentre outros:

“ [...] Qd 8 anos eu sentia e sinto um vazio insuportável” (M44)

“Isso me abalou demais emocionalmente” (M55)

“ me trazia muito medo e acabou afetando a minha saúde” (M33)

“Não suporto ver algumas situações e falar sobre esse sentimento” (M50)

“Medo de perder meu filho, medo de não cuidar direito do meu filho” (M39)

“[...] raiva de policiais” (M39)

“Medo, inseguranças, indecisão profissional” (M28)

“Perturbaram minha mente na época. Achei que ficaria louco” (H38)

“Eu sempre sinto que uma coisa já aconteceu e me dá pânico. Por exemplo, se minha filha estiver perto de uma varanda, rapidamente me vem uma cena como se ela fosse cair, por exemplo. Isto me causa fobia”. (M27)

“ [...] fiquei um pouco "perdida" se estava misturando tudo, muito medo ” (M35)

“ Às vezes sentimentos intensos de saudades e angústias inexplicáveis ” (M26)

“ Depressão ” (M51)

“ [...] tenho muito medo de ser surpreendida com homens que podem me bater, me agredir. ” (M47)

“ Adolescência conturbada. ” (M34)

“ [...] às vezes me sinto culpada... ” (M66)

“ [...] meus pais tinham medo de mim... ” (M37)

“ Costumo passar mal com o assunto... ” (H23)

“ Eu fiquei meio perturbada, angustiada, confusa. ” (M25)

“ Insatisfação continua. ” (M50)

“ Despertar de sentimentos e desprendimento de situações conflitantes. ” (H24)

“ Eu tenho depressão e tendências suicidas desde pequena... ” (M54)

“ Minha mãe ficou triste... ” (M41)

“ Eu vivia pedindo a minha mãe para retornarmos a casa que tinha balanço... aqueeeela...! Mamãe não sabia que casa era e eu não sabia explicar onde ficava. [...] Minha mãe ficava muito irritada... ” (M66)

“ Tenho muita ansiedade, pânico, sonhos anormais relacionados... ” (M22)

“ Essa incerteza me deixa agoniada, perdida, confusa, apesar de não me lembrar de tudo eu tenho uma sensação muito forte de que posso encontrar esclarecimentos que vão dar um norte no meu caminho e me fazer compreender a minha vida atual. ” (M23)

“ As viagens eram, em sua maioria, sempre conturbadas, devido ao meu desespero em estradas, e sempre acompanhadas de náuseas e vômitos. ” (H18)

“ Uma vez eu tive uma crise de desespero, estava presa na lembrança. Meus pais foram me ajudar [...] dizia que sentia muita mágoa deles. [...] Fico com raiva de meu pai sem motivo aparente (nessa vida). (M31)

“ À medida que os pesadelos foram ficando mais intensos e acontecendo com mais frequência, fui ficando com medo, por exemplo, de lugares com teto rebaixado. [...] Além do medo de voltar a dormir e ter o mesmo pesadelo de novo ” (M33)

“ depois que eu comecei a falar da vida após a morte aos meus pais, quando era criança e tive ataques de pânico, fui levada ao médico várias vezes e tomei remédios para cabeça, tipo Gardenal. ” (M32)

“Quando tirei a habilitação fiquei por anos com medo de dirigir. Precisei fazer auto escola para pessoas habilitadas e assim voltar a dirigir. Mas ainda tenho dificuldades durante as chuvas. ” (M40)

“Tive uma infância bastante atordoada. Dificuldade pra dormir, ouvia vozes. Sonhos que não pareciam sonhos. Avisos sem saber de quem. ” (H59)

“Medo de errar e fazer algo ruim, ter que reencarnar de novo. ” (M47)

“Sofri muito, pois enxergava e sentia as coisas...” (M43)

“Sempre tive sonhos e pesadelos que me revelaram muitas coisas. Por vezes, assustou muito minha mãe...” (M44)

“Agora não, mas quando eu era mais jovem ficava com muito medo. A pouco tempo eu procurei um psiquiatra, achei que estava louca por que foi muito forte” (M40)

“Minha mãe, quando comecei pesquisar sentia muito medo. Meu marido no começo também tinha...” (M49)

“[...] medo de dormir, ficava horas em claro, parece que ia sempre acontecer algo comigo ou com minha família. ” (M48)

“Vontade infinita de chorar, pedir perdão, estado de choque” (M47)

“Porque não me sinto parte daqui. ” (M47)

“Sensação de perda. ” (M31)

“Muita dor e saudade, até certa idade eu queria morrer para voltar” (M47)

“A pior parte foi a fobia. Segundo, eu sempre me achei estranha e diferente...” (M38)

“Problemas com depressão. ” (M37)

“Sempre senti saudades de um tempo que não tinha mais, e não sabia de onde vinha a saudade. ” (M53)

“Tinham medo. ” (M27)

‘[...] minha mãe ficou magoada e [...] meus outros familiares que também ficaram revoltados [...] com o fato de eu [...] “criar uma história dessas” e passar a rejeitá-la...’ (M35)

“ Sempre existe um desequilíbrio ao rememorar fatos traumáticos. ” (M38)

“Minha depressão e ansiedade parecem ter base nisso” (H28)

“[...] afetaram minha maneira emocional, já que experimentei muitas vezes tristeza ou medo [...] me sentir inadequada/estranha...” (M27)

“Saudades de outra vida e outros entes queridos. ” (M33)

“[...] muito medo do mar, [...] angustiada quando minha filha ou marido entravam no mar. ” (M51)

“Tive problemas de aceitação no trabalho o que me causou muito desconforto e enfrentamentos. ” (M52)

“Depressão que estava lincada a perda de um filho na outra vida...” (M44)

“ [...] Sinto o intenso amor [...] Que eu perdi para a morte dentro do meu peito [...] Desenvolvi um tipo de fobia [...] Vivo hoje o desejo [...] E o receio de me aproximar [...] Sinto que se não resolver [...] Vou finalizar esta vida carregando uma baita frustração. ” (M53)

“ medo de voar. “ (H50)

“Obsessões espirituais. Ataques psíquicos. Fobia. “ (M38)

“Acho que tenho um certo medo de viajar. ” (H47)

“Tenho medo de meus filhos quando se trata de água, cachoeira, praia, rio” (M50)

“Eu tenho Pavor.... de Ficar a Sós com Indivíduos de sexo Masculino” (M41)

“A única q sabe da encarnação cmo enfermeira alemã é minha irmã mais velha [...] Fiquei muito chocada e acredito q ela tbm. [...] entrei em depressão profunda [...] Me envergonho disso, ms é mais forte q eu. ” (M44)

“Medos, fobia desde criança em ouvir ou assistir qualquer notícia sobre o Hitler. Eu sinto que estive lá, essas lembranças me fazem muito mal” (M35)

“os irritavam, era desconhecido” (M55)

“ Não gosto de meus dois sobrinhos acredito que eles foram da minha família na vida passada e não me salvaram de meu assassinato” (M23)

5.2.1.2 Atitudes/Comportamentos

Em atitudes/comportamentos, houve 36 ocorrências, em sua maioria no contexto das relações familiares e interpessoais, embora haja registros de infância, sexualidade, saúde, vida profissional, tipos de lugares, trânsito, etc:

“[...] era muito chorona e não dormia, acordava aos prantos assustada...” (M44)

“ [...] nunca compartilhei minhas angústias e saudade que brotavam em mim... julgava que não entenderiam... minha mãe era muito religiosa e meu pai um homem pragmático e sem muito carinho” (H58)

“ [...] não conseguia mais me aproximar das pessoas envolvidas na lembrança. ” (M35)

“ [...] Terminei um relacionamento porque achei que ele ia tentar me matar algum dia ”

(M47)

“ causavam estranheza ” (M47)

“ Tensão ao ouvir barulho de aviões, estado de alerta permanente ” (M34)

“ [...] A impressão q tenho q voltei para pagar minhas dívidas trabalhando com crianças cmo professora delas e msm assim falhei [...] não suportar trabalhar em elas. [...] Não falamos mais sobre isso. (M44)

“ [...] vi que meus pais não conseguiram perdoar as atitudes que julguei serem as certas na época (Índia) e continuavam a me prejudicar e humilhar, etc, desisti de lutar por isso e me afastei o máximo que pude... ” (M66)

“ Muitas vezes sou egoísta e egocêntrica ” (M41)

“ Nunca tive filhos por medo de perde los ” (M26)

“ Afastamento afetivo talvez ” (M29)

“ [...] E achei melhor (tinha uns 6 anos) não dizer mais nada ”. (H60)

“ [...] Eu era muito antissocial até a adolescência [...] Meu filho era meu irmão mais velho e até hoje me trata como irmã mais nova, não como mãe ” (M54)

“ [...] Desde os 9 anos que leio livros sobre reencarnação e viagens astrais, etc ” (M41)

“ [...] meus pais [...] mandei eles saírem [...] Chorava horas pela filhinha que me foi levada... ” (M31)

“ [...] dificuldade em me manter em um lugar só ” (H28)

“ Eu jamais entraria em uma gruta, por exemplo, pelas lembranças que os pesadelos me trazem... ” (M33)

“ [...] começo uma coisa e muitas vezes não termino. Não acredito muito no meu potencial ” (M30)

“ [...] minha mãe. Evitei falar porque ela tinha um pouco de medo ” (M44)

“ afetou minha vida, pois fui uma criança que pensava como adulto e pouco aproveitei minha infância ” (M48)

“ Não pego em fósforo ” (M35)

“ Não ir a passeios ou dirigir numa ponte ” (M47)

“ a ingratidão ” (M48)

“ [...] me torno uma pessoa fria, rude e imponente ” (H31)

“Não tinha muita noção de fantasia e realidade. Às vezes misturava um pouco...” (M38)

“Minha avó que me criou junto à minha tia ficavam assustadas com as coisas que eu falava e via” (M23)

“Cheguei a dizer que minha mãe não era a minha mãe (por volta dos 12 anos), que meus pais eram separados (não são, nem nunca foram) [...] Não falo sobre isso com nenhum dos meus irmãos porque eles me teriam como louca...” (M35)

“Tem lugares que eu não vou de jeito nenhum. O pai do meu ex esposo tem um sítio e sempre que ia lá me apareciam aranhas caranguejeiras...” (M43)

“Por várias vezes acordava a noite para agredir minha genitora (cujo eu era escravo).” (H41)

“ [...] minha mãe [...] eu era muito rude com ela e dizia que não confiava nela...” (M21)

“ [...] me fez muitas vezes evitar esses assuntos...” (M27)

“Acabei me tornando mais sério que outras crianças. Tinha questionamentos que elas não tinham. Não via graça nas brincadeiras comuns, exceto quando estava na companhia de crianças mais cultas” (H42)

“ nunca quiz engravidar, por não sabia que era vida passada e sim premonição do futuro” (M54)

“ [...] (Atuais mãe e irmão mais velho) e mudei de cidade porque não queria mais vê-los. [...] Mas não confio plenamente nela [...] O difícil é que, principalmente ele, ainda tem muitas semelhanças de personalidade com o rapaz de montserrat. [...] E não quero me relacionar com outra pessoa...” (M53)

“Hj vejo que de certa forma sim, sempre tive um comportamento tímido e retraído, buscando não chamar muito a atenção dos homens, assim como na adolescência – dos 14 aos 15 anos – me vestia com roupas muito largas, bem maiores que meu número, qualquer coisa que me tornasse pouco desejável...” (M57)

“ [...] eu era uma criança triste e reservada. Fui levada à diversos médicos, pois achavam que eu tinha algum problema mental (esquizofrenia, retardo mental). Fui levada a psiquiatras e psicólogos. O diagnóstico ficou em aberto. Só puderam afirmar que eu tinha um QI acima da média, e eles não sabiam explicar o que estava acontecendo.” (M37)

5.2.1.3 Relações Interpessoais

O número de ocorrências desta categoria foi 11, com as unidades de contexto se dividindo entre relações familiares, amorosas e sociais:

“Reencontrei o grande amor da minha vida em uma vida passada. [...] afetou meu casamento” (M55)

“Considero que afeta meus relacionamentos.. [...] Terminei um relacionamento porque achei que ele ia tentar me matar algum dia.” (M47)

“Meus pais não acreditavam no que eu dizia. E achavam que eu estava ficando louco. Ouvi uma vez eles dizendo que iriam me internar para tratamento...” (H60)

“Sou considerada estranha no meu entorno. ” (M41)

“ [...] conseqüentemente atrapalha a minha convivência com as pessoas” (M22)

“As pessoas não sabiam lidar com a minha espiritualidade. Não davam ênfase. ” (M43)

“Na minha relação com meus pais. Tenho conflito com meu pai até hoje” (H44)

“Falta de confiança das pessoas em mim e desrespeito” (M48)

“Inimizade entre irmãos e indiferença de pai para com o filho mais velho e vice-versa” (H68)

“ [...] desavença com a minha mãe...” (M21)

“Não consegui mais me relacionar com os 2 algozes daquela vida” (M53)

5.2.1.4 Pensamento

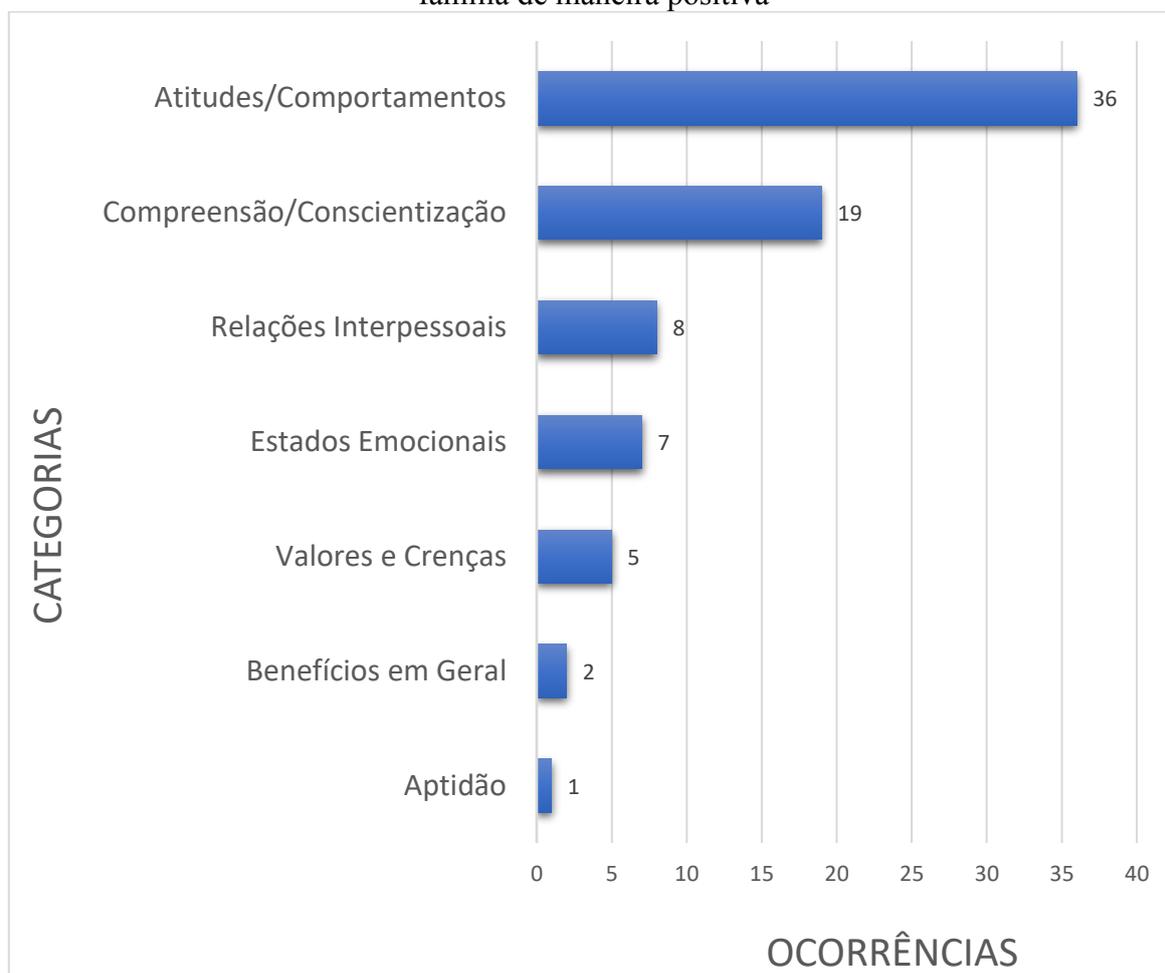
Uma ocorrência para a categoria pensamento, sendo a unidade de contexto as próprias memórias:

“Quando penso na possibilidade em morar nas ruas, assim como vejo nas minhas lembranças” (M43)

5.2.2 Impactos Positivos

O gráfico 3 representa o número de ocorrências das categorias de influência positiva das memórias na vida dos sujeitos e/ou de suas famílias. Por ordem decrescente de frequência, estão “Atitudes/Comportamentos”, “Compreensão/Conscientização”, “Relações Interpessoais” “Estados Emocionais”, “Valores e Crenças”, “Benefícios em Geral” e “Aptidão”.

Gráfico 3 – Ocorrências de categorias de como as memórias afetaram a vida do sujeito e/ou da família de maneira positiva



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dentre as categorias positivas, as respostas revelam uma mudança significativa no íntimo dos participantes, que se apresenta sob três aspectos principais: o do si, o das relações e o da R/E. Para esses sujeitos, o rememorar as experiências da SVP parece ter propiciado autoaceitação, autovalorização e autoperdão, com desenvolvimento de sentimentos positivos, maior responsabilidade e desejo de não mais incorrer nos erros que acreditam ter cometido.

Este amadurecimento psicológico está presente em diferentes narrativas, com reflexos nas inter-relações. Foi no contexto familiar que ocorreram a maior parte das mudanças, seja porque as relações se fizeram melhores, seja porque as memórias levaram à compreensão e aceitação das dificuldades desta convivência atual, minimizando exigências e cobranças.

Assim, novos valores se apresentaram e levaram, também, à busca por R/E, tanto por parte do sujeito quanto por parte de algumas famílias. Crenças novas surgiram e outras foram reforçadas dando a entender que a vida atual ganhou mais sentido.

Abaixo, as diferentes categorias de influências positivas das memórias com os excertos de relatos:

5.2.2.1 Atitudes/Comportamentos

Foram 36 ocorrências da categoria atitudes/comportamentos que exemplificam a maneira positiva pela qual as memórias afetaram a vida do sujeito e/ou de sua família. As unidades de contexto são diversas: vida cotidiana, morte, saúde, R/E, profissional, etc, sendo a mais presente, a familiar:

“[...] aumenta minha responsabilidade” (M43)

“Me direcionaram a fazer escolhas assertivas para não errar novamente. ” (M46)

“Maior responsabilidade em relação a mudanças necessárias [...] busca de melhorar o meu espírito, principalmente ao estudo espírita e a divulgação do espiritismo” (M57)

“Perdi o medo de sofrer dor quando for morrer” (M54)

“Da primeira vez, deu-me calma e deixei de ser revoltada” (M69)

“Passei a valorizar minha origem e meus antepassados...” (M48)

“Mudou completamente a forma de agir, trabalhar e cuidar das pessoas. Devolução de tudo aquilo que havia tirado ” (M37)

“De forma positiva, busca pela espiritualidade” (M51)

“[...] meu pai [...] teve extremo cuidado para com todos os convites insistentes que me eram feitos [...] e que nos anos 80 eram quase uma porta de entrada para a prostituição...” (M57)

“[...] consegui forças para enfrentar a situação” (M53)

“[...] consegui me perdoar para acertar a minha contabilidade com Deus” (M35)

“Acho que na vida escolho a ser do candomblé, tudo me levou a esse caminho, por mais que tenha corrido por um tempo a ser iniciada, acabei sendo feita” (M55)

“Valorizo bem mais minha família” (M36)

“Passei [...] a perdoar, até por que sofri abusos físicos sérios de minha mãe, uma rejeição muito Forte vinha dela. ” (M40)

“[...] aceitação da deficiência. Minha mão direita ficou parcialmente sem movimento e afetou os dedos indicador e polegar. Dedos que supostamente se usa num gatilho de arma de fogo.”
(M53)

“Brincadeira com algum brinquedo que me fazia esquecer mais as dificuldades sofridas”
(H23)

“minha família sempre acreditou na existência da reencarnação e de espíritos [...] passaram a acreditar mais depois disso” (M19)

“Meus parentes próximos começaram a estudar sobre o assunto” (H45)

“Repensei o orgulho e a prepotência” (H65)

“[...] identifiquei a pessoa [...] que tinha convivido comigo na referida existência passada, inclusive com a identificação de nome e profissão de ambos [...] com o passar dos anos nos aproximamos e hoje estamos casados. ” (H40)

“[...]e eu me transformei em muitos aspectos. [...] no final nós nos harmonizamos. (M49)

“Paramos de brigar” (M40)

“[...] ela deve reter no íntimo o mal que causei a ela em outra vida, ainda que não recorde. Então foi mais fácil perdoar e aceitar nosso afastamento” (M47)

“Me levou a buscar na espiritualidade as respostas para os sentimentos estranhos que eu tinha” (M29)

“Repensei tudo sobre essa vida e passei a dar mais importância para essa existência atual, evitando os erros que cometi na anterior” (M43)

“Na busca de tratamentos e estudos que explicassem o que eu sentia. Todos contribuíram para a pessoa que sou hoje. ” (M44)

“Me tornei mais paciente com meus familiares. ” (H27)

“Reafirmação de decisões e melhora na autoestima” (H60)

“[...] as lembranças juntamente com o tratamento que é dado pela espiritualidade me ajudaram a encontrar meu objetivo de vida [...] me tornei mais otimista, confiante e saudável...”
(M33)

“ ampliaram [...] a minha tolerância em relação aos outros” (M53)

“Passei a ter um amor maior por tudo e ao mesmo tempo a me desapegar do meu círculo familiar mais íntimo, já que tudo e todos são a minha família” (M50)

“Eu aprendi a controlar meus medos. ” (H23)

“[...] a escolha da minha profissão atual” (H51)

“As brigas apaziguaram muito depois dessa lembranças. ” (M44)

“Hoje me aceito como guerreira. Movimentando causas sociais” (M44)

“Ter tomado conhecimento da minha vida passada mudou muitas das minhas atitudes depois disso” (M45)

5.2.2.2 Compreensão/Conscientização

Nesta categoria foram 19 ocorrências positivas, em diferentes contextos, sem que nenhum deles se destaque. Ela inclui narrativas em que os participantes citam terem se tornado mais conscientes em relação a valores, processos vividos e/ou terem compreendido melhor a si, a outrem ou a própria vida. Há contextos referentes ao autodesenvolvimento, relações interpessoais e familiares, R/E, saúde, cotidiano, etc:

“Entendo muita coisa hoje... tenho mais consciência das coisas” (M43)

“Entendi o porquê das brigas com o meu Pai” (H59)

“Descobri a razão de algumas dificuldades atuais” (M37)

“[...] me ajudou a me conhecer e entender porque eu sou assim...” (M35)

“Procuro realmente compreender minha vida, minhas emoções com base no que me recordo” (M35)

“Passei a entender melhor as coisas sofridas nessa vida...” (M40)

“Na melhor compressão sobre a importância do perdão...” (M53)

“Entendi melhor as pessoas envolvidas e porque têm certas atitudes” (M49)

“Trouxe sentido para acontecimentos/situações desafiadoras” (M55)

“positivamente [...] ajudando-me a compreender meus problemas atuais...” (H46)

“[...] consegui entender que por mais que eu tenha feito de tudo nessa vida para agradá-la, ela deve reter no íntimo o mal que causei a ela em outra vida, ainda que não recorde” (M37)

“Depois que eu me lembrei as situações da vida atual fizeram mais sentido e diminuiu um pouco o meu fardo” (M31)

“Para compreender melhor as situações de agora. ” (M42)

“[...] ampliaram o meu entendimento e compreensão das coisas” (M33)

“[...] ampliaram minha compreensão” (M53)

“[...] as situações da vida atual fizeram mais sentido” (M35)

‘Passei a compreender que o que eles precisam não é “me amar”, mas me aceitar como filha e irmã. ’ (M43)

“O suicídio na encarnação passada me trouxe consequências físicas e psicológicas que, após o entendimento, fui capaz de entender” (M63)

“ A facilidade em entender a descrição do umbral e como os processos se dão. ” (H51)

5.2.2.3 Relações Interpessoais

As oito ocorrências que dizem respeito às relações interpessoais têm seu principal foco no contexto familiar:

“Creio que [...] minha paternidade” (H51)

“Para mim de forma muito boa pois tive a oportunidade de encontrar o meu amor de todas as vidas e estamos crescendo juntos em todos os sentidos, principalmente espiritualmente” (M60)

“Melhorou em muito as minhas relações familiares. ” (M55)

“Mudou toda a minha família, hj adotei meu filho de vida passada e provei para todos que ele é meu filho e ele lembra de tudo também” (H27)

“ Minha relação com meu pai melhorou consideravelmente” (H29)

“Na minha relação com meus pais. [...] com minha mãe uma cumplicidade infinita (H44)

“MELHOROU A MINHA RELAÇÃO COM AS PESSOAS NA VIDA ATUAL” (H48)

“Continuar com quem eu amo. ” (M45)

5.2.2.4 Estados Emocionais

Sete ocorrências dizem respeito aos estados emocionais do sujeito em diferentes contextos como a morte, saúde, relações interpessoais e familiares, das próprias memórias e do si:

“[...] me conforta. ” (M47)

“[...] Sinto profundo respeito e admiração. E um amor intenso e profundo” (M48)

“[...] Hoje me sinto mais receptiva” (M31)

“[...] ter mais equilíbrio” (H46)

“Eu tinha um sentimento de raiva e revolta que não tinha explicação. [...] esses sentimentos diminuíram muito. ” (M40)

“desapareceu a sensação de que eu iria morrer aos 20 anos e a agonia do toque na garganta” (M54)

“Creio que [...] meu relacionamento sentimental... ” (H51)

5.2.2.5 Valores e Crenças

Valores e crenças estiveram presentes em cinco ocorrências, em unidades de contexto que dizem respeito à R/E e ao autodesenvolvimento:

“Maior consciência espiritual” (M40)

“Descobri que a verdadeira riqueza é a sabedoria, o amor, que nos leva a lugares e sentimentos inimagináveis” (H52)

“As memórias são vívidas. Mais vívidas do que muitas memórias emotivas e importantes. Elas me fazem crer na vida após a vida” (M29)

“Comprova cada vez mais a existência após a morte e importância do perdão” (M24)

“Acredito que no sentido de reforçar a minha fé” (M32)

5.2.2.6 Benefícios em Geral

Observaram-se, também, duas ocorrências de benefícios em geral na vida dos sujeitos, no contexto da saúde e finanças:

“Ajudaram-me a me curar de uma doença” (M46)

“Me ajudam a ter uma renda extra pois através dos artesanatos consigo um dinheiro extra” (M28)

5.2.2.7 Aptidão

Houve uma ocorrência com unidade de registro aptidão, na unidade de contexto linguagem:

“Sempre tive muita facilidade com a matemática” (H66)

Encerrada a análise de conteúdo, apresentaremos os dados quantitativos.

6 RESULTADOS QUANTITATIVOS

A apresentação dos resultados quantitativos inicia pelo perfil da amostra.

6.1 PERFIL DA AMOSTRA – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Tivemos 402 formulários incluídos no estudo, após análise dos critérios de admissibilidade. Os participantes têm idade média de 41,6 ($\pm 12,4$), variando de 18 a 70 anos. A maior parte é do sexo feminino (79,1%), gênero com o qual 75,1% da amostra se identifica, branca (75,4%), com ensino superior completo ou mais (68,1%), trabalhadora (50,5%) das áreas da saúde (17,2%) e educação (17%), com renda familiar mensal entre quatro e 10 salários mínimos (35,3%). Doze participantes indicaram ser gêmeos e, com relação à naturalidade, o estado de São Paulo é o mais representado (26,4%), havendo predominância da região sudeste (62%). Além de brasileiros, a amostra conta com uma pessoa natural da Argentina e uma da Alemanha, residentes no Brasil. A composição familiar com maior frequência é a de dois membros (39%) (TABELA 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos participantes (n=402)

VARIÁVEIS		
	Média ± DP	Mínimo - Máximo
<i>IDADE (anos)</i>	41,6 ± 12,4	18 - 70
	n (%)	
<i>SEXO</i>		
Feminino	318 (79,1)	
Masculino	84 (20,9)	
<i>IDENTIDADE DE GÊNERO</i>		
Feminino	302 (75,1)	
Masculino	98 (24,4)	
Outro	02 (0,5)	
<i>IRMÃO GÊMEO (Sim)</i>		
	12 (03)	
<i>ESCOLARIDADE</i>		
Não frequentou - Ensino médio	59 (14,7)	
Superior incompleto	69 (17,2)	
Superior completo	89 (22,1)	
Especialização	120 (29,9)	
Mestrado	40 (09,9)	
Doutorado	25 (06,2)	
<i>OCUPAÇÃO**</i>		
Estudante	33 (08,2)	
Trabalhador	203 (50,5)	
Estudante e trabalhador	65 (16,2)	
Afastado/desempregado	68 (17)	
Aposentado	33 (08,2)	
<i>**Profissionais de saúde</i>		
Professores	69 (17,2)	
Profissionais ciênc.sociais aplicadas	68 (17)	
Serviços administrativos/público	51 (12,7)	
Estagiários	44 (11)	
Técnicos	18 (04,5)	
Profissionais das engenharias	14 (03,5)	
Profissionais ciências humanas	09 (02,2)	
Profissionais ciências agrárias	08 (02)	
Profissionais ciências agrárias	04 (01)	
Profissionais ciências biológicas	04 (01)	
Profissionais ciências biológicas	03 (0,8)	
Profissionais ciênc.exatas e da terra	03 (0,8)	
Profissionais ciênc.exatas e da terra	02 (0,5)	
Profissionais linguística/letras/artes	02 (0,5)	
Profissionais linguística/letras/artes	02 (0,5)	
Outros	109 (27,1)	
<i>RAÇA</i>		
Branca	303 (75,4)	
Parda	78 (19,4)	
Negra	19 (04,7)	
Amarela	02 (0,5)	

(continua)

(conclusão)

VARIÁVEIS	
	n (%)
<i>NATURALIDADE</i>	
São Paulo	106 (26,4)
Minas Gerais	78 (19,4)
Rio de Janeiro	62 (15,4)
Rio Grande do Sul	44 (11)
Paraná	16 (04)
Pernambuco	14 (03,5)
Santa Catarina	09 (02)
Bahia	09 (02)
Pará	07 (01,8)
Distrito Federal	07 (01,8)
Alagoas	06 (01,5)
Paraíba	06 (01,5)
Goiás	06 (01,5)
Ceará	05 (01,2)
Amazonas	05 (01,2)
Maranhão	04 (01)
Sergipe	04 (01)
Piauí	03 (0,8)
Espírito Santo	03 (0,8)
Mato Grosso	03 (0,8)
Amapá	02 (0,5)
Rio Grande do Norte	01 (0,3)
Hannover (Alemanha)	01 (0,3)
Buenos Aires (Argentina)	01 (0,3)
<i>RENDA FAMILIAR</i>	
Até R\$1.996,00	66 (16,4)
R\$ 1.996,01 – R\$ 3.992,00	80 (19,9)
R\$ 3.992,01 – R\$ 9.980,00	142 (35,3)
R\$ 9.980,01 – R\$ 19.960,00	86 (21,4)
Acima R\$ 19.960,01	28 (07,0)
<i>COMPOSIÇÃO FAMILIAR</i>	
Mora só	14 (03,5)
Duas pessoas	157 (39,0)
Três pessoas	107 (26,6)
Quatro pessoas	83 (20,6)
Cinco pessoas	21 (05,3)
Seis pessoas	08 (02)
Sete pessoas	07 (01,7)
Oito pessoas	02 (0,5)
Nove pessoas	01 (0,3)
Dez pessoas	02 (0,5)

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

6.2 DADOS DE R/E

Acerca da R/E da amostra, a maioria é composta por espíritas (54,5%). Os que têm interesse/frequenciam outras religiões somam 55,5%. Destes, 32% apontam o espiritismo como a religião de maior interesse/frequência. Observa-se a presença de muitas outras religiões, ainda que sub-representadas. Os que afirmam não ter religião somam 17%, sendo que apenas uma pessoa (0,3%) não acredita em Deus/força superior. Acreditam: na existência de algo para além da matéria (99%), na permanência de algo após a morte do corpo físico (96,5%), em reencarnação (93%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Características de Religiosidade/Espiritualidade dos Participantes (n=402)

VARIÁVEIS	n (%)
<i>RELIGIÃO</i>	
Espírita	219 (54,5)
Católica	47 (11,6)
Umbanda	28 (07)
Evangélico	10 (02,5)
Candomblé	05 (01,2)
Protestante	01 (0,3)
Budismo	01 (0,3)
Judaica	01 (0,3)
Outra *	21 (05)
Não tem, mas acredita em Deus/força superior	68 (17)
Não tem e não acredita em Deus/força superior	01 (0,3)
* Espiritualista	04 (19)
Messiânica	03 (14,1)
Seicho no ie	02 (09,5)
Wicca	02 (09,5)
Mais de 1	02 (09,5)
Conscienciologia	01 (04,8)
Reiki	01 (04,8)
Sem rótulos	01 (04,8)
Mística	01 (04,8)
Hinduísmo	01 (04,8)
Anglicana	01 (04,8)
Ecumenicista	01 (04,8)
Esotérico cristão	01 (04,8)
<i>INTERESSE/FREQUÊNCIA EM OUTRA RELIGIÃO (Sim)</i>	223 (55,5)
Espírita	72 (32)
Mais de uma	42 (19)
Católica	33 (14,8)
Umbanda	18 (08)
Budismo	16 (07)
Indefinido	08 (03,5)
Espiritualista	06 (02,7)
Candomblé	05 (02,2)
Judaica	05 (02,2)

(continua)

(conclusão)

VARIÁVEIS	n (%)
Seicho no ie	04 (01,8)
Paganismo/Wicca	02 (0,9)
Evangélica	02 (0,9)
Thelema	01 (0,5)
Fraternidade Branca	01 (0,5)
Antroposofia	01 (0,5)
Conhecimento Védico	01 (0,5)
<i>Perfect Liberty</i>	01 (0,5)
Presbiterianismo	01 (0,5)
<i>Kaballah</i>	01 (0,5)
Santo Daime	01 (0,5)
Batista	01 (0,5)
Não sabe, dúvida	01 (0,5)
CRENÇA EM ALGO ALÉM DA MATÉRIA (Sim)	398 (99)
O que existe além da matéria?	
Espírito/alma/energia/seres de luz/demônio...	152 (38,2)
Deus e Jesus + anjo/espírito...	106 (26,6)
Reencarnação/vidas passadas	59 (14,9)
Deus/algo superior/orixás/força criadora...	37 (9,3)
Tudo/não duvida de nada/universalismo	15 (3,7)
Pluralidade existências/outras dimensões	14 (3,5)
Projeciologia/conscienciologia/filosofia budista...	05 (1,3)
Sem categoria	10 (2,5)
CRENÇA PERMANÊNCIA ALGO ALÉM MORTE (Sim)	388 (96,5)
Não sabe	11 (2,7)
Não	03 (0,8)
O que permanece além da matéria?	
Espírito/alma/consciência/plano espiritual/essência...	327 (84,3)
Vida real/espiritual/eterna/verdadeiro mundo...	23 (5,9)
Memórias/sentimentos	04 (01)
Reencarnação	03 (0,8)
Corpo	01 (0,3)
Sem categoria	30 (7,7)
CRENÇA EM REENCARNAÇÃO (Sim)	374 (93)
Não sabe	26 (6,5)
Não	02 (0,5)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Sobre as alegadas memórias e a crença em reencarnação, participantes de diferentes religiões trouxeram alguns comentários ao longo do questionário, que podem ser lidos no APÊNDICE D.

Na BMMRS, as médias das dimensões “Valores/Crenças” (3,03±1,06) e “História Religiosa e Espiritual” (3,7±0,75), representam os maiores níveis de R/E desta amostra,

respectivamente. Destacaram-se como menores níveis de R/E as “Práticas Religiosas Privadas” ($18,7 \pm 6,98$) e “Experiências Espirituais Diárias” ($15,9 \pm 6,25$). Os participantes classificam-se como moderadamente religiosos (52,7%) e moderadamente espiritualizados (48%) (TABELA 3).

Tabela 3 – Resultados das dimensões da Escala BMMRS (n=402)

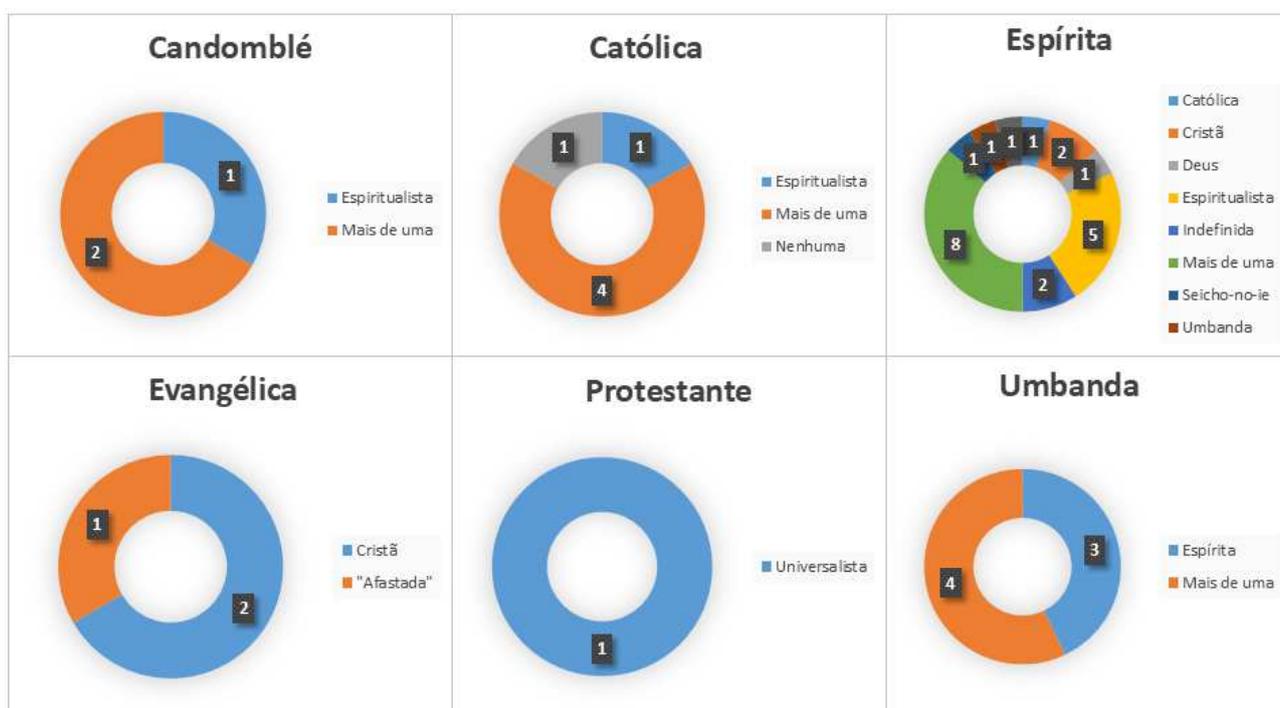
VARIÁVEIS	MÉDIA ± DP	MÍNIMO-MÁXIMO
EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS DIÁRIAS	15,9 ± 6,25	6 - 36
VALORES/CRENÇAS	3,03 ± 1,06	2 - 8
PERDÃO	5,4 ± 1,62	3 - 11
PRÁTICAS RELIGIOSAS PRIVADAS	18,7 ± 6,98	6 - 37
SUPERAÇÃO RELIGIOSA E ESPIRITUAL		
<i>Coping</i> Positivo	4,6 ± 1,84	3 - 11
<i>Coping</i> Negativo	4,3 ± 1,71	3 - 12
SUPORTE RELIGIOSO	8,5 ± 2,57	4 - 16
HISTÓRIA RELIGIOSA E ESPIRITUAL #	3,7 ± 0,75	3 - 6
COMPROMETIMENTO	7,3 ± 2,12	3 - 12
RELIGIOSIDADE ORGANIZACIONAL	7,5 ± 3,24	2 - 12
		n (%)
# Experiência religiosa ou espiritual mudou a vida		337 (83,8)
Recompensa com a fé		315 (78,4)
Perda significativa da fé		153 (38)
PREFERÊNCIA RELIGIOSA		
Espiritismo		199 (49,5)
Catolicismo		38 (09,5)
Outros		165 (41)
AUTOCLASSIFICAÇÃO GERAL		
Muito religiosa		84 (20,9)
Moderadamente religiosa		212 (52,7)
Pouco religiosa		69 (17,2)
Nem um pouco religiosa		37 (09,2)
Muito espiritualizada		174 (43,3)
Moderadamente espiritualizada		193 (48)
Pouco espiritualizada		33 (08,2)
Nem um pouco espiritualizada		02 (0,5)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Alguns comentários dos participantes acerca da dimensão “História Religiosa e Espiritual” podem ser lidos no APÊNDICE D.

Acerca do percentual diferente de espíritas e católicos apresentado na tabela 3 (Resultados das dimensões da Escala BMMRS) em comparação com a tabela 2 (Características de R/E dos participantes) apresentam-se, nas figuras 14 e 15, as mudanças de autodeclaração religiosa. Dos 333 participantes que declararam filiação religiosa nos dados sociodemográficos, 42 (13%) indicaram outra religião ao responder a BMMRS (FIGURA 15).

Figura 15 – Mudanças de autodeclaração religiosa entre dados sociodemográficos e BMMRS



Nota: O título de cada uma das figuras se refere à alternativa escolhida nos dados sociodemográficos e, as legendas, às declarações feitas à pergunta da BMMRS “Qual sua religião no momento?”. Os números são absolutos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dos 68 que se declararam sem religião, mas crentes em Deus/força superior, 11 (16%) modificaram a resposta na BMMRS (FIGURA 15).

Figura 16 – Mudança de autodeclaração de participantes que se afirmaram sem religião, mas crentes, nos dados sociodemográficos e indicaram religião ou agnosticismo na BMMRS



Nota: O título da figura se refere à alternativa escolhida nos dados sociodemográficos e, a legenda, às declarações feitas à pergunta da BMMRS “Qual sua religião no momento?” Os números são absolutos.
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

6.3 CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS

A primeira manifestação das alegadas memórias se deu, em média, aos 19,9 anos ($\pm 13,8$) ($n=359$) e de modo espontâneo¹⁷ (82,3%), sendo mais frequente na fase adulta (43%) (Tabela 4). Há participantes que indicaram a idade zero como de início da manifestação ou com frases como “*Desde o nascimento*” e há participantes que relatam terem tido a primeira manifestação aos 60 anos de idade.

¹⁷ Os casos considerados espontâneos, além dos típicos de crianças que começaram a mencionar uma SVP na primeira infância, são aqui, também, aqueles nos quais as alegadas memórias se manifestaram no período hipnopômico, durante os sonhos, meditação, relaxamento, transe mediúnico, através de imagens mentais e estímulos ambientais como músicas, objetos, filmes, etc. Os casos de hipnose de regressão, terapias de vidas passadas ou aqueles em que o sujeito teve as memórias estimuladas a partir de perguntas feitas por outrem foram considerados não-espontâneos.

Tabela 4 – Características de Manifestação das Alegadas Memórias de Vidas Passadas (n=402)

VARIÁVEIS	MÉDIA ± DP	MÍNIMO - MÁXIMO
<i>IDADE DA MANIFESTAÇÃO</i> (anos) n=359	19,9 ± 13,8	0 - 60
	n (%)	
<i>FASE DA VIDA DA MANIFESTAÇÃO</i>		
Infância	145 (36,1)	
Adolescência	65 (16,2)	
Adulta	173 (43)	
Não lembra	19 (04,7)	
<i>MODO DE MANIFESTAÇÃO</i>		
Espontâneo	331 (82,3)	
Não espontâneo	38 (09,5)	
Não lembra	33 (08,2)	

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Comentários acerca do modo de manifestação das alegadas memórias podem ser lidos no APÊNDICE D.

A seguir, apresentamos o comportamento dos participantes em relação às suas alegadas memórias e a possível publicidade delas. Participantes afirmaram ter havido algum tipo de pesquisa acerca das memórias em 23,1% dos casos. Nestes, a utilização de bibliotecas/internet/trabalhos acadêmicos/mapas/fotos se deu em 29%. Este mesmo percentual (29%) é o de participantes que recorreram à hipnose/terapias/terapias de vidas passadas como forma de pesquisa.

Tiveram contato com a suposta família anterior 14,7%, sendo a maior frequência (38,9%) em função de serem casos intrafamiliares ou por convivência familiar. Este contato persiste em 71,2% dos casos, com pessoas que são familiares atuais (54,8%), sendo que 26,2% classificam-no como bom. A maioria dos que não mais mantêm contato (29%) se justifica alegando distanciamento ou falecimento.

Dez dos casos integrantes da pesquisa foram divulgados pela mídia, a maior parte através da *internet/ebook* (quatro), sendo que cinco sujeitos possuem este material e cinco afirmaram que outrem mantém cópia também (TABELA 5).

Tabela 5 – Características de Comportamento dos Participantes em Relação às Alegadas Memórias e Publicidade dos Casos (n=402)

VARIÁVEIS	n (%)
<i>PESQUISOU SOBRE VIDA PASSADA</i> (Sim)	93 (23,1)
Fonte de pesquisa	
Biblioteca, Internet, Trabalhos Acadêmicos...	27 (29)
Terapia VP, Hipnose, Terapias...	27 (29)
Comunicação Espírita	06 (06,5)
Foi a locais, entrevistou pessoas...	05 (05,4)
Mais de uma fonte	04 (04,3)
Sem categoria	24 (25,8)
<i>CONTATO SUPOSTA FAMÍLIA ANTERIOR</i> (Sim)	59 (14,7)
Quem fez contato	
Sujeito	10 (17)
Familiars	04 (06,8)
Profissional de Saúde	01 (01,7)
Caso Intrafamiliar/Convivência familiar	23 (38,9)
Convivência Social	13 (22)
Sem Categoria	08 (13,6)
<i>MANTÉM CONTATO?</i> (Sim)	42 (71,2)
Com quem?	
Familiars	23 (54,8)
Relacionamento Amoroso	09 (21,4)
Amigo	02 (04,8)
Vários	08 (19)
Como classifica o contato?	
Bom	11 (26,2)
Razoável	04 (09,5)
Ruim	01 (02,4)
Bom e Ruim	05 (11,9)
Distante	01 (02,4)
Sem Classificação	20 (47,6)
Se não, por que?	
Distanciou-se/faleceu	05 (29)
Sem interesse/dificuldades emocionais	03 (18)
Não sabe	01 (06)
Outros	02 (12)
Sem categoria	06 (35)
<i>CASO DIVULGADO NA MÍDIA</i> (Sim)	10 (2,5)
Meio de divulgação	
Internet/Ebook	04 (40)
Impresso/Livro	03 (30)
Televisão	02 (20)
Mais de um meio	01 (10)
Cópia do material com sujeito (Sim)	05 (50)
Cópia do material com outrem	
Sim	05 (50)
Não	03 (30)
Não sabe	02 (20)

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Afirmativas de alguns participantes sobre a pesquisa realizada acerca de suas memórias estão listadas no APÊNDICE D.

A seguir são apresentadas as características descritas na literatura como comuns aos casos de alegadas memórias de vidas passadas. A maioria da amostra (54%) apresenta marcas/defeitos congênitos, sendo as marcas as preponderantes (82%). Há crença na relação das marcas/defeitos com a SVP em 47,3% em função do que teria sido o tipo de morte ou estilo de vida (26,2%). Destacamos a presença de uma marca experimental:

Meu marido ha 16 anos me reconheceu através de um Íbi que tenho na perna direita, o qual ele em vidas passadas desenhou na minha perna no momento da minha morte, causada por um escorpião. ” - “Quando eu tive uma visão antes de conhecer o meu marido, foi mostrado porque eu tinha essa marca do IBIS na cocha direita e quem tentou me salvar da mordida de um escorpião. (M60)

Habilidades/talentos não aprendidos foram relatados por 47,5% dos participantes, sendo a maioria (34,5%) para as artes/habilidades manuais. A crença na relação com a SVP (85,3%) se dá, na maior parte, em função dos sujeitos não conseguirem explicação na vida atual para tais capacidades (30,9%). Uma participante escreveu: “*Bordar, costurar e artes em geral*” “*Porqur nesta vida não fiz aulas sobre muitas técnicas que domino com muita facilidade*” (M48).

Mais da metade da amostra (51,2%), mesmo tendo treinado para desenvolver uma habilidade/talento, acreditam na relação com a SVP e, novamente, a categoria artes/habilidades manuais foi preponderante (23,3%): “*Talento através da massagem/ mãos*” (M42). Uma participante descreve habilidade manual e de leitura, esta, associada ao período de intermissão:

Adoro ler e costurar. Acredito que não aprendi enquanto vivia aquela vida, mas enquanto aguardava para nascer (reencarnar). Me recordo que após passar um longo período nas profundezas do umbral, fui levada para um lindo lugar, onde costumava ler sobre uma árvore enorme. Adorava aquilo demais. O clima era fresco. Cheiro suave das flores. E meu livro. Era incrível. (M35)

A afirmação de fobia/medo inexplicável na infância foi feita por 71,1% da amostra e 30% indicaram vários objetos fóbicos, enquanto 12,2% apontaram os animais. A fobia/medo inexplicável persiste em 71% dos sujeitos, sendo que 75,2% acreditam na relação com a SVP e supõem uma associação com o tipo de morte que teriam tido (23,3%). Uma participante escreveu:

Altura, fobia de me afogar e insetos que voam. Não sei se cair de uma grande altura. Mas tenho essa sensação d queda e sei que morrer afogada não é bom. Não consigo

vê cenas debaixo da água na tv. Passei mal assistindo água-mãe, entre outras produções na qual se passam na água. Minha asma ataca pelo nervoso que sinto de saber que não se respira ali. (M33)

A presença de filia/desejo incomum na infância se deu em 30,3% da amostra. Fumar era desejado por 31,1% das crianças e 76,2% dos agora adultos, creem que isto se relaciona com fatos da SVP (36,6%): “Fumar” “Eu nunca fumei e os médicos me disseram que tenho pulmão de fumantes” (M58). Há outros tipos de filias e desejos bem peculiares como: “Eu aos cinco anos queria adotar crianças, ter um Orfanato” (M41), “andar bem alinhado”; “Eu falava que era um trabalhador. Queria vestir roupa de homem. Não gostava do meu cabelo cumprido” (M55); “Me machucar” (M50); “ir ao cemitério para ver se era o que eu via em flashes”; “Nada com bebidas e drogas. Mas sensação de tristeza e tendência suicida” (M31).

As alegadas memórias foram expressas durante brincadeiras na infância por 27,9% e, em 27,7% dos casos, as brincadeiras despertaram sensações/sentimentos e/ou as próprias memórias. Acreditam na relação com SVP 75% dos participantes, em função de representarem fatos supostamente ocorridos (53,6%):

Estava na escola com um colega mais velho eu tinha 5 anos, ele era maior e servia de meu cavalo, foi a unica vez e isso bastou para recordar um momento de vida passada em que estava em um dia nublado, com uma roupa pesada e com muito medo de morrer em meio a uma guerra. Lembro q pedi a professora que chamasse a minha mãe, e um nome que lembro como Capeto. (H23)

Quando perguntadas se as alegadas memórias influenciaram a vida própria e/ou da família, 47,5% responderam que sim, sendo as influências negativas o maior percentual (44%) (TABELA 6).

Tabela 6 – Características Comuns aos Casos de Memórias de Alegadas Vidas Passadas (n=402)

VARIÁVEIS	n (%)
MARCA/DEFEITO CONGÊNITO (Sim)	217 (54)
Pinta, verruga, sinal, cicatriz...	177 (82)
Deficiência	07 (03,2)
Doenças	11 (05)
Vários	14 (06,5)
Outros	03 (01,4)
Sem categoria	04 (01,9)

(continua)

(continuação)

VARIÁVEIS	n (%)
Crença na RVP (Sim)	103 (47,3)
Motivo:	
Supõe tipo morte/estilo de vida passada	27 (26,2)
Fatos da vida passada	17 (16,5)
Afirma ser em função do tipo de morte	13 (12,6)
Sem explicação na vida atual	07 (06,8)
Não sabe/compreende	18 (17,5)
Outros	21 (20,4)
<i>HABILIDADE/TALENTO NÃO TREINADO (Sim)</i>	191 (47,5)
Artes/habilidades manuais	66 (34,5)
Vários	48 (25,1)
Linguagens	40 (21)
Aspectos cognitivos e motores	12 (06,3)
Sentidos	08 (04,2)
Cuidados/medicina/enfermagem	07 (03,7)
Relações interpessoais	02 (01)
Outros	07 (03,7)
Sem categoria	01 (0,5)
Crença na RVP (Sim)	163 (85,3)
Motivo:	
Supõe estilo de vida passada	17 (10,5)
Fatos da vida passada	47 (29)
Sem explicação na vida atual	50 (30,9)
Facilidade de execução	07 (04,3)
Não sabe/compreende	08 (04,9)
Outros	33 (20,4)
<i>HABILIDADE/TALENTO TREINADO, CRÊ RVP (Sim)</i>	206 (51,2)
Artes/habilidades manuais	48 (23,3)
Vários	44 (21,4)
Linguagens e suas manifestações	34 (16,5)
Cognitivo-motor	32 (15,5)
Relações Interpessoais	04 (02)
Sentidos/mediúnicos/desdobramento...	08 (03,9)
Cuidados/cura	17 (08,3)
Não sabe	02 (0,9)
Outros	12 (05,8)
Sem categoria	05 (02,4)
<i>FOBIA NA INFÂNCIA (Sim)</i>	286 (71,1)
Vários	86 (30)
Animais	35 (12,2)
Altura, pontes...	30 (10,5)
Água	28 (09,8)
Escuro, dormir, visões noturnas...	21 (07,3)
Toque, pessoas, relacionamentos...	16 (05,6)
Polícia, armas, fogo...	12 (04,2)
Ficar só, rejeição, perdas...	08 (02,8)
Claustrofobia	07 (02,5)
Trânsito, meios de transporte, seu barulho	11 (03,9)
Morte sua/outrem	06 (02,1)

(continua)

(continuação)

VARIÁVEIS	n (%)
Outros	25 (08,7)
Sem categoria	01 (0,4)
<i>FOBIA PERSISTENTE (Sim)</i>	203 (71)
Crença na RVP (Sim)	215 (75,2)
Motivo:	
Supõe tipo morte	50 (23,3)
Afirma tipo morte	38 (17,7)
Fatos da vida passada	33 (15,3)
Sem explicação na vida atual	07 (03,3)
Não sabe	34 (15,8)
Sem categoria	53 (24,6)
<i>FILIA/DESEJO INCOMUM NA INFÂNCIA (Sim)</i>	122 (30,3)
Fumar	38 (31,1)
Beber	20 (16,4)
Mais de uma	17 (14)
Sexo	12 (09,9)
Ir/voltar a lugares, reencontrar pessoas	07 (05,7)
Exercer profissão específica, estudar, trabalhar	06 (04,9)
Outros	21 (17,2)
Sem categoria	01 (0,8)
Crença na RVP (Sim)	93 (76,2)
Motivo:	
Fatos da vida passada	34 (36,6)
Supõe tipo morte	18 (19,3)
Afirma tipo morte sua/outrem	03 (03,2)
Sem explicação na vida atual	06 (06,5)
Não sabe/compreende	15 (16,1)
Outros	17 (18,3)
<i>MANIFESTAÇÃO MEMÓRIAS BRINCADEIRAS (Sim)</i>	112 (27,9)
Como:	
Brincadeira despertou sensações/sentimentos/memórias	31 (27,9)
Comportava-se como na vida passada	29 (25,9)
Interagia com pessoas só ela via	08 (07,1)
Via-se em outro lugar/tempo/feição	08 (07,1)
Não sabe explicar/recorda	07 (06,3)
Outros	11 (09,8)
Sem categoria	18 (16,1)
Crença na RVP (Sim)	84 (75)
Motivo:	
Fatos da vida passada	45 (53,6)
Supõe tipo morte	10 (11,9)
Sem outra explicação	04 (04,7)
Não sabe/compreende	11 (13,1)
Outros	05 (06)
Sem categoria	09 (10,7)

(continua)

(conclusão)

VARIÁVEIS	n(%)
<i>MEMÓRIAS AFETARAM VIDA SUJEITO/FAMÍLIA</i> (Sim)	191(47,5)
Positivamente	71 (37,2)
Negativamente	84 (44)
Positiva/negativamente	02 (01)
Sem adjetivação	34 (17,8)

RVP Relação com a vida passada
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Sobre as características comuns aos casos sugestivos de reencarnação, mais exemplos do que participantes relataram e a justificativa acerca de sua crença na relação com a SVP estão disponíveis no APÊNDICE D.

6.4 CARACTERÍSTICAS DE SAÚDE E FELICIDADE DA AMOSTRA

A tabela 7 apresenta os resultados das escalas para rastreio de sintomas de TMC, a SRQ-20 ($7,30 \pm 5,37$); de TEPT, a IES-R ($4,43 \pm 3,42$) e de Felicidade Subjetiva ($4,75 \pm 1,15$), bem como autoavaliação geral de saúde. Acima do ponto de corte para TMC (SRQ-20) estão 46% e para TEPT (IES-R) 38,8%. Avaliam o estado de saúde geral como muito bom/bom 67,9% dos participantes.

Tabela 7 – Características de Saúde e Felicidade dos Participantes (n=402)

VARIÁVEIS	MÉDIA ± DP	MÍNIMO-MÁXIMO
SRQ-20	$7,30 \pm 5,37$	0 – 20
IES-R	$4,43 \pm 3,42$	0 – 12
FELICIDADE SUBJETIVA	$4,75 \pm 1,15$	1,25 – 07
	n (%)	
SRQ-20 (> ponto de corte)	185 (46)	
IES-R (> ponto de corte)	156 (38,8)	
AUTO-AVALIAÇÃO DE SAÚDE GERAL		
Muito boa	111 (27,6)	
Boa	162 (40,3)	
Regular	99 (24,6)	
Ruim	23 (05,7)	
Muito ruim	07 (01,7)	

SRQ-20 (*Self Report-Questionnaire 20*), IES-R (*Impact of Events Scale Revised*).

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

6.5 CARACTERÍSTICAS DE R/E, SAÚDE E FELICIDADE DA AMOSTRA DE ACORDO COM A FASE DA VIDA EM QUE OCORREU A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DAS MEMÓRIAS E SEU TIPO

A tabela 8 apresenta a comparação das médias das escalas por grupos. O primeiro, dividido por faixas etárias durante as quais se deu a primeira manifestação das alegadas memórias: 0 – 10 anos (infância), 11 a 17 anos (adolescência) e ≥ 18 anos (adulta). O segundo grupo foi dividido de acordo com o tipo de memória (espontânea ou não-espontânea). Nas dimensões da BMMRS as “Práticas Religiosas Privadas” apresentaram diferença estatisticamente significativa nos dois grupos, sendo o nível mais alto desta dimensão o apresentado pelos que manifestaram as memórias na fase adulta ($17,90 \pm 6,64$) e de forma espontânea ($18,17 \pm 6,97$). “Coping Negativo” e “Comprometimento” apresentaram diferença no primeiro grupo, novamente com melhores níveis de R/E entre os que manifestaram memórias já adultos ($4,03 \pm 1,50$) e ($6,78 \pm 2,02$) respectivamente. O mesmo ocorreu com a média da escala SRQ-20 ($6,28 \pm 5,00$). Após a correção de Bonferroni, o subgrupo de adultos foi o que se diferenciou dos demais em “Práticas Religiosas Privadas”, “Coping Negativo” e “Comprometimento”. Nesta última dimensão, o subgrupo adolescência também se diferenciou do subgrupo infância. Na escala SRQ-20, o subgrupo dos adultos foi o único que se diferenciou dos demais.

Tabela 8 – Dimensões de R/E, felicidade, sintomas psiquiátricos em relação à fase da vida e tipo de manifestação das memórias (n=402)

VARIÁVEIS	MÉDIA \pm DP			p*	MÉDIA \pm DP		p**
	Infância	Adolescência	Adulta		Espontânea	Não-espontânea	
BMMRS							
Exp. Esp. Diárias	16,19 \pm 6,67	16,83 \pm 6,65	15,17 \pm 5,69	0,124	15,46 \pm 6,01	16,42 \pm 6,94	0,360
Valores/Crenças	3,07 \pm 1,01	3,24 \pm 1,22	2,96 \pm 1,01	0,160	3,03 \pm 1,06	2,94 \pm 1,01	0,648
Perdão	5,40 \pm 1,69	5,67 \pm 1,82	5,25 \pm 1,48	0,181	5,30 \pm 1,56	5,18 \pm 1,64	0,662
Prát. Rel. Privadas'	19,27 \pm 7,22	20,19 \pm 7,58	17,90 \pm 6,64 "	0,046	18,17 \pm 6,97	21,10 \pm 7,05	0,014
Superação Rel. Esp.							
Coping# positivo	4,60 \pm 1,99	5,01 \pm 2,10	4,47 \pm 1,60	0,112	4,58 \pm 1,82	4,63 \pm 1,79	0,884
Coping negativo'	4,73 \pm 1,86	4,52 \pm 1,76	4,03 \pm 1,50 "	0,002	4,32 \pm 1,71	3,81 \pm 1,27	0,079
Suporte Religioso	8,80 \pm 2,56	8,68 \pm 2,69	8,37 \pm 2,58	0,355	4,32 \pm 1,71	3,81 \pm 1,27	0,079
Hist. Rel. Esp.	3,38 \pm 0,79	3,76 \pm 0,69	3,68 \pm 0,68	0,386	3,74 \pm 0,72	3,71 \pm 0,69	0,792

(continua)

(conclusão)

VARIÁVEIS	MÉDIA ± DP			p*	MÉDIA ± DP		p**
	Infância	Adolescência	Adulta		Espontânea	Não-espontânea	
BMMRS							
Comprometimento [†]	7,49 ± 2,20	7,95 ± 1,97 [”]	6,78 ± 2,02 [”]	<0,001	7,16 ± 2,07	7,50 ± 2,23	0,348
Rel. Organizacional	7,84 ± 3,23	7,87 ± 3,32	7,07 ± 3,22	0,073	7,26 ± 3,27	8,00 ± 3,06	0,190
FELICIDADE SUBJETIVA							
SRQ-20 [†]	8,23 ± 5,50	7,63 ± 5,60	6,28 ± 5,00 [”]	0,007	6,90 ± 5,18	6,84 ± 5,95	0,946
IES-R	4,85 ± 3,64	4,61 ± 3,13	3,95 ± 3,33	0,071	3,83 ± 3,23	4,29 ± 3,41	0,422

SRQ-20 (*Self Report-Questionnaire 20*), IES-R (*Impact of Events Scale Revised*).

*Teste Anova ** Teste t independente para duas amostras

†Todos os grupos homocedásticos

”Apresentaram diferença no teste de *post-hoc* de Bonferroni

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A tabela 9 apresenta modelos de regressão logística ajustados para associação entre níveis mais altos de R/E e Felicidade Subjetiva e saúde mental. Todas as dimensões de R/E (exceto “Valores/Crenças” e “Práticas Religiosas Privadas”) predisseram mais chances de níveis de Felicidade Subjetiva mais altos (de 85% a 511%) e menos chances de TMC (de 79% a 36%). Como esperado, “Coping Negativo” associou-se em direção oposta, diminuindo em 87% as chances de níveis mais altos de felicidade (OR0,13 ± 0,04-0,30) e aumentando em 899% as chances de TMC (OR9,99 ± 4,16-29,71). Sintomatologia de TEPT associou-se inversamente com “Perdão” (OR0,47 ± 0,29-0,76) e positivamente com “Coping Negativo” (OR3,16 ± 1,64-6,30).

Tabela 9 – Associações entre dimensões de R/E e felicidade e sintomas psiquiátricos (n=402)

VARIÁVEIS	FELICIDADE OR (IC 95%)	TMC OR (IC 95%)	TEPT OR (IC 95%)
Experiências Esp. Diárias	2,94 (1,89-4,60)*	0,40 (0,25-0,63)*	0,95 (0,61-1,48)
Valores/Crenças	1,83 (0,90-3,86)	0,75 (0,37-1,51)	1,13 (0,56-2,34)
Perdão	6,11 (3,40-11,62)*	0,21 (0,12-0,36)*	0,47 (0,29-0,76)*
Práticas Religiosas Privadas	1,55 (0,79-3,08)	0,66 (0,32-1,31)	0,70 (0,33-1,41)
Superação Relig. e Espiritual			
Coping positivo	4,85 (2,48-10,27)*	0,49 (0,27-0,88)**	0,62 (0,35-1,10)
Coping negativo	0,13 (0,04-0,30)*	9,99 (4,16-29,71)*	3,16(1,64-6,30)*

(continua)

(conclusão)

VARIÁVEIS	FELICIDADE OR (IC) 95%	TMC OR (IC) 95%	TEPT OR (IC) 95%
Suporte Religioso	1,85 (1,13-3,08)**	0,42 (0,25-0,69)*	0,91 (0,56-1,48)
História Religiosa Espiritual	1,95 (1,29-2,96)*	0,64 (0,42-0,97)**	0,80 (0,53-1,22)
Comprometimento	2,11 (1,36-3,28)*	0,61 (0,39-0,95)**	0,76 (0,48-1,81)
Religiosidade Organizacional	1,62 (1,01-2,59)**	0,44 (0,27-0,72)*	0,69 (0,42-1,12)

TMC (Transtornos Mentais Comuns), TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático)

Ajustado para: idade e níveis mais altos de renda (Felicidade Subjetiva); idade e sexo feminino (Sintomas de TMC/TEPT)

* $p \leq 0.001$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.05$

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

6.6 VARIÁVEIS DAS ALEGADAS MEMÓRIAS PREDITORAS DE FELICIDADE E SINTOMAS PSIQUIÁTRICOS

Na tabela 10, verifica-se a regressão logística multivariada para as variáveis de memória predizendo Felicidade Subjetiva e sintomas de TMC e TEPT. Filia e fobia na infância foram as únicas variáveis de memória estatisticamente significativas, com filia predizendo menos chances de níveis mais altos de felicidade ($OR 0,33 \pm 0,19-0,54$) e mais chances de sintomas de TMC ($OR 3,99 \pm 2,34-6,99$). Fobia associou-se positivamente com sintomas de TMC ($OR 2,60 \pm 1,51-4,57$) e de TEPT ($OR 1,79 \pm 1,07-3,05$).

Tabela 10 – Modelos de regressão logística ajustados para associação entre variáveis de memórias de vidas passadas e níveis mais altos de felicidade subjetiva e sintomas de transtornos mentais comuns e de Transtorno de Estresse Pós-Traumático

Variáveis	Felicidade Subjetiva		Transtornos Mentais Comuns		Transtorno de Estresse Pós-Traumático	
	Não ajustado OR (IC 95%)	Ajustado OR (IC 95%)	Não Ajustado OR (IC 95%)	Ajustado OR (IC 95%)	Não Ajustado OR (IC 95%)	Ajustado OR (IC 95%)
Filia	0,34 (0,21-0,55)*	0,33 (0,19-0,54)*	2,92 (1,79-4,80)*	3,99 (2,34-6,99)*	1,10 (0,67-1,77)	1,23 (0,74-2,05)
Fobia	1,00 (0,63-1,62)	1,08 (0,66-1,77)	2,76 (1,65-4,72)*	2,60 (1,51-4,57)*	1,92 (1,17-3,23)**	1,79 (1,07-3,05)**
Marca/Def. Congênitos	0,76 (0,49-1,19)	0,86 (0,54-1,36)	1,56 (0,98-2,49)***	1,23 (0,76-2,01)	1,51 (0,96-2,39)	1,29 (0,80-2,07)
Hab./Talento não Treinado	0,91 (0,59-1,42)	0,80 (0,51-1,27)	0,59 (0,37-0,94)***	0,63 (0,39-1,03)	0,80 (0,51-1,25)	0,86 (0,54-1,36)
Fase Desenv.	0,85 (0,54-1,35)	0,89 (0,55-1,44)	1,21 (0,75-1,94)	1,00 (0,61-1,65)	1,24 (0,78-1,97)	1,09 (0,67-1,75)
Modo Manif.	0,63 (0,30-1,29)	0,58 (0,27-1,22)	0,67 (0,32-1,42)	0,65 (0,30-1,41)	0,96 (0,46-2,04)	0,96 (0,46-2,10)

Ajustados para: Felicidade Subjetiva (idade e níveis mais altos de renda); sintomatologia de Transtornos Mentais Comuns e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (idade e sexo feminino).

* $p \leq 0.001$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.05$

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

7 REAÇÃO DOS PARTICIPANTES À PESQUISA

Alguns participantes agradeceram a realização da pesquisa, incentivaram sua continuidade e relataram a importância dela para suas vidas. Eles agradeceram, especialmente, por terem a oportunidade de falar sobre suas experiências e vê-las sendo objeto de estudo científico:

“Parabéns pelo belo trabalho, e por investigarem uma área pouco estudada como essa. Desejo que Deus abençoe o caminho e a pesquisa de vocês, e que vocês auxiliem o mundo através dessa pesquisa. Grata” (M18);

“Eu gostaria de agradecer este momento onde pude falar de coisas que as pessoas no geral não querem ouvir e se isso ajudar as pessoas, fico feliz por isto. ” (M57);

“GRATIDÃO pelos estudos e pesquisa ;-)” (M42);

“Parabéns pela pesquisa. ” (M55);

“Fiquei muito feliz em saber dessa pesquisa, pois desde criança, sinto coisas estranhas e sempre tive receio e vergonha de falar para alguém. ” (M44);

“Grato pela iniciativa do trabalho (H54);

“Agradeço a oportunidade e desejo sucesso na pesquisa. ” (H41);

“Espero que esses relatos possam colaborar de alguma forma com este magnífico trabalho realizado pela NUPES. ” (H40);

“Se essa história puder ajudá-los, fico feliz. ” (M46);

“Achei essa oportunidade de pesquisa incrível, [...] uma pesquisa acadêmica nesse sentido me possibilita ver as situações que vivenciei ou de outros com dados científicos e de uma forma mais sólida. [...] Desde já agradeço e espero que vocês tenham bastante dados para um trabalho bem fundamentado.” (M57);

“É a primeira vez que falo sobre isso abertamente. Sinto que quando eu encontrar o significado disso vou passar a entender muita coisa na minha vida. Tenho muita vontade, apesar de um pouco de medo, de descobrir se trata-se de algo significativo. Me emociona bastante. Obrigada por criarem este espaço. Fiquei feliz. Obrigada. Apenas minha irmã conhece esse canto. Obrigada mesmo” (M22);

“Acho o desenvolvimento dessa pesquisa um show, pois, eu, como pessoa que tem recordações de vidas passadas (já tive de outras com menos detalhes) sinto como se tivesse que me esconder. [...] Enfim, vocês estão abrindo um novo caminho e muitos irão usufrir dele saindo da obscuridade. Sucesso!” (M53);

“Fiquei favoravelmente surpreso pela pesquisa, louvável, e pela participação do laboratório português¹⁸, pois vivi em Portugal, X anos, fiz minha especialidade lá, X, Coimbra, fato este que talvez tenha a ver com as citações citadas. [...] Parabéns.” (H51);

“Acho a pesquisa altamente pertinente. Investigar cientificamente é sempre produtivo e estava em falta. [...] estou muito interessado, pois não tenho conhecimento de um estudo nesta área no Brasil, desde os poucos casos estudados e relatados pelo Dr. Hernani Guimarães Andrade na década de 1970, inspirado pelas pesquisas do Dr. Ian Stevenson. Não esmoreçam...” (H64).

8 DISCUSSÃO

Este é o segundo inquérito realizado sobre pessoas que alegam memórias de vidas passadas de que temos conhecimento. Entretanto, o primeiro inquérito nacional e de grande abrangência, segundo o nosso conhecimento. Em 1978, na Índia, foi realizado um estudo no estado de Uttar Pradesh, ao longo de seis meses, a fim de determinar a prevalência e a difusão de informações acerca dos casos sugestivos de reencarnação, bem como suas características. Em nove vilas e uma aldeia com uma população estimada de 8.611 pessoas, 91 pessoas randomizadas da lista de eleitores indicaram 58 possíveis casos, sendo que 19 preencheram os critérios de inclusão. As idades dos sujeitos variavam de 3 anos e 3 meses a 64 anos, com média de 20¹⁹ anos; sendo 79% da amostra composta por homens. A primeira alegação das memórias se deu entre nove meses e 14 anos de idade. Das 19 crianças, 12 tinham entre dois e cinco anos. A maioria dos casos eram espontâneos e 13 foram considerados resolvidos. Os pais de nove destes sujeitos conseguiram estabelecer contato com a personalidade prévia cujos filhos alegavam ser (BARKER, PASRICHA 1979; PASRICHA,1992).

Além de ser o primeiro estudo de abrangência nacional, nossa pesquisa busca por alegadas memórias de adultos, o que a torna um estudo pioneiro. Acreditamos que esse pioneirismo despertou muito interesse, dados a divulgação, o compartilhamento e reprodução da nossa chamada por parte da comunidade e da mídia, bem como a produção de matérias jornalísticas. Instituições

¹⁸ O participante se refere à empresa farmacêutica Bial, cuja fundação é financiadora da pesquisa.

¹⁹ Há divergências de dados entre as referências do levantamento realizado. No artigo *“Are reincarnation type cases shaped by parental guidance? An empirical study concerning the limits of parents’ influence on children”*, de 1992, a autora cita o objetivo de resolver discrepâncias observadas ao revisar os dados originais, mas não elenca quais. No artigo original, de 1979, *“Reincarnation cases in Fatehabad: a systematic survey in north India”*, lê-se *“The subjects ranged in age from three and one-half to about 65 years, with a median age of 22 years”* (p.237) e, no artigo de 1992: *“[...] their median age at the time of the first investigation was 20 years (range 3^{1/4}years-64 years)”* (p.169). Optamos por manter, no texto, os dados supostamente revisados do segundo artigo.

educacionais e religiosas divulgaram o estudo e realizaram convites para palestras, apresentações e mesas-redondas, demonstrando uma reciprocidade no interesse do diálogo ciência e R/E. O jornal Folha de São Paulo indicou a matéria realizada sobre a pesquisa como a mais lida na Seção Educação (APÊNDICE B). Esta repercussão foi comprovada por nós, também, ao recebemos formulários de brasileiros de todas as 5 regiões do país (21 dos 26 estados e Distrito Federal) e de estrangeiros residentes no Brasil (Alemanha e Argentina) e brasileiros e estrangeiros residentes na Alemanha, Argentina, França, Irlanda do Norte, Portugal e Reino Unido.

Participantes apresentaram alto nível educacional e alta frequência de sintomas sugestivos de Transtornos Mentais Comuns e de Transtorno de Estresse Pós-Traumático. A maioria das alegadas memórias foram manifestadas espontaneamente no final da adolescência ou início da vida adulta e, semelhantemente aos casos da infância, estavam frequentemente associadas a marcas/defeitos congênitos, filias e fobias. A maioria das dimensões de R/E foram preditoras de índices mais altos de felicidade subjetiva e menores chances de sintomas sugestivos de transtornos mentais, enquanto filias e fobias na infância desempenharam o papel oposto.

8.1 PERFIL DA AMOSTRA

A participação de centenas de pessoas naturais de todas as regiões do Brasil indica que as alegadas memórias de vidas passadas são uma experiência espiritual frequente em nossa população, embora com prevalência ainda desconhecida. Acerca das outras nacionalidades - Alemanha e Argentina - não temos conhecimento de casos desses países descritos na literatura.

Muitos dos dados sociodemográficos de nossa amostra estão compatíveis com outros estudos, cujos objetivos englobavam saúde mental e R/E e que possuíam desenho e métodos análogos ao nosso (transversais, com recrutamento e participação *on-line*). No Brasil, estudo que avaliou o uso de R/E durante a pandemia de COVID-19 e investigou associação entre R/E e consequências do isolamento social na saúde mental (n=485), teve a maior participação de mulheres (79,2%), com idade (31,8±13,7), nível superior incompleto/completo (86,6%), profissional de saúde (14,4%), de todas as regiões do país (sul/sudeste 62%) (LUCCHETTI et al., 2020). Um segundo estudo, que avaliou o impacto do distanciamento social durante a pandemia de COVID-19 na saúde mental e qualidade de vida, contou com 1.156 participantes de 22 estados, mulheres (69,6%), idade (37,6±14), profissionais de saúde (34,3%) (VITORINO et al., 2021). Nos Estados Unidos, estudo avaliou ansiedade e angústia na primeira comunidade quarentenada devido à COVID-19. Tratava-se de membros e trabalhadores

de uma igreja e escola judaicas. Com 303 participantes, 68,2% eram mulheres, idade ($43\pm 14,8$), graduação (89,2%) (WEINBERGER-LIETMAN et al., 2020).

O alto percentual de graduados em nossa amostra (68,1%) diverge expressivamente do percentual de brasileiros com a mesma escolaridade (19,2%) (BRASIL, 2022). Este dado pode caracterizar um viés de seleção, uma vez que estar apto a ler e interpretar instruções de questionários e instrumentos e ser capaz de elaborar um texto que consiga transmitir uma experiência subjetiva exige níveis mais altos de alfabetismo funcional, que se associam a uma maior escolaridade (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA, 2018a). Em 2018, o Indicador de Alfabetismo Funcional indicou que havia apenas 25% da população brasileira entre 15 e 64 anos funcionalmente alfabetizada em nível elementar (capazes de localizar informações literais em textos, interpretar e realizar pequenas inferências) e 12% em nível proficiente (capazes de elaborar textos complexos, opinar sobre posicionamento e estilo de um autor, interpretar tabelas e gráficos com mais de duas variáveis) (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA, 2018b). Contudo, parece haver, também, uma associação entre mais altos níveis educacionais e crenças espirituais. No Brasil, estudo encontrou correlação positiva de crenças em vida após a morte e na existência de algo além da matéria e maiores níveis de escolaridade (CURCIO; MOREIRA-ALMEIDA, 2019). Em países da Europa, pessoas com graduação são mais propensas a conceitos espirituais do que os menos escolarizados; na França, 53% afirmam ter conceitos espirituais²⁰ contra 38% daqueles que têm menos escolaridade (PEW RESEARCH CENTER, 2018).

O índice educacional bem como o índice de ocupados com renda²¹ em nossa amostra (74,9%) se reflete na receita familiar: 35,3% recebiam entre 4 e 10 salários mínimos; 21,4% entre 10 e 20 e 7% mais de 20 salários mínimos vigentes à época do lançamento da pesquisa (R\$998,00). A composição familiar mais frequente (39%) é de duas pessoas. Estes dados parecem indicar bons níveis de desempenho e adaptação social. O rendimento médio real²² dos brasileiros ocupados (14 anos ou mais) no 2º trimestre de 2020 foi de R\$2.500,00. Considerando, também, a religião mais representada

²⁰ A pesquisa englobou, sob o termo conceitos espirituais, as respostas à quatro perguntas: “Eu tenho uma alma, assim como um corpo físico”, “Eu sinto uma conexão com algo que não pode ser visto ou medido cientificamente”, “Não há forças espirituais no universo, apenas as leis da natureza” e “Quando as pessoas morrem, é o fim; não há vida após a morte” (PEW RESEARCH CENTER, 2018, p.125)

²¹ Este percentual provavelmente é maior, considerando que há estudantes que recebem auxílio-financeiro e afastados do trabalho que continuam recebendo salário. Estas duas categorias não foram incluídas no cálculo.

²² “Rendimento médio real habitual das pessoas ocupadas em todos os trabalhos: É o rendimento bruto real médio habitualmente recebido em todos os trabalhos que as pessoas ocupadas com rendimento tinham na semana referência, a preços do mês do meio do trimestre mais recente que está sendo divulgado. O deflator utilizado para isto é o Índice de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA” (Brasil, 2020, p.8).

no estudo – a espírita (54,5%) – observa-se outra possível explicação. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica que, no censo de 2010, o grupo dos espíritas apresentou os maiores níveis de escolaridade e renda, sendo 31,5% com graduação e 19,7% acima de cinco salários mínimos (BRASIL, 2012).

Outra característica a ser realçada é a representação do sexo feminino em nossa amostra: 79,1%. Como apresentado em parágrafo anterior, a participação das mulheres em pesquisas parece, realmente, ser maior, ao menos nas pesquisas *on-line*. Considerando-se, também, o objeto de nosso estudo, este dado está consoante com pesquisa realizada acerca de experiências espirituais ou anômalas, que encontrou prevalência de 70,4% de mulheres entre os indivíduos que procuravam ajuda em centros espíritas e apresentavam essas experiências (ALMINHANA et al., 2013). Anteriormente, Machado (2009) não havia encontrado diferença estatisticamente significativa entre os sexos na prevalência da experiência, mas sim, um gosto maior por seu compartilhamento entre as mulheres, hipótese que também pode ser aplicada em nosso estudo. Monteiro de Barros et al. (2022) classificaram as experiências espirituais/religiosas em grupos e estudaram sua prevalência entre adultos brasileiros em uma amostra com 1053 participantes de todas as regiões do país. Os autores encontram prevalência de quase 92% para as experiências ao menos uma vez na vida, sendo que 3% indicaram experiências acerca de vidas passadas frequentemente, 6,9% mais de uma vez e 8,6% uma vez na vida. Houve associação estatisticamente significativa entre a maioria delas (místicas, mediúnicas, psi-relacionadas) e o sexo feminino. A única exceção se deu para o grupo das alegadas memórias de vidas passadas ou experiências de quase-morte. Ao compararmos a prevalência do sexo feminino de nosso estudo com a da literatura sobre crianças que alegam memórias de vidas passadas, também encontramos esta divergência. O sexo masculino esteve mais representado em estudos de diferentes períodos, lugares e pesquisadores: 71% dos casos de Stevenson, 63% dos casos de Haraldsson (STEVENSON, 2003), 60% dos casos de Mills e 64% dos de Stevenson na Índia (MILLS, 1989). Considerando que 59,2% de nossos participantes têm certeza da primeira manifestação das memórias após a infância, poderíamos aventar as hipóteses de que haveria uma associação entre manifestar memórias na adolescência ou adultez e ser do sexo feminino e/ou que, no Brasil, as características da incidência das memórias são diferentes daquelas de outras nações – ao menos nesta variável. Mas é preciso, também, considerar que os casos de crianças são, usualmente, relatados por terceiros. Pode-se perguntar se, ao se tornarem capazes de compartilhar suas alegadas memórias por iniciativa própria, na adolescência ou adultez, os agora rapazes não tenderiam a se calar mais do que as moças. Esta hipótese corroboraria a de que as mulheres teriam um gosto maior pelo

compartilhamento de suas experiências. Entretanto, como este é o primeiro inquérito sobre pessoas que manifestaram memórias nestas fases da vida, serão necessários outros estudos que corroborem ou não essas hipóteses.

Em relação à R/E, quando comparada com o censo de 2010, nossa amostra indica: percentual expressivamente maior de espíritas (54,5% x 2%), de pessoas sem religião (17,3% x 8%) menor de católicos (11,6% x 64,6%) e de outras religiões (16,6% x 25,4%) (BRASIL, 2012). Outros estudos realizados no Brasil que também investigaram R/E indicam: católicos (43,8% e 64,8%); espíritas (12,9% e 1,4%); outras religiões (31,1% e 1,3%); sem filiação religiosa (12,2% e 7,3%) (MONTEIRO DE BARROS et al., 2022; MOREIRA-ALMEIDA et al., 2010). Entre os que se interessam/frequentam outra religião, a média é superior à brasileira (55,5% x 17%), bem como a religião de maior interesse ou frequência (espírita 32% x pentecostal 10%) (DATAFOLHA, 2007). Quando comparados com dados de participantes adultos de levantamentos realizados no Brasil, nossa amostra também revela maior índice: (55,5% x 10,4% e 27,7%) (MOREIRA-ALMEIDA et al., 2010; PERES et al., 2020).

Especificamente sobre a representatividade da religião espírita e de outras religiões reencarnacionistas em nossa amostra, 58% dos estudos publicados sobre alegadas memórias de vidas passadas no período compreendido entre 1951 e 2011 se referem a países asiáticos, onde a crença em reencarnação é disseminada (MORAES et al., 2022). Stevenson (1977) não nega que as memórias poderiam ser explicadas, em parte, por uma relação circular existente entre as crenças culturais e a ocorrência e características dos casos. Em 2011, ao analisar casos brasileiros Stevenson escreve:

A crença na sobrevivência (com reencarnação) no Brasil tem criado um clima cultural favorável à narração das lembranças de uma vida anterior. As crianças que fazem tais afirmações contam com o respeito de seus pais para a solução de suas histórias. [Nota de rodapé]: Mas a mãe de uma criança que contou sobre uma vida anterior não prestou atenção aos detalhes das afirmações do filho. Totalmente convencida da reencarnação, ela não acreditava ser importante para seu filho, ou para qualquer outra pessoa, que ele se lembrasse de detalhes de uma vida anterior (STEVENSON, 2011, p.252). (Grifos nossos).

Assim, um ambiente amigável à ideia de reencarnação poderia favorecer a livre expressão e compartilhamento destas experiências subjetivas. Sabendo-se livre de possíveis reprimendas, ridicularizações ou mesmo patologização da experiência - no caso de adolescentes e adultos, em

especial - o sujeito sentiria mais segurança para compartilhar informações sobre suas alegadas memórias.

Porém, em se tratando especificamente da religião espírita, preponderante em nossa amostra (54,5%), o que é descrito como base de seus fundamentos é o esquecimento das supostas vidas passadas, estando ele diretamente atrelado à ideia de Deus: “Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado? Não pode, o homem, nem deve saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria...” (KARDEC, 2013a, p.209), “No esquecimento das existências anteriormente transcorridas, sobretudo quando foram amarguradas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina?” (KARDEC, 2013a, p.210), “Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores...” (KARDEC, 2013a, p.211), e:

Algumas pessoas julgam ter vaga recordação de um passado desconhecido, que se lhes apresenta como a imagem fugitiva de um sonho, que em vão se tenta reter. Não há nisso simples ilusão? Algumas vezes, é impressão real; mas também, frequentemente, não passa de mera ilusão, contra a qual precisa o homem pôr-se em guarda, porquanto, pode ser efeito de superexcitada imaginação (KARDEC, 2013a, p.211).

Desta forma, segundo os princípios religiosos da maioria de nossa amostra, haveria uma espécie de regra que desfavoreceria, inclusive, a existência das memórias, o que contraria a ideia da relação circular das crenças com as memórias. O natural e socialmente esperado pelos adeptos daquela religião seria o não se lembrar de SVP, dados seus inconvenientes.

Há estudos que descrevem o desestímulo por parte dos pais, incluindo a punição física, dos filhos que alegam memórias de SVP, mesmo em culturas reencarnacionistas. Em algumas delas, lembrar-se de uma vida passada é tido como mal agouro, possibilidade de morte prematura:

Essa atitude [da mãe brasileira anteriormente mencionada] é o oposto do que ocorre na Índia, onde a maioria das pessoas aceita a reencarnação, mas muitas pessoas lá acreditam que uma criança que se lembra de uma vida anterior morrerá jovem. Eles costumam impedir a criança de falar, não por indiferença, mas por preocupação com seu bem-estar (STEVENSON, 2011, p.252). (Grifos nossos).

[...] os Tlingits [povo do Alasca] têm outras ideias significativas em relação à reencarnação. Em primeiro lugar, eles acreditam que as crianças que se lembram de suas vidas passadas estão fadadas a morrer jovens e eles costumam desencorajar uma criança que afirme se lembrar de uma vida passada de fazer isso (STEVENSON, 2011, p.299). (Grifos nossos).

Acrescentamos o fato de que os espíritas não são os únicos representados neste percentual. Nesta discussão, importa, também, jogar luz nos participantes que duvidam ou mesmo negam a possibilidade da existência de algo além da matéria (n=3), da permanência de algo após a morte (n=14) e da reencarnação (n=28). Ainda que estatisticamente estejamos trabalhando com números pequenos, a relevância deste dado está no fato de que estes participantes relatam um fenômeno que está dissociado de suas crenças religiosas/espirituais. Soma-se a isto, a diversidade de religiões em nossa amostra (18), de maioria não-reencarnacionista, além dos que afirmam não possuir religião (17,3%) e que, talvez, não acreditem em reencarnação.

Ainda com relação às crenças, comparando nossos índices com pesquisa que envolveu população clínica e não-clínica (n=681), temos: crença em algo além da matéria (99% x 88,3%) e na permanência de algo após a morte (96,5% x 78%) (CURCIO, MOREIRA-ALMEIDA, 2019). Comparada com amostra por conveniência formada por estudantes universitários e trabalhadores da capital paulista e Grande São Paulo com 306 experienciadores e não-experienciadores de experiências psi, temos: crença em reencarnação (93% x 38,2%) e, mesmo quando comparada apenas com o grupo de experienciadores (n=253), esta crença, em nossa amostra, se mantém em nível muito superior (93% x 43,3%) (MACHADO, 2009). Ressaltando que 82,7% dos participantes têm alguma filiação religiosa, estes índices não surpreendem.

Na escala de R/E - a BMMRS - a autoclassificação de religiosidade e espiritualidade da amostra não difere muito de outros estudos com adultos da população geral no Brasil. Comparada com 250 pais de alunos do ensino fundamental, temos (espiritualizada: muito 43,3% x 33,6% - moderadamente 48% x 52,74%) e (religiosa: muito 20,9% x 20,5% - moderadamente 52,7% x 62,7%) (OLIVEIRA, 2019). Levantamento (n=1.156) que avaliou impacto do distanciamento social em função da COVID-19 indica 39% dos participantes com alta espiritualidade e baixa religiosidade (VITORINO et al., 2021) enquanto nossos participantes somam 43,3% de muitos espiritualizados e 20,9% muito religiosos. A autoclassificação de nossa amostra como mais espiritualizada do que religiosa está consoante com a menor e maior médias obtidas na escala: “Valores/Crenças” (3,03±1,06) e “Práticas Religiosas Privadas” (18,7±6,98), lembrando que menor média significa maior nível de R/E. Comparadas as médias dessas dimensões com as médias de outros estudos, temos: “Valores/Crenças” (1,63±0,52) e “Práticas Religiosas Privadas” (2,64±1,66) - 65 pacientes hipertensos de Minas Gerais, mulheres (69,2%), 60-69 anos (38,5%), evangélicos (55,4%) (SILVA et al., 2016). Na Itália: “Valores/Crenças” (2,55±0,74 exposto e 2,68±0,74 não-exposto) e “Práticas

Religiosas Privadas” ($2,37 \pm 1,46$ exposto e $2,49 \pm 1,42$ não-exposto) – ($n = 901$), mulheres (50,5%), idade ($36,80 \pm 14,38$), ensino médio (70,1%), católicos (79,2%) (STRATTA et al., 2013).

A segunda dimensão com maior nível de R/E de nossa amostra foi “História Religiosa e Espiritual” ($3,70 \pm 0,75$) e é possível que a própria experiência das memórias contribua para este resultado. Essa dimensão também foi a segunda da amostra italiana²³ ($1,86 \pm 0,35$ para ambos os grupos) (STRATTA et al., 2013). Já a segunda dimensão com menor nível “Experiências Espirituais Diárias” - que envolve sentir a presença/amor de Deus, sentir profunda paz interior/harmonia, ser tocado pela beleza da criação, apresentou média ($15,9 \pm 6,25$) muito superior às dos estudos brasileiro ($2,08 \pm 0,89$) e italiano ($2,62 \pm 1,28$ exposto e $2,81 \pm 1,30$ não-exposto) (SILVA et al., 2016; STRATTA et al., 2013). Considerando que quase a metade de nossa amostra (46%) pontuou para depressão, ansiedade, transtornos somatoformes; 38,8%, para sintomas de TEPT e 71% afirmam fobia/medo inexplicável, é possível que os estados emocionais daí decorrentes dificultem ou mesmo impeçam o equilíbrio emocional e a necessidade de contemplação implícitos na dimensão.

Os participantes de nosso estudo somam um alto percentual de experiência religiosa ou espiritual que mudou a vida (83,8%), bem como recompensa com a fé (78,4%), em contraposição com um percentual bem menor de perda da fé (38%). Pesquisa com 57 profissionais de um hospital público brasileiro indicou índices inferiores em grupo majoritariamente feminino (91,2%), idade ($39 \pm 10,49$), nível universitário (56,1%), renda até 5 salários mínimos (66,6%), espíritas (38,6%): 54,9% com experiência religiosa ou espiritual que mudou a vida e 77,1% com recompensa com a fé (CARNEIRO et al., 2019). Para analisar os dados de nossa amostra, é preciso reiterar o que foi mencionado em parágrafo anterior sobre a possível influência da experiência subjetiva de alegar memórias na R/E dos participantes. Provavelmente, não apenas elas seriam as experiências responsáveis por uma mudança na vida em 83,8% dos casos; mas 47,5% dos participantes afirmaram que elas afetaram suas vidas e/ou de suas famílias. Sobre os 78,4% que afirmam terem tido recompensa com a fé e o percentual bem menor de perda da fé (38%), recorreremos à dimensão “Superação Religiosa e Espiritual” da BMMRS e observamos as médias de “*Coping* Positivo” ($4,6 \pm 1,84$) e “*Coping* Negativo” ($4,3 \pm 1,71$) e os bons níveis de R/E que elas representam neste grupo. Retomando o conceito de PARGAMENT (1997) de que *coping* engloba respostas cognitivas, emocionais ou comportamentais religiosas ao estresse, aventamos a hipótese de que esta têm sido uma estratégia funcional para os participantes.

²³ O estudo brasileiro (SILVA et al., 2016) não apresentou a média desta dimensão.

Quando alocados de acordo com os grupos “fases da vida” em que a manifestação das alegadas memórias se deu e “tipo de manifestação das memórias”, observa-se que “Práticas Religiosas Privadas” é a única dimensão que apresenta diferença estatisticamente significativa em ambos os grupos (fases da vida com p-valor 0,046 e tipo das memórias com p-valor 0,014). As médias desta dimensão - apesar de serem as mais altas dentre todas - indicam nestes grupos, maiores níveis de R/E nos subgrupos “adulta” ($17,90 \pm 6,64$) e “espontânea” ($18,17 \pm 6,97$). Ressalta-se que o modo de manifestação das memórias não teve qualquer outra variável significativa, seja de R/E, felicidade ou saúde. O grupo “fases da vida” apresenta diferença estatisticamente significativa (p-valor 0,002) em “*Coping* Negativo”, com a fase “adulta” apresentando menor média ($4,03 \pm 1,50$). O mesmo acontece com a dimensão “Comprometimento”: (p-valor $>0,001$) e média ($6,78 \pm 2,02$). Mais do que o tipo de manifestação, a fase da vida em que ela se deu demonstrou ser uma variável importante nesta amostra. Ressaltamos que não, necessariamente, os que manifestaram as memórias na fase adulta são as pessoas mais velhas, o que depõe contra a hipótese de a maturidade psicológica ser fator preponderante para a análise deste dado.

Finalmente, sobre autodeclaração de filiação religiosa na BMMRS, observou-se que houve mudança quando alguns participantes responderam, adiante no questionário, os dados sociodemográficos. Para discutir este fato, é preciso lembrar que 55,5% da amostra frequentam/têm interesse em outra religião. Este percentual é superior ao encontrado em pesquisa ($n = 1169$), católicos (44,1%), mulheres (52%), com nível universitário (55,1%), idade ($40,7 \pm 15,3$): 27,7% (PERES et al., 2020). Além das múltiplas filiações ou interesse em outras religiões, para discutir a mudança de autodeclaração realizada por nossos participantes, parece-nos importante considerar que a própria formulação da pergunta na escala BMMRS pode ter contribuído para tal: “Qual a sua religião no momento?” (Grifos nossos). A “momentaneidade” sugerida pela escala pode ter funcionado para contrapor a ideia de uma R/E definitiva nos dados sociodemográficos ou, pelo menos, não-momentânea. Sabe-se que, no Brasil, não é incomum as pessoas se apresentarem, por exemplo, como “católicas não praticantes”, ou seja, no momento, não participam dos rituais característicos da religião (como ir à missa), mas se identificam como católicas. Houve, por exemplo, uma participante que havia se declarado “afastada” na BMMRS, mas que escolheu a opção “evangélica”, em seguida; uma “universalista” na escala que se declarou “protestante” nos dados sociodemográficos. Ocorreu um intercâmbio entre umbandistas e espíritas e sabe-se que não é incomum, no Brasil, as pessoas se declararem “espíritas umbandistas”, sendo o sincretismo uma realidade na gênese desta religião (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA, 2022). A maior mudança se deu entre os que

havia se declarado “espiritualistas” na escala e apontaram uma religião logo depois, como o espiritismo. Entre os que haviam indicado uma ou mais de uma religião na BMMRS, houve dois desfechos: os que escolheram a opção não ter religião, mas acreditar em Deus/força superior e os que optaram por uma, sendo o espiritismo a mais escolhida. Mais notável foi um participante que, inicialmente, havia se declarado agnóstico e, posteriormente, crente em Deus/força superior.

8.2 CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS

A amostra se compõe de adultos cujas memórias se manifestaram na infância, adolescência ou após os 18 anos. Embora alguns não consigam afirmar exatamente quando se deu a primeira manifestação - 10,7% para idade e 4,7% para a fase da vida – entre os demais, a idade média ($19,9 \pm 13,8$) e a maior idade de manifestação (60 anos) não têm parâmetros na literatura que sejam de nosso conhecimento.

Em nosso estudo, a presença de marcas de nascença (54%), do tipo pintas/verrugas/cicatrices (82%) estão de acordo com a literatura - 35% a 78% dos casos – sendo a maioria, marcas congênicas (STEVENSON, 2000b). Defeitos congênicos foram indicados por 3,2% e as doenças, por 5%. Entre os relatos de nossos participantes, destacamos a marca experimental em forma de íbis que teria permitido o reconhecimento da participante pelo atual marido, responsável pela marca em alegada vida passada e a de memórias deflagradas a partir de uma crise asmática, embora a participante não acredite na relação com a SVP. As marcas experimentais tais como a anteriormente citada têm sido descritas como característica de culturas asiáticas (TUCKER; KEIL, 2013) As outras descrições também reiteram estudos publicados: cicatrizes congênicas (KEIL; TUCKER, 2000), marca/deformidade associada com tipo de morte da suposta personalidade prévia (TUCKER, 2007), sensação que reaviva aquela da suposta morte passada. Stevenson (2011) descreve o caso de uma criança que, até os nove anos de idade, tinha rouquidão periódica com dores na garganta, acompanhadas pela sensação de estar grande dentro do corpo e o pensamento de morte iminente. Suas memórias, manifestadas anteriormente, eram de exposição voluntária ao frio intenso e umidade com roupas inadequadas e ingestão de líquidos gelados que, inicialmente, causaram rouquidão seguida de laringite e morte por tuberculose.

Dentre as habilidades/talentos não treinados (47,5%), artes/habilidades manuais foi a categoria mais representada: 34,5%. STEVENSON (2011) relata o caso de um menino que, aos 4 anos de idade, teria ajudado a empregada de sua casa que estava com dificuldades para manejar a máquina de costura: “*Esta máquina era minha e eu já costurei nela*” (p.283). Outros participantes

de nosso estudo relatam habilidade com línguas estrangeiras (APÊNDICE D). Dentre os casos de crianças da literatura, destacamos o de uma menina que, aos 2 anos, já falava perfeitamente (segundo as anotações da avó) e alegava memórias da segunda guerra mundial. Ela teria dito: “*Hoje estou felitche!* ” Ao ser chamada atenção: “*Mas aqui, ninguém fala italiano*”, ela teria retrucado: “*Io parlo*”. Brincando com a irmã menor, ela teria exclamado: “*Mia sorella, mia bambina*” (ANDRADE, 2016, p.41-42). Nossos participantes, em sua maioria, acreditam na relação das habilidades/talentos com a SVP (85,3%), entretanto, também nesta variável, temos um participante que não está certo sobre a possibilidade de haver vidas passadas.

Ainda há um percentual de 51,2% dos participantes que estudaram/treinaram para desenvolver uma habilidade/talento, mas que acreditam que ele está associado à SVP. Apesar de, também, artes/habilidades manuais ter sido a categoria mais representada (23,3%), chama atenção o relato da participante sobre sua habilidade para leitura, que ela associa ao período de intermissão. Entre 1107 casos, pesquisadores encontraram um percentual de 19,6 com descrição deste período (SHARMA; TUCKER, 2004).

Fobias/medos inexplicáveis na infância em nossa amostra (71,1%), é um número que está em consonância com o encontrado na literatura nos casos de crianças drusas estudadas por Stevenson, entre 1964-1981²⁴ (77%); mas supera os casos estudados por Haraldsson na mesma população, entre 1998-2001: 42% (STEVENSON, HARALDSSON, 2003). Supera, também, os demais índices apresentados em outros estudos: pouco mais de 35% nos casos de mortes provocadas (TUCKER, 2008); 39% em casos indianos deste mesmo tipo (STEVENSON, 1990). Em casos de mortes naturais, de nove casos norte-americanos, um apresentava fobia; entre 115 casos indianos, três (STEVENSON, 1983). Entre 230 casos resolvidos de sete diferentes países, a média foi de 37% e, entre os não-resolvidos, 35% de 157 (COOK et al., 1983b). Verifica-se que a prevalência de fobia/medo inexplicável na amostra é expressivamente superior mesmo quando comparada através de diferentes categorias (cultura, tipo de morte da personalidade prévia e caso resolvido/não-resolvido), exceção para os casos drusos anteriores à década de 1990.

Comparados com dados de levantamento de 22 países com maiores de 18 anos (n=124.902) conduzido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), nossos dados indicam prevalência expressivamente superior. A OMS encontrou fobia específica de 7,4% ao longo da vida e 5,5% em 12 meses. Estes números são superiores quando se analisam apenas as mulheres (9,8% e

²⁴ Importa ressaltar que este foi um período em que aconteceram guerra e conflitos entre Israel e Síria, com consequências para a população drusa.

7,7%). O Brasil está representado na pesquisa pela região metropolitana São Paulo e apresenta os índices de: 12,5% ao longo da vida; 10,6% em 12 meses. Os dados dos subtipos de fobia do Brasil, na prevalência média de 12 meses, foram: animais (7,0%); lugares altos (4,8%); água parada/eventos climáticos (3,7%), todos mais prevalentes em mulheres. Em relação ao número de subtipos de fobia, a amostra transnacional indicou: um subtipo (3,4%), dois ou mais (5,0%) (WARDENAAR et al., 2017). Em nossa amostra, eminentemente feminina (79,1%), com o estado mais representado sendo, também, São Paulo (26,4%), temos os subtipos: animais (12,2%), altura/pontes (10,5%), água (9,8%), dois ou mais (30%). Nossos índices superam todos das diferentes categorias acima apresentadas. Stevenson (1977) indica os subtipos água, veículos automotores, armas com lâminas, comidas específicas, lugares onde as personalidades prévias teriam morrido.

Sobre a persistência da fobia/medo inexplicável desde a infância (71%), considerando a média de idade de nossa amostra (41,6±12,4), temos casos de fobia/medo inexplicável que podem chegar a mais de uma década. Estudo que buscou avaliar os efeitos de longo tempo das memórias em 28 casos estudados por Stevenson encontrou relato de fobia/medo específico em nove deles durante a infância, sendo que sete acreditavam na relação com a SVP, especialmente, com o tipo de morte. Destes, a fobia persistia em cinco, o que foi considerado como um possível indicativo do efeito prejudicial das memórias na vida adulta (HARALDSSON; ABU-IZZEDIN, 2012). Entre nossos participantes, 75,2% associam a fobia/medo inexplicável com a SVP. Na literatura, temos comportamentos fóbicos em crianças de tenra idade, que antecederam a manifestação das memórias. A avó de Simone, que fez um diário acerca da criança, relata que desde os primeiros dias de vida ela manifestava medo de aviões, que persistiu por muito tempo: *“Nisto, passou pelo céu azul um grande avião fazendo enorme barulho. Simone, muito assustada parou de mamar e olhou para mim, como a pedir socorro.”*; *“Ela não chorava; mostrava intenso pavor!”* (ANDRADE, 2016, p.43)

Filias/desejos incomuns na infância estiveram presentes em 30,3% de nossa amostra e 76,2% acreditam na relação com sua SVP em função de fatos ocorridos então (36,6%). Fumar foi o mais frequente (31,1%) e vários são os exemplos de casos em que o desejo e até mesmo a tentativa de fumar estavam presentes em crianças que tinham memórias de terem sido fumantes na SVP (STEVENSON, 1977). Sobre esta variável, são importantes, também, algumas das afirmações apresentadas por nossos participantes e que retratam comportamento não usual, como descrito na literatura e que rerepresentamos aqui. Maturidade não condizente com a faixa etária *“adotar crianças, ter um orfanato”*, *“andar bem alinhado”*; identificação com o gênero oposto, que teria sido o da suposta vida passada *“Eu falava que era um trabalhador. Queria vestir roupa de homem. Não*

gostava do meu cabelo cumprido". E os relatos de desejos que revelam um sofrimento intenso que, talvez, seja em função do impacto das memórias no frágil psiquismo infantil: "*Me machucar*"; "*ir ao cemitério para ver se era o que eu via em flashes*"; "[...] *sensação de tristeza e tendência suicida*".

Em nossa amostra, a indicação de brincadeiras (27,9%) que despertaram sensações/sentimentos ou mesmo as próprias memórias (27,7%) ou comportamento compatível com a SVP (25,9%) reitera uma característica presente na literatura. De 278 casos estudados por Stevenson (2000) 23,7% apresentavam algum tipo de brincadeira incomum. Uma menina costumava segurar um pedaço de madeira como se fosse uma boneca, chamando-a de Minu e, mais tarde, descobriu-se que a suposta personalidade prévia tinha morrido jovem, deixando uma filha chamada Minu. Outra criança dava nomes a legumes que seriam os mesmos nomes dos sete filhos do homem a quem alegava ter sido (STEVENSON, 1977). A maior parte dos participantes (85%) associa a brincadeira com fatos dessa suposta vida (53,6%). Parte da amostra (11,9%) supõe que suas brincadeiras estavam ligadas com o tipo de morte que teriam tido. Um menino americano demonstrava fascinação por aviões, especialmente os da segunda guerra mundial. Além de aviões de brinquedos, ele gostava de assistir um vídeo sobre os *Blue Angels*, equipe de aviões da marinha americana. Tempos depois, em suas brincadeiras, ele repetia o gesto de bater o bico do avião na mesa da sala afirmando que o avião havia batido e estava em chamas. Esta brincadeira repetitiva encenava o que ele, mais tarde, trouxe como suas memórias: ter sido um piloto americano morto na segunda guerra (TUCKER, 2016).

8.3 CARACTERÍSTICAS DE FELICIDADE E SAÚDE

A média de felicidade de nossa amostra ($4,75 \pm 1,15$) é similar aos valores encontrados em diferentes amostras dos Estados Unidos e Rússia no processo de validação da escala: 4,02 - 5,62 (LYUBOMIRSKY, 2008). Entretanto, menor do que as de outros estudos do Brasil: 161 pacientes renais crônicos em hemodiálise ($4,92$)²⁵ (SIQUEIRA et al., 2019) e 435 policiais e bombeiros ($5,19 \pm 1,06$) (ZANON et al., 2021). Um pouco abaixo, também, da média das médias de treze diferentes amostras (Rússia, Malásia, Turquia, Itália, Eslováquia, Filipinas, Hadza, Chile, Hong Kong, Espanha, Áustria, Estados Unidos e México): $5,01 \pm 1,12$, mas dentro da amplitude apresentada de 4,02 - 5,83. De todos esses países, a média obtida por nossa amostra ficou acima apenas das médias

²⁵ A autora não dividiu o resultado da soma dos itens por quatro, a tese original aponta o resultado 19,7. Fizemos a média para fins de comparação com nosso estudo.

da Rússia ($4,02\pm 0,93$), Malásia ($4,42\pm 1,48$), e Turquia ($4,73\pm 1,39$) (FRACKOWIAK et al., 2020)²⁶. Na análise multivariada, sendo os preditores os níveis mais altos de R/E da BMMRS, “Coping Negativo” diminui as chances de maiores níveis de felicidade e apenas duas dimensões religiosas/espirituais (“Valores/Crenças” e “Práticas Religiosas Privadas”) não desempenharam efeito protetor de, no mínimo, 62%. Dentre essas, destacam-se “Coping positivo” e “Perdão”, que aumentam as chances de se estar acima da média da felicidade da amostra em 385% e 511%, respectivamente. Nossos dados qualitativos também demonstram a importância do perdão para os participantes, na categoria “Compreensão/Conscientização”, como uma das influências positivas que as alegadas memórias trouxeram para os sujeitos. Revisão sistemática de 326 estudos encontrou, em 79% deles, maior felicidade, satisfação com a vida e outros indicadores de bem-estar entre os mais religiosos (KOENIG, 2012). Mesmo entre crianças, pesquisa brasileira revelou correlação entre menos religiosidade e menos felicidade (OLIVEIRA, 2019). Revisão sistemática de estudos com intervenções para promover o perdão ($n=12$) encontrou desfechos como o aumento de satisfação com a vida, do bem-estar psicológico e da felicidade subjetiva (LÓPEZ et al., 2021). Dos preditores ligados às memórias, filia na infância diminui as chances de níveis mais altos de felicidade em 67%. Infelizmente, não há estudos que sejam de nosso conhecimento que também tenham investigado associação de variáveis de memórias e felicidade, de forma que não há comparações possíveis. O que conhecemos acerca da felicidade em experienciadores de alegadas memórias são as investigações acerca da persistência delas na vida adulta. Haraldsson (2008) afirma: “... a grande maioria desses adultos expressam uma felicidade geral com sua situação atual na vida e pareciam levar vidas produtivas e saudáveis na sociedade.” (p.393). Em outro estudo com o mesmo objetivo, os autores afirmam que 25 dos 28 participantes investigados expressavam felicidade geral em relação ao modo como suas vidas tinham se desenvolvido (HARALDSSON, ABU-IZZEDIN, 2012).

Acerca das características de saúde, a escala para rastreio de sintomas de TMC (SRQ-20) apresentou média nesta amostra de ($7,30\pm 5,37$), superior à encontrada em moradores de uma área de abrangência de 2.800 pessoas atendidas pela Estratégia de Saúde da Família, recrutados em visitas domiciliares ($n=485$): $5,9\pm 4,64$ (GONÇALVES et al., 2008). Superior, também, a todos os grupos representados em estudo com 487 mulheres ($6,69\pm 5,26$) e 437 homens paquistaneses ($3,87\pm 4,30$) e 517 mulheres ($5,79\pm 5,05$) e 415 homens brancos europeus ($4,45\pm 4,99$) (HUSAIN et al., 2016²⁷). Entre nossos participantes, 46% estão acima do ponto de corte da escala. Estudo ($n=3.619$) baseado

²⁶ Importa ressaltar que os estudos foram realizados em diferentes períodos, de 1999 a 2017.

²⁷ Neste estudo, os autores adotaram ponto de corte único 7/8.

nos dados da última edição do Inquérito de Saúde do Município de São Paulo (ISA-Capital) e que investigou a busca por cuidados em saúde por parte de pessoas com TMC foi de 19,7%²⁸. Para os que haviam procurado atendimento nos últimos 30 dias, a prevalência foi de 25,4% e, para período superior a 30 dias, 17,1% (SANTOS et al., 2020). Entre 280 mulheres da zona rural mineira a prevalência foi de 35,7% (PARREIRA et al., 2017). O Recorte do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto - ELSA Brasil (n=15.105), encontrou taxa de 26,8% de TMC (NUNES et al., 2016²⁹). Quando comparado com o estudo estrangeiro, nosso resultado é ligeiramente inferior apenas ao de um dos subgrupos: o de mulheres paquistanesas (46,6%). Comparado com os demais, o percentual da amostra é superior: homens paquistaneses (22,4%) e europeus (37,2%) mulheres brancas europeias (36,1%) (HUSAIN et al., 2016). Dentre os preditores de sintomas de TMC, destaca-se a variável de R/E “*Coping* Negativo” aumentando as chances em 899%. Este achado reitera os de outros estudos, embora com número muito mais expressivo. A presença de *coping* negativo aumentou em 114% as chances de sintomas depressivos e em 146% as de sintomas de ansiedade em pesquisa com 1.156 brasileiros de 196 cidades (VITORINO et al., 2021). Revisão integrativa de 20 estudos de 16 países indicou conexão positiva entre *coping* negativo e ansiedade, estresse e depressão durante o contexto da pandemia de COVID-19 (IMRAN et al., 2022). Seguem-se variáveis das memórias filia (299%) e fobia na infância (160%). Como fatores protetores - da mesma forma que para níveis mais altos de felicidade - apenas as dimensões “Valores/Crenças” e “Práticas Religiosas Privadas” não desempenharam este efeito. As demais dimensões diminuem as chances de sintomas de TMC de 36% a 89%. Frequência regular à igreja se associou a menos TMC (OR0,62 IC 0,43-0,89) em 714 pacientes adultos da atenção primária do estado do Rio de Janeiro (FORTES et al., 2011³⁰). Revisão integrativa de 444 estudos indicou que, em 61% deles, havia associação entre envolvimento religioso e menos depressão ou recuperação mais rápida da doença ou que intervenções religiosas reduziram significativamente os sintomas depressivos (KOENIG et al., 2020). Coorte prospectiva que acompanhou 48.984 enfermeiras por 12 anos nos Estados Unidos encontrou evidências de benefícios na saúde mental associados à frequência religiosa, como menos chances de desenvolver depressão entre aquelas com frequência recente e de maior frequência (LI et al., 2016).

No rastreamento para sintomas de TEPT, a amostra obteve média (4,43±3,42), sendo que 38,8% ficaram acima do ponto de corte. Estudo com 1.196 brasileiros realizado no período de pico

²⁸ Os autores utilizaram diferentes pontos de corte: homens até 64 anos (5/6); mulheres até 64 anos (7/8) e 65 anos ou mais (5/6).

²⁹ O instrumento utilizado foi a *Clinical Interview Scale Revised*.

³⁰ Os autores utilizaram o Questionário de Saúde Geral (QSG-12).

da pandemia de COVID-19 no país encontrou média ligeiramente superior ($4,56 \pm 2,82$), mas com prevalência menor (34,2%) (GOULARTE et al., 2021). Levantamentos epidemiológicos de TEPT amplamente citados na literatura e que consideravam o pior trauma da vida como foco apresentou prevalências divididas em três subgrupos³¹. As maiores foram: A) população geral (n=4008), mulheres de 18 anos ou mais (12,3%); B) áreas de alto estresse (n=653) Argélia (37,4%), Camboja (28,4%), Gaza (17,8%); C) amostras de alto risco (n=8742), veteranos da Era Vietnã (20,1% no Vietnã; 11,5% nas proximidades) (BROMET et al., 2018). Revisão sistemática e metanálise de 88 estudos publicados após surtos de doenças infecciosas em larga escala entre 2004 a 2020, revelou prevalência de 22,6% em todas as populações; 26,9% entre profissionais de saúde; 23,8% entre os infectados e 19,3% na população geral (YUAN et al, 2021³²). A prevalência de nossa amostra supera as de indivíduos expostos a situações extremamente estressantes. Na análise multivariada, observa-se que “*Coping* Negativo” também aumenta as chances de sintomas de TEPT em 216%. Segue-se a variável de memória fobia na infância, aumentando as chances em 79%. Perdão, mais uma vez, desempenha efeito protetor (53%).

Analisando as variáveis preditoras e seus efeitos nos diferentes desfechos, podemos afirmar que a associação positiva de R/E e felicidade e negativa com sintomas de transtornos mentais em nossa amostra parece operar como o chamado “*buffering effect*” de Wills & Isasi (2007), que pode ser traduzido como “efeito amortecedor”, através do qual um recurso psicossocial reduz o impacto do estresse no bem-estar psicológico. Este recurso promove um melhor ajustamento, uma vez que o sujeito é menos afetado pelos eventos negativos da vida. Importa ressaltar que, em nossa amostra, quase todas as dimensões de R/E desempenham papel protetor, não apenas a frequência religiosa, como apontado em outros estudos. Por outro lado, o papel desempenhado pelo *coping* negativo pode ter efeito devastador, à medida em que sua presença aumenta, substancialmente, as chances de adoecimento psíquico.

Com relação às variáveis de memória - filia e fobia na infância - elas parecem desempenhar um papel importante não apenas diminuindo chances de maiores níveis de felicidade na vida adulta mas também influenciando negativamente a saúde mental. Pode-se formular a hipótese de que filia na infância pode diminuir as chances de mais felicidade no agora. Tendo estado emocionalmente vinculadas, nos primeiros anos de vida, a antigos hábitos e/ou vícios da SVP, as crianças poderiam

³¹ Instrumentos e critérios utilizados, respectivamente: *Diagnostic Interview Schedule* e critérios do DSM-III-R e *Composite International Diagnostic Interview* e DSM-IV.

³² Diferentes instrumentos, a IES foi utilizada em 44,3% dos estudos.

apresentar maior dificuldade para encontrar satisfação no atual contexto. Na vida adulta, a soma desses anos de descontentamento poderia resultar em menores níveis de felicidade. Lembramos que 76,2% acreditam que sua filia se relaciona com a SVP. Uma segunda consequência seriam os sintomas psíquicos sugestivos de TMC. Sendo estes um grupo de estados de angústia manifestados com ansiedade, depressão, sintomas somáticos inexplicáveis” (GOLDBERG; HUXLEY, 1992) e, considerando-se que a filia na infância mais frequente era por tabaco (31,1%), observa-se uma interessante confluência de sintomas sugestivos do transtorno e daqueles experimentados após cessação abrupta ou redução da quantidade da substância. O DSM-5 indica: “A) irritabilidade, frustração ou raiva; B) ansiedade; C) dificuldade de concentração; D) aumento do apetite; E) inquietação; F) humor deprimido e E) insônia” (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014, p. 575). A outra variável de memória, fobia na infância, associou-se tanto a sintomas sugestivos de TMC quanto de TEPT, persiste em 71% dos casos e 75,2% desses participantes creem na sua associação com a SVP. Somados os que supõem e os que afirmam (44%) que sua fobia está associada ao tipo de morte que teriam tido e relembrando que a categoria “Morte/Intermissão” é a de maior frequência nos conteúdos das memórias, esses desfechos não chegam a surpreender. Ao contrário, parecem responder à hipótese de HARALDSSON & ABU-IZZEDIN (2012): “De forma geral, não houve indicações de que experiências de vidas passadas na infância tiveram efeitos prejudiciais na vida adulta, além, talvez das fobias persistentes, mais uma vez, sem dados de pares para comparação” (p.988).

Ainda mais, importa observar que as médias mais altas das escalas de TMC ($8,23 \pm 5,50$), de sintomas de TEPT ($4,85 \pm 3,64$) e a menor média na escala de felicidade ($4,64 \pm 1,21$) estão entre o subgrupo que teve a primeira manifestação das memórias na infância, o que significa, provavelmente, mais tempo de persistência das memórias quando comparado com os que tiveram manifestação na fase adulta. Outra hipótese plausível é o efeito deletério que as filias, fobias e memórias de conteúdo negativo podem ter sob o “delicado” psiquismo infantil e “atribulado” do adolescente, sendo de mais difícil elaboração.

Finalizando estas análises é preciso nos perguntar se a pandemia de COVID-19 poderia ter contribuído para os desfechos. Tivemos 44 sujeitos (10,9%) recrutados após o anúncio do primeiro caso brasileiro (fevereiro de 2020). Desses, 12 ficaram acima do ponto de corte para TMC (6,5% do total) e 12 para TEPT (7,7%), com médias inferiores às gerais ($5,16 \pm 4,80$ x $7,30 \pm 5,37$) e ($3,34 \pm 3,26$ x $4,43 \pm 3,42$), respectivamente. Assim, as prevalências nos indicam uma discreta contribuição para o

resultado total, entretanto, as médias nos permitem questionar uma influência significativa do contexto da pandemia quando comparadas com as possíveis influências das memórias.

Acerca da autoavaliação de saúde geral, comparamos nossos dados com o da Pesquisa Nacional de Saúde: 2019, realizada pelo IBGE, que investiga a percepção do estado de saúde. Autoavaliaram a saúde como boa/muito boa (67,9% x 66,1%), regular (24,6% x 28,1%) e ruim/muito ruim (7,4% x 5,8%) (BRASIL, 2020b). Apesar disto, nossos achados sugerem que adultos que alegam memórias de SVP demandam cuidados em saúde mental, em face dos altos níveis de sintomas depressivos e ansiosos apresentados.

Nossos dados apontam para a importância das experiências espirituais na vida dos sujeitos e do seu entorno, bem como o impacto que elas podem ter no âmbito biopsicossocioespiritual. Há uma indicação clara da necessidade do acolhimento dos experienciadores por parte dos profissionais de saúde, uma vez que o silêncio tende a agravar ainda mais o sofrimento psíquico. Acreditamos ser seu maior mérito jogar luz sobre o tema dando voz às centenas de pessoas da população brasileira que alegam memórias de vidas passadas, trazendo-o para discussão com o respeito que as experiências subjetivas merecem e com o rigor que a ciência exige.

Como um estudo transversal, não é possível inferir sobre a causalidade de nossos achados e uma possível extrapolação dos resultados deve ser judiciosa, uma vez que a maioria da amostra é cristã. Outra limitação deste estudo é o fato de a prevalência das alegadas memórias de vidas passadas ainda ser desconhecida na população brasileira. Temos clareza de que este foi um primeiro passo para a compreensão do perfil brasileiro dos chamados casos sugestivos de reencarnação e de que muitas outras análises podem ser realizadas para o desenvolvimento do campo. Estudos longitudinais sobre casos de crianças, adolescentes e adultos com amostra randomizada representativa podem ser úteis para preencherem essas lacunas. Da mesma forma, realizar comparações entre conteúdos das memórias de crianças e adultos, entre os tipos de memórias espontâneas e não-espontâneas (como as de hipnose e terapias de regressão).

Sugerimos, também, que futuros estudos foquem no diagnóstico do sofrimento gerado pelas alegadas memórias, como preparar profissionais para identificar e acolher os sujeitos e suas experiências e quais abordagens terapêuticas poderiam ser úteis para tal; como os sujeitos integram essas experiências na vida cotidiana e mecanismos de R/E e outros que poderiam minimizar/ressignificar seus impactos negativos. Estudos longitudinais sobre o desenvolvimento das alegadas memórias e saúde mental e estudos sobre adultos de diferentes culturas, podem ser importantes para responder a essas questões.

9 CONCLUSÃO

Como o primeiro inquérito de abrangência nacional, o estudo contribui com parâmetros para próximas pesquisas acerca de alegadas memórias de vidas passadas, especialmente ao investigar aquelas que se manifestaram na adolescência ou idade adulta e discutir seu impacto.

A população brasileira adulta que alega memórias de vidas passadas e compõe a amostra é de maioria feminina, branca, com alto nível educacional, trabalhadora, com bom nível de renda, de maioria espírita. Seu nível de felicidade subjetiva está abaixo de outras amostras, assim como os de saúde mental. Variáveis de R/E exercem papel importante na felicidade e saúde mental desses sujeitos, com destaque para o *coping* (positivo e negativo) e perdão.

As características das memórias relatadas por nossa amostra reiteram as descritas na literatura sobre os casos de crianças, com exceção da maior prevalência no sexo feminino, o que precisa ser melhor investigado. Características típicas das memórias (filia e fobia na infância) predizem sintomas de TMC e de TEPT, bem como menores níveis de felicidade subjetiva. A análise de conteúdo das alegadas memórias e de sua influência na vida dos sujeitos e/ou de suas famílias indicou SVP com eventos ordinários cotidianos, mas de intenso sofrimento em sua maioria. Predomina a influência negativa das alegadas memórias com repercussão nos aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais dos sujeitos e na percepção do entorno acerca da experiência. Estes dados podem apontar para a necessidade de resignificação subjetiva da experiência, o que indica potencial necessidade de cuidados da saúde mental. Nossos dados parecem corroborar a hipótese de que sintomas típicos de TEPT podem se apresentar nos casos de memórias de SVP e o efeito deletério da persistência das alegadas memórias a longo prazo.

Nossos achados indicam que alegadas memórias de vidas passadas são um tema relevante na prática clínica dos profissionais de saúde mental e apontam para a necessidade de mais estudos sobre prevalência, impacto e manejo clínico adequado.

REFERÊNCIAS

- ALMINHANA, L.O.; MENEZES JR, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Personalidade, Religiosidade e qualidade de vida em indivíduos que apresentam experiências anômalas em grupos religiosos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.62, n.4, p.268-274, 2013.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. APA Dictionary of Psychology. Cryptomnesia. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/cryptomnesia>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- ANDRADE, H.G. **Reencarnação no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: O Clarim, 2016.
- ANDRADE, G. Is past life regression therapy ethical? **Journal of Medical Ethics and History of Medicine**, v.10, p.1-8, 2017.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARKER, D.V.; PASRICHA, S.K. Reincarnation cases in Faterhabad: A sistematic survey in north India. **Journal of Asian and African Studies**, v.XIV, n.3-4, p.231-240, 1979.
- BRAAM, A.W.; KOENIG, H.G. Religion, spirituality and depression in prospective studies: a systematic review. **Journal of Affective Disorders**, v.257, p.428-438, 2019.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores IBGE – Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no nordeste. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde: 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b.
- BROMET, E.J.; KARAM, E.G.; KOENEN, K.; STEIN, D.J. The global epidemiology of trauma exposure and post-traumatic stress disorder. In: WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Trauma and post-traumatic stress disorder – Global perspectives from the WHO world mental health surveys**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2018, p.1-12. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/trauma-and-posttraumatic-stress-disorder/global-epidemiology-of-trauma-exposure-and-posttraumatic-stressdisorder/021EAC3C5BD8C00A9BDF689C43848672>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BURLEY, M. Rebirth. In: NAGASAWA, Y.; MATHESON, B. (Edit). **The Palgrave Handbook of Afterlife**. Reino Unido: Macmillan Publishers Ltd, 2017. p.235-254

CAIUBY, A.V.S.; LACERDA, S.S.; QUINTANA, M.I.; Torii, T.S.; ANDREOLI, S.B. Cross cultural adaptation of the brazilian version of the Impact of Events Scale-Revised (IES-R). **Cadernos de Saúde Pública**, v.28, n.3, p.597-603, 2012.

CARDEÑA, E.; LYNN, S.J.; KRIPPNER, S. (Org.). **Variedades da experiência anômala. Análise de evidências científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013.

CARNEIRO, É.M.; NAVINCHANDRA, S.A.; VENTO, L.; TIMÓTEO, R.P.; BORGES, M. F. Religiosity/Spirituality, resilience and burnout in employees of a public hospital in Brazil. **Journal of Religion and Health**, v.58, n.2, p.677-685, 2019.

COOK, E.W.; PASRICHA, S.; SAMARARATNE, G.; MAUNG, U.W.; STEVENSON, I. A review and analysis of “unsolved” cases of the reincarnation type: I. Introduction and illustrative case reports. **The Journal of the American Society for Psychical Research**, v.77, p.45-62, 1983a.

COOK, E.W.; PASRICHA, S.; SAMARARATNE, G.; MAUNG, U.W.; STEVENSON, I. A review and analysis of “unsolved” cases of the reincarnation type: II. Comparison of features of solved and unsolved cases. **The Journal of the American Society for Psychical Research**, v.77, n.2, p.115-135, 1983b.

CURCIO, C.; LUCCHETTI, G.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Validation of the portuguese version of the Brief Multidimensional Measure of Religiosity/Spirituality (BMMRS-P) in clinical and non-clinical samples. **Journal of Religion and Health**, v. 54, n.2, p.435-448, 2015.

CURCIO, C.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Who does believe in life after death? Brazilian data from clinical and non-clinical samples. **Journal of Religion and Health**, v. 58, n.4, p.1217-1234, 2019.

DAMASIO, B.F.; ZANON, C.; KOLLER, S.H. Validation and psychometric properties of the brazilian version of the Subjective Happiness Scale. **Universitas Psychologica**, v.13, n.1, p.17-24, 2014.

DAMIANO, R.F., MACHADO, L., LOCH, A.A.; MOREIRA-ALMEIDA, A., MACHADO, L. Ninety years of multiple psychotic-like and spiritual experiences in a Doctor Honoris Causa. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v.209, n.6, p.449-453, 2021.

DATAFOLHA . 97% dizem acreditar totalmente na existência de Deus, 75% acreditam no diabo. Disponível em: http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/religiao_03052007.pdf 2007. Acesso em: 02 fev. 2018.

DECOTELLI DA SILVA, André Miranda. 2014. **“Kátharsis e Psyché: a purificação como salvação da alma no Fédon de Platão**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

DENIS, L. **Depois da morte**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1987.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA. História Cultos Afro-Brasileiros. Disponível em: www.fbu.com.br/Novo%20Site/menu/historia.html#/content. Acesso em: 14 fev. 2022.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Ermance Dufaux. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Ermance-Dufaux.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2023.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Fatos e Personalidades: 95 anos de Desencarnação de Camille Flammarion. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/06/03/fatos-e-personalidades-95-anos-de-desencarnacao-de-camille-flammarion/>. Acesso em: 09 jan. 2023

FEIGELMAN, W., ROSEN, Z., GORMAN, B.S. Exploring prospective predictors of completed suicides. Evidence from the General Social Survey. *Crisis*, v.35, n.4. p. 233-44, Jan. 2014.

FETZER INSTITUTE. **National Institute on Aging Working Group: Multidimensional Measurement of Religiousness, Spirituality for Use in Health Research. A Report of a National Working Group.** Supported by the Fetzer Institute in Collaboration with the National Institute on Aging. Kalamazoo, MI: Fetzer Institute, 2003 (1999).

FLANELLY, K.J.; KOENIG, H.G.; ELLISON, C.G.; GALEK, K.; KRAUSE, N. Belief in life after death and mental health – Findings from a national survey. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v.194, n.7, p.524-529, Jul. 2006.

FORTES, S.; LOPES, C.S.; VILLANO, L.A.B.; CAMPOS, M.R.; GONÇALVES, D.A.; MARI, J.J. Transtornos mentais comuns em Petrópolis-RJ: um desafio para a integração da saúde mental com a estratégia de saúde da família. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.33, n.2, p.150-156, Jun. 2011.

FRACKOWIAK, T.; OLESZKIEWICZ, A.; BUTOVISKAYA, M.; GROYECKA, A.; KARWOWSKI, M.; KOWAL, M.; SOROKOWSKI, P. Subjective happiness among polish and the Hazda people. *Frontiers in Psychology*, v.11, p.1-10, Jun. 2020.

GADIT, A.A.M. Myth of reincarnation: A challenge for mental health profession. *Journal of Medical Ethics*, v.35, n.2, p.91, Fev. 2009.

GALLUP INTERNATIONAL, 10 abr. 2017. Religion prevails in the world. Disponível em: <https://www.gallup-international.bg/en/36009/religion-prevails-in-the-world/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GOLDBERG, D.P.; HUXLEY, P. **Common mental disorders: a biosocial model.** Londres: Routledge, 1992.

GOLDSCHMIDT, T.; SEGAL, A. Judaism. In: NAGASAWA, Y.; MATHESON, B. (Edit). **The Palgrave Handbook of Afterlife.** Reino Unido: Macmillan Publishers Ltd, 2017, p.107-128.

GONÇALVES, D.M.; STEIN, A.T.; KAPCZINSKI, F. **Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo**

com o **Structural Clinical Interview for DSM-IV-TR**. *Cadernos de Saúde Pública*, v24, n.2, p.380-390, Fev. 2008.

GOULARTE, J.F.; SERAFIM, S.D.; COLOMBRO, R. HOGG, B.; CALDIERARO, M.A.; ROSA, A.R. COVID-19 and mental health in Brazil: psychiatric symptoms in the general population. *Journal of Psychiatric Research*, v.132, p.32-37, Jan. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33038563/>. Acesso em: 15 set. 2022.

HARALDSSON, E. Personality and abilities of children claiming previous-life memories. **The Journal of Mental and Nervous Disease**, v.183, n.7, p.445-451, Jul. 1995.

HARALDSSON, E. A psychological comparison between ordinary children and those who claim previous-life memories. **Journal of Scientific Exploration**, v.1, n.3, p.323-335, Set. 1997.

HARALDSSON, E. Birthmarks and claims of previous-life memories: I. The case of Purnima Ekanayake. **Journal of the Society for Psychological Research**, v.64.1, n.858, p.16-25, 2000a.

HARALDSSON, Erlendur. Birthmarks and claims of previous-life memories: II. The case of Chatura Karunaratne. **Journal of the Society for Psychological Research**, v.64.2, n.859, p.82-92, 2000b.

HARALDSSON, E. Children who speak of past life experiences: is there a psychological explanation? **Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice**, v.76, p.55-67, 2003.

HARALDSSON, E. Empirical inquiry into cases of children who claim to remember a past life. In: MEDNESP, 2007, São Paulo.

HARALDSSON, E. Persistence of past-life memories: study of adults who claimed in their childhood to remember a past life. **The Journal of Scientific Exploration**, v.22, n.3, p.385-393, Set. 2008.

HARALDSSON, E.; ABU-IZZEDIN, M. Persistence of “past-life” memories in adults who, in their childhood, claimed memories of a past life. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v.200, n.11, p.985-989, Nov. 2012.

HARALDSSON, E.; FOWLER, P.C.; PERYANNANPILLAI, V. Psychological characteristics of children who speak of a previous life: a further field study in Sri Lanka. **Transcultural Psychiatry**, v.37, n.4, p.525-544, Dez. 2000.

HARDING, T. W., De Arango, M. V., Baltazar, J., Climent, C. E., Ibrahim, H. H. A., Ladrigo Ignacio, L. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. **Psychological Medicine**, v.10, n.2, p. 231-241, Mai. 1980.

HOROWITZ, M.; WILNER, N.; ALVAREZ, W. Impact of event scale: a measure of subjective stress. **Psychosomatic Medicine**, v.41, n.3, p.209-218, Mai. 1979.

HUSAIN, N.; CHAUDRY, N.; RHOUMA, A.; SUMRA, A.; TOMENSOM, B.; WAHEED, W. Validation of the self-reporting questionnaire (SRQ-20) in British Pakistani and White European population in the United Kingdom. **Journal of Affective Disorders**, v.189, pp. 392-396, Jan. 2016.

HUTCHINSON, J.F.; SHARP, R. Karma, reincarnation and medicine: Hindu perspectives on biomedical research. **Genomic Medicine**, v.2, n.3-4, p.107-111, Mai. 2009.

IMRAN, M.H.; ZHAI, Z.; IQBAL, M. The role of religious coping to overcome mental distress and anxiety during the COVID-19 pandemic: an integrative review. **Analysis of Social Issues and Public Policy**, v.22, n.3, p.817-835, Set. 2022.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA. INAF BRASIL 2018 Resultados preliminares. 2018. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Inaf2018_Relato%CC%81rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023. 2018a.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA. Habilidades funcionais. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/habilidades-e-niveis-de-alfabetismo/>. Acesso em: 28 ago. 2023. 2018b.

KARDEC, Alan. **O livro dos Espíritos**. 93ªed. Brasília: Federação Espírita Brasileira 2013a.

KARDEC, Alan. **O livro dos Médiuns**. 71ªed. Brasília: Federação Espírita Brasileira 2013b.

KEIL, J.; TUCKER, J.B. An unusual birthmark case thought to be linked to a person who had previously died. **Psychological Reports**, v.87, p.1067-1074, Nov. 2000.

KEIL, J.; TUCKER, J.B. Response to “How do improve the study and documentation of the cases of the reincarnation type? A reappraisal of the case of Kemal Atasoy”. **Journal of Scientific Exploration**, v.24, n.2, p. 295-298, 2010.

KOENIG, H.G. Religion, spirituality, and health: The research and clinical implications. **International Scholarly Research Network Psychiatry**, 12, 2012. Disponível em: <https://doi.10.5402/2012/278730>. Acesso em: 03 jun. 2020.

KOENIG, H.G.; AL-ZABEN, F.; VANDERWEELE, T. Religion and psychiatry: recent developments in research. **BJPsychs Advances**, v.26, n.5, p.262-272, Set. 2020.

KOENIG, H.G.; KING, D.E.; CARSON, V.B. **Handbook of religion and health**. 2ª ed. Reino Unido: Oxford University Press 2012.

LI, S.; OKEREKE, O.I.; CHANG, S-C.; KAWACHI, I.; VANDERWEELE, T.J. Religious service attendance and lower depression among women – a prospective cohort study. **Annals of Behavioral Medicine**, v.50, n.6, p.876-884, Dez. 2016.

LÓPEZ, G.M.A. **A fecundidade entre os Guarani: um legado de Khunhankarai**. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.

LÓPEZ, J.; SERRANO, M.I.; GIMÉNEZ, I.; NORIEGA, C. Forgiveness interventions for older adults: a review. **Journal of Clinical Medicine**, v.10, n.9, p.1866, Mai. 2021.

LUCCHETTI, G.; CAMARGO, L.S.; LUCCHETTI, A.L.G.; SCHWARTZ, G.E.; NASRI, F. Rare medical conditions and suggestive past-life memories: a case report and literature review. **Explore**, v.9, n.6, p.272-376, Nov./Dez.2013.

LUCCHETTI, G.; GÓES, L.G.; AMARAL, S.G.; GANADJIAN, G.T.; ANDRADE, I.; ALMEIDA, P.O.A.; CARMO, V.M.; MANSO, M.E.G. Spirituality, religiosity and the mental health consequences of social isolation during COVID-19 pandemic. **International Journal of Social Psychiatry**, v.67, n.6, p.672-679, 2020.

LYUBOMIRSKY, S. **A ciência da felicidade: como atingir a felicidade real e duradoura**. Elsevier, 2008.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H.S. A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v.46, n.2, p. 137-155, Fev. 1999.

MACHADO, Fátima Regina. **Experiências anômalas na vida cotidiana – Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MAJEED, H.M. The orphic origins of belief in reincarnation in ancient Greek philosophy. **Phronimon**, v.14, n.1, p.119-132, 2013.

MARALDI, E.O.; ALVARADO, C.; ZANGARI, W.; MACHADO, F.R. Dissociação, crença e criatividade: uma introdução ao pensamento de Théodore Flournoy. **Memorandum**, v.30, p.12-37, 2016.

MARI, J.J.; WILLIAMS, P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. **The British Journal of Psychiatry**, v.148, p.23-26, Jan. 1986.

MATLOCK, J.G. Age and stimulus in past life memory cases: a study of published cases. **The Journal of the American Society for Psychical Research**, v.83, n.4, pp. 303-316, Out. 1989.

MATLOCK, J.G. Past life memories cases studies. Disponível em: <http://jamesgmatlock.com/wp-content/uploads/2013/12/Past-Life-Memory-Case-Studies.pdf>. Dez, 2013. Acesso em: 02 Fev. 2023

MATLOCK, J.G. **Signs of reincarnation – Exploring beliefs, cases, and theory**. Reino Unido: Rowman & Littlefield Publishers, 2019

MATLOCK, J.G. Brazilian Children with Past-Life Memories. *Psi Encyclopedia*. London: The Society for Psychical Research. Dec. 2020. Disponível em: <https://psi-encyclopedia.spr.ac.uk/articles/brazilian-children-past-life-memories>. Acesso em: Mar. 23.

MATLOCK, J.G. Apparent past-life memories in a recurring dream of the 1934 Los Angeles new year's flood. **Journal of the Anomalous Experience and Cognition**, v.2, n.2, p. 389-422, Dez. 2022.

MENEZES JR. A.; ALMINHANA, L., MOREIRA-ALMEIDA, A. Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.39, n.6, p. 203-207, 2012.

MILLS, A. A replication study: three cases of children in northern India who are said to remember a previous life. **Journal of Scientific Exploration**, v.3, n.2, p. 133-184, Jan. 1989.

MILLS, A. Back from death: young adults in northern India who as children were said to remember a previous life, with or without a shift in religion (Hindu to Moslem or vice-versa). **Antropology and Humanism**, v.31, n.2, p.141-156, 2006.

MILLS, A.; HARALDSSON, E.; KEIL, J. Replication studies of cases suggestive of reincarnation by three independent investigators. **The Journal of the American Society for Psychical Research**, v.88, p. 207-219, Jul. 1994.

MONTEIRO DE BARROS, M.C.; LEÃO, F.C.; VALLADA FILHO, H.; LUCCHETTI, G.; MOREIRA-ALMEIDA, A.; PERES, M.F.P. Prevalence of spiritual and religious experiences in the general population: a Brazilian nationwide study. **Transcultural Psychiatry**, v.0(0), p.1-15, Abr. 2022.

MORAES, L.J.; BARBOSA, G.S.; CASTRO, J.P.G.B.; TUCKER, J.B. MOREIRA-ALMEIDA, A. Academic studies on past-life memories: a scoping review. **Explore**, v.18, n.3, p.371-378, Mai./Jun. 2022.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; CARDEÑA, E. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicótica não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.33, supl.1, p.S21-S28, Mai. 2011.

MOREIRA-ALMEIDA, A., COSTA, M.A., & COELHO, H.S. **Science of life after death**. New York: Springer Cham, 2022.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; PINSKY, I.; ZALESKI, M.; LARANJEIRA, R. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.37, n.1, p.18-21, Jan. 2010.

MOURA, Marta A. Mediunismo e animismo. Disponível em:

<https://www.febnet.org/blog/geral/colunistas/mediunismo-e-animismo>. Acesso em: 09 Fev. 2022

NUNES, M.A.; PINHEIRO, A.P.; BESSEL, M.; BRUNONI, A.R.; KEMP, A.H.; BENSEÑOR, I. M.; CHOR, D.; BARRETO, S.; SCHMIDT, M.I. Common mental disorders and sociodemographic characteristics: baseline findings of the Brazilian Longitudinal Study of Adult Health (ELSA-Brasil). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.38, n.2, pp.91-97, Jun. 2016.

- OLIVEIRA, V.H. **Religiosidade, espiritualidade e felicidade na infância e adolescência**. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.
- OLIVEIRA E SILVA, A.C., NARDI, A.E., HOROWITZ, M. Brazilian version of the Impact of Event Scale (IES): translation and cross-cultural adaptation. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v.32, n.3, p.86-93, 2010. Disponível em: [\(PDF\) Brazilian version of the Impact of Event Scale \(IES\): Translation and cross-cultural adaptation \(researchgate.net\)](#). Acesso em: 02 Fev. 2019.
- PARREIRA, B.D.M.; GOULART, B.F.; HAAS, V.J.; SILVA, S.R.; MONTEIRO, J.C.S.; GOMES-ESPONHOLZ, F.A. Transtorno mental comum e fatores associados: estudo com mulheres de uma área rural. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v.51, e03225, 2017.
- PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and coping: Theory, research, practice**. New York: Guilford Press, 1997.
- PASRICHA, S. Are reincarnation type cases shaped by parental guidance? An empirical study concerning the limits of parents' influence on children. **Journal of Scientific Exploration**, v.6, n.2, p.167-180, 1992.
- PASRICHA, S.; KEIL, J.; TUCKER, J.; STEVENSON, I. Some bodily malformations attributed to previous lives. **Journal of Scientific Exploration**, v.19, n.3, p.359-383, 2005.
- PEHLIVANOVA, M.; JANKE, M.J.; LEE, J.; TUCKER, J.B. Childhood gender nonconformity and children's past-life memories. **International Journal of Sexual Health**, v.30, n.4, p.380-389, 2018.
- PERES, J.F.P. Should psychotherapy consider reincarnation? **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v.200, n.2, p.174-179, Fev. 2012.
- PERES, M.F.P.; SWERTS, D.; OLIVEIRA, A.B.; LEÃO, F.C.; LUCCHETTI, A.L.G.; VALLADA, H.; MARALDI, E.O.; TONIOL, R.; LUCCHETTI, G. Mental health and quality of life among adults with single, multiple and no religious affiliations. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v.208, n.4, p.288-293, Abr. 2020.
- PEW RESEARCH CENTER. **Religion in Latin America: widespread change in a historically catholic region**. Novembro, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2014/11/13/religion-in-latin-america/>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- PEW RESEARCH CENTER. **Being Christian in Western Europe**. Maio, 2018. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2018/05/29/being-christian-in-western-europe/>. Acesso em: 15 mai. 2020
- PEW RESEARCH CENTER. **Few Americans blame God or say faith has been shaken amid pandemic, other tragedies**. Novembro, 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2021/11/23/few-americans-blame-god-or-say-faith-has-been-shaken-amid-pandemic-other-tragedies/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

PRANDI, R. O candomblé e o tempo. Concepções de tempo, saber e autoridade da África para religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.16, n.47, p.43-58, Out. 2001.

RANSOM, C. A critique of Ian Stevenson's rebirth research. In: MARTIN, M; AUGUSTINE, K. **The myth of an afterlife – The case against life after death**. London: Roman & Littlefield, 2015, p. 571-574.

SANTOS, G.B.V.; GOLDBAUM, M.; CÉSAR, C.L.G.; GIANINI, R.J. Care seeking behavior of people with common mental disorders in São Paulo-Brazil. **International Journal of Mental Health Systems**, v.14, n.36, Mai. 2020.

SARACENI, C. **Umbanda sagrada**. 7ª ed. São Paulo: Madras, 2017.

SHARMA, P.; TUCKER, J. Cases of the reincarnation type with memories from the intermission between lives. **Journal of Near-Death Studies**, v.23, n.2, p. 101-118, 2004.

SCHOUTEN, S.A.; STEVENSON, I. Does the socio-psychological hypothesis explain cases of the reincarnation type? **Journal of Nervous and Mental Disease**, v.186, n.8, p. 504-506, Ago. 1998.

SILVA, C.F.; BORGES, F.R.; AVELINO, C.C.V.; MIARELLI, A.V.T.C.; VIEIRA, G.I.A.; GOYATÁ, S.L.T. Espiritualidade e religiosidade em pacientes com hipertensão arterial sistêmica. **Revista Bioética**, v.24, n.2, p.332-343, Mai./Ago. 2016.

SIQUEIRA, J.; FERNANDES, N.M.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Associação entre religiosidade e felicidade em pacientes com doença renal crônica em hemodiálise. **Jornal Brasileiro de Nefrologia**, v.41, n.1, pp. 22-28, Jan./Mar. 2019.

SMITH, H. **The world's religions: Our great wisdoms traditions**. New York: HarperCollins Publishers, 1991.

SOMMER, E.; KLEIN-SELA, C.; OR-CHEN, K. Beliefs in reincarnation and the power of faith and their association with emotional outcomes among bereaved parents of fallen soldiers. **Journal of Loss and Trauma**, v.16, p.459-475, 2011.

STEVENSON, I. The evidence for survival from claimed memories of former incarnations. The winning essay of contexts in honor of William James. Part II Analysis of the data and suggestions for further investigations. **Journal of the American Society for Psychical Research**, v.LIV, n.3, p. 95-117, Abr. 1960.

STEVENSON, I. Characteristics of cases of the reincarnation type in Turkey and their comparison with cases in two other cultures. **International Journal of Comparative Sociology**, v.11, p. 1-17, 1970.

STEVENSON, I. Xenoglossy: a review and a report case. **Proceedings of the American Society for Psychical Research**, v.31, p.261-268, 1974a.

- STEVENSON, I. Some questions related to cases of the reincarnation type. **Journal of the American Society for Psychical Research**, v.68, p. 395-416, 1974b.
- STEVENSON, I. A preliminary report of a new case of responsive xenoglossy: the case of Gretchen. **Journal of the American Society for Psychical Research**, v.70, p.65-77, Jan. 1976.
- STEVENSON, I. The explanatory value of the idea of reincarnation. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v.164, n.5, p.305-326, 1977.
- STEVENSON, I. American children who claim to remember previous lives. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v.171, n.12, p.742-748, 1983.
- STEVENSON, I. A case of severe birth defects possibly due to cursing. **Journal of Scientific Exploration**, v.3, n.2, p.201-212, 1989.
- STEVENSON, I. Phobias in children who claim to remember previous lives. **Journal of Scientific Exploration**, v.4, n.2, p.243-254, 1990.
- STEVENSON, I. Birthmarks and birth defects corresponding to wounds on deceased persons. **Journal of Scientific Exploration**, v.7, n.4, p.403-410, 1993.
- STEVENSON, I. Unusual play in young children who claim to remember previous lives. **Journal of Scientific Exploration**, v.14, n.4, p.557-570, 2000a.
- STEVENSON, I. The phenomenon of claimed memories of previous lives: possible Interpretations and importance. **Medical Hypothesis**, v.54, n.4, p.652-659, 2000b.
- STEVENSON, I. **Children who remember previous lives – a question of reincarnation**. North Caroline: MacFarland & Company, 2001a.
- STEVENSON, I. Ropelike birthmarks on children who claim to remember past lives. **Psychological Reports**, v.89, p.142-144, 2001b.
- STEVENSON, I. **Casos Europeus de Reencarnação**. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora Ltda, 2010.
- STEVENSON, I. **Reencarnação: vinte casos**. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora Ltda, 2011.
- STEVENSON, I.; HARALDSSON, E. The similarity of features of reincarnation type cases over many years: a third study. **Journal of Scientific Exploration**, v.17, n.2, pp. 283-289, Jun. 2003.
- STEVENSON, I.; KEIL, J. Children of Myanmar who behave like Japanese soldiers: a possible third element in personality. **Journal of Scientific Exploration**, v.19, n.2, p.171-183, 2005.

STEVENSON, I.; PASRICHA, S. A preliminary report of an unusual case of the reincarnation type with xenoglossy. **The Journal of the American Society for Psychical Research**, v.74, p. 331-348, Jul. 1980.

STRATTA, P.; CAPANNA, C.; RICCARDI, I.; PERUGI, G.; TONI, C.; DEL'OSSO, L.; ROSSI, A. Spirituality and religiosity in the aftermath of a natural catastrophe in Italy. **Journal of Religion and Health**, v.52, n.3, p.1029-1037, Set. 2013.

TUCKER, J.B. Children who claim to remember previous life: past, present and future research. **Journal of Scientific Exploration**, v.21, n.3, p.543-552, 2007.

TUCKER, J.B. Children's reports of past-life memories: a review. **Explore**, v.4, n.4, p.244-248, Jul./Ago. 2008.

TUCKER, J. B. The case of James Leininger: an American case of the reincarnation type. **Explore**, v.12, n.3, p.200-207, Mai./Jun. 2016.

TUCKER, J.B.; KEIL, J. Experimental birthmarks: new cases on an Asian practice. **Journal of Scientific Exploration**, v.27, n.2, p.269-282, 2013.

UNIVERSITY OF VIRGINIA, DIVISION OF PERCEPTUAL STUDIES. Registration form for cases of the reincarnation type. University of Virginia Health System, Fev. 2000.

UNIVERSITY OF VIRGINIA, DIVISION OF PERSONALITY STUDIES. Coding form for cases of the reincarnation type. University of Virginia Health System, Jun. 2003.

VISONI, V.M. How to improve the study and documentation of the cases of the reincarnation type? A reappraisal of the case of Kemal Atasoy. **Journal of Scientific Exploration**, v.24, n.1, p.101-108, Mar. 2010.

VITORINO, L.M.; YOSHINARI JR, G.H.; GONZAGA, G.; DIAS, I.F.; PEREIRA, J.P.L.; RIBEIRO, I. M.G.; FRANÇA, A.B.; AL-ZABEN, F.; KOENIG, H.G.; TRZESNIACK, C. Factors associated with mental health and quality of life during the COVID-19 pandemic in Brazil. **BJPsych Open**, v.7, e103, p.1-8, 2021.

WARDENAAR, K.J.; LIM, C.C.W.; AL-HAMZAWI, A.O.; ALONSO, J.; ANDRADE, L.H.; BENJET, C.; BUNTING, B.; GIROLAMO, G.; DEMYTTENAERE, K.; FLORESCU, S.E.; GUREJE, O.; HISATERU, T.; HU, C.; HUANG, Y.; KARAM, E.; KIEJNA, A.; LEPINE, J.P.; NAVARRO-MATEU, F.; BROWNE, M.O.; PIAZZA, M.; POSADA-VILLA, J.; ten HAVE, M.L.; TORRES, Y.; XAVIER, M.; ZARKOV, Z.; KESSLER, R.C.; SCOTT, K.M.; de JONGE, P. The cross-national epidemiology of specific phobia in the World Mental Health Surveys. **Psychological Medicine**, v.47, n.10, p.1744-1760, Jul. 2017.

WALTER, T. Reincarnation, modernity and identity. **Sociology**, v.35, n.1, p.21-38, Fev. 2001.

WEINBERGER-LITMAN, S.L.; LITMAN, L.; ROSEN, Z.; ROSMARIN, D.H.; ROSENZWEIG, C. A look at the first quarantined community in the USA: response of religious

communal organizations and implications for public health during the COVID-19 pandemic. **Journal of Religion and Health**, v.59, n.5, p.2269-2282, Out. 2020.

WILLS, R.; ISASI, C. Buffering effect. In: BAUMEISTER, R.F., VOHS, K.D. (Eds.) **Encyclopedia of social psychology**. Thousand Oaks: Sage. 2007. Disponível em: <https://sk.sagepub.com/Reference/socialpsychology/n76.xml>. Acesso em: 05 Set. 2021.

YUAN, K.; GONG, Y.; LIU, L.; SUN, Y.; TIAN, S.; WANG, Y.; ZHONG, Y.; ZHANG, A.; SU, S.; LIU, X.; ZHANG, Y.; LIN, X.; SHE, L.; YAN, W.; FAZEL, S.; VITIELLO, M.V.; BRYANT, R.A.; ZHOU, X.; RAN, M.; BAO, Y.; SHI, J.; LU, L. Prevalence of post-traumatic stress disorder after infectious disease pandemics in the twenty-first century, including COVID-19: a meta-analysis and systematic review. **Molecular Psychiatry**, v.26, n.9, p.4982-4998, Set. 2021.

ZANON, C.; FABRETTI, R.R.; MARTINS, J.Z.; HEATH, P.J. Adaptation of the Steen Happiness Index (SHI) to Brazil: a comparison of the psychometric properties of the SHI and the Subjective Happiness Scale. **Assessment**, Epub Jun. 2021. doi: 10.1177/10731911211024354

APÊNDICE A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Levantamento Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira.

Pesquisador: Lucam Justo de Moraes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96370618.3.0000.5147

Instituição Proponente: FACULDADE DE MEDICINA - UFJF

Patrocinador Principal: BIAL - Portela & Cia, SA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.233.448

Apresentação do Projeto:

A apresentação da emenda está clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, estando de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, Item III.

Objetivo da Pesquisa:

Os Objetivos da pesquisa estão claros bem delimitados, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, Item 3.4.1 - 4. Não foram alterados do projeto original.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios descritos em conformidade com a natureza e propósitos da pesquisa. O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e benefícios esperados estão adequadamente descritos. A avaliação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, Itens III; III.2 e V. Não foram alterados do projeto original.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delimitado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 3.233.448

sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Não foram alterados do projeto original.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português. Identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPEs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h. Não foram alterados do projeto original. Não foram alterados do projeto original.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, a emenda ao projeto está aprovada, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: 15/12/2021.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEPI/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS, manifesta-se pela

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 38.038-000
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 3.230.445

APROVAÇÃO a emenda ao protocolo de pesquisa proposto, a qual solicita incluir a Fundação Btal como Apoio Financeiro. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_131388_4_É1.pdf	13/03/2019 13:21:24		Aceito
Declaração do Patrocinador	outorga_btal.pdf	13/03/2019 13:15:41	Lucam Justo de Moraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO.pdf	21/08/2018 12:34:01	Lucam Justo de Moraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MENOR_cep.pdf	21/08/2018 12:33:43	Lucam Justo de Moraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ADULTO_cep.pdf	21/08/2018 12:33:21	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_CEP.pdf	21/08/2018 11:10:58	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	ENTREVISTA_SEMIESTRUTURADA.pdf	21/08/2018 09:17:19	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	QUEST_ONLINE.pdf	21/08/2018 09:16:56	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	IES_INFANTIL.pdf	21/08/2018 09:15:36	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	BMMRSp.pdf	21/08/2018 08:48:57	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	IES_ADULTO.pdf	21/08/2018 08:48:11	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	SOCS.pdf	21/08/2018 08:41:42	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	SRQ_20.pdf	21/08/2018 08:41:10	Lucam Justo de Moraes	Aceito
Outros	Escala_de_Felicidade_Subjetiva.pdf	21/08/2018	Lucam Justo de Moraes	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 3.230.445

Outros	Escala_de_Felicidade_Subjetiva.pdf	08:40:40	Moraes	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	21/08/2018 08:29:39	Lucam Justo de Moraes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 29 de Março de 2019

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-000
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propena@ufjf.edu.br

APÊNDICE B – Divulgação/Recrutamento dos sujeitos



WWW.UFJF.BR/NUPES

LEVANTAMENTO NACIONAL DE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO NO BRASIL

Métodos - Recrutamento

Casos Sugestivos de Reencarnação

O Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora (NUPES/ UFJF), em parceria com a University of Virginia (Division of Perceptual Studies), e sob financiamento da Fundação Bial, está investigando casos sugestivos de reencarnação no Brasil. Se você testemunhou uma criança/adolescente que alega ou já alegou possuir memórias de uma suposta vida passada ou se você mesmo acredita possuir estas memórias, acesse nosso website e contribua respondendo ao nosso questionário.

www.ufjf.br/nupes





Levantamento nacional de casos sugestivos de reencarnação na população brasileira

Se você testemunhou uma criança/adolescente que alega ou já alegou possuir memórias de supostas vidas passadas, ou se você mesmo acredita possuir estas memórias, responda nosso questionário.

Acesso: www.ufjf.br





Levantamento Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira

WWW.UFJF.BR/NUPES



Psicóloga ministra palestra para estudantes do Ensino Médio

A psicóloga Sandra Maciel de Carvalho esteve no Colégio Camões no sábado para uma palestra direcionada aos estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Vale a pena citar professores de Filosofia, Ruyter Barros. Sandra apresentou aos alunos seu trabalho de pesquisa que visa ao questionário reencarnação e também como e como, também estudada na área de Filosofia.

A psicóloga e Doutoranda do Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde (NUPES) da Faculdade de Medicina... em maio 30 de setembro de 2019



CoNupes - Congresso Nacional de Estudos Espirituais

V Roda de conversa: Alegadas Memórias de Supostas Vidas Passadas

Link para inscrição no Bío!

Experiências Espirituais

Programa de publicações sobre experiências espirituais

Agências profissionais/educativas das experiências de vida

Quem são as pessoas que relatam supostas memórias de vidas passadas?

Sandra Maciel

Relatos de casos de alegadas memórias de vidas passadas

Lucam Justo de Moraes



A Liga de Espiritualidade e Medicina Integrativa da FAMEMA declara que estão abertas as inscrições para:

1º Simpósio de Espiritualidade e Medicina Integrativa da FAMEMA - LACEMI

Para ficar por dentro das novidades siga nosso perfil. As regras para participar estarão na descrição da postagem e na imagem ao lado

Pesquisando experiências espirituais: pessoas que alegam se lembrar de vidas passadas

Participando do projeto de pesquisa 'Pesquisando experiências espirituais: pessoas que alegam se lembrar de vidas passadas' da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com a Universidade de Virginia (UV) e a Fundação Bial.

I CONGRESSO MINEIRO DE PSICOLOGIA, LAICIDADE, ESPIRITUALIDADE, RELIGIÃO E OUTROS SABERES TRADICIONAIS

As atividades serão realizadas nos dias 3, 4 e 5 de novembro.



Casos sugestivos de reencarnação # 23

FE COM CIÊNCIA



Relatos de 'vidas passadas' são colhidos por pesquisadores em Minas Gerais

1 levantamento Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, reúne depoimentos para depois investigar se foram testemunhados.



Saiba como participar da pesquisa que reúne casos de reencarnação no país

Pesquisata Alexander Moreira Almeida comenta trabalho inédito feito no Brasil



University of Minas Gerais to Study Accounts of Past Lives

Juiz de Fora's research institution aims to trace the profile of Brazilians who believe in past lives. The research is conducted in collaboration with the University of Virginia and funded by the Portuguese Bial Foundation.

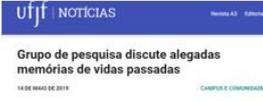


Memórias de vidas passadas são tema de estudo

Universidade Federal de Juiz de Fora vai analisar relatos de pessoas que dizem recordar existências progressas



Estudo acadêmico reúne mais de 600 relatos de EQM e alegadas memórias de vidas passadas



Grupo de pesquisa discute alegadas memórias de vidas passadas

APÊNDICE C – Formulário *on-line*

LEVANTAMENTO NACIONAL DE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Prezado(a) Senhor(a),

O NUPES (Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF - está desenvolvendo a pesquisa intitulada "Levantamento Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira". Nesta pesquisa, pretendemos levantar informações sobre casos de pessoas que alegam ter memórias de suas supostas vidas passadas: seu perfil sociodemográfico, as características de suas supostas memórias, seus níveis de religiosidade/espiritualidade, o nível de felicidade subjetiva e saúde.

No caso de pessoas menores de 18 anos, é necessário o consentimento do responsável legal pela criança/adolescente para que ele(a) participe da pesquisa.

Assim, antes de iniciar, é preciso um passo:

1 - Aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que indica que o(a) senhor(a) concorda em participar;

Logo depois, o senhor (a) deve descrever suas memórias com o máximo de detalhes possível, responder os instrumentos e preencher o questionário de perfil sociodemográfico e de características de suas memórias.

Pedimos que não solicite a ajuda de ninguém para escolher suas respostas, pois é muito importante conhecermos você. Ao final de todo o processo, deve-se clicar em "Enviar" para encerrar sua participação.

Com apenas alguns minutos do seu tempo, o(a) senhor(a) ajudará no desenvolvimento da ciência, através de suas informações.

Contando com sua colaboração na realização desta pesquisa inédita no Brasil e apresentamos nossos antecipados agradecimentos.

Prof. Dr. Alexander Moreira-Almeida

Lucam Justo de Moraes

Sandra Maciel de Carvalho

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Levantamento Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira. Nesta pesquisa, pretendemos levantar informações sobre casos de crianças que pareçam estar lembrando-se de acontecimentos ocorridos em suas supostas vidas passadas e também casos de adolescentes e adultos que, em algum momento de suas vidas, alegaram ter se lembrado de situações ocorridas em supostas vidas passadas. O motivo que nos leva a estudar isso é que casos como estes foram pesquisados em muitos outros países e, agora, vamos verificar como isso pode acontecer no Brasil.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Rastreamento de casos (procurar pessoas) através do nosso site na internet e meios de comunicação. Depois, os participantes irão responder questionários on-line (no nosso site) com seus dados pessoais e de suas famílias (no caso de menores) e perguntas sobre as supostas memórias, além de questionários para verificar níveis de religiosidade e espiritualidade, felicidade subjetiva e saúde. Alguns participantes poderão ser contactados pelos pesquisadores para uma possível entrevista pessoal e para uma pesquisa nos lugares que podem estar ligados à sua suposta vida passada. A pessoa que relatou as supostas memórias (ou seus representantes legais, no caso de menores) poderá acompanhar ou não os pesquisadores nessa fase do estudo. O risco envolvido nesta pesquisa é mínimo, mas, se acontecer algum tipo de prejuízo, o Sr(a) poderá entrar em contato com o pesquisador principal e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. Esta pesquisa contribuirá para maior conhecimento sobre os casos brasileiros de pessoas que alegam ter lembrado de suas supostas vidas passadas. Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento tem segunda via disponível para download em nosso site. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após

esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Para aceitar este Termo de Consentimento e participar da pesquisa, o Sr(a) deve "clique" onde está escrito "Li e aceito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido".

Nome do Pesquisador Responsável: Lucam Justo de Moraes
 Campus Universitário da UFJF
 Faculdade/Departamento/Instituto: Faculdade de Medicina/Programa de Pós-Graduação em Saúde
 CEP: 36036-900
 Fone: 032 98836-7897
 E-mail: ljmpsico@gmail.com

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
 CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
 Campus Universitário da UFJF
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 CEP: 36036-900
 Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Nome completo *

3. Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. *

Marque todas que se aplicam.

Li e aceito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RELATO E INSTRUMENTOS

4. Por favor, faça uma descrição bem detalhada das memórias de sua suposta vida passada com o máximo de informações que você conseguir recordar, como: seu nome na vida passada, características físicas, nome e características de pessoas com as quais conviveu, lugares onde você esteve ou viveu, objetos que você possuía, coisas que você mais gostava e/ou rejeitava, circunstâncias relacionadas à sua morte, etc. Se suas memórias não incluírem tudo isso, não tem problema. Se suas memórias incluírem outras informações, por favor, descreva também. *

SRQ20 - SELF REPORT QUESTIONNAIRE - Harding et al. - Mari & Williams

Estas questões são relacionadas a certas dores e problemas que podem ter te incomodado nos últimos 30 dias. Se você acha que a questão se aplica a você e você teve o problema descrito nos últimos 30 dias responda SIM. Por outro lado, se a questão não se aplica a você e você não teve o problema nos últimos 30 dias, responda NÃO.

9. Perguntas *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Você tem dores de cabeça frequentes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem falta de apetite?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dorme mal?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assusta-se com facilidade?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem tremores nas mãos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sente-se nervoso(a), tenso(a), preocupado(a)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem má digestão?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem dificuldades de pensar com clareza?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem se sentido triste ultimamente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem chorado mais do que o costume?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem dificuldades para tomar decisões?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem perdido o interesse pelas coisas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem tido a ideia de acabar com a vida?***	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sente-se cansado(a) o tempo todo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Você se cansa com facilidade?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem sensações desagradáveis no estômago?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se você marcou "Sim" na pergunta 17 acima**, sugerimos que procure ajuda de um profissional de sua confiança. Na rede pública: na Estratégia Saúde da Família (posto de saúde), no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), em ambulatórios de psicologia e/ou psiquiatria. No CVV (Centro de Valorização da Vida): telefone 188 ou acessando <https://www.cvv.org.br/chat/>

Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade BMMRS-p - Fetzer Institute - Miarelli & Silva - Curcio et al.

Marque uma opção em cada questão.

A - Experiências espirituais diárias

As seguintes questões lidam com as possíveis experiências espirituais. Com que frequência você tem as seguintes experiências:

10. 1. Sinto a presença de Deus *

Marcar apenas uma oval.

- 1. Muitas vezes ao dia.
- 2. Todos os dias.
- 3. A maior parte dos dias.
- 4. Alguns dias.
- 5. De vez em quando
- 6. Nunca ou quase nunca.

11. 2. Encontro força e conforto na minha religião. *

Marcar apenas uma oval.

- 1. Muitas vezes ao dia.
- 2. Todos os dias.
- 3. A maior parte dos dias.
- 4. Alguns dias.
- 5. De vez em quando.
- 6. Nunca ou quase nunca.

12. 3. Sinto profunda paz interior ou harmonia. *

Marcar apenas uma oval.

- 1. Muitas vezes ao dia.
- 2. Todos os dias.
- 3. A maior parte dos dias.
- 4. Alguns dias.
- 5. De vez em quando.
- 6. Nunca ou quase nunca.

13. 4. Desejo estar próximo ou em união com Deus. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muitas vezes ao dia.
 2. Todos os dias.
 3. A maior parte dos dias.
 4. Alguns dias.
 5. De vez em quando.
 6. Nunca ou quase nunca.

14. 5. Sinto o amor de Deus por mim, diretamente ou por meio dos outros. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muitas vezes ao dia.
 2. Todos os dias.
 3. A maior parte dos dias.
 4. Alguns dias.
 5. De vez em quando.
 6. Nunca ou quase nunca.

15. 6. Sou espiritualmente tocado pela beleza da criação. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muitas vezes ao dia.
 2. Todos os dias.
 3. A maior parte dos dias.
 4. Alguns dias.
 5. De vez em quando.
 6. Nunca ou quase nunca.

B – Valores/Crenças

16. 7. Crecio em um Deus que cuida de mim. *

Marcar apenas uma oval.

1. Concordo totalmente.
 2. Concordo.
 3. Discordo.
 4. Discordo totalmente.

17. 8. Sinto uma grande responsabilidade em reduzir a dor e o sofrimento do mundo. *

Marcar apenas uma oval.

1. Concordo totalmente.
 2. Concordo.
 3. Discordo.
 4. Discordo totalmente.

C – Perdão

Por causa das minhas crenças espirituais ou religiosas:

18. 9. Tenho perdoado a mim mesmo pelas coisas que tenho feito de errado. *

Marcar apenas uma oval.

1. Sempre ou quase sempre.
 2. Frequentemente.
 3. Raramente.
 4. Nunca.

19. 10. Tenho perdoado aqueles que me ofendem. *

Marcar apenas uma oval.

1. Sempre ou quase sempre.
 2. Frequentemente.
 3. Raramente.
 4. Nunca.

20. 11. Sei que Deus me perdoa. *

Marcar apenas uma oval.

1. Sempre ou quase sempre.
 2. Frequentemente.
 3. Raramente.
 4. Nunca.

D) Práticas religiosas particulares

21. 12. Com que frequência você reza (ora) intimamente em lugares que não sejam igreja ou templo religioso? *

Marcar apenas uma oval.

- 1. Mais de uma vez ao dia.
- 2. Uma vez ao dia.
- 3. Algumas vezes por semana.
- 4. Uma vez por semana.
- 5. Algumas vezes no mês.
- 6. Uma vez no mês.
- 7. Menos de uma vez ao mês.
- 8. Nunca.

22. 13. De acordo com sua tradição religiosa ou espiritual, com que frequência você medita (intimidade com Deus)? *

Marcar apenas uma oval.

- 1. Mais de uma vez ao dia.
- 2. Uma vez ao dia.
- 3. Algumas vezes por semana.
- 4. Uma vez por semana.
- 5. Algumas vezes no mês.
- 6. Uma vez no mês.
- 7. Menos de uma vez ao mês.
- 8. Nunca.

23. 14. Com que frequência você assiste ou ouve programas religiosos na TV ou rádio? *

Marcar apenas uma oval.

- 1. Mais de uma vez ao dia.
- 2. Uma vez ao dia.
- 3. Algumas vezes por semana.
- 4. Uma vez por semana.
- 5. Algumas vezes no mês.
- 6. Uma vez no mês.
- 7. Menos de uma vez ao mês.
- 8. Nunca.

24. 15. Com que frequência você lê a bíblia ou outra literatura religiosa (livros, jornais, revistas e folhetos) ? *

Marcar apenas uma oval.

1. Mais de uma vez ao dia.
 2. Uma vez ao dia.
 3. Algumas vezes por semana.
 4. Uma vez por semana.
 5. Algumas vezes no mês.
 6. Uma vez no mês.
 7. Menos de uma vez ao mês.
 8. Nunca.

25. 16. Com que frequência são feitas orações ou agradecimentos antes ou após as refeições em sua casa? *

Marcar apenas uma oval.

1. Em todas as refeições.
 2. Uma vez ao dia.
 3. No mínimo vez por semana.
 4. Apenas em ocasiões especiais.
 5. Nunca.

E) Superação religiosa ou espiritual

Pense a respeito do que você entende e como lida com os principais problemas em sua vida. Com que intensidade você se vê envolvido nessas maneiras de enfrentá-los?

26. 17. Penso que minha vida faz parte de uma força espiritual maior. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Bastante.
 3. Um pouco.
 4. Nada.

27. 18. Trabalho em união com Deus. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Bastante.
 3. Um pouco.
 4. Nada.

28. 19. Vejo Deus como força, suporte e guia. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Bastante.
 3. Um pouco.
 4. Nada.

29. 20. Sinto que Deus me castiga por meus pecados ou falta de espiritualidade. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Bastante.
 3. Um pouco.
 4. Nada.

30. 21. Eu me pergunto se Deus me abandonou. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Bastante.
 3. Um pouco.
 4. Nada.

31. 22. Tento entender o problema e resolvê-lo sem confiar em Deus. *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Bastante.
 3. Um pouco.
 4. Nada.

32. 23. O quanto sua religião está envolvida (interessada) na compreensão e na maneira de lidar com as situações estressantes (difíceis)? *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito envolvida.
 2. Pouco envolvida.
 3. Não muito envolvida.
 4. Nem um pouco envolvida.

F) Superação religiosa ou espiritual

Essas questões são destinadas a verificar o quanto de ajuda as pessoas de sua comunidade religiosa iriam lhe proporcionar, caso você precisar no futuro.

33. 24. Se você estivesse doente, quantas pessoas de sua comunidade religiosa iriam lhe ajudar? *

Marcar apenas uma oval.

1. Muitas.
 2. Algumas.
 3. Poucas.
 4. Nenhuma.

34. 25. Quanto conforto as pessoas de sua comunidade religiosa lhe dariam se você estivesse em uma situação difícil? *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito.
 2. Algum.
 3. Pouco.
 4. Nenhum.

Seção sem título

Às vezes, o contato que temos com os outros nem sempre é agradável.

35. 26. Com que frequência as pessoas de sua comunidade religiosa procuram por você? *

Marcar apenas uma oval.

1. Frequentemente.
 2. Muitas vezes.
 3. De vez em quando.
 4. Nunca.

36. 27. Com que frequência as pessoas de sua comunidade religiosa criticam você e as coisas que você faz? *

Marcar apenas uma oval.

1. Frequentemente.
 2. Muitas vezes.
 3. De vez em quando.
 4. Nunca.

G) História religiosa/espiritual

37. 28. Você já teve alguma experiência religiosa ou espiritual que mudou sua vida? *

Marcar apenas uma oval.

- Não *Pular para a pergunta 39*
 Sim

Pular para a pergunta 38

Seção sem título

38. Se SIM, qual era a sua idade quando sua experiência aconteceu? *

Seção sem título

39. 29. Você já teve alguma recompensa com a sua fé? *

Marcar apenas uma oval.

- Não *Pular para a pergunta 41*
 Sim

Seção sem título

40. Se SIM, qual era a sua idade quando sua experiência aconteceu? *

Seção sem título

41. 30. Você já teve alguma perda significativa da sua fé? *

Marcar apenas uma oval.

- Não *Pular para a pergunta 43*
 Sim

Seção sem título

42. Se SIM, qual era a sua idade quando sua experiência aconteceu? *

Seção sem título

H) Comprometimento

43. 31. Eu tento levar fortemente minhas crenças religiosas ao longo de minha vida. *

Marcar apenas uma oval.

1. Concordo totalmente.
 2. Concordo.
 3. Discordo.
 4. Discordo totalmente.

44. 32. Durante o ano passado você contribuiu financeiramente para a comunidade religiosa ou para as causas religiosas? *

Marcar apenas uma oval.

- Contribuição semanal
 Contribuição mensal
 Contribuição anual
 Não contribuí.

45. 33. Em uma semana quantas horas você dedica em atividades de sua igreja ou atividades que você faz por razões religiosas ou espirituais? *

I) Religiosidade organizacional

46. 34. Com que frequência você participa de serviços religiosos (rituais, missas, cultos, celebrações)? *

Marcar apenas uma oval.

1. Mais de uma vez por semana.
 2. Toda semana (semanal).
 3. Uma ou duas vezes por mês.
 4. Todo mês (mensal).
 5. Uma ou duas vezes por ano.
 6. Nunca.

47. 35. Além dos serviços religiosos, com que frequência você faz parte de outras atividades da igreja e templos religiosos? *

Marcar apenas uma oval.

1. Mais de uma vez por semana.
 2. Toda semana (semanal).
 3. Uma ou duas vezes por mês.
 4. Todo mês (mensal).
 5. Uma ou duas vezes por ano.
 6. Nunca.

J) Preferência religiosa

48. 36. Qual sua religião no momento? *

49. Se Evangélico, qual sua denominação religiosa?

K) Auto-avaliação global de religiosidade/espiritualidade

50. 37. Até que ponto você se considera uma pessoa religiosa? *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito religiosa.
 2. Moderadamente religiosa.
 3. Pouco religiosa.
 4. Nem um pouco religiosa.

51. 38. Até que ponto você se considera uma pessoa espiritualizada? *

Marcar apenas uma oval.

1. Muito espiritualizada.
 2. Moderadamente espiritualizada.
 3. Pouco espiritualizada.
 4. Nem um pouco espiritualizada.

Seção sem título

Versão da Escala do Impacto do Evento – Revisada (IES-R) - Horowitz et al. - Caiuby et al.

Listamos abaixo as dificuldades que as pessoas algumas vezes apresentam, após passar por eventos estressantes. Com relação às memórias de um evento estressor, por favor, leia cada item abaixo e depois marque a coluna que melhor correspondente ao seu nível de estresse, nos últimos 7 dias.

Nesta questão considere também, como evento estressante, as memórias de situações ocorridas durante a suposta vida passada relatada por você, tais como acidentes, doenças, situações de violência, morte, etc.

52. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nem um pouco.	Um pouco.	Moderadamente.	Muito.	Extremamente.
Qualquer lembrança trazia de volta sentimentos sobre a situação	<input type="radio"/>				
Eu tinha problemas em manter o sono.	<input type="radio"/>				
Outros acontecimentos faziam com que eu ficasse pensando sobre a situação.	<input type="radio"/>				
Eu me sentia irritável e bravo.	<input type="radio"/>				
Eu evitava ficar chateado quando pensava sobre a situação ou era lembrado dela.	<input type="radio"/>				
Eu pensava sobre a situação mesmo quando não tinha intenção de pensar.	<input type="radio"/>				
Eu sentia como se não tivesse passado pela situação ou como se não fosse real.	<input type="radio"/>				
Eu me mantive longe de coisas que pudessem relembra a situação.	<input type="radio"/>				
Imagens sobre a situação saltavam em minha mente.	<input type="radio"/>				
Eu ficava sobressaltado e facilmente alarmado.	<input type="radio"/>				
Eu tentei não pensar sobre a situação.	<input type="radio"/>				
Eu sabia que ainda tinha muitas emoções	<input type="radio"/>				
Meus sentimentos sobre a situação estavam meio que entorpecidos.	<input type="radio"/>				
Eu me peguei agindo ou sentindo como se estivesse de volta à situação.	<input type="radio"/>				
Eu tive problemas para dormir.	<input type="radio"/>				
Eu tive ondas de fortes emoções relativas à situação.	<input type="radio"/>				
Eu tentei retirar a situação da minha memória.	<input type="radio"/>				
Eu tive problemas de concentração.	<input type="radio"/>				
Lembranças da situação faziam com	<input type="radio"/>				

que eu tivesse reações físicas, como
suores, problemas para respirar,
náuseas ou coração disparado.

Eu tive sonhos sobre a situação.	<input type="radio"/>				
Eu me sentia atento ou na defensiva.	<input type="radio"/>				
Eu tentei não falar sobre a situação.	<input type="radio"/>				

53. Para responder esse instrumento, você levou em conta as memórias de situações que aconteceram em sua suposta vida passada como sendo eventos traumáticos/estressantes? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim e levei em conta apenas as memórias.
- Sim, levei em conta as memórias e, também, situações da vida atual.
- Não, levei em conta apenas situações da vida atual.
- Na verdade, não teve evento estressante, por isso marquei "Nem um pouco" em todas as respostas.

QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS

54. Nome *

55. Número de CPF (se não quiser informar, digite oo): *

56. Número de identidade -RG (se não quiser informar, digite oo): *

57. Nome do pai (se não constar no registro, por favor, escreva NC) *

58. Nome da mãe *

59. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

60. Género com o qual se identifica *

Marcar apenas uma oval.

Feminino *Pular para a pergunta 62*

Masculino *Pular para a pergunta 62*

Outro

Nenhum *Pular para a pergunta 62*

Seção sem título

61. Qual? *

Seção sem título

62. Data de nascimento *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

63. Possui irmão gêmeo? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

64. Local de nascimento (cidade e estado). *

65. País de nascimento *

Marcar apenas uma oval.

Brasil *Pular para a pergunta 69*

Outro: _____

Seção sem título

66. Se você nasceu fora do Brasil, possui cidadania brasileira? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

67. Se você nasceu fora do Brasil, você é fluente na língua portuguesa? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 69*

Não

Seção sem título

68. Se não, qual língua você fala? *

Seção sem título

69. Endereço atual (rua, número, bairro, cidade, estado, cep, país). *

70. E-mail (se não possuir, escreva N/A) *

71. Facebook (se não possuir, escreva NP) *

72. Número de telefone: (se não possuir, escreva OO) *

73. Número de whatsapp (se não possuir, escreva OO) *

74. Melhor maneira para ser contactado *

Marcar apenas uma oval.

- Email
- Facebook
- Whatsapp
- Telefonema

75. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca frequentei escola
- Educação infantil
- Ensino fundamental incompleto (até 8ª série ou 9º ano incompleto)
- Ensino fundamental completo (8ª série ou 9º ano)
- Ensino médio incompleto (até o 3º ano incompleto)
- Ensino médio completo (3º ano completo)
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós-graduação lato sensu/especialização
- Mestrado
- Doutorado

76. Profissão *

77. Ocupação *

Marcar apenas uma oval.

- Estudante
- Trabalhador
- Estudante e trabalhador
- Afastado do trabalho por motivos de saúde
- Desempregado
- Aposentado

78. Raça/Etnia *

Marcar apenas uma oval.

- Amarela (asiática)
- Branca
- Indígena
- Negra
- Parda

79. Religiosidade/Espiritualidade *

Marcar apenas uma oval.

- Budista *Pular para a pergunta 81*
- Candomblé *Pular para a pergunta 81*
- Católico *Pular para a pergunta 81*
- Espírita (Kardecista) *Pular para a pergunta 81*
- Evangélica *Pular para a pergunta 81*
- Judaica *Pular para a pergunta 81*
- Muçulmana *Pular para a pergunta 81*
- Protestante *Pular para a pergunta 81*
- Umbandista *Pular para a pergunta 81*
- Outra *Pular para a pergunta 80*
- Não tenho e não acredito em Deus ou em uma força superior. *Pular para a pergunta 81*
- Não tenho, porém acredito em Deus ou em uma força superior. *Pular para a pergunta 81*

80. Se você escolheu a opção "Outra" na resposta anterior, por favor, nos diga qual sua religiosidade/espiritualidade: *

81. Você é interessado ou frequenta algum outro tipo de religião? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 83*

Seção sem título

82. Se sim, qual outra religião? *

Seção sem título

83. Você acredita na existência de algo para além da matéria? (por exemplo: alma, espírito, anjos, demônios, Deus, etc.) *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 85*
 Não sei *Pular para a pergunta 85*

Seção sem título

84. Se "sim", em que você acredita? *

Seção sem título

85. Você acredita que após a morte de nosso corpo físico algo ainda permanece existindo (por exemplo: alma, espírito)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 87*
 Não sei *Pular para a pergunta 87*

Seção sem título

86. Se "sim", o que você acredita que continua existindo após a morte do corpo físico? *

Seção sem título

87. Você acredita em reencarnação? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei

88. Contando com você, quantas pessoas compõem sua família? (indique apenas as que moram com você) *

Marcar apenas uma oval.

- 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 + de 10
 Moro só

89. Qual a renda de sua família? (incluindo todos os salários e outros tipos de renda como benefícios, pensões, aluguéis, etc) *

Marcar apenas uma oval.

- Até R\$1.996,00
 De R\$1.996,01 a R\$ 3.992,00
 De R\$3.992,01 a R\$9.980,00
 De R\$9.980,01 a R\$ 19.960,00
 Acima de R\$19.960,01

90. De modo geral, como você classifica seu estado de saúde durante os últimos 30 dias? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito bom
 Bom
 Regular
 Ruim
 Muito ruim

DADOS SOBRE SUAS MEMÓRIAS

91. Qual era a sua idade quando manifestou pela primeira vez memórias de sua suposta vida passada? *

92. Quando você manifestou memórias de sua suposta vida passada pela primeira vez como isto aconteceu? *

Marcar apenas uma oval.

- Espontaneamente
 Estimulado por alguma coisa no ambiente
 Em resposta à perguntas de outras pessoas
 Estimulado por alguma coisa no ambiente e em resposta à perguntas de outras pessoas
 Em meditação
 Em transe mediúnico
 Durante hipnose de regressão
 Não sei
 Outro: _____

93. Você se lembra de ter falado sobre suas memórias a respeito de sua suposta vida passada quando você era criança ou alguém lhe disse que isto ocorreu? *

Marcar apenas uma oval.

- Recordo de ter falado sobre as memórias durante minha infância.
 Pessoas me disseram que eu costumava falar sobre estas memórias.
 Não se aplica.

Seção sem título

94. Você e/ou sua família realizou (realizaram) algum tipo de pesquisa/investigação sobre sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 96*

Seção sem título

95. Se "sim", como você e/ou sua família fez (fizeram) isto e o que você(s) encontrou(encontraram)? *

Seção sem título

96. Você e/ou sua família atual teve (tiveram) algum tipo de contato com a sua suposta família anterior? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 101*

Seção sem título

97. Se "sim", quem o fez e que tipo de contato foi feito? *

Seção sem título

98. Você ainda mantém contato com a sua suposta família anterior? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 100*

Seção sem título

99. Se "sim", com quem você mantém contato e como é a relação de vocês atualmente? *

Pular para a pergunta 101

Seção sem título

100. Se "não", por qual motivo?

Seção sem título

101. O seu caso foi divulgado através de algum tipo de meio de comunicação (internet, televisão, jornal, revista, etc)? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 105*

Seção sem título

102. Se sim, quando e através de qual tipo de meio de comunicação? *

Seção sem título

103. Você tem cópia deste material? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

104. Outra pessoa tem cópia deste material? Quem? *

Seção sem título

105. Você possui alguma marca (manchas, pintas, etc) ou deficiência física de nascença? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 109*

Seção sem título

106. Se "sim", você poderia descrever? *

107. Se você possui alguma marca ou deficiência física de nascença, você acredita que isto tenha alguma relação com sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 109*

Seção sem título

108. Se "sim", você poderia explicar por que você acha que tem relação com a sua suposta vida passada? *

Seção sem título

109. Você tem alguma habilidade/talento o qual você NÃO APRENDEU COMUMENTE (estudando ou treinando) como, por exemplo: habilidades manuais, habilidade de falar outra língua, tocar um instrumento, etc? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 113*

Seção sem título

110. Se "sim", qual(quais)?

111. Você acredita que essa habilidade/talento pode ter relação com sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 113*

Seção sem título

112. Se "sim", você poderia explicar por que você acha que tem relação com sua suposta vida passada?

Seção sem título

113. Você tem alguma habilidade/talento que você APRENDEU COMUMENTE (estudando ou treinando), mas que você acredita ter alguma relação com sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 115*

Seção sem título

114. Se "sim", você poderia descrever essa habilidade/talento e como pode ser a relação com a suposta vida passada? *

Seção sem título

115. Você manifestou algum tipo de fobia/medo inexplicável durante a infância? (Fobia é um sentimento exagerado de medo e aversão por algo ou alguém. Ex: água, animais, altura, avião, etc). *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 120*

Seção sem título

116. Se "sim", poderia descrever esse medo/fobia? *

117. Você ainda sente esse medo/fobia? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

118. Se você manifestou algum medo inexplicável na infância, você acredita que isto tenha alguma relação com sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 120*

Seção sem título

119. Se "sim", que tipo de relação esse medo/fobia pode ter com sua suposta vida passada? *

Seção sem título

120. Você manifestou algum desejo (incomum na infância) tal como fumar, consumir bebida alcoólica ou algum outro? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 124*

Seção sem título

121. Se "sim", você poderia descrever esse desejo? *

Seção sem título

122. Se "sim", você acredita que isto tenha alguma relação com sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 124*

Seção sem título

123. Se "sim", que tipo de relação esse desejo pode ter com sua suposta vida passada? *

Seção sem título

124. Você manifestou suas memórias de uma suposta vida passada enquanto estava brincando na sua infância? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 128*

Seção sem título

125. Se "sim", você poderia descrever como foi? *

Seção sem título

126. Essa brincadeira pode ter alguma relação com a sua suposta vida passada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 128*

Seção sem título

127. Se "sim", como poderia ser essa relação com a sua suposta vida passada? *

Seção sem título

128. Suas memórias sobre uma suposta vida passada afetaram sua vida e/ou de sua família de alguma maneira? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 130*

Seção sem título

129. Se "sim", de que maneira? *

OUTRAS INFORMAÇÕES

130. Você gostaria de acrescentar alguma outra informação? Se sim, utilize o campo abaixo.

AGRADECIMENTO

Obrigado por participar da pesquisa "Levantamento Nacional de Casos Sugestivos de Reencarnação na População Brasileira"! Clique em "Enviar" para finalizar sua participação.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE D – Comentários dos participantes ao longo do questionário

1 DADOS DE R/E

1.1 Sobre as alegadas memórias e a crença em reencarnação (TABELA 2):

Uma das participantes, que se declara espírita, escreveu: “[...] *Infelizmente, dentro do meio espírita nos calamos e é preciso muito cautela; pois tudo é obsessão e animismo*³³, esquecidos que o animismo é peça fundamental para tais recordações...” (M35, espírita).

Outros, de religiões não reencarnacionistas, afirmam:

“*Eu acredito em Deus mas tenho muitas dúvidas sobre algumas coisas da vida e se a realmente reencarnação*” (M34, católica);

“*Por que não acreditamos em vidas passadas*” (M21, protestante) e

“*Apesar dos sonhos não acredito em vidas passadas...disse que tenho sonhos com almas de parentes, mas não acredito que sejam realmente elas, e as expulso em nome de Jesus, momento em que elas se mostram como outras pessoas que não conheço, mas seriam almas de pessoas mortas. só no primeiro que tive com minha mãe acredito que era ela de verdade....*” (H36, evangélico).

1.2 Sobre experiências religiosas ou espirituais que mudaram a vida (TABELA 3):

“*Quando criança sentia muitas presenças ao meu redor sensações boas. Certo dia recebi minha tia já falecida trazendo mensagens e conforto e o toque de Jesus em mim fazendo me ajoelha e perdoar meu único inimigo*” (H36, espírita);

“*Ja tive várias experiencias porem a mais intensa ocorreu entre 2016 e 2018 quando fui diagnoaticada com depressao e fibromialgia. A vida religiosa me deu suporte para nao deixar de crer em Deus*” (M28, candomblecista);

“*Meu coração era acelerado de mais, eu acordava ia medir o coração estava a 105 sem eu ter feito nada entao fui no centro mediunico do X e recebendo passe uma vez por mes em tres*

³³ Obsessão, segundo a religião espírita é “o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos espíritos inferiores que buscam dominar” (KARDEC, 2013b, p.257). Animismo é considerado um fenômeno natural do psiquismo humano, produzido pelo próprio sujeito, também denominado emancipação da alma. Haveria um desprendimento parcial e momentâneo do corpo físico, quando a alma tomaria conhecimento da realidade extrafísica e a perceberia de acordo com seu entendimento (MOURA, 2013).

meses meu coração melhorou hj o normal dele é uns 85 isto aconteceu ano passado eu com 23 anos” (M23, espírita);

“33 anos tinha acabado de ter minha filha caçula e os pontos da cesárea se abriu internamente, sentia muito dor, não conseguia cuidar de minha bebê e dos dois mais velhos, nessa época não acreditava em Nossa Senhora, e nesse dia vi uma reportagem no Fantástico, falando sobre ela, pedi a ela força pra cuidar dos meus filhos e no outro dia amanheci sem dor, e consegui levar minha vida, quando fui ao médico para avaliação, precisava operar pois era hérnia incisional, e queria me passar remédio pra dormir, pois demoraria 6 meses para poder fazer uma nova cirurgia e eu simplesmente disse que não sentia dor, eles ficaram surpresos, pois como era muito grande a hérnia incisional era pra estar com dor, me passaram o medicamento mesmo assim, mais não precisei tomar.” (M40, “católica não-praticante”).

1.3 Sobre a recompensa com a fé:

“Ano de 2000, tinha 20 anos. Um câncer no meu ouvido médio, tratado espiritualmente onde foi reconstituído inclusive os ossos que já não existiam mais. Na época a previsão era de apenas 8 dias de vida, pelo médico no hospital das clínicas em São Paulo” (H40, espírita);

“31 anos, recebendo meu caboclo pude ajudar uma pessoa que estava para ser condenada à prisão por um crime que não cometeu” (H37, umbandista);

“A última foi quando meu pai foi enganado pelos médicos, entregaram suas coisas, choramos sua morte e eu decidi que ia conversar com os responsáveis espirituais, e após uma súplica fei horas até que eu desmaiasse, sem explicação médica o meu pai voltou. Mas tem mais...” (M43, espírita);

“Meu filho que hoje tem quase 3 anos de idade. A mãe dele, logo após iniciarmos relacionamento, começou a ter problemas de saúde (hemorragia fortíssima) além de pesadelos nos quais era perseguida por demônios, que morria...chegou a incorporar demônio/espírito que mandava eu largá-la ou ele a mataria, ele disse q ele que a amava, q ninguém a amava e que estava com ela desde sua infância. Em outro momento ele falou q na verdade ele a escolheu por minha causa, porque sabia q eu era apaixonado por ela. Um ou dois meses após, uma prima minha que é evangélica, que morava uns 20 km de distância, veio de sua casa, falar comigo que "Deus estava a incomodá-la muito a orar por mim, que eu iria passar por um momento muito difícil, porém, Ele garantiu a vitória". Descobrimos gravidez nesse período, durante toda a gravidez ela teve hemorragia fortíssima, que

nunca teve sua origem descoberta. Não tinha nada a ver com a gravidez, apesar de colocar a gravidez e suas vidas em risco. Tve que fazer varias transfusões de sange. descobrimos aneurisma cerebral, além de altas em sua pressão sanguínea, as vezes chegava a 19. Nosso filho, apesar de tudo, nasceu saudável e está muito bem, graças a Deus!” (H36, evangélico).

1.4 Sobre a perda significativa da fé:

*“20, me desgostei da igreja católica porque compreendi que os fiéis praticam a fé de forma mecânica e a igreja não se importa em levar o conhecimento a essas pessoas” (M53, espírita);
“10 anos qual foi molestada” (M28, sem religião, crê em Deus/força superior);*

“A 5 anos meu Pai faleceu de câncer, confesso que qnd descobrimos a doença e conforme foi acabando com ele, e ele ser um homem tão jovem, tão ativo e tão bom sempre ajudando o próximo, trabalhador onesto em tds os sentidos se definhando com essa doença sem forças para viver, foi muito triste teve alguns momentos que perdi a fé, que não entendia o pq isso estava acontecendo com ele comigo pq eu também sofri muito e quando ele se foi eu estava grávida a 2 dias para meu bebê nascer ele se foi, o sonho dele era ter um filho homem e não teve e eu estava esperando um filho homem, imagina a felicidade dele era demais mesmo ele doente estava contando os dias para ver, eu imaginava que ele ia ver meu bebê e ia embora a situação dele não estava nada bem, mas foi muito difícil qnd ele foi embora em um Domingo e meu parto marcado para terça, por 2 dias muito difícil mesmo, por alguns momentos dessa luta perdi a fé, mais deus sempre me iluminou muito a minha vida e me deu forças para cuidar do meu pai mesmo grávida até o ultimo dia dele, depois fiquei pensando parei com a cabeça mais fria e vi que deus levou ele pq estava na hora dele foi muito sofrimento para ele para família, e Depois pensei que poderia ser algo do passado que não só ele como nós mais próximos da família poderia estar pagando e que chegou a hora dele, em dois dias já veio meu filho que hoje tem 5 anos e naquele momento de tanta tristeza chegou ele com saúde iluminado abençoado por deus amenizando nosso sofrimento. Hoje tenho muita fé em Deus e sei que ele sabe de todas as coisas e tudo tem um pq, tudo tem sentido seja dessa vida, ou da outra que ficamos pendente em algo que temos que pagar aqui” (M30, católica).

2 CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS

2.1 Comentários acerca do modo de manifestação das alegadas memórias (TABELA 4):

“Ao trabalhar [...] ao revisar a centúria que fala da queda de Napoleão na Rússia, abriu-se uma tela onde pude ver, como em um filme...” (M54);

“[...] tive pressentimentos e visões sem ir a qualquer sessão de terapia ou entrar em sono induzido ” minhas memórias voltaram livremente ...durante mais ou menos uma semana. ” (M42);

“[...] era como se eu estivesse me vendo de costas [...] Depois eu estava não mais como observadora de mim mesma, mas revivendo tudo. [...] Depois tive outra visão de uma outra vida [...] Depois tive muitos sonhos, e insights acordada como se eu estivesse revivendo tudo. ” (M31);

“Senti uma forte dor na bacia e me veio a lembrança de que eu havia me machucado só que não lembrava como. Quando me esforcei pra recordar o porquê daquela dor me veio uma visão...” (M40);

“[...] ao olhar o espelho, adolescente, me vi pulando a janela de um palácio com roupa de freira e hábito, vi em preto e branco esta imagem na data de 1876, era na Europa...” (M57);

“Tudo começou com uma fobia extremamente forte quanto a cadáver, não sei explicar o que sinto, mas é muito forte. E sempre me perguntei de onde vinha esse sentimento, até que comecei a ter lembranças [...] Esses flashes sempre acontecem. ” (M53);

“[...] constantemente lembro de cenas...” (M23);

“Desde criança tinha sonhos estranhos com cenas de guerras... [...] Uma vez fiz regressão...” (M38);

“Procurei um psicólogo para tratamento de aerofobia, que me atormenta até hoje. Ao induzir um relaxamento subitamente imagens descritas a seguir surgiram espontaneamente. Posso assegurar que nenhuma destas cenas me foram sugeridas pelo profissional. ” (H50);

“Depois de seis meses de seções contínuas ela resolveu fazer um relaxamento comigo que resultou numa regressão. ” (H44);

“Tenho em minha memória, desde criança...” (M23);

“[...] sonho [...] Eu me vi [...] Por semanas aquilo não saiu da minha mente. Não foi uma cena fruto de influência de algum filme. Aquele homem, cujo rosto eu não podia ver, era eu! ” (H38);

“[...] então comecei a horar, não havia dormido completamente quando em desdobramento, pois não era um sonho (sei diferenciar sonho) me vi...” (M53);

“Quando criança, sonhava recorrentemente [...] Nessa infância católica, repetia sempre [...] que queria voltar a ser freira. [...] em desdobramento sonambúlico (aprendi a diferenciar um

sonho simples de um desdobramento) um homem, ao meu lado, mostrava-me a mesma cena” (M46);

“[...]aos poucos foram me surgindo imagens, bastante difusas, como quando lembramos de um sonho. O sentimento era muito mais "real" que a imagem. Para resumir, naquele momento vi...” (M24);

“Desde criança, vivo situações de projeção astral, clarividência, etc. mas coma experiência de meditação, estas vivências se intensificaram muito. Uma delas começou durante uma meditação de ioga, em posição de shavasana, revivi a experiência...” (M50);

“Eu estava em casa E abri a porta do meu roupeiro e senti algo diferente é de olhos abertos vi uma cena [...]Como se fosse um transe, mas com plena consciência de quem eu era é do que estava acontecendo. ” (M60);

“Estava fazendo uma meditação (sempre faço). E na semana tive um desentendimento cm minha mãe. Fiquei me questionando o pq de certos embates, não graves, ms desgastantes ao longo da vida. Durante A meditação me veio uma recordação de vida passada...” (M44);

“São vários fatos que me cercam e muitas memorias, mas eu não consigo fazer ligações entre elas. Desde que eu me lembro da minha existencia ou seja desde pequena, tenho uma lembrança muito vivida...” (M51);

“Eu tive um sonho vívido, ainda muito pequena, devia ter uns 6 anos. [...] Fiquei muito intrigada pq eu sou do interior e p sonho n tinha o menor sentido. Eu n tinha como ter visto aquelas imagens. Nessa época, eu acho q n tinha nem televisão.... (hoje tenho 54 anos).” (M54);

“tive um sonho, na verdade não considero um sonho, mas um retorno tão forte a uma época distante. Tal foi a intensidade desse tal sonho...” (M60);

“De repente, perdi completamente o controle do meu corpo, parecia uma sensação de torpor e eu estava numa espécie de sonho. Eu me via [...] Depois disso, senti meu braço sendo puxado e minha consciência havia voltado para casa, mas não inteiramente para o meu corpo, porque eu sentia o puxão no braço e só conseguia me ver pairando sobre o meu corpo. Com muito esforço e reza (confesso) consegui de alguma forma mover meu braço e retornei por completo. Não consigo verbalizar o quanto fiquei apavorada!” (M41);

“um dia pela manhã acordei e "Dormindo, parece que despertei" em uma sala iluminada deitada em uma "maca" cercada de inúmeros médicos. Um deles me disse "Tenha muita calma estadomos aqui para lhe proteger e nada de mal vai lhe acontecer". Nessa situação, vi uma sequência de imagens de diferentes épocas, com vestimenta distintas objetos e cenários variados. Desacelerou em uma mulher, senti que era eu...” (M49);

“Foi aí que começaram as lembranças, induzidas a princípio pela espiritualidade (mentora ou guia espiritual), que em meu estado de vigília e em momentos em que eu estava com a mente dispersa de qualquer foco (tipo,: estava cozinhando, caminhando, tomando banho, olhando vitrines)...” (M57);

“As informações abaixo foram obtidas por meio de sonhos e desdobramento/regressão espontânea, expresso por meio de espasmos e alteração na fala, que pareciam se confundir com reações de ansiedade. Em uma das manifestações, a pessoa que testemunhou reconheceu a língua francesa em minha fala...” (H37);

“Ano passado [...]comecei a sonhar com um portão da cor preto durante umas três noites [...]fiquei interessada sobre terapia reencarnacionista [...] Uns três dias antes de fazer a regressão sonhei que estava sentada ao redor de um chafariz que tinha uma estatueta grega, e duas árvores ao lado [...] mais atrás tinha uma bela casa na cor marfim, e nisso apareceu um moço na cadeira de rodas, então eu despertei, e meu coração foi a mil. [...] A regressão começou comigo em uma época passada, no ano de 1900 em Paris. Eu me via com as mãos agarrada em um portão preto e chorando muito, e logo apareceu este moço na cadeira de rodas, e ele me pedia para ficar e eu querendo ir embora...” (M37);

“[...] fechei os olhos para internalizar melhor a música. É a partir desse ponto que começa a minha experiência incomum. Não consigo descrever como aconteceu, mas fui levado pela música e ainda sem entender o que estava acontecendo, despertei em uma cadeira, que lembrava uma cadeira de balanço antiga de madeira e quando olhei em volta assustado, o lugar era totalmente diferente...” (H41);

“Via de regra, não tenho lembrança de sonhos. No máximo, um flash fugaz ao acordar que desaparece totalmente da memória em segundos. Tirando estas 3 ocasiões, não lembro de nenhum sonho que tive durante minhas já 6 décadas de vida. Os 3 casos, porém, continuam absolutamente claros e vívidos em minha memória [...] eu me reconhecia naquela pessoa, entendia o entorno, SABIA, quem eu era (não o nome, mas a personalidade), como pensava, como agia e, mais do que isso, como e o que SENTIA. Continuo lembrando e experienciando o que eu sentia exatamente da mesma maneira. As “visões” do passado (mais adequado que chamar de sonhos) vieram irregular e espaçadamente durante um período de mais ou menos 5 anos, entre 15 e 10 anos atrás.” (H64);

“O fato que ocorre comigo desde muito cedo, tão cedo que não sei mais nem precisar a idade em que começou, foram pesadelos, sempre muito parecidos [...] Esses pesadelos acontecem desde que eu era muito nova, hoje com 33 anos de idade, eles ainda persistem, e acontecem com

muita frequência, ao menos duas vezes na semana...” (M33);

“Minha mãe conta que desde que eu era bebê, chorava muito e nunca tinha nada de doença física ou psicológica. Quando fiz 3 aninhos comecei a dizer que queria ir embora para minha casa, que estava com saudade da minha outra família. [...] O tempo passou e minha saudade era cada vez maior. Eu sentia saudades de uma cidade, casa e rua, que são muito reais a mim, onde fui feliz, pois em todos momentos ruins que passo, lembrar deste lugar me traz um paz enorme. [...] Um dia visitando o Rio de Janeiro, eu estava na rua brincando com alguns jovens, no ano de 1987, e de repente, olhei a cena e comecei chorar, parecia que tinha voltado no passado. E este casal, tudo novamente na minha mente. [...] Só que além dessas lembranças, a noite, no sonho, o terror chegava, eu acordava aos prantos, com o mesmo sonho, na verdade, tenho o mesmo sonho até hoje aos 44 anos [...] Eu me acordo muito mal, quando tenho este sonho. Minha mãe fala que desde criancinha conto o mesmo sonho, e acordava dizendo que eu era polícia e estava presa com meus colegas, num lugar escuro...” (M44);

“Existe uma diferença entre sonho e lembranças de vidas passadas. Sonhos são confusos, de repente você está num lugar, de repente em outro e as coisas nem sempre tem lógica. A lembrança de vida passada através de sonho é algo nítido, uma história com início, meio e fim. Nesse meu sonho...” (M31);

“Morava em São Paulo até os 11 anos, e quando nos mudamos para Iguape as memórias começaram a surgir na forma de sonho continuado. Onde o sonho parava, na outra noite continuava exatamente daquele ponto. (sonho recorrente) [...] Mas lembro locais, rostos, tudo. Como num filme mesmo. Esses sonhos se desenrolaram durante meses. [...] Não eram sonhos comuns, eram claramente memórias...” (H42);

“Infância e pré adolescência (7 aos 13/14 anos) - A partir dos 7 anos passei a ter sonhos, a princípio espaçados [...] Aos 8 anos, ocorreu um episódio bastante simbólico, talvez o mais simbólico de todas essas reminiscências (que creio ser reminiscências), foi quando assistindo a uma série de TV (Anos Rebeldes), ocorria a morte da personagem que era guerrilheira fuzilada. Tive uma crise de choro absurda, falando coisas desconexas, a ponto de uma pessoa da minha família tentar me consolar dizendo que as pessoas que morriam na TV não morriam de verdade [...] A partir dessa época os pesadelos descritos logo acima se intensificaram e agregaram novas cenas e momentos [...] Quando estava prestes a completar 25 anos entrei numa paranóia que iria morrer e que daquela idade não passava e os sonhos com tiroteio e mortes, com gritos etc. Acordava sempre com muitas dores na nuca, mais próxima do ouvido direito e abaixo do seio esquerdo. Além de muita falta de

ar.” (M35);

“Comecei a me lembrar das minhas supostas encarnações passadas por volta dos 10 anos, após fazer uma operação espiritual a distancia na coluna com o X. [...] passei a ter o mesmo “pesadelo” repetido diariamente por anos... [...] Depois de alguns anos passei a ter um sonambulismo bastante intenso, tb por anos, sendo necessário ser acordada para voltar a dormir tranquilamente. Passei a me recordar...” (M38);

[...] as sensações se extrapolaram quando comecei a me envolver e me sentir intimamente ligada àquelas pessoas [...] uma regressão [...] através da meditação e da auto-hipnose... [...] certa vez, no caminho para o trabalho, senti um cheiro de queimado estranho e um pensamento completamente inconcebível passou por minha mente: “que cheiro de judeu queimado”.’ (M29);

“Desde a primeira infância, na época que comecei a ir ao maternal, tinha um sonho repetitivo de uma queda de bomba onde eu e outras pessoas eramos nos jogávamos ao chão. Este sonho repetiu-se algumas vezes. Apenas na vida adulta tive uma lembrança mais completa depois de um evento deflagrador. Num dia vi uma nuvem de fumaça negra subir bem verticalmente ao final de uma avenida de grande circulação no Rio de Janeiro. Logo meu coração disparou e fiquei muito ansioso. Chegando próximo pude ver que se tratava de um carro que incendiou. A forma como a nuvem de fumaça subiu era atípica, demonstrava que não havia quase vento. Neste mesmo dia, à noite, tive um sonho mais completo...” (H47);

“Eu me lembro de tudo. Praticamente a minha história inteira. [...] Eu não pedi para ter essas lembranças. Eu nasci me lembrando. São tão nítidas e se conectam de tal maneira que não há diferença entre as lembranças dessa vida atual e essas lembranças. É como se houvesse um “tempo antes”, sabe? [...]O que aconteceu foi que eu nasci com essas lembranças...” (M49);

“Quando tinha 5 anos de idade eu me lembro que estava brincando na escola com uma colega mais velho, ele servia de cavalo e eu um cavaleiro, e no momento da brincadeira, eu me senti e me via com uma roupa pesada e temeroso em um dia nublado e em meio a uma batalha, senti muito medo por estar ali brincando, logo parei. Uma palavra ficou gravada deste episódio estranho, (Capeto) Entendo hoje o que aconteceu naquele dia. Quando tinha 19 anos, comecei a ter sonhos um pouco antes de acordar, com muita realidade, cores e tudo seguia uma lógica, e um sentido. Me lembro de estar dormindo profundamente e me ver...” (H23);

[...] minhas experiências de vivências passadas vem em fôrma de uma 'viagem instantânea no tempo', como gosto de chamar. As mais marcantes ocorreram na presença de pessoas

que acredito, sejam as mesmas que vivenciamos comigo uma situação parecida, muito semelhante à que enxergo e 'me transporto', só que em outro tempo. [...] Não sei dizer quanto tempo, 'dentro do nosso tempo', esta experiência dura. O certo é que minha mãe não reparou nada [...] É algo, tão rápido, tão instantâneo e ao mesmo tempo tão real, tão vivo, com sentimentos, sensações, como uma viagem mais rápida que a luz para algum túnel do tempo.” (M51);

“[...] tinha apenas as sensações e uma vontade incrível e descrevê-las, era como se eu estivesse revivendo, eu podia sentir a grama sob os meus pés, ouvia os estalos da fogueira, sentia o cheiro da brasa queimando, o vento que a saia fazia, o frio da noite, mas nada daquilo me pertencia no hoje, e sim como memória, mas que eu nunca havia experimentado nessa vida, passei a ver flashes de cenas em que eu aparecia como...” (M33);

“[...] quase nunca lembro dos meus sonhos...mas esse chegou a me acordar em prantos convulsivos, por isso penso que foi uma revelação e não apenas um sonho. Era tudo muito real. Tenho certeza que vivi tudo aquilo.” (M41);

“As memórias que possuo de determinada vida passada aconteceram espontaneamente e num espaço de 30 anos. A primeira etapa aconteceu quando tinha 23 anos e morava no Rio de Janeiro. Eu estava sentada em minha cama e lia um livro de Gestalt-terapia [...] Não sei explicar como aconteceu, mas apaguei e de súbito surgiu como outra pessoa...” (M53);

“Quando criança, eu desenhava insistentemente mulheres portando largos vestidos longos, descendo uma luxuosa escadaria, andando a cavalo, tocando piano ou acariciando um cachorro [...] Durante a infância, lembro de ser muito infeliz [...] lembro de sofrer imensa tristeza, uma mágoa sem causa, e uma saudade intensa de algo que eu não sabia definir. [...] rezava para que Deus me “levasse embora”, pois na casa dos meus pais não me sentia confortável [...] conheci um terapeuta que se dizia hipnólogo, e usava a técnica para regredir os pacientes a vidas passadas...” (M44);

“[...] com 7 ou 8 anos [...] eu olhei para meu pai e disse: já acabou, tem certeza que isso é um palácio mesmo? [...] esse é o menor palácio que eu já vi na minha vida. E meu pai disse, e você já viu algum outro? [...] cenas de corredores extensos com janelas ornamentadas e esculturas vieram na minha mente. Mas eu respondi ao meu pai: não, é verdade, nunca vi. Depois desse dia, eu passei a ter pesadelos recorrentes até cerca dos 13 anos de idade, e era sempre o mesmo pesadelo...” (M33);

“Logo que aprendi a desenhar, mais ou menos dos 4 aos 10 anos, eu recorrentemente desenhava mulheres com trajés [...] Aos 5 anos, eu apontava lápis e, com a rebarba do apontador, fazia as saias rodadas [...] eu desenhava o traje e o cabelo [...] Muito mais tarde eu

me lembrei que tinha uma fisionomia e porte físico bastante semelhante [...] Aos 8-9 anos eu estudava piano. [...] “Folhas da Manhã” (Morgenblätter op. 279 Jornais da manhã -1863), de Strauss Filho, me deu uma emoção tão violenta que eu comecei a chorar copiosamente aos primeiros acordes. [...] emoção como se eu recordasse de uma felicidade absurda, mas nenhuma imagem me vem à cabeça. [...] Quando eu tinha uns 14 anos, comecei a pensar nessas lembranças e vi...” (M54);

“Todas as lembranças [...] foram através do desdobramento durante o sono em um período de uns três anos que essas lembranças vieram ao meu consciente. São cenas porém sinto com tanta certeza que tudo foi vivenciado em um passado que são diferentes dos sonhos comuns” (M35);

“Eu me recordo de duas vidas passadas. Na primeira vida era muito atormentada [...] Eu recordava acordada isso, não sabia como explicar porque era uma criança de seis anos. Não sabia falar direito. Só sabia prestar atenção nos mais velhos, mas não conseguia expressar e lembro que isso me atormentava muito. [...] Eu cresci e continuei me recordando de outras vidas, quando fui me expressar só foi quando tinha 13 anos e fui hipnotizada por uma médica homeopata [...] Eu era apenas criança quando me recordava disso, quando fui crescendo aquilo não apagava, nunca se apagou” (M47);

“Quando criança sonhava que tinha um homem me perseguindo. Mas não via o homem. Quando acordava via metade de um corpo, somente as pernas e não via os pés ao lado da minha cama. Na adolescência sonhei que namorava esse homem numa tenda árabe, cheia de almofadas e tecidos finos e confortáveis. Quando adulta, um dia estava me maquiando e o vi no espelho: era como um árabe tuareg, daqueles com túnicas pretas e dava para ver somente os olhos. Pelo morena e um olhar autoritário. Levei um baita susto. Depois comecei a sonhar com essa vida...” (M40);

“[...] acordei e saí do meu quarto. Escutei uma música [...] teve um trecho original da década de 60 do século passado, e ao escutar, várias imagens vieram na minha cabeça instantaneamente...” (M39);

“Quando era bem pequena eu sabia que estava em outra encarnação e odiava tudo [...] Sabia mas não dizia que a minha mãe não era a minha mãe e que ela só tava aqui pra “cumprir contrato” [...] Com o tempo eu acabei esquecendo até o final da adolescência quando, quase que de uma vez, lembrei de muita coisa...” (M23);

“Minha primeira memória de uma vida passada foi ainda quando criança, eu não me enxergava como realmente era fisicamente, ao me olhar no espelho me via com longos cabelos encaracolados e roupas bem distintas das que usava, hoje sei que eram roupas típicas de uma cigana.

Já quando adulta comecei a me recordar...” (M38);

“[...] ao chegar à igreja vi a calçada e a porta lateral da igreja e comecei a me lembrar que aquilo não era estranho. Eu tinha a sensação de já conhecer aquele lugar e demorei um pouco para lembrar o que tinha sonhado. Fiquei bem agitada e dizia pra minha mãe que já tinha sonhado com o lugar. Entrei pela porta lateral e a sensação era de estar revendo um lugar muito querido, para todo lado eu eu olhava é como estivesse revivendo algo. Fiquei muito aflita e lágrimas caíam dos meus olhos. Ao mesmo tempo que a memória do sonho voltava, eu buscava as referências e a porta do lado esquerdo do altar estava lá. Fui até lá tentar abrir, dizendo à minha mãe que ali atrás havia uma biblioteca, mas a porta estava fechada. Tentei dar a volta na igreja para ver por uma janela e encontrei uma zeladora. Perguntei a ela o que havia atrás do altar: ela respondeu "o salão paroquial". fiquei decepcionada e perguntei se havia alguma biblioteca no salão. ela disse "a biblioteca dos padres fica na casa paroquial, do outro lado da rua. Aqui já teve uma, mas pegou fogo a muito tempo atrás, nos tempos dos meus avós." Nesse ponto eu já estava chorando e perguntei a ela qual congregação atuava na paróquia. Ela disse que não sabia. Mais tarde, meu avô disse que nos tempos dele, eram freis franciscanos que andavam por ali.” (M45).

2.2 Afirmativas acerca da pesquisa realizada sobre as alegadas memórias (TABELA 5):

“Procurei na biblioteca de História da USP, pois não havia Google. Encontrei relatos sobre locais e gravuras que mostravam exatamente como eram lugares que eu havia recordado” (M55, funcionária pública);

“Indo até os locais que eu dizia me lembrar, e averiguando as histórias que eu contava através da consulta da história local, onde os dados foram confirmados” (H42, cientista social [formação] e técnico administrativo);

“Não encontrei nada, mas também nem sei onde procurar um crime que aconteceu no interior de SP há uns 150 anos. Não sei se a polícia tem registro histórico disso, e não sei se disponibilizam” (M31, administradora);

“Encontrei as cartas de alforria com os nomes que corresponderiam a mim e à pessoa que teria me criado nessa vida. Além de locais dos quais guardava uma lembrança muito clara e que conseguir descrever com clareza antes de ver (na Fazenda a organização de boa parte dos móveis permanece a mesma)” (M32, professora);

“Precisei de terapia por quase um ano com terapeuta espírita, que reconhecesse meus sentimentos à respeito do assunto sem falsos julgamentos e logo em seguida busquei uma terapeuta de vidas passadas (porque ainda duvidava da minha sanidade quanto às questões e sentimentos) para regressão, onde vivenciei duas das vidas relatadas com bastantes detalhes e muitos sentimentos, inclusive reconheci numa das lembranças uma vó adotiva desta vida atual e que hj seria minha mentora espiritual” (M57, psicóloga).

2.3 Comentários acerca das características comuns aos casos sugestivos de reencarnação - marca/deficiência congênita e sua relação com a SVP (TABELA 6):

“Tenho uma mancha como queimadura do braço esquerdo e o mesmo braço não consigo levantá-lo reto, é torto e dói. ” - “Não consigo relacionar, mas não há nada atual que explique” (M44);

“Uma cicatriz na cabeça. Nasci com ela ” - “Ninguém nasce com uma cicatriz” (H56);

“Nasci com problemas respiratórios e do coração. Depois, isso foi curado quando lembrei de minha vida passada. ” - [Não acredita na relação com SVP] (H42);

“Cicatrizes nos joelhos por queda de moto na vida anterior. Foram colocados pinos naquela existência e me apareceram riscos nos joelhos que lembram cicatrizes. ” - “Essas marcas no joelho não foram causadas por algum acontecimento em eslestial nesta vida.” (M33);

“Possuo uma pinta se nascença no tornozelo esquerdo. Cicatriz de corte no braço esquerdo, desde nasci. ” - “Pois em algumas situações trazemos impressões físicas no novo corpo, somos almas vivenciando experiência de vida aqui no plano físico e vez ou outra trazemos impressões e memórias.” (H26);

“Respondi sim (apesar de não ser marcas) porque nas duas vidas passadas desencarnei por causa de asma e nessa vida atual quando tive crises de asma recordei-me” – [Não acredita na relação com SVP] (M57);

“Não sei se é válido, mas tenho problema no coração de arritmia e quando passo mal a sensação de queimação é a mesma de quando levei o tiro no peito e quando por segundos meu coração para a sensação é a mesma. ” - “mencionei anteriormente” (M38);

“Uma mancha nas costas, e há cinco anos fiz uma cirurgia para uma retirada de micro calcificação na mama esquerda, bem no local onde levei a facada” - “a macha nas costas, se refere

a falta de ar que senti, qdo corri dos soldados, muito medo, fiquei sem ar. A cicatriz da cirurgia bem no local da facada, foi posterior, mas significativa.” (M50);

“Tenho uma intensa queda de cabelo (eu usava os cabelos para seduzir as pessoas), tenho algumas pontas, mas não acho que tenham a ver, somente a alopecia” - ‘Expliquei na resposta anterior, eu utilizava da sedução, inclusive com os cabelos, para conseguir o que eu queria, hoje ainda me policio para que isso não aconteça, acredito que uma forma de “punição” seja sofrer tanto para ter o cabelo normal, já que o tratamento é caro e doloroso’ (M33);

‘Meu avô x faleceu de madrugada, às x horas com um tiro próximo ao pescoço, saindo pela cabeça. Nasci com uma pinta no exato local do tiro e com uma deformidade na cabeça por onde saiu a bala na cabeça dele. Com meses de vida, surgiu uma espécie de "ovo" em meu crânio, mas os médicos não sabiam o que era. Após algum tempo essa enfermidade desapareceu, deixando somente a deformidade.’ (H33);

‘Sim, eu nasci com duas costelas "quebradas" que marcaram o meu perispírito e elas são o resultado de um chute que eu recebi quando eu fui espancada e estuprada no centro da Capital. Quando eu fugi do hospital, em 1849, eu tinha as costelas fraturadas e uma tala de gesso no meu corpo nesse local. As costelas nunca mais curaram e vira e mexe entravam para dentro, provocando dores lascinantes, tanto lá quanto aqui.’ - “Porque me lembro do espancamento, do estupro, e do chute que eu recebi.” (M49).

2.4 Habilidades/talentos não treinados e a justificativa para sua crença com SVP:

“Falo inglês e espanhol sem ter estudado” - “Muita facilidade e sem estudo ao contrário de outras línguas que estudei” (M28, psicóloga);

“Matemática e Engenharia de Minas” - “Porque na infância, quando, pela primeira vez, a professora colocou uma equação polinomial na lousa, eu a resolvi em segundos e antes dela começar a explicar o que era polinômio. E isso continuou até faculdade. ” (H66, geólogo);

“Quando criança, eu falava inglês fluentemente, tinha muita facilidade em aprender conteúdos de extrema dificuldade para uma pré adolescente como conseguir fazer provas e trabalhos de faculdade de parentes, e tinha um conhecimento enorme em objetos tecnológicos, a ponto de com 13/14 anos de idade consertar objetos como televisão, computadores e etc.” - “certas coisas que aprendi não foi nesta encarnação atual, simplesmente nasci sabendo.” (M33, estudante);

"Aprendi" a ler sozinha aos 4 anos de idade, nunca tive dificuldade de fala típica de crianças (quando comecei a falar, falava como um adulto). " - *"Porque nenhuma criança de 4 anos tem a linguagem de um adulto, minha irmã mais velha falava palavras erradas e eu tinha 4 anos no corpo mas me lembrava de ser uma moça e falava como uma moça de 15 anos."* (M37, professora de inglês e estudante);

"Falar inglês. " - *"Sinceramente, eu não tenho nem ideia de como aprendi inglês. Simplesmente saiu quando eu tinha 08 anos e peguei um dicionário de inglês para escrever um carta de fã para X e Y e todas as palavras eram extremamente familiares pra mim. Eu conhecia o idioma, mesmo sem nunca ter visto até então."* (M25, estudante);

"Infelizmente, tenho "mão leve". Sei porque quando era pequena, cometia pequenos furtos, apenas pelo prazer de me sentir "esperta". Também sei persuadir com maestria. É fácil convencer alguém a fazer o que quero. " - *"Eu era uma golpista. Tinha lábia. Bem curioso nascer e me tornar [profissão]. A chance de entrar num ciclo vicioso (como meu pai, que continuou fazendo as mesmas besteiras) era enorme. E juro, estou num caminho reto Até porque me recordo para onde fui após morrer naquela vida. Verdadeiro inferno!"* (M35, profissão X);

"[...] facilidade para aprender outras línguas, apreciação por coisas que não fizeram parte da minha educação e ambiente familiar, como ópera, teatro, ballet, música clássica, obras de arte etc." - *"Porque meus gostos não condiziam com a minha realidade da infância e adolescência no interior do Brasil (família de classe média baixa). Desde muito cedo eu me interessei pela leitura, por música clássica, ópera, teatro. Buscava assistir a todos os filmes de época que havia na locadora. Procurei curso de etiqueta. Comecei a estudar inglês com 10 anos. E aos 17 anos pedi para estudar francês e então me encontrei. Tenho uma facilidade muito grande para compreender a língua e o modo de pensar e sentir dos francófonos."* (M33, advogada e funcionária pública);

"Acho que seria habilidade, porque não é comum. Tenho sonhos lúcidos. Quanto idiomas, fiz curso de inglês e tenho interesse por outros idiomas. Num sonho, uma mulher, com quem eu falava inglês, era Russa e falou uma palavra em russo comigo, depois, no dia seguinte, joguei no google e a palavra é real. " - *"Não sei se acredito em vidas passadas, mas os sonhos me indicam que alguns interesses, ex: militarismo, de ser professor infantil, de idiomas teriam origens nessas supostas vidas passadas."* (H36, advogado).

2.5 Exemplos de habilidade/talento treinado, mas que os participantes creem ter relação com SVP:

“Gosto pela filosofia, política, poesia desde os 3 - 4 anos” (M58, professora);

“Dança do ventre. Nunca fiz aulas e sei dançar quase que perfeitamente, minha mãe dizia que aos 4 anos eu dançava sozinha e ela se espantava pq eu não fazia aulas. ” (M24, estagiária);

“Desde pequena, escrevo muito bem. Aos 8 anos, dava aula de redação na escola...”
(M46, jornalista);

“Capacidade analítica de fatos e eventos; facilidade para compreensão de fisiologia e medicina em geral ; vidas passadas como médico e general romano” (H29, médico);

“O inglês, quando conheci, não parecia algo novo. Também falo alguma língua que não faço ideia de qual é! Não sei direito o significado de cada palavra mas sei exatamente o que quero dizer. ” (M23, professora);

“Quando fui escrava cozinheira. A maioria dos pratos que cozinheiro ficam gostosos. Sinto que é natural cozinhar. ” (M40, auxiliar administrativo).